Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel

Salim Assina:
Contos, Reportagens e Matérias
Volume: 11 – Revistas



Organização e digitalização: Iraci Borszcz
Enilde Regina Mai Jordanou, Jonathan Rodrigues
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016
UDESC – FAED – IDCH

ARTIGOS ASSINADOS POR SALIM MIGUEL	
001	MIGUEL, Salim. Multidão igual a ninguém. **Revista Memória**. São Paulo, ano IV, n. 15, p. 14-16, jul./set. 1992
002	MIGUEL, Salim. Da importância do conto. **Boletim Bibliográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro, v. 6, n.7, p. 384-385, ago. 1958.
003	MIGUEL, Salim. Raízes de um intercâmbio: A Revista Sul. **Encontro: Revista do Gabinete Português de Leitura de Pernambuc**o. Pernambuco, ano 11, n. 11, p.40-42, abr. 1995.
004	MIGUEL, Salim. Machado de Assis. **Usima: Revista de Artes do Espaço Cultural José Lins do Rego**. Paraíba, n. 5, ano 2. pág. 7-9, jun. 1989.
005	MIGUEL, Salim. No cartório [conto] **Revista Literária**. Rio de Janeiro, n. 4. pág. 61-76, jan. 1972.
006	MIGUEL, Salim. Vento Sul. **Rumos.** Lajes, ano I, n. 2, p.10, 28-30, jan., fev. 1951.
007	MIGUEL, Salim. Vento Sul. **Atualidade.** Florianópolis, n.10, p.80, out. 1948. Edição Comemorativa.
008	MIGUEL, Salim. Suplente. **Bossa Nova.** Curitiba, Ano I, n.1. Suplemento 4, 8 pag. junho 1960.
008A	MIGUEL, Salim. Serenata. **Bossa Nova.** Curitiba, Ano I, n.2. agosto, 1960.
009	MIGUEL, Salim. Camboriu é uma festa. **Revista Manchete**. Rio de Janeiro, n. 984, p.132-133, 27 de jan. de 1971.
010	MIGUEL, Salim. Almas mortas de GOGOL. **Revista Manchete,** Rio de Janeiro, n. 1132, p.133-137, 29 de dez. 1973.
011	MIGUEL, Salim. Santa Catarina: 3 fontes de riqueza. **Revista Manchete,** Rio de Janeiro. N.793, p. 48-70, 01 jul. 1967.
012	MIGUEL, Salim. Êste homem tem mêdo do mundo. **Revista Manchete,** Rio de Janeiro, n. 760, p.84-87. 12 de nov. de 1966.
013	MIGUEL, Salim. Florianópolis os cariocas do sul. **Revista Manchete,** Rio de Janeiro, n. 1196, p.120-125, 22 de mar. de 1975.
014	MIGUEL, Salim. Da ilha dos prazeres a capital prafrentex. **DI Jornal / Revista.** P. 40, 03 de out. de 1971.
015	MIGUEL, Salim. Amazônia um mergulho no inferno. **Revista Manchete**. Rio de Janeiro, n. 1150, p.42-45, 04 de maio de 1974.
016	MIGUEL, Salim. Educação pela pedra. **Revista Manchete,** Rio de Janeiro, n. 1047, p. 105, 13 de maio de 1972.

017	MIGUEL, Salim. Santa Catarina: uma ponte para o progresso. **Revista Manchete**. Rio de janeiro, n. 756, p. 60-115 de out. de 1966.
018	MIGUEL, Salim. Universidade Federal de Santa Catarina um exemplo para o Brasil. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n. 865, p.114-119, 16 de nov. de 1968.
019	BURNETT, Lago. MIGUEL, Salim (Coord.). Santa Catarina: a nova força do sul. **Revista Manchete,** Rio de Janeiro, n. 1042, p. 92-135, 8 de abril de 1972.
019A	MIGUEL, Salim. Santa Catarina: a boa imagem. **Revista Manchete,** Rio de Janeiro, n. 1042, 8 de abril de 1972. Edição Especial - encarte
020	MIGUEL, Salim. Santa Catarina: as águas domadas. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1096, p. 38-39, 21 de abril de 1976.
021	MIGUEL, Salim. Blumenau: a festa do rei do tiro. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1113, p. 46-47, 18 de agosto de 1973.
022	MIGUEL, Salim. As flores de Joinville. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n.1025, p. 34-37, 11 de dezembro de 1971.
023	MIGUEL, Salim. Todos os perfumes da primavera. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n. 976, p. 144-146, 02 de janeiro de 1971.
024	MIGUEL, Salim. O Campus pioneiro da universidade da Paraíba: planificação racional garante aos jovens do nordeste um ensino moderno e eficiente. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1011, p. 92-93, 04 de setembro de 1971.
025	MIGUEL, Salim. Joinville: tudo são flores. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1079, p. 140-141, 23 de dezembro de 1972.
026	MIGUEL, Salim. Miss Brasil tem um amor. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n. 936, p. 66-68, 28 de março de 1970.
027	MIGUEL, Salim. Água vermelha: energia e ecologia. **Revista Manch**ete, Rio de Janeiro, n. 1254, 01 de maio de 1976.
028	MIGUEL, Salim. Literatura: editores, tradutores e agentes literários de 12 países. **Gente Fatos e Fotos**, Brasília, ano 16, n.843, p.62-63, 17 out. 1977.
029	MIGUEL, Salim. Fio Maravilha: a alegria da galera de Belém. **Fatos e Fotos,** Brasília, n.614, p. 50-55, 28 de maio de 1973
030	MIGUEL, Salim. Capitais brasileiras Florianópolis ponte entre a

	cultura e o progresso. **Fatos e Fotos**, Rio de Janeiro, n. 496, p.42-45, 06 de agosto de 1970.
031	MIGUEL, Salim. Um susto. **Revista Verde anos**, João Pessoa, n.5, p. 21-22, jun./dez. 2004
032	MIGUEL, Salim. Hassis e o Sonho. **Ô Catarina**, Florianópolis, n.44, p. 5, fev. 2001.
033	MIGUEL, Salim. [Contestado: o problema social. 1966.]
034	MIGUEL, Salim. Lembranças do professor. 1985.
035	MIGUEL, Salim. [A morte de Jorge Lacerda. 1958]
036	MIGUEL, Salim. [A força da alegoria. 1966]
037	MIGUEL, Salim. Antônio Paladino: tentativa de retrato, vida, obra. 1952

001 - MIGUEL, Salim. Multidão igual a ninguém. **Revista Memória**. São Paulo, ano IV, n. 15, p. 14-16, jul./set. 1992

MEMÓRIA

UMA PUBLICAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ELETROPAULO – JULHO/AGOSTO/SETEMBRO DE 1992 ANO IV - Nº 15

ENTREVISTA
Del Roio e o arquivo de Milão

1932
São Paulo em armas

TRANSPORTE URBANO
Bondes paulistanos

CIDADE
Impressões de Florianópolis

INTERIOR
O museu de Salto

MEIO AMBIENTE
Os caminhos do Tietê

LITERATURA
O romance de Hilário Tácito



ELETROPAULO
Suptcia. de Comunicação

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Florianópolis

MULTIDÃO IGUAL A NINGUÉM

O escritor anota suas impressões sobre a capital catarinense, que um dia o poeta Raul Bopp chamou de* Florianópis, *"Tão pequena era, nem retrato na parede é mais"

Salim Miguel



IBPC

A velha ponte Hercílio Luz: "800 metros de ferro e aço, uma de suas atrações e cartão postal obrigatório"

Florianópolis, a cidadezinha que a irreverência antropofágica do poeta Raul Bopp chamou num poema de *Florianópis*, tão pequena era, nem retrato na parede é mais. Atabalhoadamente bairros surgiram, abriram-se avenidas e acessos, ruas e aterros foram tomados ao mar, edifícios (monstrengos de cimento armado) multiplicaram-se sem planejamento. Duas novas pontes (Colombo Salles e Pedro Ivo) vieram fazer companhia à velha Hercílio Luz, modificando ainda mais a fisionomia da terra que tinha na antiga, de 800 metros de ferro e aço, uma de suas atrações e cartão postal obrigatório.

Me questiono: bom/mau? Não sei. Ou sei. O chamado progresso, com ou sem aspas, tem suas vantagens-desvantagens. Ao provincianismo tacanho substituiu um cosmopolitismo pretencioso.

A antiqüíssima Y-Jurere-Mirim dos índios Carijós e a antiga Vila de Nossa Senhora do Desterro, do bandeirante Dias Velho, são memórias de um passado perdido no tempo. Até mesmo a recente cidade da década de 50, com seu gostoso casario colonial, suas fachadas de azulejo, as ruelas estreitas e os becos mal-iluminados, o movimento reduzido e os bares de nomes saborosos e pitorescos como o Poema bar ou João-bebe-água (que nunca a provou), sumiu. Os saudosistas diriam, não sem uma pitada de razão, que a boa tradição de antanho, o tranqüilo cavaquear à sombra da vetusta figueira da praça XV, que de tão velha já se apóia em bengalas, são borrados e varridos pelo *modernoso*. Mas os paladinos do modernoso podem falar na Toca da Garoupa, do Jurerê, ou no Martim Pescador, da Joaquina, no Pirão ou no Box 32, do Mercado Público. E há uma invasão que não é dos espanhóis do Cabeza-de-Vaca nem dos flibusteiros ingleses, mas dos argentinos, que encantados com a ilha a estão comprando. Acham tudo tão barato que já foram apelidados de "dame dos". Eventualmente se cruza também com um uruguaio ou paraguaio, um gaúcho-paranaense-paulista-carioca-mineiro-baiano. E até mesmo cearense. Não-não, retiro o restritivo "até". É que cearense se encontra em qualquer parte do mundo.

Ah, sim, antes que me esqueça: uma das três capitais situadas em ilha – as outras, Vitória e São Luiz –, Florianópolis tem um porém: é ilha e é continente. Sim, sua parte ilhoa é a ilha de Santa Catarina, enquanto Estreito e Coqueiros compõem a parte continental.

As modificações – lógico – devem ter afetado ânimo e psicologia do florianopolitano, ao mesmo tempo em que as intermináveis crises nacionais tornaram-no, talvez, menos sociável. Mas o humor – marca registrada do ilhéu – felizmente supera tudo e permanece. Mais cáustico até. Os novos tempos, em lugar de eliminá-lo, lhe deram outras motivações. Se antes se dizia que a ponte Hercílio Luz ligava "o nada a coisa nenhuma" (horror!), agora se afirma que as novas pontes vieram para amarrar mais a ilha ao continente. É que, cansada das "ondas", ela queria se mandar mar afora, perder-se no vasto oceano.

HERANÇA AÇORIANA

Como defesa, durante anos – e não foram poucos – os habitantes, antes que outros o fizessem, se autogozavam. Faltava água e luz? Logo circulavam versinhos bem humorados: "Florianópolis/cidade que seduz/de dia falta água/à noite não tem luz". Mas no fundo havia mesmo um entranhado amor à cidadezinha à beira-mar plantada – que era preciso ir conhecendo e descobrindo aos poucos, como quem desvela uma amante.

O pôr-de-sol na ponte, ruelas poéticas, o vento sul, "velho vento vagabundo" do poeta Cruz e Souza, a praia de Canasvieiras com sua água calma e quente, a Lagoa da Conceição com as dunas mutantes, a praia da Joaquina, de águas geladas e perigosas, "já foste lá já", perguntava-se afirmativamente naquele falar cantante, herança açoriana, os casarões do Ribeirão da Ilha, a igrejinha de Santo Antônio, a talha em madeira Fuga do Egito na Catedral. E então as rendeiras, a cerâmica popular, o folclore tão rico do Boi-de-Mamão, pratos típicos como o caldo de camarão e a tainha escalada ou defumada, a exótica

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



BPC

Palácio do Governo, anos 80: "Florianópolis é ilha e é continente"

cachaça no butiá. Os fanáticos do indiscriminado "progresso", já os ouço reclamar: te esqueceste da praia Brava (com seu paredão de prédios), das internacionais Jurerê e Santinho? De novas praias descobertas e já povoadas?

Paro. Me calo. Me detenho. Me interrogo: falo da nova (e feia) cidade que surge/surgiu? Ou me limito a um derramado saudosismo? Não sei! Seria melhor e mais bonita a antiga? Também não sei, tanso que sou. Enquanto hamletianamente não me decido, volto ao humor.

Relato duas historinhas: alertado por amigos para se prevenir contra a mania dos apelidos que a população costuma pespegar nos visitantes, o homem chega temeroso, hospeda-se num hotel central, quietinho vai e volta à luta. Na terceira noite, ao entrar no Ponto Chic (café que se tornaria famoso em 1979 com a novembrada do general-presidente Figueiredo) e pedir um cafezinho, logo o garçon pergunta: "mais alguma coisa, seu cuco?" É que o homem, à tardinha, ao entrar no apartamento, se debruçava à janela para olhar o movimento da rua e as menininhas-em-flor. Punha e tirava a cabeça, punha e tirava. A outra fala de um executivo tão organizado, mas tão organizado, que ao tomar sopa de letra só o fazia em ordem alfabética.

Com uma área de 425 km², mais de quarenta praias (para todo gosto), a população da ilha só agora superando os 200 mil habitantes ("um despropósito", reclamam os que a preferiam com 50 mil; "ridículo", retrucam outros, "já ultrapassou os 400 mil"), foi escolhida capital do Estado porque à época o transporte marítimo era o único viável. Só em 1926 chegou a primeira ponte; mais tarde os aviões; mais ainda as rodovias descentes; agora acabaram as viagens por mar...

Não tendo como se transformar em expressivo centro industrial ou agropecuário, Florianópolis optou por aquilo que era sua destinação natural: pólo político-administrativo-cultural-universitário e atração turística sem uma correspondente infra-estrutura. Tal espécie de turismo (predatório) degradou a qualidade de vida, polui as praias, transforma Florianópolis na capital de custo de vida mais caro do país.

Mas o progresso (com ou sem aspas, repito) é implacável e irreversível. Logo, o que resta da fisionomia tão característica da velha cidade, onde todos se tuteavam e conheciam, terá desaparecido. E o ilhéu autêntico, de nascença ou adoção, fossento mas sempre irônico, olhando para a multidão da (em breve ou já, já) futura megalópole, fungindo da loucura dos carros, das faces desconhecidas e tensas, do *rush*, dos mil-ruídos, dos engarrafamentos, repetirá com uma pontinha de melancolia: "É, Florianópolis não tem mais ninguém". △

Jornalista e escritor, Salim Miguel publicou *As areias do tempo*, contos, 1988, entre outros livros

Conto

PEGADAS NA AREIA

"Agora, diante deles, surgia, em toda a sua imponência, a ilha de Anhatomirim, com suas ruínas seculares, velho forte repleto de histórias e lendas, fantasias e fantasmagorias atocaiando mentes que se deixavam levar pela imaginação: a construção pelos escravos e soldados demandando anos, fantasmas de negros mortos a chibatadas urrando e vigiando a ilha, as dificuldades em transportar o material necessário às obras, parte dele vindo de Portugal, a invasão dos espanhóis, os portugueses apanhados de surpresa, a ilha abandonada até bem mais tarde, e então os fuzilamentos comandados por Moreira Cesar, sussurrava-se que a mando de Floriano Peixoto, a árvore dos enforcados que chorava periodicamente grossas lágrimas.

Os quatro eram dos poucos que se aventuravam a penetrar na Ilha, tentando devassar-lhe os segredos, iam olhar os canhões comidos pela ferrugem, invadiam o enorme quartel de grossas paredes erguidas com pedra e argamassadas com óleo de baleia, atravessavam a cadeia onde a hera subia encobrindo tudo, chegavam à casa de comando em busca dos falados dobrões enterrados, mergulhavam esperando encontrar as arcas repletas de patacões, olhavam a paisagem em derredor que se descortinava para além, selvagem e bela."

Trecho do conto "Pegadas na areia do tempo", do livro *As areias do tempo*

Usina Izabel



Luiz Vaz

A casa de máquinas da usina, 1991, em operação desde 1915

A ENERGIA QUE VEM DO RIBEIRÃO SACATRAPO

No "Inventário dos Bens Imóveis de Interesse Histórico e Arquitetônico da Eletropaulo", conheça a usina Izabel, em Pindamonhangaba

Renato Diniz - Sueli Martini Ferrari

A história da usina Izabel começa em julho de 1910 quando a Câmara Municipal de Lorena autoriza José Cândido de Souza a "produzir energia elétrica usando a força hidráulica do rio Paraíba" e a fornecê-la à cidade sob a forma de força, luz e calor.

O mercado de energia elétrica se amplia e em junho de 1911 capitalistas liderados por Ataliba Valle organizam em São Paulo a Empresa de Eletricidade São Paulo e Rio. Imediatamente a empresa passa a construir uma usina no rio Sacatrapo, afluente do Paraíba, em propriedade comprada em novembro do mesmo ano do coronel Costa Bueno. Os 20 alqueires adquiridos são desmembrados da Fazenda Ribeirão Grande, localizada na serra da Mantiqueira, na Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso de

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

002 - MIGUEL, Salim. Da importância do conto. **Boletim Bibliográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro, v. 6, n.7, p. 384-385, ago. 1958.

BBB

Boletim Bibliográfico Brasileiro

pag 371 — pag 384

"SE FÔR ELEITO, QUE FARÁ EM BENEFÍCIO DA CULTURA?" RESPONDEM À PERGUNTA: MAGALHÃES JR., OSÓRIO BORBA, ETC.

("Enquête" na pág. 416)

VOL. VI ★ N.º 7 ★ O MAIS COMPLETO REGISTRO DE LIVROS DO PAÍS



GRANDE CONCURSO DE CONTOS "FICÇÃO NACIONAL"

BASES E CRITÉRIO DE SELEÇÃO NA PAG. 373

1958 – AGÓSTO
CR$ 10,00

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

NOTICIÁRIO DE STA. CATARINA

DA IMPORTÂNCIA DO CONTO

SALIM MIGUEL
(Especial para o BBB)

HISTÓRIA tradicional, com começo, meio e fim, à moda de Maupassant, ou flagrante que vive pelo clima acentuadamente lírico, por aquêle toque característico de sugestão que lhe imprimiram K. Mansfield ou Tchecov, o conto vem adquirindo, dentro da literatura moderna, importância cada vez maior. Com inúmeras bifurcações, mas tôdas elas partindo daquêles dois ramos iniciais, não é êle, como querem ver alguns, mero trampolim para o romance ou a novela. Gênero específico, salienta-se pelo clima que cria, pelo flagrante que fixa, por aquêle rápido apanhado de uma situação, de uma fatia da vida. Pode mesmo não contar nada, viver de insinuações — ou até contar uma história.

NÊSTE corre-corre em que vivemos, vivendo às pressas, o conto se torna cada vez mais uma necessidade, espécie de descarga para os nervos. Quantas vêzes não escutamos dizer, até mesmo pessoas que se interessam mais a fundo pela literatura: "— não quero romance, não tenho tempo para lê-los. Só o livro de contos me satisfaz. Leio o conto entre um que fazer e outro, pronto. O romance me toma muito tempo, abandono-o em meio e não sei quando poderei a êle voltar..."

Ora, isto faz com que os próprios escritores, muitas vêzes, também acabem por acreditar o conto mera distração sem conseqüência. Passatempo e por vêzes caminho necessário na nossa época. Ao ponto de já existirem até escolas que "ensinam" a escrever contos. Mas, deixando-se de lado êste gênero evidentemente menor, do qual os outros gêneros também não escapam, na verdade o conto pode ser um fim em si mesmo, como realização artística e como contribuição para uma literatura.

NO BRASIL não são poucos os escritores que se destacaram com os seus contos. E o próprio Machado de Assis, até como romancista, foi essencialmente contista. Da geração moderna poderíamos citar infinidade de nomes, bastando lembrar um Antonio de Alcântara Machado, um Mário de Andrade e um Marques Rebêlo. E entre as novas gerações, como esquecer um Moreira Campos, um Braga Montenegro, um Vasconcelos Maia, um Breno Acioli, um Osman Lins, um Samuel Rawet, um Renard Perez, um Dalton Trevisan, um Guido Wilmar Sassi, um A. Boos Jr. Isto para não nos referirmos a outros ainda sem obra publicada, como um Mauritônio Meira, um Hélio Pólvora de Almeida e um Silveira de Souza. São todos êles principalmente contistas. E ótimos contistas quer contando uma história, quer fixando um flagrante, êles realizam obras das mais importantes da moderna literatura brasileira e dão contribuição própria ao gênero e à literatura, abrindo novos caminhos para a ficção nacional.

NELSON de Araujo, com o seu volume de estréia (1) se situa entre as boas revelações dos últimos tempos. Sem nos dar um livro plenamente realizado, êle nos oferece amplas possibilidades, mostra que assimilou bem a matéria, e dá motivos para debate e levantamento do problema. Sabendo trabalhar com habilidade um tema, construindo limpamente uma história, pesquisando, dando modulações novas à língua, numa busca permanente de caminho, numa inquietação que o dignifica, êstes seus contos de

(Conclusão da pág. anterior)

Guerreiros Ramos — Estêve em Belo Horizonte, o sociólogo Guerreiro Ramos, tendo realizado uma série de conferências na Faculdade de Ciências Econômicas da U.M.G. e na Federação das Indústrias de Minas Gerais. A par dessa atividade, manteve contato com alguns intelectuais mineiros, procurando discutir com êles o problema da cultura nacional. Verificou-se também o lançamento, na Livraria Itatiaia, do livro **Redução Sociológica**, último trabalho do discutido sociólogo.

Feira de Livros. — Realizou-se mais uma Feira de Livros na Praça Sete. O desinterêsse por ela, da parte dos intelectuais, foi completa, uma vez que os livreiros quase nada de boa literatura colocaram em suas bancas. Preferiram atender ao grande público e vender obras de sucesso fácil.

Endereço do colunista:
Rua Alvarenga Peixoto, 168
Belo Horizonte.

Não encontra o livro que procura?
Não perca tempo. Não se canse.
LIVRARIA
RODOLPHO
COUTINHO
Livros novos, usados e raros
SERVIÇO DE PROCURA DE LIVROS
ANTUNES & CIA., LTDA.
Livreiros e Editôres
RUA ALVARO ALVIM, 48, 5.º, g. 503 - TEL. 22-5140, Ramal 32 e 33
RIO DE JANEIRO — CINELANDIA

Um acidente na estrada e outras histórias, mostram-nos já um escritor amadurecido e que conhece seu métier.

SEU VOLUME é desigual, com influências muito à flor da pele. A insistência com que o autor se coloca nas histórias, sugerindo conclusões ou chamando a atenção do leitor para detalhes e situações, tudo isto prejudica em parte o andamento dos contos. A nosso ver um conto **deve se contar,** deve bastar-se Quanto mais despojado, mais enxuto e sêco, mais precioso; quanto mais livre da participação direta do autor (se assim nos poderemos exprimir) tanto mais o conto se cria, se ergue, vive. Devemos sempre confiar na inteligência do leitor, deixá-lo penetrar naquêle mundo que é o conto, viver e integrar-se, não lhe fornecendo todos os dados do problema.

ONDE o fascínio maior de uma K. Mansfield, por exemplo? Na sugestão. Mesmo em Tchecov êsse poder da sugestão é muito grande. Ou, mais modernamente, num F. Kafka. E ainda em alguns dos contistas norte-americanos. E' que êles apenasmente sugerem, insinuam, deixando para o leitor a recriação e descoberta de todo aquêle mundo sugerido. E é dali que vem, mais profunda, a mensagem estética e humana, mensagem que tôda obra artística deve conter.

NELSON de Araujo, às vêzes, em alguns de seus contos ("Tebaida", por exemplo) aflora o tema, vêmo-lo avançar para esta conceituação do conto. Mas logo como que se intimida, ("História de Infância") recua, não levando o conto e a experiência tão rica que tentara, às suas conseqüências últimas. E lá vem de novo o autor, como que pedindo desculpas ao leitor, por tê-lo feito pensar um pouco.

MAS Nelson de Araujo possui um poder de captação inato, sabe escolher seu tema, sabe mesmo conduzi-lo, prendendo a atenção do leitor. E' um narrador de raça. Impregnado de Machado de Assis, deixa-se levar pelo nosso maior contista — não fugindo a êste perigo das influências muito acentuadas. O conto de abertura do volume começa por uma frase típicamente machadiana: "— Flor de virtudes peregrinas, minha espôsa Narcisa conheceu-me em circunstâncias dignas de nota. Direi como foi". E é nêste clima que todo o conto se desenrola. Não falta aí nem aquela ironia amável mas penetrante que é como que uma marca registrada do autor de "Uns Braços". Num ambiente assim machadiano decorrem e se desenvolvem alguns dos outros contos mais bem estruturados. Diremos ser isto um êrro irreparável? Não! Em absoluto! Ninguém escapa às influências. Elas fazem parte da psicologia formativa de todo escritor... Mas é preciso que procuremos, que saibamos transfundí-las, até que de influências perceptíveis elas passem a ser algo nosso, amalgamado e próprio. Não há autor algum que não tenha sofrido influências. Mente quem disser o contrário. Mas há influência e influência. E' necessário distinguir entre ambas. Entre a influência que é fruto de uma aproximação de idéias e temperamentos, de uma reação profunda, de uma mesma família espiritual e psicológica, e a influência que é uma imitação consciente ou inconsciente.

NELSON de Araujo se enquadra felizmente no primeiro grupo, Vê-se que suas reações, a maneira como deve encarar a vida, como os problemas humanos e sociais se refletem nele, são machadianos. Pelo menos nêste seu primeiro livro. Mas nota-se, por outro lado, as tentativas que o autor faz para se livrar, para criar uma linguagem própria e autônoma ("O homem sazonado", "Moita"), um estilo pessoal. Desde o conto contado, relatando uma história ("Como conheci Narcisa"), até a mera fixação de sensações ("Tebaida"). Desde o conto de costumes ("Um acidente na estrada") até o conto psicológico, de análise e estudos das reações da psicologia infantil ("História de infância"). Alguns dêstes contos, podem figurar, sem desdouro, entre os melhores aparecidos nos últimos tempos, entre nós. Queremos nos referir em especial a "O Homem sazonado", "A Tebaida", "Moita", e "Um acidente na estrada", onde o autor se encontrou e deu o melhor de si mesmo.

HISTÓRIAS muito pessoais sob vários aspectos, são elas, sem dúvida, boa contribuição para o conto brasileiro e para a renovação da ficção nacional. E' Nelson de Araujo um autor de quem já não se pode dizer que é apenas mera esperança. Alguém que escreve como êle e, principalmente, que tem aquela inquietação que lhe é característica, pode ser arrolado entre os bons prosadores jovens do momento. Pois êle possui, além do mais, autenticidade — que é o que se deve exigir, em primeiro lugar, do escritor. Em alguém que é autêntico sempre poderemos confiar.

DUAS NOTICIAS



EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ARTES PLÁSTICAS

O Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis, fundado em começos do ano, vem realizando um movimento dos melhores, no seu terreno específico. Com menos de um ano de vida, realizou logo sua primeira exposição, congregou os artistas plásticos, prepara-se para o primeiro salão anual, que deverá sair em novembro próximo. Ainda agora acaba de inaugurar, num salão das Lojas Cimo de Florianópolis, uma exposição permanente. No cocktail de inauguração falou o jornalista Ilmar Carvalho, que destacou a importância do acontecimento para a vida artística de Florianópolis.

GUIDO WILMAR SASSI NO VOLUME DA CULTRIX

O contista catarinense Guido Wilmar Sassi, com dois livros de contos editados por "SUL", teve agora um de seus trabalhos, justamente o que dá título ao segundo volume (**Amigo Velho**), selecionado para a antologia **Maravilhas do Conto Moderno Brasileiro**, edição da Cultrix. É sem dúvida um ato de inteira justiça, pois que Guido Wilmar Sassi se coloca hoje entre os nossos melhores contistas novos. Sabendo trabalhar com precisão suas histórias, dando-lhes fôrça e autenticidade, Guido Wilmar Sassi, da província em que vive, no interior de Santa Catarina, soube pelo seu talento de narrador, pela sua fôrça de criador, se projetar — e isto sem necessidade das igrejinhas que muitas vêzes fazem tantos falsos valores.

Endereço do colunista:
Livraria Anita Garibaldi,
Praça XV, 27 — Florianópolis

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

003 - MIGUEL, Salim. Raízes de um intercâmbio: A Revista Sul. **Encontro: Revista do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco**. Pernambuco, ano 11, n. 11, p.40-42, abr. 1995.

ANO 11 - Nº 11

Encontro

REVISTA DO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA DE PERNAMBUCO



EÇA FOI MARCA DE CIGARROS NO RECIFE

UM TESOURO DO GABINETE:

MANUSCRITO DE EÇA DE QUEIROZ

E MAIS:

JÚLIO CORTÁZAR REVISITADO

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO SESQUICENTENÁRIO DE EÇA DE QUEIROZ

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Raízes de um Intercâmbio: A REVISTA *SUL*

SALIM MIGUEL

O Grupo Sul de Santa Catarina

Fins da década de 40. Florianópolis, Ilha de Santa Catarina, antiga Nossa Senhora do Desterro. Saía-se da 2ª Guerra Mundial. Um grupo de jovens, de formação diferente, de classes sociais diferentes, vindos de diferentes cidades, encontra-se na pacata e acomodada noite florianopolitana. Conversam, discutem, se entendem/desentendem, bebem. Pensava-se escrevendo, deixando um recado estético e humano. Era o começo do que se convencionou chamar de **Grupo Sul**. Autodenominando-se, num primeiro momento de "Círculo de Arte Moderna", pretendia fazer chegar a Florianópolis um movimento que, à época, já estava sendo reavaliado: a Semana de Arte Moderna de 1922, que convulsionara São Paulo. Dos papos noite a dentro, passou-se para um jornalzinho estudantil, *Folha da Juventude*, outro datilografado, *Cicuta*, até, enfim, desembocar na revista *Sul*.

É preciso, no entanto, que se diga que as nossas publicações não eram um fato isolado: num determinado momento, a partir do pós-guerra, com idêntica inquietação, cerca de 40 publicações de jovens passaram a circular pelo Brasil. Existiam em quase todos os Estados da federação, estabelecendo-se, inclusive, entre elas um fértil vínculo de comunicação, com troca de originais e experiências. Paralelamente às primeiras publicações do "grupo Sul", embrião de tudo o que viria, um grupo teatral, que representou Sartre pela 1ª vez no Brasil, em 1947, além de Shaw, Garcia Lorca, Alejandro Casona, Luis Francisco Rebelo, Ody Fraga, Tchecov, Collodi, com seu *Pinocchio* adaptado para o público infanto-juvenil. Organizou-se também um grupo de artistas plásticos, o Clube da Gravura, um clube de cinema. Mais adiante, partiu-se para a produção de um filme em longa metragem. E dos que persistiam na caminhada lembro Anibal Nunes Pires, Walmor Cardoso da Silva, Silveira de Souza, Guido Wilmar Sassi, Eglê Malheiros.

Uma Ponte com Portugal e África

Mal a revista saiu, recebemos uma consulta do Rio de Janeiro: Marques Rebelo, para além da sua intensa atividade como escritor, estava percorrendo o país (com incursões pelo exterior), levando exposições de pintura brasileira contemporânea. Soubera do nosso movimento. Queria vir a Florianópolis. Faria a exposição — e durante a exposição algumas palestras. Aceitamos o desafio. Rebelo veio. Durante dias a cidade girou em torno dele e das críticas que se faziam "àquela coisa", pintura moderna, arte moderna.

Da vinda de Rebelo, que acabou se transformando em amigo do Grupo Sul, mais duas conseqüências: a oficialização, no Brasil, do 1º Museu de Arte Moderna, exatamente na perdida e provinciana Florianópolis, hoje Museu de Arte de Santa Catarina, com um acervo bastante significativo, e a abertura da turma da *Sul* para jovens escritores portugueses e africanos.

Ainda em Florianópolis, Marques Rebelo nos falava deles, dizia que era importante nos comunicarmos, que logo-logo nos mandaria alguns endereços. Não esqueceu a promessa. Um dia nos chega a prometida carta, com dois endereços, um de Portugal, outro de Moçambique.

Pouco depois estávamos publicando nomes portugueses como Fernando Pessoa (morto em 1935), Miguel Torga, José Régio, Mário Dionísio, Teixeira de Paschoais, Luis Amaro, Agostinho da Silva, Joaquim Namorado, Alexandre Cabral, Egito Gonçalves, José Terra, Eugénio de Andrade, José Ferreira Monte, A. Vicente Campinas, Mário Mota, Vitoriano Rosa, António Rebordão Navarro, Cristóvão Pavia, Sebastião da Gama, Roberto Nobre, outros mais. E desenhos de Lima de Freitas, Júlio Pomar, Cipriano Dourado, Rogério Ribeiro.

Também logo, nomes de Moçambique, de Angola, de Cabo Verde, da Guiné Bissau: entre tantos outros, Noemia de Souza, Viriato da Cruz, Mário António, Nuno Miranda, Moura Coutinho, Francisco José Tenreiro, António Jacinto, o próprio Augusto dos Santos Abranches e José Graça.

A trajetória da revista

Faço uma pausa: se para tais escritores portugueses e africanos tivemos uma chave, uma ponte, como foi que chegamos aos outros?

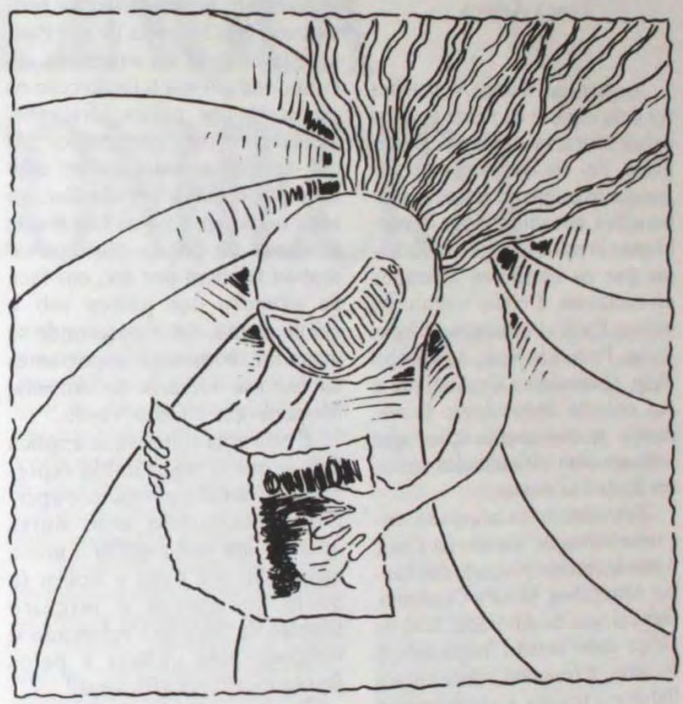
Percorrendo agora a revista e os arquivos, eu mesmo me surpreendo: de repente, não mais que de repente, como diria o poeta, estávamos nos correspondendo com escritores da Argentina e do Uruguai, do Chile e de Cuba, dos Estados Unidos, da Espanha, da França, da Bélgica, da Itália, da União Soviética, da China, da Tchecoslováquia. De vários deles publicamos trabalhos; de outros foi um intercâmbio de livros, de revistas, de informações.

Mas a trajetória da revista foi sempre precária. Mal produzida, sem uma diagramação definida, cada número com o tipo de papel que conseguíamos e as sobras de **clichérie**, a *Sul* vivia da teimosia e do esforço ingente que lhe dedicávamos, de uma rala ajuda para a impressão na Imprensa Oficial do Estado, de uma escassa venda avulsa, de alguns teimosos assinantes, de anúncios de amigos.

A revista nunca chegou a ter periodicidade. Não por falta de colaboração. Era mais do que suficiente e de nível. Começou querendo ser bimestral, passou a trimestral e depois circulava quando era possível. Assim durou 10 anos. Trinta números.

"Consagrados" pela censura

Não foi fácil manter contactos com Portugal e com os países africanos de expressão portuguesa. Em Portugal, era a ditadura salazarista e na África, o colonialismo. No Brasil, com altos e baixos, vivia-se um regime de liberdade. Não sei se por estarmos perdidos



em Florianópolis, o certo é que a censura nunca nos incomodou. Incomodou-nos sim, a de fora: a de Portugal e a da África. Não raro recebíamos reclamação: A revista, será que acabou? Respondíamos: ainda não. Dizíamos que expedida havia sido. Por vezes chegava para uns e não para outros. Lá ia nova remessa. Até que um dia, a comprovação. Guardo até hoje o comunicado. É de 1956, vinha da capital de Moçambique e dizia:

"Correio de Lourenço Marques: foi apreendido nos termos da legislação interna e ao abrigo do disposto na alínea 1 do artigo 59 da Convenção de Bruxelas, o conteúdo do registro AO-14.177, de Florianópolis, expedido pela revista *Sul*, caixa postal 384, e endereçado a Manuel Filipe de Moura Coutinho, Repartição da Fazenda, Lourenço Marques, recebida por intermédio de Lisboa."

Era longo e tortuoso o caminho que a revista precisava fazer para chegar aos nossos amigos da África. Para nós, audaciosos jovens sem trapézio volante, que nem sede tínhamos — razão daquele suspeito "endereço", Caixa Postal 384 que se tornou internacionalmente conhecido — a apreensão não causou muita surpresa, mas revolta e um pouco de vaidade. Durante dias empunhamos o documento, com ele circulamos pelas escolas, pelos bares, pelos cafés, pela noite. Já éramos alguém com quem a censura se preocupava. Já existíamos. Outro momento de repercussão foi quando saiu, em Portugal, republicado, o artigo de um companheiro

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

nosso, Élio Balstaedt, refutando trechos de um livro de João Gaspar Simões, com a sugestiva legenda "jovem do *Grupo Sul* refuta afirmações de João Gaspar Simões em sua biografia de Fernando Pessoa". Ou quando fomos convidados a colaborar no jornal literário *Ler*, de curta duração, logo fechado pela censura.

Ou ainda ao aparecer no *Imbondeiro Gigante* (publicação africana) um conto de Guido Wilmar Sassi.

O intercâmbio com a África

Augusto dos Santos Abranches foi uma espécie de ponte para os países africanos de língua portuguesa. Foi ele que, além de nos mandar os primeiros livros e colaborações, nos situou sobre os problemas literários, políticos e sociais que os escritores africanos vivenciavam. Depois vieram os outros: Castro Soromenho, Oscar Ribas, Fernando Reis, Agostinho Neto, Garibaldino de Andrade e sua coleção *Imbondeiro*. Passamos a receber publicações que lutavam com dificuldades maiores do que as nossas.

Examinando os arquivos, encontro cartas de Viriato da Cruz, Antonio Jacinto, Augusto dos Santos Abranches, Moura Coutinho, Garibaldino de Andrade, José da Graça, entre as mais freqüentes. E recortes, e resenhas sobre nossos livros e a revista, e colaborações não aproveitadas por falta de espaço. Com o Abranches mantive contacto pessoal, na sua malograda vinda para o Brasil, onde morreu em 1963.

O término do ciclo *Sul*

Se o ciclo da *Sul* se encerrou em 1958, o meu interesse pela chamada literatura africana de expressão portuguesa jamais diminuiu.

Nem pela literatura portuguesa e hispano-americana.

O que sobrou da aventura da *Sul?*.

O movimento, como um todo, começa a ser reavaliado. Já em fins da década de 70, uma professora de Florianópolis, Liana Leal Sabino, faz um levantamento, avaliando o que conseguiu — ou não conseguiu — o chamado Grupo Sul. Assim, **Grupo Sul, o Modernismo em Santa Catarina**, dá algumas pistas, embora pouco se detenha na abertura para os outros países.

Surpresa maior foi tomar conhecimento de um texto da professora Tânia Macedo, de São Paulo. Ela rastreia a caminhada do Grupo Sul em sua relação com os escritores dos países africanos, assinalando em certo trecho: "O que desejamos realçar com esse exemplo é que a revista *Sul*, ao abrir o diálogo com as literaturas africanas de língua portuguesa, acabou também por ser, em face da situação dos países sob o colonialismo, um espaço onde se guardam momentos importantes da história literária de Angola, Moçambique e Cabo Verde."

É esta uma síntese que explica bem o que o intercâmbio representou. Contudo, permanece a pergunta. Respondo com outra questão: em que medida a nossa admiração por Cruz e Souza (a quem dedicamos o terceiro número da *Sul*) terá reforçado o interesse pela cultura e pelos jovens escritores africanos?

Tem mais: de volta de Moçambique e Angola, Cremilda Medina e Ricardo Ramos nos informam que escritores com quem conversaram se referiam com simpatia à revista *Sul* e a este escriba.

E já agora, as professoras Dulce Helena Pessoa Ramos e Maria Aparecida Santilli, ambas de São Paulo, e a professora Laura Cavalcanti Padilha, do Rio, se interessam pela *Sul*. Por que ser exatamente Florianópolis o ponto irradiador e receptador da mensagem dos escritores da África? perguntam.

Circunstâncias de momento. Conjunção de fatores.

Em Portugal, o professor Pires Laranjeira, ao trabalhar na sua tese de doutoramento, em Coimbra, sobre literatura africana, também me escreveu: pedia que lhe indicasse quais os os autores que haviam aparecido nas páginas da *Sul*.

Em minhas viagens pelo mundo tenho tido emoções das mais fortes ao ouvir falar da *Sul*. Aconteceu, por exemplo, na Alemanha, com um brazilianista. Em Portugal, várias vezes foram ao meu encontro escritores já famosos que haviam colaborado, no início das suas carreiras, na *Sul*. O Fernando Assis Pacheco me dizia: "Não posso esquecer que, jovem com menos de 18 anos, mandei um poema para a revista e vocês o publicaram. Foi o meu primeiro poema publicado". Também Egito Gonçalves e Rebordão Navarro, no Porto, se lembravam de haver colaborado na revista, além de outros escritores novos e menos novos, por vezes com contos, poemas, artigos que não teriam como sair no Portugal salazarista.

Em Luanda, numa entrevista concedida a Cremilda Mediana para o livro *Sonha Mamana África*, Luandino Vieira diz tentar **mapear as confluências** da década de 50. E valoriza a revista *Sul*.

Parece-me que as "confluências", para usar a expressão de Luandino, não foram em vão. Em dado momento a impressão que se tinha é que um duradouro e profícuo encontro ía ter prosseguimento. Duradouro pode não ter sido. Mas de proveito mútuo creio que sim. □

***

Este depoimento foi recolhido num texto mais amplo, lido no Encontro sobre Literatura Africana de Expressão Portuguesa, promovido pela Universidade Federal Fluminense (agosto de 1991) em Niterói-RJ, inédito até agora.

PORTUGUÊS: LÍNGUA RECONHECIDA

• HENRIQUE L. ALVES

A UNESCO reconheceu e adotou a língua portuguesa como uma das línguas oficiais do organismo. É instante de regozijo por uma das grandes conquistas deste século, dando-lhe conteúdo e significado.

Cabe um retrospecto de muitas iniciativas para essa conquista, cujo reflexo pesou no trabalho constante e apaixonante do embaixador José Aparecido de Oliveira, com a formação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Louvável em todos os sentidos. Marcou trabalho paciente a reunir brasileiros, portugueses, angolanos, guineenses, moçambicanos, caboverdianos e santomenses na integração e identidade.

Durante a realização do V Congresso de Escritores Brasileiros, em 1985, em São Paulo, iniciativa da União Brasileira de Escritores, presidida por Fábio Lucas, merece destaque a idéia da criação e convocação do Congresso de Escritores de Língua Portuguesa.

Decidiu-se a realização em Maputo de uma reunião preparatória marcada para setembro de 1985 com protocolo assinado pelos presidentes Fábio Lucas, da União Brasileira de Escritores e Rui Nogar, da Associação de Escritores Moçambicanos. Ficou decidido que o congresso aconteceria na primeira quinzena de 1986, em Lisboa, sob a coordenação da Associação Portuguesa de Escritores.

O poeta Rui Nogar mostrou-se desejoso de que todos os escritores de língua portuguesa, através do Congresso, "favoreçam a formação da consolidação de uma frente cultural cada vez mais ampla, firme e sempre disponível, para a instrumentalização da língua portuguesa, como fator de unidade transcontinental, em prol do enriquecimento do patrimônio artístico-literário".

Os problemas comuns vividos por entidades culturais e as crises econômicas dificultaram o desenrolar do organograma estabelecido. Em anos pares as preparatórias e nos ímpares o Congresso. Essas metas não se cumpriram até hoje.

De 1º a 3 de março de 1989, realizou-se em Lisboa o 1º Congresso de Escritores de Língua Portuguesa, na Fundação Calouste Gulbenkian e coordenada pela Associação Portuguesa de Escritores e Sociedade Portuguesa de Autores. O jornal de Letras, Artes e Idéias, de Lisboa através de seu editor José Carlos de Vasconcelos, assim se expressou com relação ao resultado do I Congresso: (muito) positivo e (pouco) negativo.

Convém enfatizar que as entidades maiores de escritores estavam presentes em Lisboa, com suas delegações: Associação Cabo-Verdiana de Escritores, Associação de Escritores Moçambicanos, Associação Portuguesa de Escritores, União Brasileira de Escritores, União de Escritores Angolanos, União de Escritores da Guiné-Bissau.

O II Congresso foi realizado em São Paulo, no Memorial da América Latina e no Centro Cultural de São Paulo, de 1º a 3 de dezembro de 1993, pela União Brasileira de Escritores, presidida por Henrique L. Alves e coordenado por Fábio Lucas. Contou com o apoio do Ministério da Cultura e da Secretaria Municipal da Cultura. Segundo o presidente da Associação Portuguesa de Escritores, José Manuel Men-

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

004 - MIGUEL, Salim. Machado de Assis. **Usima: Revista de Artes do Espaço Cultural José Lins do Rego**. Paraíba, n. 5, ano 2. pág. 7-9, jun. 1989.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



observar a etimologia de "Capitolina" (Capitu): "capitular" significa "acusar e julgar". Seu nome textualiza a atitude de D. Casmurro em relação a ela. Só que o narrador transfere sua dúvida ao leitor implícito (p. 67), fazendo com que enverede também pelo caminho ruminante de "roer o roído" (p. 37), lendo, assim, a narração da própria narração.

Através desse processo, a problematização se abre em todos os níveis: do narrador, da personagem central (Capitu), do leitor e do próprio texto. Este se converte nas memórias de D. Casmurro. No entanto, as narrativas memorialistas não contam o puro em si do acontecido, pois, no ato de recordar, o narrado, subjugado pela visão subjetiva do eu-memorial, trai a experiência do vivido, sendo mais uma reconstrução do passado, segundo as lentes do presente. Dessa forma, a imaginação passa a atuar sobre a memória, tornando as reminiscências impregnadas da visão introspectiva e emotiva do próprio sujeito que relembra o seu outrora. O narrador tem consciência desses planos temporais que se cruzam em sua narrativa (capítulo 12) e, o tempo todo, através de digressões e comentários (cap. 2, 9, 17), o seu narrar vai se autocorrigindo (cap. 62) e se auto-explicando, porém deixando no leitor a dúvida, germe da corrosão que gera a reflexão, instigando uma recepção também problematizadora.

Ópera da "traição", porque "traição da memória", "traição da escritura", onde as forças subjetivas imaginantes atuam. D. Casmurro tenta "restaurar na velhice a adolescência", mas o fragmentário das recordações traduzem as lacunas que atravessam a própria consciência do narrador. Apesar de escrever a "História dos Subúrbios" para justificar o fato de ter expulsado Capitu e o filho de casa por sua traição, ao narrar, deixa implícita a sua própria ambigüidade. No cap. 118, por exemplo, sugere uma possível traição que não chegou a se realizar entre Bentinho e Sancha. Na urdidura do texto, D. Casmurro tenta se convencer da traição da esposa e do amigo Escobar, mas o narrador, como profundo devassador da psicologia humana, faz o retrato moral de Bentinho, acentuando-lhe a insegurança. Ao "atar as duas pontas da vida", "restaurando na casa do Engenho Novo a de Matacavalos", o pseudo-autor revela que há uma grande distância entre o vivido e o imaginado. Esta cisão é consubstanciada na traição de si próprio: "falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo" (p. 22, cap. 2). E é sobre esta lacuna, hiância entre ficção e real, que se realiza a sua orquestração romanesca, onde o ciúme e a traição são os elementos propulsores de uma memória-imaginação cuja encenação, no espaço teatralizado da obra, se faz através da metáfora da "ópera". Capitu é, aparentemente, a grande atriz, mas seu enigma está no olhar do narrador que a pinta "dissimulada e oblíqua", quando estas qualidades, na verdade, estão em seu próprio narrar. A imagem da "ressaca" dos olhos "bravios de Capitu desconstróem, a nível profundo, a suavidade dos olhos românticos que viam as heroínas de forma moralista e acabada. A mulher, então, no discurso machadiano, não aparece mais idealizada, mas serve de espelho denunciador de uma "moralidade de interesses que fazia do casamento um trampolim social" para que a figura feminina se libertasse da opressão paterna.

Na ópera dissonante em que se converte a narrativa de D. Casmurro, sob a direção do olhar-memorial do narrador, além dos "atores" principais, Bentinho e Capitu, outros figurantes se apresentam, denunciando a falsa moralidade da sociedade patriarcal brasileira na época do Segundo Império. Estas personagens secundárias se encontram tipificadas: D. Glória, a mãe de Bentinho é a "santa criatura", símbolo da ética católica que encobria os verdadeiros jogos econômicos nas relações pessoais. José Dias, o agregado, caricaturalmente, através dos superlativos, é a exacerbação, desta moral de aparências; ele joga o tempo inteiro, dissimula e controla todos. Tio Cosme é o "bom vivã" que vive da retórica e dos favores de D. Glória. Prima Justina, sempre agradando na hora certa, atenua as contradições familiares. Os outros figurantes, que vão compondo o quadro social da época, são os pais de Capitu-menina, vizinhos de Bentinho. Pádua, o pai da moça, representa o pequeno funcionalismo público da cidade que se cosmopolitizava. Daí a repulsa que este personagem sofria por parte de José Dias, pois, este, na verdade, era a favor de um "viver aristocrático" que, no entanto, se encontrava abalado pelas transformações sociais da época. Já, a nível do enunciado, o figurante que desencadeia os temas do ciúme e da traição é Escobar, ex-seminarista, como também Bentinho o fora, que acaba por se casar com Sancha, uma amiga de infância de Capitu. O filho (Ezequiel) que Capitu e Bentinho tiveram é dado a batizar a este amigo e herda-lhe o nome, assim como Capituzinha, filha de Sancra e de Escobar, é uma homenagem a Capitu. A semelhança que Bentinho vê entre o filho que cresce e o amigo Escobar é o motor do ciúme que o fará expulsar Capitu e o menino, depois que morre afogado o padrinho de Ezequiel. Fecha-se, assim, "o enredo da ópera"; no entanto, a "verdadeira" orquestração dela, ou seja, a dialogia de sua encenação não se encontra no enunciado, mas no palco da enunciação, onde o "pretexto do ciúme" se converte no verme corrosivo da própria narração que se rói a si mesma, devassando não só a alma problemática de Bentinho, mas a psicologia da sociedade carioca do 2º Império, onde o casamento e a família aparecem como reflexos de uma mentalidade patriarcal regulada por um "modus vivendi" de aparências.

A narrativa memorialista de D. Casmurro, "velho calado e metido consigo", se converte, então, na orquestração amarga e irônica do pseudo-autor que satiriza seu próprio ciúme: "Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo". (p. 21). A "ação" da ópera se suspende do enunciado e passa a ser encenada no espaço psicológico da enunciação, ou seja, na fenda da memória que se abre entre a casa do Engenho Novo (presente-enunciador) e a de Matacavalos (passado do enunciado). Da dialética entre estes dois espaços e na tensão da dúvida da traição, a narrativa do "ciúme" se tece como procura existecial da própria condição humana.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

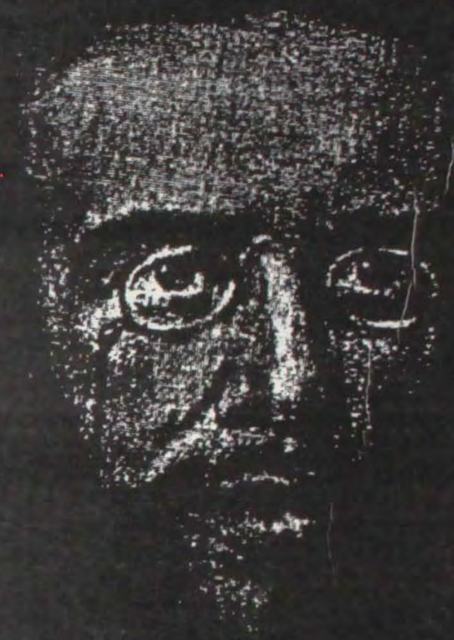
ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro.** Rio, Ediouro, s.d.

BRAYNER, Sonia. **Labirinto do Espaço Romanesco.** Rio, Civilização Brasileira/MEC, 1979.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: Ficção e História.** Rio, Ed. Paz e Terra, 1986.

* Crítica literária e Professora no Rio de Janeiro.

MACHADO DE ASSIS



Salim Miguel *

É a mais discutida e, certamente, a mais importante figura literária do Brasil. A cada dia que passa sua obra e sua personalidade vêm sendo mais estudadas à luz de novas descobertas, alargando-se sempre o círculo de estudos à proporção que as investigações vão se estendendo. E à medida que sua obra é analisada em profundidade, novas interpretações surgem. As exegeses, a respeito dos múltiplos aspectos, por vezes tão contraditórios e díspares, da vida e da obra, se entrechocam, provocando debates acesos e violentos. Tudo isto é prova da vitalidade, da atualidade de Machado de Assis. Ataques, elogios — é um nome que pode ter tudo, pode ser tudo, menos esquecido. Sua importância, o significado de sua obra, os contrastes tão acentuados entre sua obra e sua vida, o funcionário cioso e metódico e o artista criador e insatisfeito, o homem do lar e para o lar e o escritor sensual até a exacerbação, tudo nele fascina, tudo nele atrai, tudo nele prende, fazendo com que ele domine, por assim dizer solitário, o panorama literário de um certo período do Brasil.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Gostando-se ou não de Machado de Assis, gostando-se ou não do cidadão, ou da obra, ou de ambos – impossível esquecer e ignorar o que ele representou e representa literariamente para o Brasil.

Será possível então desligar-se o homem da obra, estudar um e outro isoladamente? A nosso ver sim, muito embora um complete e venha explicar inúmeras particularidades do outro. O erro maior em que incidem os detratores de Machado, quando querem falar de sua obra, é julgá-la tendo sempre em vista o autor em si, não uma projeção dele, um outro eu, uma outra personalidade na qual ele se desdobrava. Mas não é ainda propriamente disto que se trata. Ora, ninguém nega que tenha sido, muitas vezes, Machado de Assis, como pessoa, uma figura antipática, com atitudes chocantes, por vezes mesmo sem um mínimo de simpatia humana, sem esse calor humano tão contagiante e tão confortador. Pois bem, não é com calor humano, por mais contagiante e confortador, que se faz boa literatura. Além de tudo é preciso saber compreender, é preciso ver o porquê das coisas, estudar o que está por detrás das aparentemente contraditórias atitudes e reações humanas. Machado de Assis procurou se esconder numa couraça, se isolar, fazer-se esquecer. Não para os outros. Mais para si mesmo ou de si mesmo, de seu passado, de sua infância, da doença, dos complexos, da pobreza, de tudo que havia de feio e mau. Por isto nos fazem sorrir interpretações apressadas e primárias que não chegam ao fundo da questão. Ora vem um crítico e diz que Machado de Assis era católico, porque ia a missas de sétimo dia, mero ato de cortesia; ora diz que ele amava tanto sua cidade que nunca quis sair dali, quando bem se pode contrapor (e com maiores razões) que ele não saia devido aos complexos de doença e cor, mesmo à pobreza; ora se diz ainda que ele sempre foi um desligado do meio ambiente em que viveu; ora se toma o testemunho de uma personagem para se falar da misantropia... No entanto, o problema é muito mais profundo, exigindo compreensão e análise para se chegar à raiz do fato.

Mas tudo desaparece quando se estuda o escritor, esse homem estranho que nos legou págias das melhores da literatura brasileira, o genial criador da Capitu, do Quincas Borba, de Bentinho e de tantas outras personagens.

O valor da obra do autor de **D. Casmurro** cresce com o decorrer dos anos. E sua figura também sai maior, diluindo-se em brumas o homem seco que ele foi, o homem que esquecia as amizades, que esquecia os que o ajudaram na fase difícil. Mas também é bom lembrar que ao lado deste homem assim descrito, para nos confundir sempre, existia o outro, o que defendia até a última hora suas convicções, o suave cantor de "Carolina", o preocupado (embora procurasse não demonstrar) com os outros.

É a obra do pai da Capitu uma prova de tenacidade, de ingente esforço, de vitória sobre si mesmo e sobre o que pareciam ser suas limitações. Escrevendo desde cedo, e muito, somente com seus últimos livros conseguiu se realizar plenamente e nos legar uma obra que viria a se tornar a mais importante e significativa da literatura brasileira. Por isto, ao 'esquecer' ele o que o Sr. R. Magalhães Jr. anda agora exumando, sabia muito bem o que estava fazendo. Para uma idéia, um conhecimento do que ele fizera no começo da carreira, bastaria o que está nas edições correntes de suas obras. O que existia publicado com pseudônimos era para permanecer assim. O que o Sr. R. Magalhães Jr. tem reeditado nestes derradeiros tempos, nada acrescenta ao nome de Machado de Assis. Serve, quando muito, aos estudiosos, aos que se interessam por analisar o lento trabalho de autocrítica e de progressivo aperfeiçoamento por que foi passando Machado. Aliás, sob um certo aspecto, a publicação desses volumes pelo Sr. R. Magalhães Jr. é de efeito negativo, já que os demais livros são difíceis de se encontrar. Dá ao leitor desprevenido uma idéia falsa de Machado, mostrando um escritor não realizado, à procura de seu instrumento de trabalho, com um estilo frouxo e uma temática desimportante. Em síntese, um Machado que não é o autêntico. Enquanto isto, o autêntico permanece mais ou menos inacessível, já que somente de uns poucos anos para cá começou a ser novamente divulgado. Ainda assim sua força é tamanha que o interesse por Machado só tem feito aumentar constantemente, tendendo a se intensificar tão logo as novas gerações tenham acesso fácil à sua obra.



Acusa-se Machado de muitas coisas. Louva-se Machado por muitas coisas. Mas o que não se pode negar, no que todos estão unânimes, é em que sua vida foi uma caminhada constante na procura da perfeição formal e temática da obra literária. Influenciado por autores ingleses como Swift e Sterne, tendo neles buscado a linha mestra do seu humor, não ficou na mera influência esterilizante, mas transfundiu tudo aquilo até transformá-lo, por um processo de recriação artística, em coisa própria, pessoal, com características específicas.

Machado de Assis, introspectivo, amargo, irônico, pedindo, exigindo amadurecimento e releitura, não dispensando a colaboração e integração do leitor em seu mundo particular para se entregar, não é de forma alguma o que se convencionou chamar um escritor fácil. Não é ele epidérmico. Ao contrário. É profundo, atingindo nele a análise psicológica dos personagens profundidades insuspeitadas. Vai ele se esgueirando, negaceando. Exige atenção, concentração. Cheio de sutilezas, naquele jeitão de quem não quer nada, enxuto, preciso, por vezes seco, quando dominado ele se mostra cheio de encanto e sedução. De um sensualismo profundo e contagiante, hoje nos rimos das críticas que ele fez a Eça de Queiróz. Machado de Assis, em matéria de sensualismo, deixa de Eça de Queiróz longe. Ele sugere, insinua, deixa o leitor preso em sua rede, ansioso, impregnado daquele clima sensual. Sim, é todo impregnado de sensualismo, na maneira como escreve, na maneira como se detém em certos detalhes, num quase nada, no jogo das palavras, na análise dos tipos, em todo aquele clima específico que ele recria e vai conduzindo lentamente, no ir e vir, nas sugestões que deixa pendentes... Eça de Queiróz, ao contrário, vem direto, atinge diretamente os sentidos. E se é mais forte, no impacto, é menos firme, menos preciso, muito menos profundo. Vai ao sentimento, enquanto Machado de Assis vai à inteligência. E brinca, entre irônico e amargo, com o leitor. Contos como "Uns braços" ou "Missa do galo" por exemplo, são um primor não só pelo que expressam, pelo que transmitem, mas acima de tudo pelo que insinuam, sugerindo muito mais do que dizendo. E literatura é sugestão...

Contista acima de tudo, foi neste gênero tão difícil da história curta onde ele se realizou mais integralmente. Mesmo seus melhores romances, **Memórias póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba** e **D. Casmurro,** são principalmente contos, contos com uma linha mestra, contos pela técnica, pelo clima, pela realização, por tudo que os compõe.

Agora, quando decorrem 50 anos de seu desaparecimento, a bibliografia sobre Machado de Assis é enorme. Mas muito ainda há para dizer a respeito desta figura tão contraditória e ao mesmo tempo tão humana. A importância de Machado de Assis na literatura brasileira é fato inconteste. Ponto pacífico. E a maior prova disto são os livros, os artigos, as discussões que constantemente estão surgindo, prova maior de que ele não pode e não poderá ser ignorado.

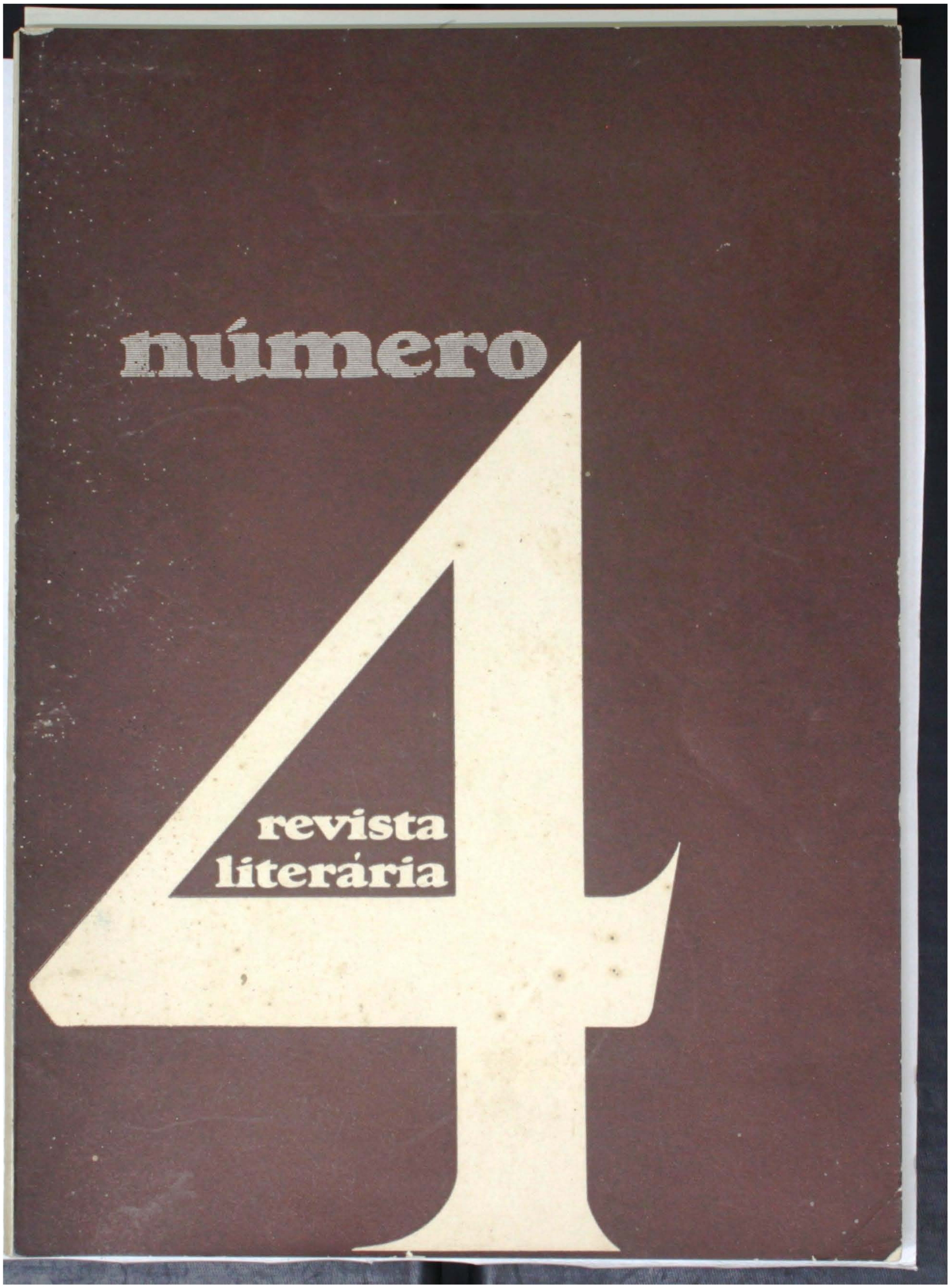
Um dos benefícios, se assim poderemos nos referir à data, que decorre deste cinqüentenário é a liberação de sua obra. Oxalá tenhamos, agora, divulgados como merecem, numa edição digna de seu mérito, os livros do que talvez seja o nosso melhor e mais integralmente realizado escritor.

(**Roteiro,** nº 2. Florianópolis, setembro de 1958.)

Nota de 1989: Ao reler agora, decorridos mais de trinta anos de sua publicação, este artigo escrito quando da passagem do cinqüentenário da morte de Machado de Assis, vejo que pouco modificaria ou acrescentaria ao que nele se encontra. Minha admiração (diria mesmo fascinação) pela obra do autor de **D. Casmurro** só faz aumentar a cada releitura. E os novos trabalhos publicados vieram confirmar muitas de minhas afirmações. Modificaria a forma, não o conteúdo. E também, claro, depois de um igual fascínio por Eça de Queiróz (foram os dois escritores de língua portuguesa que mais li a partir dos meus 10/12 anos), houve um período em que o deixei de lado. Hoje, se continuo mais preso ao Machado de Assis, à sua maneira de mais insinuar do que explicitar, não posso negar que retomei com prazer a leitura de alguns livros de Eça, como, por exemplo, **Os Maias** e **A ilustre casa de Ramires.** Mas esta é outra história.

* Crítico e ficcionista.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ceiras dêle, - Laura e Simoana.

E, comovida, voltando-se para meu tio:

- Leó, agora vê se és homem pra sustentar o que fôste dizer a teu irmão. Anda.

- É invenção, dona Clara, - voltava o ambulante. - É um falso que estão inventando contra ela, seu Luís. Juro que tudo não passa de, -

Encarou Leó, com mêdo de completar. Minha mãe se lhe aproximou e reencheu sua xícara. De repente, os olhos cheios d'água, se voltou gritando, exaltada:

- Diz onde eram nossos encontros, diz!

Papai se levantou, segurou-a pelo ombro e a conduziu até a varanda. Beleza também ficou de pé. Ouviram-na ainda acrescentar, da cozinha:

- Desculpa, Beleza,isso era preciso. Era.

Em seguida os três tomavam para a quitanda.

CONTO DE SALIM MIGUEL

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

NO CARTÓRIO

SENTIA-SE cansado e inútil. Mais: desnorteado e indeciso. Parou, encostou-se à parede. Com a manga enxugou o suor da testa. Observou os degraus. No alto, a sala. Escura, silenciosa. Suspirou. Armou-se de coragem.

- Psiu... ei... môça!

A jovem olhou:

chapéu de palha rodando na mão, descalço, roupas remendadas, barbudo, olhos piscos e vivos - um caboclo. Lá de baixo, sem disposição para subir os poucos degraus, chamava-a.

Notava-se que vinha de longe, a poeira

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

dos caminhos infiltrando-se nêle, impregnando-o. Desconfiado, andara e andara, sempre empurrado para diante, já nem sabia o que fazer ou a quem dirigir-se, como resolver o problema que o atucanava, pensamentos porcos e tumultuados, imaginando que todos zombavam dêle.

- É aqui o cartório?

perguntou a mêdo, sem entusiasmo, certo de que lhe dariam a mesma resposta, lhe indicariam outra direção, o senhor vá até aquela esquina, siga sempre pra direita, tome em frente de um prédio grande, depois de atravessar todo êle entre e quebre prá esquerda, não tem como se enganar; seguia, lá mandavam que voltasse, não é mais aqui não, o senhor vá até a pracinha aquela e pergunte que logo lhe indicam; ia, indagava ao primeiro passante, me desculpe que não sou daqui, não conheço nada não, era a resposta; tocava-se outra vez em busca de informação.

Suor, fome, fraqueza, o sol subia a pino e descia rente, penetrando-o, deixando-o tonto. Parecia-lhe que voltava sempre aos mesmos lugares, um tanso, sim senhor, falava com as mesmas pessoas. E tudo pra quê? Uma raiva surda e informe tomava-lhe o ser. Tudo por quê? Bobagem! Besteira, sim se

nhor. Bem.

Descrente, repetiu para a môça:

- É aqui o cartório, me diga?

e esticando o pescoço, queixo lá adiante, mostrava o local onde ela se postara, pensativa, chateada com o serviço monótono e igual que a consumia e a seus sonhos. Mais para o fundo agora êle entrevia prateleiras atulhadas de grossos livros, um pó fino, teias de aranha. Num canto onde o sol nunca chegava, numa mesa antiga, cheia de cadernos, papéis e livros, um velhinho mirrado anotava a vida, nascimento e morte, num enorme e ensebado livro.

- É, sim, é - disse ela numa vozinha estridente.

O caboclo admirou-se. E admirou-a:

potranca nova, muito pintada, carnuda, firmando-se ora num salto ora noutro do sapato alto. "No ponto" - pensou. E riu.

- Dá licença?

- Chegue-se.

Subiu até onde ela estava, num passo arrastado e lerdo, pôs-se a rodar o chapéu nas mãos calosas e escuras. Não sabia como atacar a conver-

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

sa. Desacostumado dessas coisas,do contato com as gentes, pescador que ouvia o rugir dos elementos com êles se entendendo, em casa poucas palavras, no boteco do vilarejo o bebericar com os companheiros, aguardando a hora de fazer-se ao mar. Linguagem de resmungos e gestos.

Incentivou-o:

às ordens!

- É que... - riu-se êle, num riso gutural, constrangido. Buscou as palavras, parou. As palavras não lhe vinham, não se juntavam, em seu cérebro, para formar as frases. Não tinha o que transmitir, como transmitir. Pensou, um vinco no rosto, fixou a môça, forçou o sorriso. Ela esperava, insistiu:

- sim.

- É que... a môça sabe... euqueriaregistraumpiá... - soltou num jato.

- Quando foi que nasceu?

Aquilo era uma fórmula que ela repetia, mecânicamente, sem pensar, enquanto tomava do papel e do lápis e se preparava para as anotações.

- Hein!

- Dia do nascimento.

- Fazumtempinhojásimsenhora.

- Quanto? Onde foi? Sexo. Côr. Hora. Localidade. Lugar.

- Han!

O caboclo encarou-a, admirado,intrigado, que queria ela com aquilo, tantas perguntas, vinha registrar um guri, não se submeter a um interrogatório de polícia, onde já se viu, onde. Pois sim!

- Quanto tempo? - repete, insistindo a môça com a mesma indiferença.

- Foi lá por 1954, não sei bem não.

- Então vai ter que pagar multa, já passou do prazo estipulado por lei para registro, o senhor devia saber, tem que comprar um sêlo...

- Multa...

- É. Veja, vá até...

- Multa?

- Sim. Sabe onde é, lá...

- Mas me explica, dona môça, esta coisa de multa, porque...

Parou, atrapalhou-se, esgotado do esfôrço feito para raciocinar e acompanhar o pensamento da môça, ficou sem saber, o que quereria ela mesmo dizer, e êle, coçou a cabeça, que coisa, multa, entendera bem, multa, quem diria, multa, pra se ter filho, multa, engraçado, bem dissera pra mulher que

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ia dar em droga, conversa mole do homem o tal de registro pra mode se amelhorar de vida, ter um adjutòriozinho, besteira, melhorar de vida uma merda, multa, ora já se viu, pra ter filho, multa, devia era ser mais dinheiro pra aquêles sacanas encher o pandulho, que multa, pagar, sim, vai esperando, vai esperando sentado.

- Eu... - recomeçou.

Mas foi interrompido. O disco voltara a rodar:

- Nome, dia, hora, local de nascimento.

- Ah, moça...

- Tem testemunha, me arranje duas testemunhas.

- Ah, môça, tenho não, sei não, como é que vou saber, não vi nascer não senhora, não entendo dessas coisas, só da outra parte, da outra, sabe, de ajudar na feitura... Mas que nasceu, nasceu... foi até a cumadre Maroquinhas quem ajudou o inocente a vir ao mundo... Nascer, nasceu... e agora está taludinho e um porrinha muito de grande...

Deixou a palavra pendente no ar e um sorriso gaiato rasgou-lhe a bôca, mostrando uns cacos de dentes cariados.

Impassível, prosseguia o disco:

- Nome da mãe?

- É que... veja...

- Não sabe; não é sua mulher?

Naquela máquina notava-se um comêço de irritação.

- É, isto é, então não havera de ser! Mulher é, claro que é, já se viu... que coisa, é... ora... bem... explico... como não ia ser... que que está pensando... é...

- E daí, vamos, fale!

- Bem, sabe como são essas coisas, não é, eu... a cumadre...

Mas o disco retornava, com a mesma precisão, interrompendo-o:

- Nome dos avôs? Onde reside?

- Eu... o quê?

O impulso que ia tomando sumira-se. Sentia-se mais cansado, acuado, queria recostar-se, deitar. Comer alguma coisa, beber uma pinga. Recuando e se afastando, avançando e aumentando, diluindo - se, recompondo-se, via a mulher diante dêle. A mulher ou a môça? "Tá em ponto de bala, boa pra cama" - pensou. Mas também êste pensamento custava a chegar, foi interrompido, via as carnes flácidas e gastas da mulher se interpondo, outras imagens ou

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

começos de frases se intercalavam. Agora, uma voz, lhe chegava de muito longe. Seria a da jovem?

- Onde mora? É casado? No civil e no religioso? Tem mais filhos? Me expliqueporqueeeeeeeeeeeee...

Num ritmo sempre mais rápido as frases escorriam dos lábios pintados, desnorteando o homem, confundindo-o. Cada vez mais cansado, e tonto, sou mesmo um tanso como diz o primo Zuza, parecia-lhe, agora, ver sòmente a bocarra pintada que se abria e fechava, ameaçadora. Engolindo-o.

Gaguejou:

- Bem... a senhora sabe... sa-sa-sabe... bem...eu...is...is-is-is...isto é... é ...é... não é...

Parou. Pensou.

A jovem observou-o. Misto de pena e asco. Suspirou. Redobrou de paciência. Tornou-se mais precisa, mais eficiente.

- Muito bem. Vamos recomeçar.

- Hein! O quê?

- Re-co-me-çar. Co-me-çar tudo de nôvo. Nome dos pais?

O caboclo saltou, os olhos brilharam:

- Isto não! Pais não senhora, dona môça.

Ve-veja lá bem: pai. Pai! Que é que tá pensando? Hein! Sou muito do macho! Sim se-senhora dona môça, pai. Que tá pensando com esta coisa de "pais"? Quer me gozar, é, é?

Atrapalhava-se, maldição, não era isto que queria dizer, como se explicar, bem que não queria vir, suava, fraco, o calor, sabia que era assim mesmo êsse povo da cidade, só porque a gente somos do mato, só porque a gente moramos no sítio, onde já se viu, tontura, mas não trocava a colônia de pescadores por, um calorão, um solão danado, a fome, perdera a pescaria, que pessoal mais filha da mãe, mais isto agora, perdera uma boa pescaria, época de curvina e bagre, ganhar um bom dinheirinho, uns tusta a mais bem que não faziam mal, vinham na hora, andara e andara, e ainda ter que escutar, daquela vaca, caminhara de déu em déu, pra que, besteira, mas fôra pra atender a um pedido da mulher, o môço lá da cidade passou por aqui e disse que era pra mode de a gente arregistrar o gurizote lá no cartório, se a gente arregistrasse nós até que podia conseguir uma ajudinha, tão precisados que tamos, depois, é obrigado por lei, o môço lá da cidade que disse, tu sabia-sabia, tu bem que podia ir lá na cidade fazer, davas até um passeio, eu bem

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

que disse quando êle nasceu, o pobrezinho, mas tu quando empacas, o moço lá da cidade que passou visitou tôdas as casas, vai ali na cumadre ver só,vai, pergunte pra ela, o moço lá da cidade tomou os nome de todo mundo, o govêrno quer saber, pra mode de ajudar os pobre, êle começou recusando, não, não ia, que não ia, não vou, que deixasse prá lá, besteira, me deixa, depois êle não gostava de descer pra cidade, não gostava mesmo, mas quem pode resistir quando mulher começa atucanando a vida da gente, não há cristão que resista, por que mulher não fica fazendo o que deve, por que, cuidando da casa e dos filhos, mexericando com as cumadres,indo pra cama com a gente, pronto, essa ai tôda arreganhada está mesmo no ponto, depois de uma boa trepada não aporrinhava mais ninguém, mulher é bicho dos diabos, me digam, quem pode arresistir, o de que êle gostava mesmo era de ficar quietinho na porta do boteco tomando a sua pinga e esperando o chamamento do mar, mulher não pára, vive só aporrinhando, por fim disse que sim, que sim, chega, vou, vou logo , vou agora, vou amanhã, vou, que ia, sim, vou, pronto, saiu bem de manhãzinha, caminhou, viu a barra do dia surgir, o sol subir, o calor, ali estava, depois de andar, depois de perguntar e rodar feito

peru, e pra que, me diga, mulher, pra que, perdi meu dia pra que, sim senhores, me bota mais uma pinga pra todo mundo, ouçam, escutem só o que me aconteceu, a môça descarada me perguntou pelos pais de meu filho, pra ouvir aquilo e ficar calado andei meio dia, pois, ora-ora onde já se viu, caleime nada, só-se-aqui os guris têm pais, né, pode ser, na cidade tudo é diferente, o povo de lá, é possível, sim, o meu cumpadre não veio vender aquêle camarão e a dona do patrão não se abriu todinha pra êle, não foi mesmo, quase nua com as partes aparecendo, riu, tudo tão diferente, tão, riu mais, atrapalhava-se todo, repetia-se sempre as mesmas palavras, como se explicar, a môça não entendia nada, sabia bem do que ela precisava, ali arreganhada e imóvel, assustada também:

- Pais não, pai, sim-senhora-dona-môça , pai, que que tá pensando então de mim com esta coisa de "pais", não uso chapéu-de-bode não, só porque a gente somos um povo pobre não precisa de abusar, pai, é isto, isto é, bem, sim, não, pai, veja lá o que diz, com quem fala, não abuse não, me arrespeite... pai, sou muito do macho, posso provar, quer, na cama ou em qualquer lugar, a minha peixei ra se falasse contava histórias, olhe com quem fa-

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

la, pergunte pros homens que me conhecem,e pras mu
lheres sim, pai, vou me procurar, não, vou procu -
rar outro lugar pra mode de arregistrar meu filho,
MEU FILHO,melhor, não arregistro nada não, não pre
ciso não, pra que, hein, bem que eu sabia, disse
mesmo pra mulher antes de sair, bicho teimoso, que
arregistrar que nada, sai pra lá, me deixa mulher,
me deixa, não te disse, taí o resultado não preci-
sava receber esta pelas ventas, me deixa, onde já
se viu, onde, desaforo não levei nunca pra casa,
"pais", esta é boa, MEU filho, meu, ora-ora! PAI,
entendeu bem!?

Apontou com um dedo para a môça, reco -
lheu o dedo, avançou, parou, recuou, apertou as
mãos, amassando o chapéu, fêz menção de se reti-
rar, parou, voltou-se novamente para a jovem, mu -
da, encarou-a, firme, definitivo, repetiu: PAI!,
indignado. Pôs o chapéu e se retirou, muito têso ,
sem cumprimentar a môça, pregada à porta, eficiên-
cia sumida, sem voz, abrindo e fechando a bocarra
pintada, não sabendo o que retrucar, sem compreen-
der o porquê do desabafo. Lá no fundo, indiferente
a tudo, o velhinho continuava anotando.

- Pais... oraessaondejáseviu...pai. PAI!

O caboclo se perdia ao longe e ali ainda

chegava, reboante, a voz indignada, irritada.

Continuou andando, ruas e ruas, o solão,
atordoado, fome, sêde, ruidos indistintos, nem uma
sombra sequer, suor escorrendo, fraqueza, carros,
buzinas, gente apressada atropelando-o, não sabia
mais onde estava, tontura, tudo igual,casas e ruas,
a sêde, uma sêde que crescia, de todo êle, de den-
tro, lábios ressequidos, chegar em casa, vais ver
mulher-do-diabo, vais ver, ora-ora-onde-já-se-viu,
uma pescaria tão boa, o piá, uma porcaria tudo, o
mar, certamente a essa hora os camaradas já teriam
voltado, com peixe, estariam no bem-bom do boteco
saboreando uma pinga, modorrando, trocando monossí
labos, tinham saído cêdo, com a bruma encobrindo a
longa faixa da praia, as canoas balouçantes,o frio-
zinho gostoso, êle ali, êsse povo da cidade é mes-
mo assim, e aquela, carnuda, beiços vermelhos, uma
peitama, a bunda saltando do vestido, do que ela
mesmo precisava êle sabia, fome, fome, o solão sem
pre mais forte, bem no meio do céu, descendo rijo
e rente, penetrando-o, sêde, e fome, um furo na
barriga, a cabeça ardendo, suor pegajoso,calor, ca
lor, sêde, tontura, tortura, aumentando, pais, ah,
essa não, não, te disse mulher teimosa, te disse,
vai arregistrar pra mode de termos um adjutôriozi-

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

nho, viste só, chapéu-de-bode pra mim não,quem pensa que eu sou, me arrespeite dona, uma sombrinha ao menos, um gole dágua, uma árvore, uma graminha, não tem jardim esta merda de cidade, estirar-se, esquecer, descansar.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Crônica da Capital

VENTO SUL

Salim Miguel

Florianópolis é a amante preferida do vento sul. Não se passa mês sem que êle a visite. Chega, repentinamente, de manso ou violento; enterra-se por tôda ela, chupa-lhe os bicos dos seios úmidos e alvos, brinca-lhe com a coma basta e esvoaçante, enrosca-se em todo seu corpo, repleta-a de carícias lascivas. Acalma-se, por rápidos instantes, como exausto, para logo voltar mais violento. E acaricia, a abraça, a beija com seus lábios de "brisa", fala-lhe com sua voz fininha e lamuriante.

E assim, nestes curtos três dias, sem descanso, de dia e de noite, êle a ama, a possúi, a goza.

Ingrata que é, a cidade, finge que não o nota. De dia, murcha e triste, olha com olhos que não veem, pensa sem pensar, vive sem viver, ama sem amar, deixa-se acariciar, abraçar, beijar, possuir, como se fôra de pedra. Como diria o poeta:

"Tôda de pedra
deslumbrante e nua
Tu' alma é fria
não responde a minha . . ."

À noite, o vento sul não se cansa de a procurar, de a acariciar, de a ver, de lhe murmurar ao ouvido palavras apaixonadas, de lhe pôr os olhos nos olhos. Numa insistência e constância que comovem.

Ela não o vê, coitadita! Pudera . . . É quase cega.

Já de dia quase não anda, não se movimenta, não trabalha, não passeia, não brinca. Falta-lhe força . . . elétrica. De seus olhos de luz mortiça nem um clarão mais pode luzir. Com o brilho opaco, quase nulo, não pode suportar a fosforência dos olhos do amado. Porisso mais se esconde, mais acanha, mais se entranha em si mesma. Não escuta o que lhe sussurra, em surdina, o amado. Não sabe das aventuras por que passou, dos trabalhos que teve, dos perigos, das doenças, das novidades e transformações que vão pelo mundo. Nada sabe e nada procura saber. Deixa-se ficar num "dolce far niente". Sendo jovem, tendo infindáveis belezas naturais, procura no entanto as mesquinharias da pseudo civilização século XX. Do que mais falso e anti-natural essa civilização possúi. Não busca as reais conquistas, as descobertas que dignificam o homem e o elevam. Nada sabe . . . a não ser sôbre novidades cocacoleanas. Ah, as futilidades, o diz-que-diz-que!

Não podendo — pois não é milionária — usufruir e utilizar tôdas as novidades e últimas modas que o tão decantado "século das luzes" proporciona, vive num arremêdo tragi-cômico. Seus caricatos de civilização (no mau sentido), seus desejos de grandeza, provocam um riso irônico e complacente. Pobre coitada! Poor Girl!

A lua, nas raras vêzes em que a visita, é que lhe empresta seu manso clarão. Então tôda ela se despe do seu enfado, goza as curtas horas de clarão lunar, anima-se, se entusiasma, promete soluções e . . . Depois . . . mais trágica e mais taciturna . . . volta à escuridão, mendigando um pingo de luz das estrêlas que a olham com desdém e não lhe dão resposta.

(*Continúa na pág. 28*)



Ilustração de **Yllen Kern**, para o livro
"O HOMEM DE DUAS CABEÇAS"
de **Almeida Fischer**

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

VENTO SUL

(Continuação da página 10)

Assim são os sonhos e projetos dos homens. Curtos como um larão lunar. Irreais como as coisas que nos aparecem sob tal luz.

Se acontece luar e vento sul se encontrarem, dá-se como que um choque elétrico, magnético. Dos olhos artificiais e fictícios da cidade e dos olhos do vento surgem faíscas, os dois olhares se chocam, se atraem, se possuem, e, na despedida, o lamento da ventania é maior e a tristeza da cidade aumenta. Desolação cobre tudo; um manto negro avança, dominador, fica pendendo por sôbre a urbe. E todos, pessoas, animais, pedras, árvores, água, tudo enfim, parece possuido por um ser maligno.

Os dias passam calmos e monótonos; as noites são tristes e quietas, numa quietude cemiterial. Vagas sombras de pessoas cruzam as ruas, raros notivagos se aventuram. À beira-mar, raras luzes piscam, um ou outro barco boiando; na água negra parcas estrêlas se refletem.

. . . E a poeira do tempo vai se acumulando sempre igual e calma, indiferente, sempre indiferente, igual e calma . . .

. . . . .

Ah, o vento sul, o meu bom amigo vento sul!

Certa noite, não há muito, encontrava-me solitário sob a vetusta figueira da praça XV. o vento sul se encontrava mais violento e furioso que nunca. Os olhos da cidade mais escuros que nunca. Eu meditava. As árvores, múltiplas e diversas, altas e baixas, finas e grossas, pendiam ante a fúria do vento, que zunia. Milhares de folhas e flôres, em comunhão, revoluteavam, carregadas para longe. Repentinamente uma lufada mais forte chega até a figueira, enlaça-a com seus mil braços, sacode-lhe as folhas e os galhos, espantando os passarinhos que dormitavam, toma todo o tronco, as barbas-de-velho são arrancadas, ninhos atirados à distância, e cada vez mais de mim se aproxima. Desce, sempre mais e mais, sempre roda-rodopiando, repleta todo o tronco, o canto em que eu me encontrava lhe serve de assento, vai se chegando mais, até ficar ao pé de mim, abancado e caimo, risonho, muito senhor de si.

É um ventozinho malicioso, que gosta de perseguir as moças, dizer graçola às velhotas enxeridas, judiar das crianças e velhos.

Fala-me — e por mais de uma hora conversamos sôbre mil diferentes assuntos. As guerras, as políticas *(por alto)*, as literaturas, as artes, as ciências . . . Conta-me das viagens que faz . . . e eu o invejo . . .

Mas vejo que o vento anda inquieto. Quer me dizer não sei o que, desabafar. Tem mêdo, não sabe se pode confiar em mim. Trato, então, sutilmente, de lhe captar a confiança. Negaceios de parte a parte. Aparente desinteresse da minha. E êle, "cai".

Conta-me de seu rancor contra esta cidade da qual, por um desígnio superior — o vento sul é fatalista, acredita no destino feito, traçado com antecipação, no orientalíssimo "mactub" — não lhe é possivel fugir. Diz-me — e sua voz fininha treme num mixto de ódio e amor:

— Veja, visito cidades grandes, limpas, modernas, que não precisam esperar pela luz da lua para se iluminarem, que não precisam de chuva para tomarem banho, e, no entanto, sou obrigado a voltar, sempre voltar a esta "ilha verde". E repare bem, não é de agora que isto acontece. Não! Já nos tempos coloniais, mesmo antes, nas invasões dos piratas ingleses, franceses e espanhóis, eu aqui estava. Via-os chegar, desembarcar, depredar,

Laboratório de Análises Clínicas

DIREÇÃO TÉCNICA:

Dr. Célio Ramos — Dr. J. Sombra — Dr. Belisário Ramos Neto

Pesquisas Clínicas em Geral - Exames Anátomo-Patológicos - Metabolismo Básico

LAGES - Rua Correia Pinto N. 68 - Fone 142 - Sta. Catarina

matar os selvicolas, enquanto êstes olhavam atônitos e impotentes. Depois, vi a chegada dos desbravadores, dos açorianos, dos bandeirantes de Dias Velho. Acompanhei a fundação e o crescimento (se assim se pode chamar) progressivo da cidade. As choças, a primeira igreja, a primeira casa de pedra, o primeiro bar, o primeiro meretrício, a primeira inveja, o primeiro ciúme, o primeiro assassinato . . . Vi a chegada do célebre explorador francês Saint-Hilaire, que tanto admirou as belezas naturais da ilha. Palestrei com as maiores personalidades do Estado, em todos os setores, dei conselhos que nunca foram acatados. Não faz mal.

— Mas você . . . — interrompi eu.

— Nada, nada — me retrucou. e disse:

— Ah, eu amo a arte, os belos versos. Cruz e Souza, fui seu primeiro confidente e admirador. Quantas noites, à espera da glória tardia êle me declamava seus poemas. Você já viu algo mais belo do que os "Violões que choram"? Me parece até que é um poema meio vento, sim, de vento, atravez do ritmo, da cadência lamentosa, como de vento balouçando as folhas dos ciprestes outonais. Escute:

"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes,
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas."

JOALHERIA
WOLNY

Relógios,
Jóias,
Bijouterias,

—

Artigos para presentes

—

Rua Mal. Deodoro (Edif. Paulo Broering)

LAJES

GRANDE HOTEL ROSSI

Exclusivamente Familiar,
Cosinha de 1.ª ordem,
Agua encanada em todos os quartos.
Rigorosa higiene.

•

Proprietário:
José REGININ

•

Rua 15 de Novembro
(Próximo à Estação Rodoviária)

LAJES

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Olhei-o, calado. Continuou:

— Mas eu não sou reacionário, não sou dêsses velhos gagás (e gargalhou gaguejeantemente, imitando; admiro e admito tôdas as manifestações sinceras de arte. Sou evoluído. Só os que estagnaram é que reclamam contra tudo. Ou os medíocres. Porque, o mundo, na sua constante evolução, não pode parar. Parar é morrer.

Admirei-me de que êle soubesse tanta coisa e lho disse.

— Qual o que — respondeu-me galhofeiro — eu sou um vento culto. O povo ainda não me dá valor. Não faz mal . . . Vi muitas outras coisas, presenciei milhares de outros fatos curiosos, pitorescos, cômicos, trágicos . . . Ri e brinquei nos momentos em que a cidade ria. Chorei e sofri nos em que ela sofria. E é porisso, acho, que não a posso abandonar agora que ela está num momento tão cruciante de sua vida. Tão promissor futuro que parecia ter! Quem diria! Não, não sou saudosista e espero que agora tudo melhore. Vejamos. Novos ares, novos dias, novas maneiras de pensar.

Calou-se por momentos, pensativo. Eu nada dizia.

— Bem, — disse-me êle, o vento poeta, de súbito, como quem se lembra de um compromisso urgente. — A palestra está muito boa (só êle falara) mas eu tenho que me ir. Gostei muito de tê-lo conhecido. Qualquer dia voltarei com mais tempo, e então palestraremos bastante. Vou ver o que se passa pelo mundo. Até a vista.

Levantou-se de meu lado, roda-rodopiando, chispou veloz pela figueira centenária e, carregando consigo pequeninas folhas e partículas de ninhos, elevou-se, desaparecendo no céu de ébano que tudo cobria e onde uma única estrêla pisco-piscava.

Por uns minutos ainda reboou em meus ouvidos o som de sua voz fininha e lamuriante, cruzando por entre a folhagem cerrada. Dizia:

— Voltarei . . . Voltarei . . .

Escritório de Advocacia

Dr. Mário Teixeira Carrilho

e

Rubens Nazareno Neves

AÇÕES CÍVEIS,
COMERCIAIS E CRIMINAIS,
INVENTÁRIOS, DESQUITES,
COBRANÇAS AMIGÁVEIS
OU JUDICIAIS,
CONTRATOS,
TESTAMENTOS, ETC.

Cx. Postal, 19
RUA 15 DE NOVEMBRO

LAJES
Santa Catarina

LIVROS RECEBIDOS

Edições da Livraria — Editôra da Casa do Estudante do Brasil:

O ESPIRITO DAS ÉPOCAS — *Edmundo Moniz*.

POESIAS COMPLETAS — *Manuel Bandeira*.

O PROBLEMA DA ELETRICIDADE NO BRASIL — *A. Rodrigues Monteiro*.

O HOMEM DE DUAS CABEÇAS — *Almeida Fischer* — Edições Oásis - Rio.

O Baile das Debutantes

Fotografias executadas pela "Foto Rex"

Aproxima-se o fim do ano. Quinze jovens, quinze cabecinhas esperançosas aguardam ansiosamente o seu término. No último dia de 1950 farão sua entrada na alta sociedade. Enquanto o momento tão almejado não chega, dividem o tempo entre os estudos e os divertimentos próprios da idade: cinema, *footing*, reuniões dançantes.

Mas, enquanto se divertem, não descuram os preparativos para o grande dia. Escolha de vestidos, combinação de côres, penteados. É essa a preocupação máxima das futuras debutantes. Outra preocupação, também não isenta de importância é a escolha do padrinho — o pai? o irmão? o primo? o namorado? . . .

Enquanto os dias vão passando, lentos, muitos lentos — assim elas acham —, a inquietação e a ansiedade aumentam. Com a aproximação da hora para elas de suma importância, — cabeleireiras e modistas se apressam nos últimos retoques. Nada deve faltar para a noitada tão esperada.

Às onze horas da noite, os salões do Clube 14, especialmente engalanados para a ocasião, abrem suas portas. As debutantes, junto aos seus pares, esperam o momento da chamada. A música toca em surdina. Os



Lênia Costa Avila

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

007 - MIGUEL, Salim. Vento Sul. **Atualidade.** Florianópolis, n.10, p.80, out. 1948. Edição Comemorativa.

Atualidades



EDIÇÃO COMEMORATIVA

1948 N. 10 - FLORIANOPOLIS - OUTUBRO CR$ 3,00

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O VENTO SUL

SALIM MIGUEL

O vento sul é inconstante e sutil. O vento sul é indiscreto, cruel, malicioso... Não perdoa aos que têm a petulância de o afrontar. Seja homem ou mulher, criança, velho ou moço, rico ou pobre, sábio ou ignorante.

Empurra crianças maltrapilhas e trêmulas, derruba velhos doentes e senis, escarnece dos jovens Tarzans... de alfaiate.

.....

Certa noite, não há muito, encontrava-me sentado sob a vetusta figueira da Praça XV. O vento sul se encontrava mais furioso que nunca. Os olhos da cidade mais escuros que nunca. No jardim, nem viv'alma. Só as árvores, múltiplas e diversas, altas e baixas, grossas e finas, pendiam ante a violência do vento, que zunia. Milhares de folhas e flores, em comunhão, revoluteavam, carregadas para longe.

Repentinamente, uma lufada mais forte chega até a figueira, enlaça-a com seus mil braços, sacode-lhe as folhas e os galhos, espantando os passarinhos que dormitavam, toma todo o tronco, as "barbas de velho" são arrancadas, ninhos atirados a distância e cada vez mais de mim se aproxima. Desce sempre mais e mais, sempre roda-rodopiando, repleta todo o banco em que me encontro, até sentar-se ao meu lado.

Fala-me e por mais de uma hora conversamos sôbre mil diferentes assuntos. O término da guerra, a política, as literaturas, as artes, as ciências, as viagens...

Conta-me, depois, seu rancor contra esta cidade, da qual, por um desígnio superior — o vento sul é fatalista, acredita no destino — não lhe é possível fugir. Diz-me, e sua voz fininha treme num misto de ódio e amor.

— Veja, visito cidades grandes, modernas, que não precisam esperar pela luz da lua para se iluminarem, e, no entanto, sou obrigado a voltar, sempre voltar a esta "Ilha Verde". E, veja, não é de agora que isto me acontece. Já nos tempos coloniais, mesmo antes, nas invasões dos piratas ingleses e franceses, eu aqui estava. Via-os chegar, desembarcar, depredar, matar os selvícolas, enquanto êstes olhavam atônitos. Depois vi a chegada dos desbravadores, dos bandeirantes de Dias Velho. Vi a fundação, o crescimento progressivo da cidade. A primeira igreja, a primeira casa de pedra, a primeira mentira, a primeira inveja, o primeiro assassinato... Vi a chegada do célebre viajante francês Saint-Hilaire, que tanto admirou as belezas naturais da Ilha. Vi e palestrei com algumas das maiores personalidades da nossa literatura, política, pintura, escultura, etc. Inspirei Cruz e Souza, fui seu primeiro confidente e primeiro admirador. Quantas vêzes, alta noite, ainda à espera da glória, êle me declamava suas poesias! Você já viu algo mais belo do que os "Violões que Choram"? Nunca pude esquecer esta estrofe (o vento sul virava lírico de bar):

"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes,
Dos ventos, vivas, vás, vulcanizadas"

É belo, não? Cruz e Souza foi um grande simbolista, igual aos que mais o foram. E então o "velho vento vagabundo"...

Admirei-me de que êle soubesse tanta coisa e lho disse.

— Qual! — respondeu-me — Eu sou um vento culto. O povo ainda não me dá valor. Não faz mal... Esperarei... Vi muitas outras coisas, presenciei milhares de fatos curiosos, pitorescos, cômicos, trágicos... Ri e brinquei nos momentos em que a cidade ria. Chorei e sofri nos em que ela sofria. E é por isto que não a posso abandonar, agora que ela está num momento tão cruciante de sua vida.

— Mas, falei eu: pior, é que ela ainda quer viver no passado, não quer avançar. Falo avançar no bom sentido, progredir pelo estudo, cultura, desejo de saber e avançar. Não por diletantismo. Eu...

— Bem, cortou-me êle, — o vento poeta — de repente — a palestra está boa, mas eu tenho que me ir. Gostei muito de conhecê-lo. Qualquer dia voltarei com mais tempo e então palestraremos bastante. Vou ver o que se passa pelo mundo. Até à vista.

Levantou-se do meu lado, roda-rodopiando, chispou veloz pela figueira e, carregando consigo pequeninas folhas e partículas de ninhos, elevou-se, desaparecendo no céu de ébano, que tudo cobria, e onde uma única estrêla pisca-piscava.

(Tópicos de uma fantasia literária).

Sociedade Beneficiadora de Madeiras Ltda.

TELEFONE 1248 - RUA 7 DE SETEMBRO

Blumenau

Fornecedores de Madeiras em geral

Forro paulista

Encantoneiras de qualquer espécie

Alinhamentos, etc.

Especialidade:

soalho marca STROBEL

Sociedade Anonima Comercial

CASA MOELLMANN

Casa fundada em 1869 - Com Filial em Blumenau.
FLORIANÓPOLIS - Caixa Postal, 96

Secção de Artigos para Presentes:
Praça 15 de Novembro - Esquina Rua João Pinto
Tapetes - Malas finas para Avião - Geladeiras - Utensilios Domesticos - Cristais - Objetos de Arte - Valises e Bolsas - Aparelhos de Porcelana para Chá e Jantar - Jogos de Cristal para Mesa e uma infinidade de outros Artigos para Uso Domestico e Ornamento do Lar.

Secção de Ferragens:
Rua João Pinto, 2
Ferragens - Tintas - Oleos - Material para Construções - Cimento - Louça Esmaltada e de Alumínio - Cutelaria.

Secção de Automoveis:
Automoveis e Caminhões DODGE. Aceitamos encomendas para entrega oportuna.
Peças Ford, Chevrolet e Dodge.
Acessorios para Automoveis.

Distribuidores no Estado de Santa Catarina dos produtos de ferro e aço da Cia. Siderúrgica Nacional (Volta Redonda).
Equipamentos para construções de estradas de rodagem.
Máquinas de escrever "CONTINENTAL"
Motores a gasolina, querosene e a óleo crú
Grupos eletrogêneos para fornecer luz para sitios
Porcelana técnica
Produtos veterinários
Arados, cultivadores, grades de discos e de dentes, pás, enxadas
Válvulas Igassú
Móveis da Cia. Industrial "CIMOS" (Rio Negrinho)
Passadeiras de veludo, linoliun
Tampos de vidro ê de borracha — Cereais
Pneumáticos e câmaras de ar
WESTINGHOUSE
Geladeiras, Aspiradores de pó, Enceradeiras, Máquinas de lavar roupas.
RÁDIOS: — O novo e incomparável rádio-fonografo "Westinghouse", com tom VITAL, traz o mundo ao seu lar!
Compare e comprará um rádio "WESTINGHOUSE".

OSNY GAMA & CIA.

Representações — Conta Própria — Importação — Exportação.
Rua Jerônimo Coelho, 14-A. — Caixa Postal, 239 — Telefone 1607.

FLORIANÓPOLIS

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO ECLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

BN

BOSSA NOVA

REVISTA MENSAL - JUNHO 1960
NÚMERO AVULSO — CR$ 20,00









UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Silvia Hoepcke da Silva, um dos brotinhos elegantes da nossa sociedade é filha do distinto casal Sr. e Sra. Aderbal Ramos da Silva. Silvia, festejou seus 15 anos com uma belíssima festa que movimentou todo o society. Entre flôres importadas do Rio de Janeiro, para decorar a luxuosa residência do casal Ramos da Silva, aconteceu uma grande



A feliz debutante Maria Lucia Barreto, dançando a valsa de quinze anos com seu genitor, sr. Manoel Barreto, na sede campestre do Clube Curitibano.

No setor elegância, a sra Lili Colle vem liderando a sociedade curitibana. Pelo menos, todos os colunistas [illegible]antam em [illegible]a marcan-

[illegible]soluto su-
[illegible]ciais mun-
Rosy Va-
[illegible]ato Mello,
[illegible]eika Stolle
"Garotas-
[illegible]tima Hora,



Milene Lebarbenchon, hoje senhora Dr. Amir Mussi, foi, sem dúvida, uma das noivas mais bonitas da época. Seu casamento foi grande acontecimento social.

O enlace matrimonial do[s] nubentes Maria Helena Canet - Luiz Renato Mussolin marcará época nos anais da sociedade paranaense.

★

Depois de circular pela Cidade Maravilhosa, integrando a caravana de universitários gaúchos que foi participar dos jogos universitários, Eunice Boindi, aluna da Escola Superior de Educação Física, regressou a Porto Alegre.

★

Visitou Florianópolis a exma. sra. Ibrahim (Nair) Simão, uma das senhoras mais elegantes da cidade de Lajes.

Êste suplemento BN (N.º 1) não pode ser vendido separadamente

CONTO

SUPLENTE

SALIM MIGUEL



Ana Maria Siqueira foi a primeira representante do nosso Estado no concurso de Miss Brasil que se realiza anualmente na Velhacap, em festa magnífica da môça brasileira onde a assistência do Maracanazinho delicia-se com o show de charme e elegância das participantes. A catajaiense graciosa tem seu nome sobejamente conhecido em tôda terra barriga-verde indo a outros rincões seu cartaz de figura bonita, esbelta e social. Por isso é normal que Bossa Nova focalize em seu primeiro número essa figura de destaque já que Ana Maria sempre forneceu à imprensa notícias agradáveis. Mas não pensem vocês que é só por isso que ornamos nossas paginas com a bela fotografia. Há ainda o registro do seu noivado com o sr. Laércio Gomes, sócio-proprietário da importante firma embarcadora do Estado da Guanabara. O pedido verificou-se dia 28 de maio último na residência dos pais da noiva, sr. e sra. José Siqueira, em Cabeçudas, devendo o enlace acontecer no próximo mês de outubro.

Bossa Nova, no ensejo do registro do grato acontecimento, deseja à Miss Santa Catarina 1955 e seu privilegiado noivo, sr. Laércio Gomes, as maiores venturas e felicidades.



Sra. Dr. Nilton (Eliana) Cherem, além de ser uma das senhoras mais em evidência na sociedade, também recebeu o título de "A Mãe do Ano". O casal em questão brevemente terá novo herdeiro.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

CONTO

SUPLENTE

SALIM MIGUEL

Êste suplemento B N (N.º 1) não pode ser vendido separadamente

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

NA SALETA, com gente se espraiando por todos os cantos, filmávamos discursos: primeiro plano do orador, plano de conjunto da mesa, plano geral dos assistentes. Detalhes: mão do orador se crispando, palmas, flôres à mesa, papéis. E pronto. Escolhia-se outro ângulo, volvia-se ao orador: fala que fala.

Inùtilmente o cinegrafista procurava maneira de melhorar a qualidade do trabalho. Eu rabiscava anotações para montagem e texto.

— Não o vi chegar. Mais tarde, na tentativa de reconstituição, compreendí que já antes o percebera me rodeando, sem coragem de aproximar-se. No momento, porém, não. Eu estava enervado e preocupado: que sairia de tudo aquilo; como faríamos para contentar o cliente?

Bateu-me no ombro:

— Com licença?

Olhei-o: alto, gordote, ainda moço, rosto bovino, com olhos piscos e inquietos, que não se fixavam.

Não falei.

O homem observou-me alguns instantes, indeciso. Depois:

— Sou-suplente-de-vereador — me disse num repente.

— Muito prazer — retruquei.

— O-senhor-sabe — prosseguiu êle, numa fala arrastada — quando-o-vereador-não-está-suplente-de-vereador-é-igual-a-vereador.

Pausa.

— É-vereador.

Parou, meditativo. Queria sentir o efeito que suas palavras causavam.

— É-ve-re-a-dor — repetiu, com convicção, escandindo as sílabas.

— Ah, sim — foi minha resposta.

— E-agora... overeadornãoestá — ia êle tomando impulso.

— Meus parabens.

Compungido:

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

— Foi-aPôrto-Alegre-tem-um-filhinho coitado-muito-mal.

— Coitado !

Observou-me, em expectativa, tentando adivinhar-me, antes de, afirmativo, concluir:

— Souportantovereador !

Dizendo isto estufou o peito e todo êle pareceu adquirir uma nova dimensão. Admirei-o. Eis aí um vero vereador ! Sinceramente, admirei-o. De homens assim dispostos necessita a pátria estremecida. Um vereador ! Observei-o fixamente. Eis aqui diante de mim, voltei a refletir, um homem que acredita na sua qualidade de suplente de vereador, em exercício. Portantovereador. E que faz de sua timidez, audácia, para viver o papel no qual se encarnou.

Ficamos calados. Em tôrno de nós, rumor indistinto, confuso. Fumaça de cigarros. Flashc explodindo. E lá fora, ribombeavam rojões na manhã cinzenta e chuvosa.

Era num município do interior. Chovia. Há dias que chovia. Céu feio, fuliginoso. Ruas enlameadas, um barro preto, mole, visguento. Neblina pegajosa boiando por tudo, envolvendo a cidade, dissolvendo as pessoas.

Tínhamos que nos limitar às solenidades de interior. Filmávamos discursos. Só. Impossível sair à rua com um clima daquêles. Impossível mostrar o que estava sendo inaugurado. Impossível fixar a cidade com sua paisagem típica, seu casario e sua gente. E lá vinham discursos, aplausos, vivas, risos, cochichos, recitativos escolares, mais discursos. "É o diabo, isto vai ficar mesmo uma bonita merda... !" vivia a reclamar meu companheiro. Abaixava-se, erguia-se, corria, voltava a repetir: "... vai mesmo ficar uma..." Irritado. E toca a procurar novos ângulos. Mas onde encontrá-los, cadê inspiração para tentar e tirar qualquer coisa melhor dali ? Paciência e jeito se haviam sumido há muito.

Era uma cerimônia idêntica, em tudo, a várias outras já filmadas, em lugares semelhantes, naquêles dias iguais. E os oradores, não seriam os mesmos, não estariam repetindo os mesmos "clichês" de todos os discursos ? A própria cerimônia não seria a mesma, repetida em lugares os mesmos, para as mesmas pessoas? Todos fingindo, conscientes do papel que faziam, tendo-o decorado antes.

"Somos hoje honrados com a distinta visita do Exmo. Sr. Dr., que aqui veio, tirando-se de sua co-

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

modidade, e acompanhado de tão luzidia comitiva, o que sobremaneira nos envaidece..."

— Veja só que bestialógico... — urrava o cinegrafista.

— "Não poderíamos, nunca duvidar do interêsse que o Exmo. Sr. Dr. tem demonstrado pelo nosso município; sabemos todos que o munícipe nosso, integrado no progresso da nação, vivendo intensamente a vida da coletividade municipalista que é, no dizer de ilustre coestaduano, a célula mater da nacionalidade, saberá compreender a importância da presente visita..."

O orador pigarreia. Posa para o cinegrafista, obediente ao sinalzinho imperceptível que lhe é feito. Palmas estrugem.

— "Não sou a pessoa melhor indicada para dar as boas vindas a tão distintos e ilustres visitantes: sòmente a bondade de meus ilustres concidadãos me..."

Foi quando o homem surgiu com aquela conversa. Seria ela nova; e êle? Em nossas andanças, com quantos iguais já teríamos topado?

Fitei-o: a cara bovina, sanguínea; os olhos que não se fixavam; o cabelo grosso e curto; as orelhas saltadas... tudo parado, até os próprios olhos inquietos pareciam parados. Nele, agora, só as mãos falavam.

O silêncio, entre nós, tornava-se pesado, isolando-nos do resto.

De repente, como quem adquire coragem, consciente da sua qualidade de suplente de vereador, em exercício, portanto vereador, o homem tentou encarar-me, rosto vermelho e tenso, forçou um sorriso. Ergueu a manopla, num gesto amplo, abarcando tudo, indicou as pessoas ali postadas, depois meu companheiro que procurava posição para uma tomada. O braço ficou estendido, a mão rodando, num vai-e-vem, num gesto tão expressivo que imediatamente adivinhei o que viria.

— O-se-se-se-nhor — gaguejou êle, procurando em vão, com a palavra, reforçar o gesto — o-se-se-nhor...po-po-deria...fazer...uma filmezenzinha... co-migo...

— Não... não posso!

Minha resposta foi pronta, iniciei-a antes que êle terminasse a paalvra "comigo...".

Olhou-me estupefacto, entre admirado e incrédulo. Imaginou não haver entendido bem. Procurou repetir:

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

— O-se-se-nhor-po-de...

Interrompi-o :

— Não !

Um "não" sêco, definitivo.

— Mas... — a voz vinha trêmula, implorativa e interrogativa.

Lastimei-o. Sinceramente. Adocei minha voz:

— Já me explico, para que não pense mal de mim.

Encarei-o, amigo e colega, na voz puro açucar:

— Veja, sou suplente de cinegrafista.

Fiz uma pausa. O que eu acabara de dizer devia penetrá-lo bem fundo, atingindo-o até no mais íntimo.

— Suplente...

A palavra, enunciada com precisão, numa entonação dolorida, ficou boiando no ar, prenhe de significados e subentendidos, antes de tomar o caminho indicado e forçar a compreensão de meu ouvinte.

— Sup...

Parei. Cansado do esfôrço. Como quem capricha, busca os termos mais exatos, mais adequados, necessitando medí-los e pesá-los. Fingí-me embaraçado. Encarei-o outra vez. Desviei os olhos. Provocava, intencionalmente, uma situação dúbia, que nos envolvesse, criando um clima específico, fabricando aos poucos o que eu desejava.

O portantovereador desnorteara. Os olhos piscos vagavam, tentando, sem resultado, safar-se. As mãos largadas, inúteis. Ah, se alguém surgisse ! Impossível, falava o chefe, todos prestavam atenção às importantes comunicações que estavam sendo divulgadas.

Só a face bovina, contraída, inquista, ali ao meu lado, tinha um ar súplice, implorando compaixão. Ignorei tudo. Continuei :

— Suplente de cinegrafista é igualzinho a suplente de vereador.

— "Há muito que eu tencionava visitar êste progressista município..."

— Quando cinegrafista não está, suplente de cinegrafista é o mesmo que cinegrafista.

— "... se vos disser, talvez que não me ireis acreditar..."

Pausa. Expectativa. A voz do orador subia:

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

— "... posso vos garantir o meu empenho em servir-vos..."

— E' cinegrafista, portanto !

Parei, pensativo, rabisquei qualquer coisa, cocei o cabelo com o lápis.

— Cinegrafista !

— "... não vos fala aqui o político, fala-vos o amigo e companheiro que se tem alegrado com vossas lutas e vitórias e sofrido lamentàvelmente..."

— O mesmo que suplente de vereador, quando o vereador não está.

Encarei-o. Voz calma, sem modulação, impessoal.

— "... problemas, prementes..."

— Verea... cinegrafista, portanto. Certo ?

Esperei resposta. Como demorasse, repetí :

— Certo ?

Moveu a cabeça. Tímido, concordativo. Mãos nos bolsos das calças.

— "... o que vos quero dizer meus comp..."

— Mas quando o cinegrafista está, o suplente de cinegrafista é nada. Nada !

Esboçou um sorriso. Retribuí. Abriu e fechou a bôca. Som algum saiu.

— O mesmo que suplente de vereador, estando o vereador.

Fez um gesto de recuo. Encarei-o, demorei-me um instante. Depois :

— "... contei comigo... que não vos faltarei nas horas de luta..."

— Nada, hein !

Pausa mais demorada.

— "CONTAI COMIGO ! !"

— NADA, HEIN ?

Terminara o discurso e os aplausos, prolongados, coroavam o orador. Novos foguetes explodiram. E vivas. O senhor suplente se pôs a bater palmas, com violência.

— Não lhe parece ? — sacudí-o.

Fiquei sem resposta. O homem entusiasmara-se com os próprios aplausos e com a brilhante exposição do chefe, redobrara o vigor das palmas, vivava; agora, interessadíssimo, atento, observava a cerimônia que se desenrolava diante de nós.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Ficara na ponta dos pés, para melhor enxergar.

Cutuquei-o. Não podia, não queria deixá-lo ir-se assim.

— E o cinegrafista está — prossegui, indiferente a tudo, absorvido pelo demônio daquela idéia fixa. Apontei para o lado, onde meu companheiro, tendo descoberto um bom ângulo, equilibrando-se a custo no alto de uma escada precàriamente firmada, preparava-se para novas e emocionantes filmagens que documentariam a magnífcia recepção que estava sendo prestada ao ínclito chefe.

— O cinegrafista está — repetí, em vão.

As pessoas avançavam, se comprimiam, na ânsia de cumprimentar o orador. O suplente de vereador, em exercício, atirou-se para diante. Tentei seguí-lo.

— Psit, psit, ei!

Virei-me.

— Aqui, vem cá, anda.

Meu companheiro, ainda no alto da escada, me fazia frenéticos sinais. Precisava de mim. Caminhei até êle, atendi-o ràpidamente. Voltei, correndo. Vasculhei o local, cheguei até uma janela, olhei para fora, para a paisagem informe se desenrolando diante de mim, para as pessoas abandonando a pracinha fronteira, para o casario esparramado e desigualmente pobre, para a lama preta das ruas, para a chuva que tombava mais forte. À procura do suplente de vereador, em exercício. Portantovereador.

Nada. Aproveitando a oportunidade, êle sumira.

Não mais nos vimos, muito embora continuássemos a nos encontrar nas restantes localidades visitadas.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Banco Nacional do Paraná e Santa Catarina S/A

MATRIZ: LONDRINA — PARANÁ
Praça Willie Davids, 590 e 596 — Caixa Postal, "B" — EDIFÍFIO NOSSOBANCO"
CAPITAL — Cr$ 60.000.000,00

Diretor Presidente — Dr. Aderbal Ramos da Silva
Diretor Superintendente — Sr. Horácio Sabino Coimbra
Diretor Gerente — Sr. Anibal Siqueira Cabral

NOSSOBANCO — UM BANCO A SERVIÇO DO FOVO DE SANTA CATARINA E DO PARANÁ

SUCURSAIS
Florianópolis
São Paulo
Londrina
Nova Esperança
Paranaguá
Paranavaí

DEPARTAMENTOS
NO PARANÁ
Alto Paraná
Arapongas
Astorga
Bela Vista do Paraíso
Bonsucesso
Cambé
Jandaia do Sul

EM SANTA CATARINA
Blumenau
Ibirama
Joinvile
Joaçaba

BRASÍLIA
(Capital Federal)

O BANCO NACIONAL DO PARANÁ E SANTA CATARINA S/A.
CONGRATULA-SE COM A DIRETORIA DA REVISTA
B O S S A N O V A
POR TÃO FELIZ IDEIA
NO LANÇAMENTO DO SEU PRIMEIRO NÚMERO

EDIFÍCIOS
DE
PROPRIEDADE
DO
BANCO
Londrina
Alto Paraná
Jandaia do Sul
Nova Esperança
Blumenau
Florianópolis

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

2

BOSSA NOVA

REVISTA MENSAL — N.º 2

NÚMERO AVULSO — CR$ 20,00







UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

15

SERENATA

noite
nada

silêncio
solidão

sono
sonho

de repente :

"VOZES VELADAS — VELUDOSAS VOZES
VOLÚPIAS DOS VIOLÕES — VOZES VELADAS
VAGAM NOS VELHOS VÓRTICES VELOZES
DOS VENTOS — VIVAS VÃS VULCANIZADAS"

os versos do poeta negro são relâmpagos rasgando a mente.

violões em surdina
trin-tran-tran GRANAAAAADA
reativação da memória

vozes ao longe
terra encantaaaaaaaada
retôrno à adolescência

à medida que as canções prosseguem e os violões plangem
trabalho lento de reconstituição e recriação de um mundo perdido:

outras noites
tão próximas e tão distantes
fluem.

Bosco e seu violão
solando
Carlos cantor —

Zé Tito e seu violão
Melo e seu violão
acmopanhando
eternamente graaaaaaada

Claudio e seu violão
Zé Príncipe e seu violão
cantando
acompanhantes bebentes:
Anibal Wanio

Toninho Ody

outros mais, adventícios, sumidos no tempo.

luar
árvores-verde-negro-prateadas
mar
suor

ruas
jardim
violões em surdina
vento sul
e tudo se perde

suor
mar
árvores-verde-negro-prateadas
—
calma
vozes ao loooge
negror

uma pancada dágua

borrado, esvaido, lavado

informe
noite sono
tamborilar constante

chuva redormir

memória

idéias dispersas longínguas
um vagaroso tombar no nada
chuva vozes
loooge

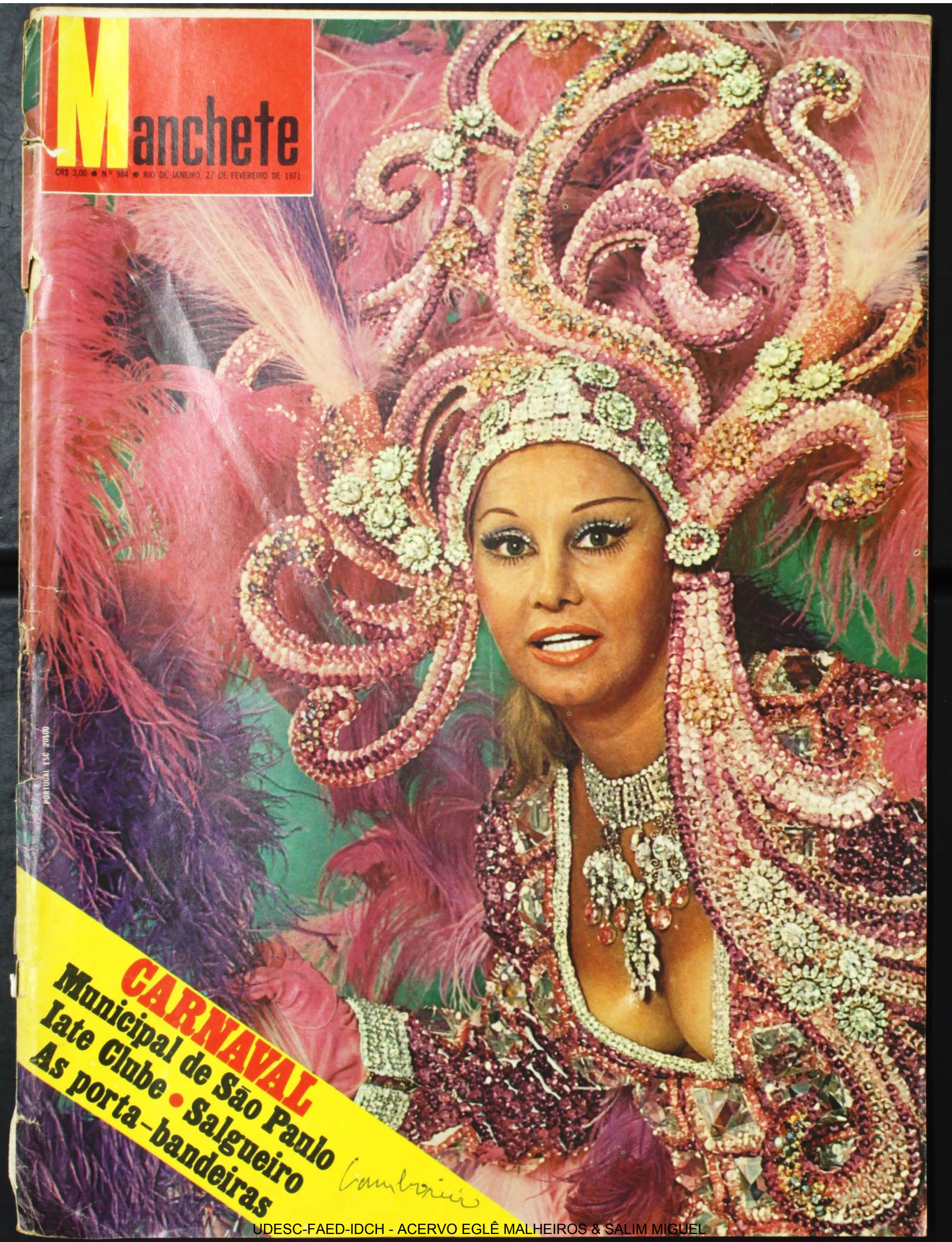
farrapos esparsos esgarçados
boiando
violões sono
looooooooooge

agora tudo não é mais.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

009 - MIGUEL, Salim. Camboriu é uma festa. **Revista Manchete**. Rio de Janeiro, n. 984, p.132-133, 27 de jan. de 1971.



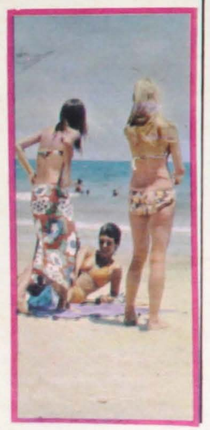
UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O principal balneário do Sul do país está cada vez mais bonito e sempre pronto para receber os muitos turistas de cada verão

CAMBORIU É UMA FESTA

Reportagem de SALIM MIGUEL • Fotos de DOMINGOS CAVALCANTI





Camboriú, no verão, é uma festa permanente. Localizado às margens da BR-101, entre Itajaí e Florianópolis, atrai não só turistas e veranistas de todos os estados, como também do estrangeiro, especialmente Argentina, Uruguai e Paraguai.

À beleza e ao colorido da paisagem junta-se o movimento incomum, num fluxo contínuo dia e noite. Com uma população fixa que não atinge os 20 mil habitantes, em dezembro, janeiro e fevereiro ela ultrapassa os 120 mil. E como o repouso cansa, todos procuram fugir dêle: boates, bares, badalações mil, meninas nos biquínis mais envenenados.

Nos últimos anos o crescimento de Camboriú tem sido imenso. Começou tumultuado, sem planejamento. Agora, o govêrno do estado e a municipalidade vêm lutando para que alguns erros não se repitam.



Aliás Camboriú lembra, por sua conformação e pelo espírito de seus frequentadores, Copacabana. Com certas vantagens: a água, calma e tépida em qualquer época, é clara e limpa, além de rasa — o que garante a segurança dos banhistas.

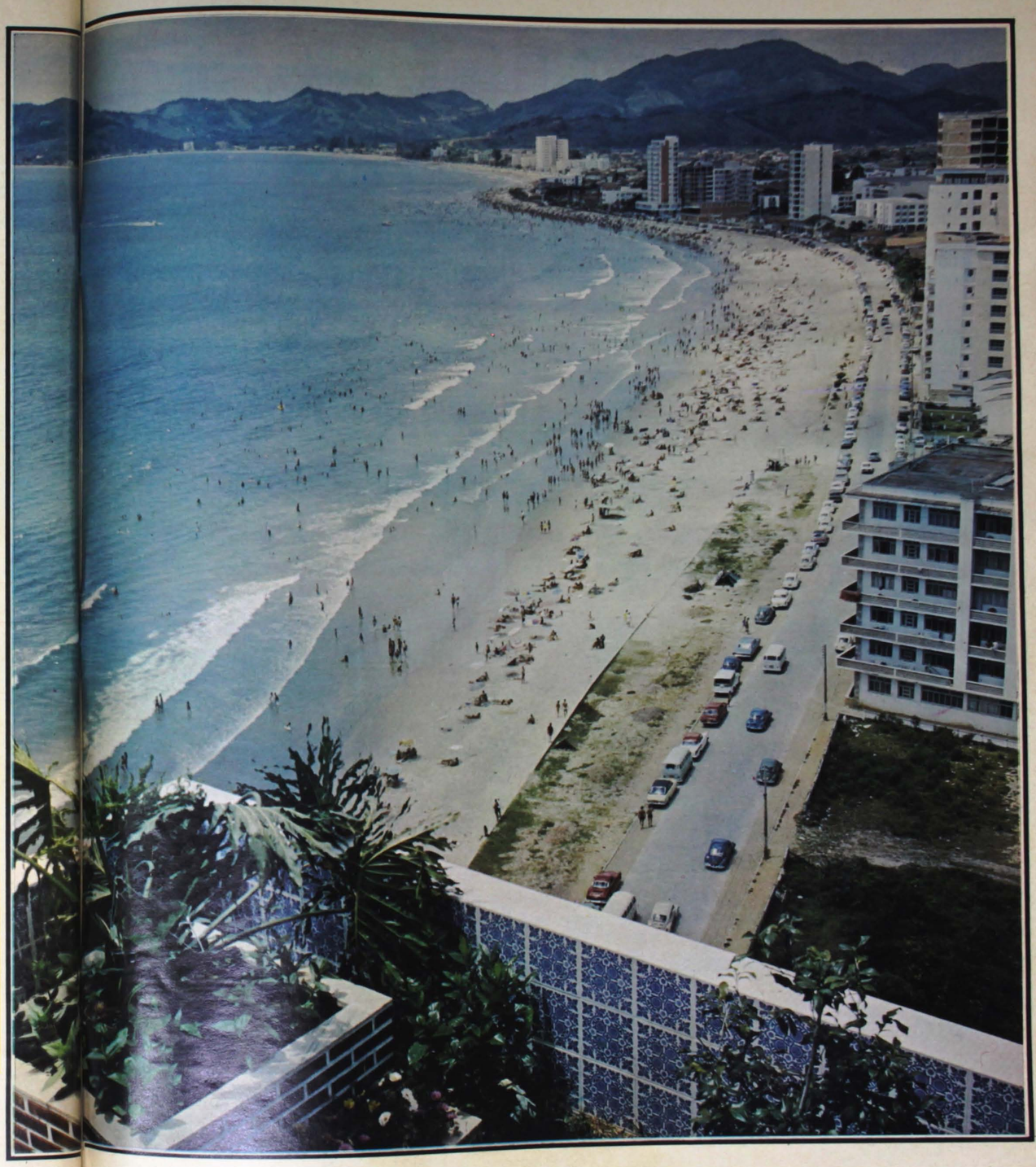
A administração Ivo Silveira dedicou especial atenção ao turismo catarinense e, nêle, ao Balneário Camboriú. E o PLAMEG — Plano de Metas do Govêrno — graças à compreensão do secretário executivo, engenheiro Cleones Bastos, criou condições para uma série de melhoramentos.

A pavimentação de tôda a Avenida Atlântica deu nova feição à praia em seus mais de 6 quilômetros de extensão. A obra foi executada pela Construtora Sul Brasileira de Estradas, maior emprêsa de construções do Estado de Santa Catarina, dirigida pelos Srs. Avelino Alvarez Baptista e Ademar Bornhausen. Num contraste que bem demonstra sua versatilidade técnica, a Consulbra, que tem ajudado a desbravar o Oeste de Santa Catarina com grandes obras de terraplenagem, trabalha agora também na paisagem mais amena do litoral. A pavimentação da avenida principal de Camboriú, programada para 300 dias, foi concluída no tempo recorde de 137. Aplicou-se ali, pela primeira vez no estado, a moderna pavimentação **blockret**. E já neste verão, que logo vai findar, os milhares de visitantes de Camboriú se viram livres de um dos flagelos da praia: a poeira.





Também no embelezamento do Balneário Camboriú, como tem feito em quase tôdas as demais regiões catarinenses, a Consulbra dá sua parcela de contribuição para o desenvolvimento



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

010 - MIGUEL, Salim. Almas mortas de GOGOL. **Revista Manchete,** Rio de Janeiro, n. 1132, p.133-137, 29 de dez. 1973.

Manchete

CR$ 7,00 ● N.º 1.132 ● RIO DE JANEIRO, 29 DE DEZEMBRO DE 1973

ASTRONOMIA para ver e entender o COMETA

sensacional A HISTÓRIA DO PETRÓLEO



PAUL GETTY III

"Perdi a orelha mas ganhei a vida"

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Já pensou em dar um presente de Natal que se renova todos os dias do ano?

Eis o presente que vai ser útil o ano todo, para a família inteira – moderno, dinâmico, sempre atual – um presente que vale por uma Enciclopédia, e custa só 180 cruzeiros: uma assinatura para 1974 do

Diario de S. Paulo

contendo a melhor informação do país e do mundo, e as seções FATO ECONÔMICO, ESPORTES, JORNAL DE ENSINO, SOCIAIS, SUPLEMENTO FEMININO, O BOM DA LOTECA, JORNAL DO AUTOMÓVEL, TURISMODERNO, BEM BOLADO, O CLUBINHO, JORNAL JOVEM, JORNAL DE DOMINGO, ENCONTRE SEU EMPREGO... e a chance de ganhar muito mais!



Dê a seus amigos e parentes uma assinatura para 1974 do

Diario de S. Paulo

(e você será lembrado todos os dias do ano)

Custa só 180 cruzeiros (e pode ser parcelado).

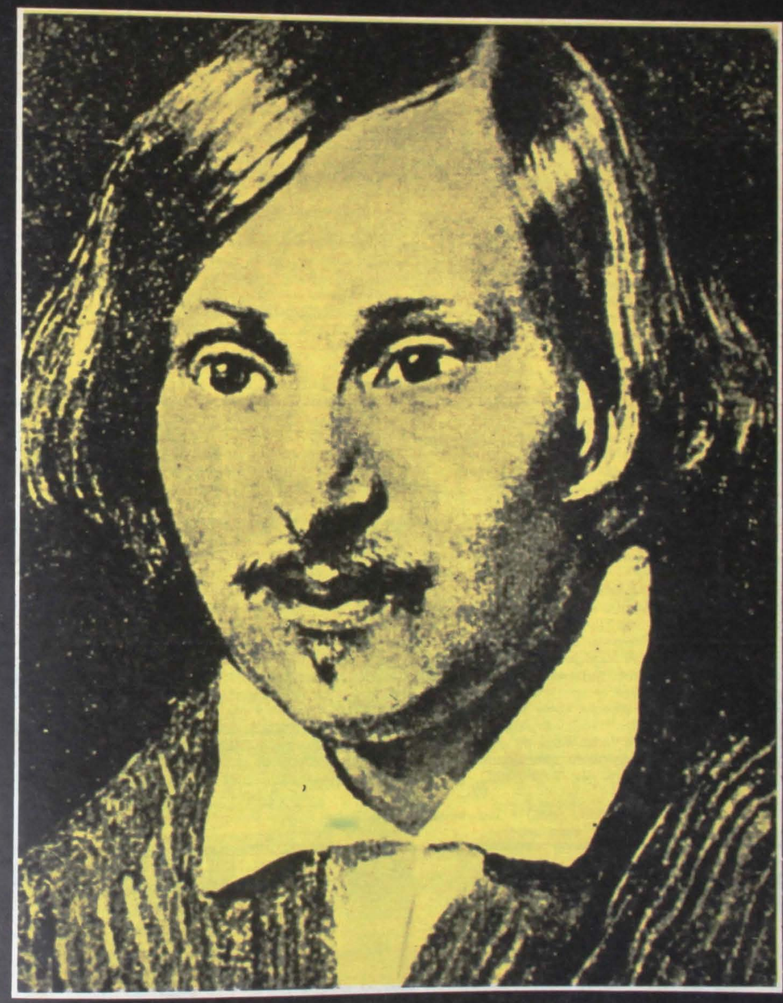
Na Capital, disque 239-5811 ou 239-0111, sempre ramal 93. – SP.
No Interior, procure o nosso agente local.

Promoções & Certames/Tocape

as obras-primas que poucos leram 61

Ele foi o pai da moderna literatura russa e, transpondo fronteiras culturais, um dos precursores do surrealismo e do romance satírico do século XX. Antes de Kafka, Gogol denunciou a impiedosa máquina burocrática e usou contra ela a sua melhor arma: o humor irônico. Vivendo e escrevendo na época de ouro do romantismo, Gogol não cedeu à tentação de criar heróis idealizados e sentimentais. Em vez disso, com uma intuição maravilhosa, ele lançou as bases do anti-herói (sem nenhum caráter), de cuja linhagem Tchitchicov, de Almas Mortas, é um dos exemplos mais universais, ao mesmo tempo que sintetiza a alma russa no tempo dos czares.

ALMAS MORTAS



Texto de
SALIM MIGUEL

Ilustrações H. ROGER VIOLLET e MANCHETE PRESS

de GOGOL

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

NA breve carreira de funcionário, Gogol colheu elementos para suas sátiras contra a burocracia

QUANDO o romance **Almas Mortas** apareceu, em 1842, provocou espanto e indignação. O autor foi acusado de difamar a boa gente que habitava o vasto império do Czar Nicolau I. Dizem que Gogol mostrou sua pátria povoada por velhacos, idiotas e miseráveis. No entanto, o livro era o mesmo cujos primeiros capítulos levaram Pushkin a exclamar: "Meu Deus! Como é triste a nossa Rússia!" Parecendo responder a Pushkin, que lhe fornecera o tema, mas não chegara a ver a obra publicada, Gogol, num de seus últimos escritos, diz: "Procurei a vida na sua realidade, não nos sonhos da imaginação." Mas esta é apenas uma parte da verdade. A arte de Gogol vai além da simples recriação da realidade: ele funde imaginação e fantasia, humor e drama. Com seus livros, ele dá novas cores à literatura russa, abre-lhe novas perspectivas, prepara o caminho para os que virão depois, a geração de Tchecov, de Tolstói, de Turgueniev, de Dostoievski, a ponto deste afirmar: "Todos nós descendemos de **O Capote** de Gogol."

Um dos maiores romances da literatura universal, **Almas Mortas** ficou na primeira parte, tendo a segunda sido queimada pelo autor, dela restando apenas fragmentos. Quanto à terceira, Gogol nem a começou Porém, mesmo que houvesse destruído toda a obra, seu lugar estaria marcado e garantido entre os que, de modo incomparável, souberam levantar um pouco o véu que cobre o enigma humano. Pois Gogol é o autor de **O Capote, O Nariz, O Inspetor Geral, Tarass Bulba, Diário de um Louco.** O que Dostoievski disse a respeito dele não se aplica tão só aos russos, mas a todos aqueles que escreveram e escrevem sobre os "humilhados e ofendidos".

Na Rússia, o período entre 1830 e 1840 — quando Pushkin morre e Gogol inicia sua vida literária — é de fermentação e de intensa transformação ideológica. Sob o despotismo do Czar Nicolau I, o país parecia adormecido. Mas isto era ilusório. Nas próprias personalidades de Pushkin — um aristocrata — e de Gogol — um homem do povo —, que tão profundamente se marcaram, há esta luta, este movimento de espíritos.

Em 1831, o ambiente literário de São Petersburgo, cuja figura máxima era Pushkin, é surpreendido pelo aparecimento do 1.º volume de **Noites de Vigília em Uma Granja Próxima a Dikanka,** um livro de contos fantásticos tendo por tema o folclore ucraniano. O autor é Nicolai Vasilievitch Gogol, funcionário público, que dois anos antes fora malhado pela crítica e ignorado pelo público ao aparecer o poema **Hans Kugelgarten,** assinado por Alov. **Noites de Vigília** é a infância do autor, a lembrança da sua Ucrânia, a expressão artística do que Gogol absorveu na meninice em sua terra natal, uma visão poética, ingênua, de uma terra onde se ri e chora sem grandes preocupações metafísicas, onde se pode ser vítima de uma peça pregada tanto por um cossaco como pelo próprio Diabo. Atravessam essas narrativas de Gogol dois componentes bastante contraditórios: a jovialidade e o fantástico.

Há uma distância enorme entre o primeiro livro e este. É que, nestes dois anos, o jovem Gogol se aproximara de Pushkin, que o aconselhara e influenciara no sentido de deixar de lado a obediência mais ou menos servil a modelos estrangeiros e a procurar em sua própria vivência algo que dissesse respeito à sua gente, o que, por extensão, diria respeito à gente do mundo inteiro.

A amizade com Pushkin exerceu, até a morte prematura deste, uma influência fecunda em Gogol. Ele orientou e incentivou o jovem escritor, fornecendo-lhe mesmo temas centrais para trabalhos. Basta citar dois deles para ver a importância que teriam: o tema de **O Inspetor Geral** e o de **Almas Mortas.** Uma vez aceito o tema, Pushkin cobra a realização, forçando Gogol a trabalhar e superar, pelo labor literário, as crises de angústia que já então o acometiam.

No segundo volume das **Noites de Vigília em Uma Granja Próxima a Dikanka** está **Tarass Bulba,** romance histórico meio à Walter Scott. Embora na época o livro (estrondoso êxito de público e de crítica) tenha sido saudado como obra de um Walter Scott russo, vemos hoje que os pontos de contato são poucos. Ressalvada a trama romântica tradicional, o romance tem como fundo a vida dos cossacos na Ucrânia do século XV, numa narrativa apoiada na poesia popular épica, na qual Gogol foi buscar suas imagens e metáforas.

MAS é de se perguntar como decorria a vida desse moço que tão cedo conheceu a consagração pública. Que pensava? O que fazia? Estranhamente, Gogol não tem quase biografia, se entendermos como tal acontecimentos desligados da atividade literária propriamente dita. Sua vida não é pontilhada de lances românticos, nem contém fatos marcantes. A menos que se tente relatar sua atribulada vida interior, um biógrafo não gasta com ele mais que meia dúzia de páginas.

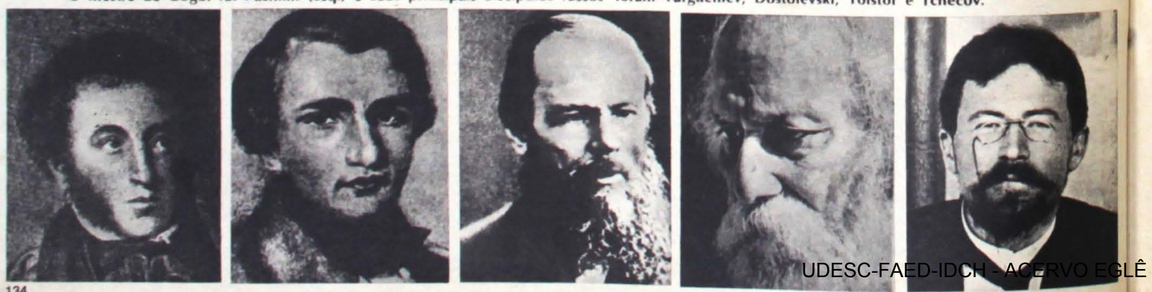
Nicolai Vasilievitch Gogol nasceu em Sorotchinski, aldeiazinha de Poltava, na Ucrânia, a 20 de março de 1809. Após concluir estudos em sua terra natal, conseguiu um emprego na administração. Se não chegou a fazer carreira como funcionário, colheu, pelo menos, precioso material que sua obra iria imortalizar. Em 1834 foi nomeado por Zukowski para uma cátedra de História. Sua atividade de professor constituiu fragoroso fracasso, não passando de um par de aulas. As pesquisas que realizou para aquelas aulas lhe serviriam, porém, mais tarde, quando começou a trabalhar em **Tarass Bulba,** muito embora sua verdadeira intenção fosse escrever uma história da Ucrânia. Após a criação de **O Inspetor Geral,** Gogol empreendeu uma série de viagens à Europa, terminando por se fixar em Roma. Só voltará à Rússia por breves períodos. Numa dessas ocasiões (1842) publica **Almas Mortas.** Em 1841, durante uma de suas viagens a Roma, Gogol converteu-se ao catolicismo. Daí em diante voltou-se cada vez mais para seus problemas íntimos. Os bruxos e demônios que afloravam em seus contos ganham força e presença; o tema que em **Diário de um Louco** (antecipação da escrita automática dos surrealistas) parecia assunto de tratamento meramente literário, mostra-se experiência diuturna do escritor.

CRISES místicas de duração e freqüência cada vez maior alteram sua anterior colocação dos problemas. Por algum tempo, porém, manterá suas crises ao abrigo da curiosidade alheia e, só em 1844, é que Acsácov e Bielinski irão compreender o estado do escritor e manifestar temor de que sua sanidade esteja afetada. Em 1847, Gogol publicou **Seleções de Uma Correspondência Com Amigos,** uma carta aberta aos russos, mostrando-lhes a necessidade de se submeterem e curvarem ao jugo czarista, para evitar o abismo. No entretempo, fez uma peregrinação à Palestina e, na volta, passou a ser guiado pelo fanático arcipreste Mateus. Após destruir a segunda parte de **Almas Mortas,** Gogol entregou-se a duras penitências em busca de uma salvação que teme impossível. As crises se amiudam até que, em 21 de fevereiro de 1852, Gogol morre em Moscou, em meio aos mais cruéis sofrimentos.

No entanto, este homem de vida interior tão trágica e conturbada foi um escritor que viu como poucos o cômico e o ridículo da vida humana, o que por certo lhe possibilitou adentrar mais ainda a tragédia que é o outro lado dessa moeda. Ao abandonar os temas regionais ucranianos, Gogol iniciou o ciclo dos contos petersburgueses, onde estão **O Nariz, O Retrato** e **O Capote. O Nariz** narra a história do homem que acorda sem nariz e passa a procurá-lo por toda a cidade. A partir desse fato, a realidade se subverte e tudo é possível, inclusive o nariz transformar-se em alto funcionário e fazer as visitas protocolares que a vazia e complicada etiqueta da corte exige. Observamos aí um fato curioso: o escritor, que será o pai dos grandes realistas russos do século XIX, fala de uma realidade perturbada por um riso fantástico.

Esse irreal humorístico Gogol o foi buscar, decerto, em E.T.A. Hoffmann. Porém seu riso era de uma qualidade especial, mesclado com as lembranças das lendas de sua infância. Era a gargalhada que se usa

O mestre de Gogol foi Pushkin (esq.) e seus principais discípulos russos foram Turgueniev, Dostoievski, Tolstói e Tchecov.







Alberto Lattuada dirigiu, com Renato Rascel no papel de Akaky (fotos), uma obra-prima do cinema baseada em O Capote, **de Gogol.**

para afastar os demônios que habitam o desconhecido, o cantarolar da criança que enfrenta sozinha um quarto escuro.

O conto **O Capote** (que muitos querem igual ou maior do que o romance **Almas Mortas)** é o marco inicial da literatura russa moderna. Nessa obra de arte está o ponto de partida de todos que vieram a escrever sobre os humilhados e ofendidos. Para Melchior de Vogüé: "**O Capote** é a lembrança e a vingança dos anos de galé, consumidos por Gogol nas repartições do governo, o primeiro golpe desferido contra o minotauro administrativo." Porém, como diz Otto Maria Carpeaux, o realismo de Gogol é um realismo diabólico: "O Diabo é, conforme velha tradição cristã, o pai da mentira... Então aparece o satírico iluminando o mundo pela luz oblíqua da sátira para apagar as falsas luzes que o Diabo acendeu. Esse satírico é Gogol."

Esse satírico nos leva para dentro do mundo burocrático petersburguês, em que títulos pomposos escondem funções aviltantes e salários de fome. O universo do funcionário é limitado e mesquinho. Pessoas que nem ao menos têm consciência de que vegetam, se tripudiam entre si, se comprazem na própria anulação. Akaky Akakievich, o **herói** de **O Capote,** ao ser batizado chorou como se soubesse que viria a ser conselheiro titular. Como funcionário copista, imobilizou-se num ponto dado do organismo burocrático, sem história e sem futuro. Seu mundo eram as cópias infindáveis que fazia. E para onde quer que se virasse e olhasse, via as linhas regulares de sua letra limpa e correta. Akaky é um tipo grotesco: rimos dele, mas não deixamos de lamentá-lo.

AKAKY enfrentava o gelado inverno petersburguês com um capote velhíssimo, remendado sempre pelo alfaiate Petrovich, seu vizinho. Um dia, no entanto, nada há mais a fazer, não há o que remendar. O velho capote acabou-se, simplesmente. Após muita luta, Akaky se convenceu desta verdade. E encomendou ao alfaiate um abrigo novo. Juntar o dinheiro necessário foi uma tarefa gigantesca. Petrovich leva mais de duas semanas na sua confecção. Para o remendão, costurar aquele capote corresponde a uma nova visão do mundo, é um afirmar-se como criador.

Saindo pela manhã de capote novo, Akaky caminha com ar de festa. Na repartição, é felicitado tão cordialmente que, coisa rara, chega a sorrir. Como o proprietário do abrigo não se decide a dar uma festa para inaugurá-lo, um ajudante do chefe de escritório convida todos para uma reunião em sua casa. O recluso Akaky acaba comparecendo, de capote novo. Por volta da meia-noite, um tanto embriagado, retira-se. Anda sozinho pelas ruas quase desertas da cidade. Ao atravessar uma praça é assaltado e os homens lhe levam o capote e o deixam caído sem sentidos. Ao fazer queixa à polícia, o comissário, em vez de se preocupar com o roubo, censura Akaky porque andava Akaky pelas ruas a horas tais. O frio faz com que ele retorne ao capote velho. Em sua luta para tentar reaver o capote roubado, enfrenta a complexa burocracia e é recebido por uma **alta personalidade.** O mau trato que sofre lhe tira as últimas forças e contrai uma angina. Delirando, buscando o capote, Akaky morre.

MAS o espectro do funcionário fica assombrando os bairros afastados da cidade, na tentativa inútil de reencontrar seu capote.

"Todos nós descendemos de **O Capote"** — declarou Dostoievski. E isto está flagrante no próprio autor de **Crime e Castigo.** Além da influência indireta em toda a obra, há uma influência direta em **Pobre Gente.** Dievouchekine, o herói de Dostoievski, é uma versão mais sombria de Akaky. Ler **O Capote** pela primeira vez é uma experiência única: nosso mundo passa a ter mais um ser humano, o conselheiro titular Akaky Akakievich. Relê-lo é encontrar sempre mais pungência, uma dimensão maior, embora o riso se torne mais difícil a cada leitura.

Gogol, porém, não se limitou a um só gênero. Além dos contos, e dos romances, escreveu também peças teatrais, em geral intituladas **comédias.** A primeira delas (a mais conhecida e talvez mais significativa), baseada numa idéia sugerida por Pushkin, é **O Inspetor Geral.** A fim de poder encená-la, o autor travou uma grande luta com a Censura. Finalmente, por intervenção pessoal de Nicolau I, a peça foi levada no Teatro Imperial, constituindo um fracasso de público e de crítica. A explicação foi então fornecida pelo próprio Gogol: "Agora compreendo o que significa ser autor cômico; descobres uma ponta do véu da verdade, e logo estão todos contra ti, não apenas homens, mas classes inteiras..."

Contudo, até hoje é difícil encontrar sátira mais feroz e contundente à burocracia e à degenerescência dos costumes sob o absolutismo, num texto teatral cheio de vida e bem estruturado. O enredo é simples: um aventureiro cheio de dívidas refugia-se numa aldeiazinha de província e, ao chegar, é tomado pelo temido inspetor geral que devia chegar a qualquer momento. Uma das causas da confusão é o fato de ele "não pagar a hospedaria em que se aloja". Os altos burocratas tratam logo de subornã-lo, revelando assim seus desmandos e crimes. No fim da peça, o verdadeiro inspetor geral se encarrega da punição.

Por essa época Gogol inicia **O Casamento,** encenada em 1842. Aí também sua intenção é distorcida, e o que, no dizer do crítico Bielinski, constitui "um quadro artístico e verídico da sociedade média petersburguesa", é geralmente representado como uma farsa grosseira.

Sua outra grande comédia, **Condecorações de São Vladimir de Terceira Categoria,** nunca foi terminada. A respeito da elaboração da mesma, escrevia Gogol a amigos:

"E quanta malícia, riso e sal! Mas, de repente, detive-me, vendo que a pena tropeçava a cada instante em coisas que a Censura não deixaria passar por nada neste mundo. E que hei de cortar se a peça não for representada? O drama só vive na cena. Sem ela é como uma alma sem corpo. Que ensinamentos poderia tirar o povo de uma obra incompleta? Não me resta outro remédio senão inventar um argumento suficientemente inofensivo para que nem sequer um oficial de polícia possa ofender-se. Mas que significa uma comédia desprovida de verdade e malícia?"

É no estrangeiro, na Itália, que Gogol escreve **Almas Mortas.** A idéia, mais uma vez, lhe é fornecida por Pushkin, que insiste com o amigo para que se dedique a uma obra de fôlego — e para isso lhe passa o enredo do que seria um poema. Pushkin não vive para ler **Almas Mortas.** Morre em 1837, e Gogol, traumatizado por sua morte, escreve:

"Minha vida, meu maior encanto morreu com ele... Tudo que tenho de bom, tudo devo a ele. E meu trabalho atual é obra sua... Que será de meu trabalho? Que será de minha vida, agora que O Grande não existe mais..."

NA Rússia czarista os servos da gleba eram chamados de **almas.** Os nobres pagavam imposto segundo o último censo. Entre um censo e outro, ficavam pagando imposto pelos falecidos e fugidos. O herói do livro, Tchitchicov, inventa a seguinte fraude: compra por quase nada as **almas mortas** como se estivessem vivas (presta um favor aos proprietários) e as empenha no Banco do Estado.

Lá vai ele pelas estradas da província, em sua **britchka** conduzida pelo cocheiro Selifane. Vai Tchitchicov à casa de todo mundo (do grande senhor, do pequeno proprietário, do chefe de polícia, do procurador, até à **izba** do camponês) à procura das **almas.** Na verdade, o título **Almas Mortas** tem mais outro sentido: as criaturas que vivem na província retratada por Gogol, a cidade N., e nas propriedades fundiárias, vegetam, numa atmosfera sufocante e da maior vulgaridade. São mesmo almas mortas, aos lado dos servos que não têm direito ao menos a pretender valores mais altos. Assim, se de um lado Gogol levanta o problema da vida medíocre da província, do outro faz uma crítica contundente e satírica. Mostra ele como Tchitchicov, um velhaco ambicioso e de má-fé, se vale de um artifício engenhoso. As **almas** eram um valor mobiliário, objeto de negócio, da mesma forma que outros valores.

DIZ Tchitchicov: "Irei a todos os recantos perdidos da nossa Rússia; pedirei às pessoas sérias para vender-me as almas mortas, verificadas depois do último recenseamento; ficarão satisfeitas de ceder-me uma propriedade fictícia e libertar-se de um imposto real; farei registrar minhas com-

SEGUE

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Quando você aplica num Fundo de Investimento, o lucro começa a aparecer na primeira declaração do imposto de renda.

Embora seja um investimento a longo prazo, aplicando nos Fundos Crescinco você começa a lucrar também a curto prazo.

É que na hora de declarar seu imposto de renda, você pode deduzir até 30% do total aplicado em sua renda bruta, segundo a lei dos incentivos fiscais criada pelo Governo.

Ou seja, aplicando 5 mil cruzeiros agora, na declaração de 73 você já pode abater 1 mil e 500 cruzeiros.

Em 73 a história se repete: Todas as empresas com ações nos Fundos Crescinco apresentaram bons lucros.

Selecionar boas ações de boas empresas não passa de uma obrigação para os administradores de um bom fundo.

E para saber se o fundo é realmente eficiente, existe um método que não falha nunca: verifique se as ações que compõem sua carteira apresentam lucros regulares a cada exercício, e se possuem boa liquidez em Bolsa.

No caso dos Fundos Crescinco, todas as 112 empresas deram lucros em 73, e isto é apenas a repetição do que aconteceu em anos anteriores.

Quanto à liquidez, as ações que compõem suas carteiras estão na linha das mais procuradas e negociadas em Bolsa, o que representa uma grande garantia para o investidor.

Quem aplicou 5 mil cruzeiros em 1968, hoje tem mais de 27 mil cruzeiros de lucro.

Pode procurar à vontade que você não encontra nenhum outro negócio no mercado - renda fixa ou variável - que tenha rendido 548% em 5 anos.

Certamente, não são todos os fundos que podem apresentar resultados como este.

Mas com a experiência dos Fundos administrados pelo BIB - Banco de Investimento do Brasil-Fundo Crescinco, Condomínio Crescinco de Reinversão, Fundo Alfa e Fundo Crescinco 157,- isto é uma realidade.

Como você sabe, o mercado apresenta oscilações naturais, e um bom fundo deve estar preparado para elas.

Foi por isto que, mesmo com as altas e baixas dos últimos anos, seus desempenhos sempre foram excelentes a médio e a longo prazo.

CRESCINCO

Fundos de Investimento Administrados pelo

GRUPO UNIÃO DE BANCOS

73.2850



A peça satírica O Inspetor Geral **(acima na montagem de Stanislavski) se baseou também numa idéia de Pushkin.**

FOI *o próprio Czar Nicolau I quem livrou* Almas Mortas *da Censura*

pras em boa e devida forma; nenhum tribunal imaginará que eu pretenda legalizar uma venda de mortos. Quando tiver adquirido alguns milhares de servos, levarei meus contratos a um banco de Petersburgo ou de Moscou, farei um grande empréstimo sobre esses títulos e eis-me rico em condições de comprar camponeses de carne e osso."

Com essa intriga, Gogol recria situações fantásticas e dá vida a uma galeria de tipos inesquecíveis. Tchitchicov entra em todas as residências e classes sociais, discute, disputa, barganha, adquire suas almas mortas. Uma das grandes forças do estilo de Gogol é seu diálogo vivo e revelador; diálogo que nos mostra os personagens sem necessidade de descrição pormenorizada. Cada elemento é acabado, vivo, completo em si mesmo, tem algo a ver dentro do livro, sugere, prepara para o que virá mais adiante. Quando acabamos a leitura, o riso que ponteou nosso trajeto como que se esvai, resta uma sensação de amargura e revolta. O quanto de cada um de nós não está naquela risível galeria de seres abafados e deformados pela estrutura social, em todas as suas implicações — política, econômica, humana e cultural?

Pavel Ivanovich Tchitchicov é um ser que tem defeitos porque elevou ao grau máximo as **virtudes** que lhe foram ensinadas. De seu pai ouviu os seguintes conselhos:

"Caso obedeças a teu superior, mesmo que não progridas no estudo nem tenhas aptidões, tudo irá bem e passarás à frente dos outros. Não faças amizade com os companheiros, nada te ensinarão de bom; mas se o fizeres, que seja com os mais ricos, para que, na ocasião certa, te sejam úteis... E sobretudo, poupa todo centavo. É o mais importante no mundo. Um companheiro ou um amigo te enganará, e será o primeiro a atraiçoar-te num momento difícil; mas o dinheiro não te atraiçoará nunca. Poderás alcançar e vencer tudo no mundo com dinheiro."

O desenrolar do romance mostra que o filho foi obediente. Tchitchicov viaja acompanhado pelo cocheiro e pelo criado Petrushka. Este gosta muito de ler, passa horas a fio entretido com um livro, não importa se um romance ou um tratado de Astronomia, afinal não lhe interessa o que lê (de resto não está mesmo entendendo) mas sim a mágica incompreensível de um risquinho preto atrás de outro formar palavras e palavras. Naquela sociedade em que o absolutismo e o regime servil tudo deterioram, até o desejo de cultura se corrompe. As cenas na casa do proprietário Marilov e o sistema de educação de seus filhos Temistoclus e Alcides são bastante reveladoras.

Não podemos, aqui, fazer a apresentação de toda a extensa galeria de personagens, com suas peculiaridades, mas impossível deixar de citar a viúva Korobochka, o avarento Pliushkin, as tricas e futricas do bando de comadres desocupadas de N., a ambição e subserviência dos burocratas. Tchitchicov passa por inúmeros apertos, conhece altos e baixos, mas o livro termina com ele impávido, disposto a continuar lutando por aquilo que lhe permitirá se sentir um homem completo: o dinheiro. A publicação desta primeira parte de **Almas Mortas** é o resultado de meses de luta com a Censura. E mais uma vez Nicolau I interveio, a fim de liberar o livro. O próprio título arrepiou os censores: "Que quer dizer **almas mortas?** A alma humana é imortal. Chamá-la **morta** é ir contra o dogma da fé ortodoxa."

Uma vez lançado o livro, sua repercussão foi enorme. A crítica e o público o consideraram uma sátira mordaz da Rússia, uma acusação, um desvelar impiedoso das mazelas mais secretas. Diante disso, Gogol sente-se como que culpado perante a terra que tanto amava e decide escrever uma continuação para este Inferno: o Purgatório e o Paraíso. Propõe-se uma tarefa que não será capaz de terminar; o que conhecemos da segunda parte não chega aos pés da primeira. Os personagens bons e virtuosos são títeres, sem vida, bonecos enfeitados.

EM 1843 Gogol queima o que havia escrito. Por mais sete anos, tentará em vão completar a obra; e, às vésperas da morte, torna a queimar quase tudo que escrevera. O livro inconcluso, impossível de ser continuado, era mais um tormento que se juntava aos provocados pelos demônios interiores de Gogol.

Hoje, passados mais de 100 anos, constatamos que se atormentou em vão. Pois a obra-prima, na verdade, já estava escrita e completa na sua primeira parte. E se foi uma sátira cruel e verdadeira da Rússia czarista, é universal na sua verdade, na sua grandeza como obra literária e como documento humano, retrato de uma época e de um estado de coisa.

Gogol (esq.) teve que lutar com a Censura para poder exibir O Inspetor Geral **(à direita numa versão americana), peça que foi afinal liberada pelo Czar Nicolau I.**





FERRANTE
A Cadeira dos melhores BARBEIROS

Especialmente fabricada para barbeiros, pedicuros, cabelereiros e engraxates.
20 modelos diferentes

Móveis em geral para barbearias

Aceitamos, cadeiras usadas como parte de pagamento,







Vendas nos seguintes endereços:
PORTO ALEGRE: R. Cel. Vicente, 183
CURITIBA: R. Emiliano Perneta, 317
MARINGÁ: R. Paraná, 987
GOIANIA: Av. Anhanguera, 243
RIO DE JANEIRO: R. da Conceição, 50
VITORIA: Av. Alexandre Buaiz, 116
BELO HORIZONTE: R. S. Paulo, 71 loja 217
SALVADOR: Av. Frederico Pontes, 104
RECIFE: Rua do Palma, 251
ARACAJU: Rua João Pessoa, 333 - s/11
SÃO LUIZ: Rua Nina Rodrigues, 191
BELÉM: Av. Padre Eutiquio, 1122
MANAUS: Pça. 15 de Novembro, 139

Ou diretamente na Fábrica

Fabricantes:
GENNARO FERRANTE & CIA LTDA.
Rua da Independência, 678
CEP - 01524 - São Paulo - Brasil
Fones: 63-1753 63-7815

Queiram enviar-me grátis um catálogo
Nome .....
End. ..... nº .....
Cidade .....
Estado .....

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

011 - MIGUEL, Salim. Santa Catarina: 3 fontes de riqueza. **Revista Manchete,** Rio de Janeiro. N.793, p. 48-70, 01 jul. 1967.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

SANTA CATARINA
3 FONTES DE RIQUEZA

Reportagem de SALIM MIGUEL
Fotos de GERVÁSIO BATISTA

Três regiões de Santa Catarina possuem uma economia semelhante sob muitos aspectos: campos de Lajes, vale do rio do Peixe e o Oeste. Vivendo mais da agropecuária e da indústria extrativa, só agora iniciam um processo de industrialização. Todas possuem condições que, devidamente aproveitadas, muito contribuirão para o mais rápido desenvolvimento do estado sulino. Delas, até o momento, a cidade de Lajes é a mais importante.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Chapecó, sede da Secretaria do Oeste, completa êste ano o seu cinqüentenário de fundação. A cidade já conta com 15 mil habitantes.

Intenso trabalho se desenvolve em três municípios onde a economia se baseia nos frigoríficos

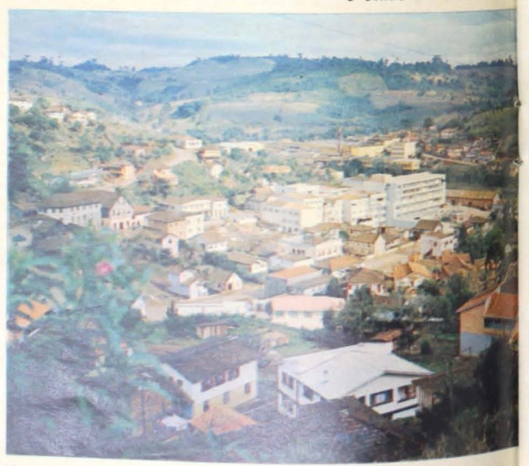
Também muito importantes no Oeste e vale do rio do Peixe são, entre outros, os municípios de Chapecó, Concórdia e Videira, com um traço de união que os identifica. A economia de todos êles se baseia na produção dos frigoríficos e na indústria extrativa. Os frigoríficos condicionam a melhoria da agricultura, especialmente do milho. Na indústria extrativa, enquanto no vale se destaca a madeira, no Oeste pode também ser lembrado o mate, vendido principalmente no R. G. do Sul e na Argentina. Paralelamente, novas atividades urbanas são desenvolvidas para atender a uma população sempre crescente, e modernos centros educacionais congregam os estudantes secundários, possibilitando uma boa formação da juventude.



O Centro Educacional de Lajes, moderno estabelecimento de ensino inaugurado há pouco pelo govêrno do estado, reúne cêrca de dois mil alunos, no seu curso médio. A biblioteca é muito visitada.



Chamada de capital do trabalho, Concórdia — no Meio-Oeste catarinense — é o centro de região eminentemente agrícola, onde está um dos maiores frigoríficos do país.



Videira se destaca pela sua produção vinícola, sendo ao mesmo tempo uma das cidades de maior desenvolvimento em tôda a região do rio do Peixe.



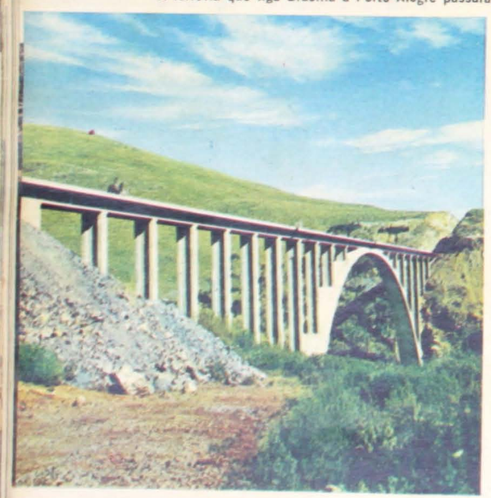


A maior festa religiosa de Lajes é a procissão do Senhor dos Passos. Acima, uma das marcas do progresso: o biquíni.

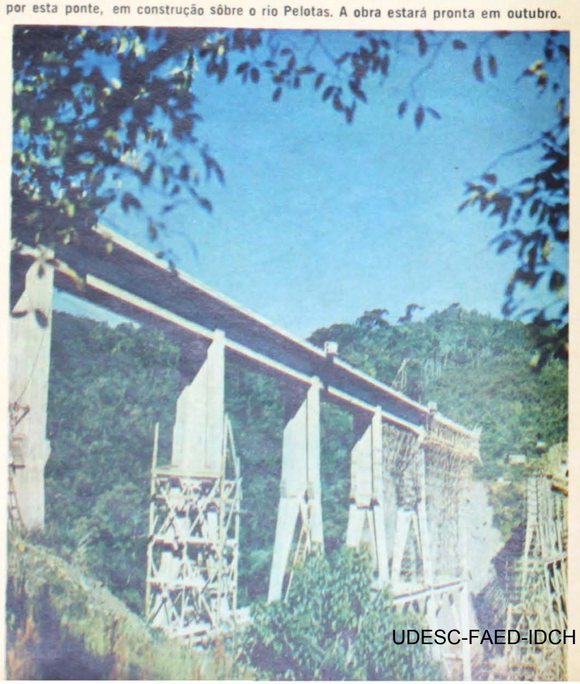
UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

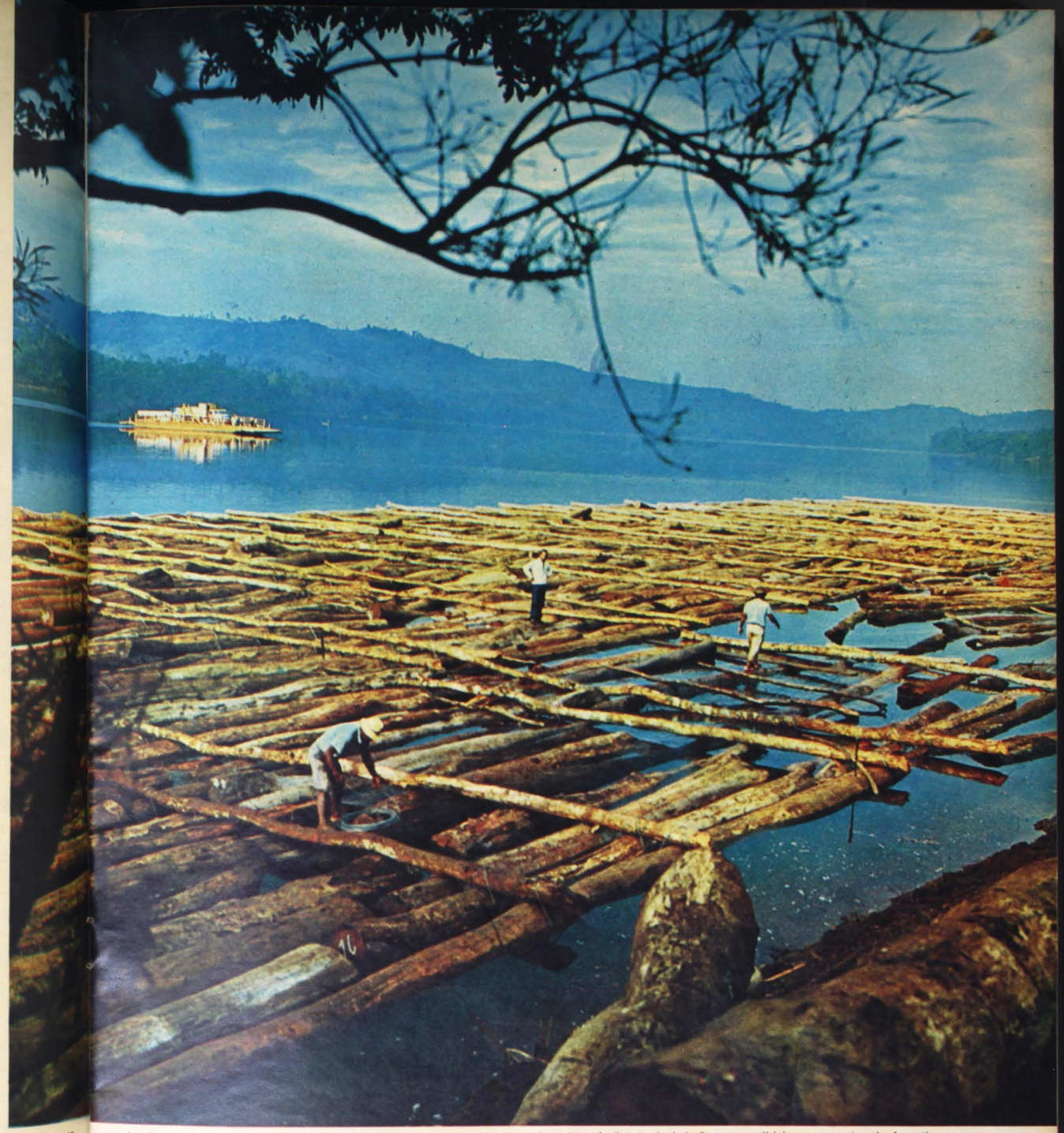


A ferrovia que liga Brasília a Pôrto Alegre passará por esta ponte, em construção sôbre o rio Pelotas. A obra estará pronta em outubro.



Os trabalhos de ligação entre o centro administrativo do país e o Sul estão bem adiantados, surgindo belas e arrojadas soluções. Tôda uma vasta região é beneficiada pela nova ferrovia.





Durante meses — às vêzes anos — as balsas, formadas pela madeira, esperam, no rio Uruguai, o chamado "ponto de balsa", para se dirigirem aos portos da Argentina.

O fluxo econômico das 3 regiões ganha nôvo impulso com a Brasília - Pôrto Alegre

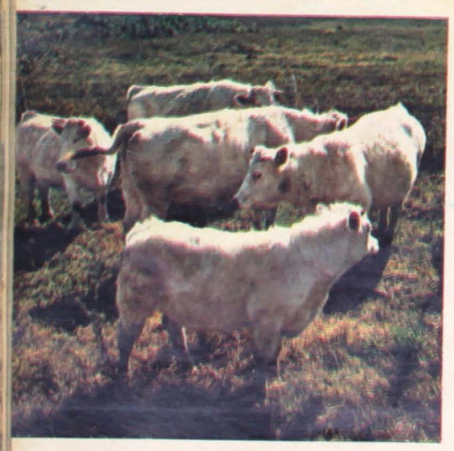
No trecho em construção da ferrovia Brasília—Pôrto Alegre, que atravessa o município de Lajes, encontram-se numerosas obras de arte. A ponte sôbre o rio Pelotas é a mais importante, com quase 350 metros de comprimento e 94 metros de altura. No rio Uruguai, a madeira é transportada para os portos da Argentina, ainda por meio de balsas. Essas balsas esperam, para deixar os locais de atracação, com milhares de toneladas de madeira, o chamado "ponto de balsa". O "ponto de balsa" se dá quando as enchentes, fazendo as águas subirem, encobrem as corredeiras e precipícios, e tornam menos perigosa a passagem. Durante quatro ou cinco dias grupos de homens navegam nas balsas, até atingir o local de destino.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Vários prêmios em exposições pecuárias nacionais atestam a melhoria dos rebanhos de Lajes, tanto no gado de corte como no leiteiro

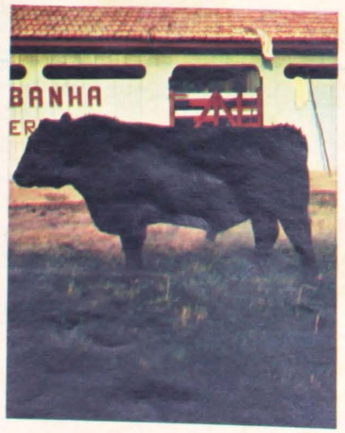


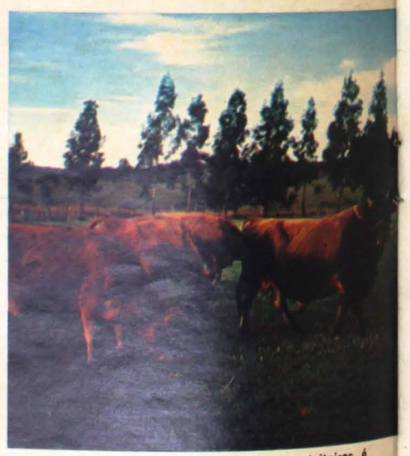
Os reprodutores da raça Aberdeen-Angus (Môcho Prêto), para revenda, da Cabanha Lira, de José Arruda Ramos, participaram de grande número de exposições, no Paraná, em Sta. Catarina e no Rio G. do Sul. Conquistaram o prêmio de Grande Campeão da Raça, na Primeira Exposição Nacional Agropecuária do Paraná.



Para aperfeiçoar sempre os rebanhos, as importações de animais puros, da Inglaterra — inclusive em convênio com o govêrno estadual — são prática usual na região. A Fazenda Ciclone, das mais antigas de Lajes, propriedade de César Vieira da Costa, possui grande plantel de Hereford Cara Branca e comparece a várias exposições.

O gado de corte Charolês se adapta bem às condições climáticas de Lajes. A revenda permanente de reprodutores puros por cruzamento e puros por origem é uma das finalidades da Cabanha Santo Cristo, de Pedro Paulo Lisboa. Entre as novilhas de seu plantel destaca-se Aigretti, que conquistou três grandes prêmios nacionais.





A melhoria da qualidade das raças leiteiras é uma das preocupações dos criadores lajeanos. A Granja Vera, de Werner Hoeschl e filhos, dedica-se aos Jérseis, que possuem o maior teor de gordura no leite. Entre os prêmios levantados pela Granja Vera estão o de Grande Campeão e o Reserva de Grande Campeão da Raça, em Lajes.

Uma das maiores aspirações de Santa Catarina é a conclusão da Rodovia BR-282, que ligará o Oeste a Florianópolis e permitirá o pleno desenvolvimento de tôda a região

CIDADE-passagem, vocação que lhe vem de longe, antigo "caminho do gado", quando tropeiros cruzavam suas terras em demanda às Províncias de São Paulo ou Rio Grande, Lajes continua sendo, ainda hoje, o mais importante entroncamento rodoviário de Santa Catarina. Suas estradas se irradiam e entrecruzam em tôdas as direções, interligando o estado e atingindo outros. Embora as bases da economia municipal continuem sendo a pecuária e a indústria extrativa, que também se beneficiam do fator rodovias, numerosas indústrias, pelas condições que a região oferece, estão se localizando em Lajes. Não só em vista da facilidade de atingir os grandes centros consumidores, como graças ao incentivo da atual administração municipal, à abundância de energia elétrica fornecida pela CELESC e à mão-de-obra disponível. Um problema que ainda existe, o da água, estará resolvido em 1969. Localizada num planalto de 916 metros de altitude, gozando de boas condições climáticas, Lajes tem hoje um índice de desenvolvimento que é, depois de um longo período de semi-estagnação, dos melhores do estado. Isso se observa na própria fisionomia da cidade, onde, ao lado de prédios como o da Prefeitura, que guarda a trajetória dos pioneiros, mantendo o estilo daquela época, muitos outros se erguem, num ritmo crescente, marca do progresso e da renovação.

Fundado pelo bandeirante Correia Pinto, há 200 anos, o município foi desmembrado em numerosos outros. Ainda assim é dos mais extensos do estado, com uma área geográfica de 7.170 quilômetros quadrados e uma população de, aproximadamente, 150 mil habitantes, 50 mil dos quais na zona urbana.

A pecuária é o esteio tradicional da economia lajeana, com um rebanho que atinge cêrca de 200 mil cabeças. Inseminação artificial, pastagens artificiais, adaptação de raças importadas às condições locais, melhoria dos rebanhos, são preocupações constantes dos criadores. Outra característica da paisagem planaltina é o pinheiro, com numerosas serrarias espalhadas pela região. Nos últimos tempos, a essas fontes tradicionais de riqueza econômica somaram-se as indústrias de transformação, que, numa espécie de redescoberta das potencialidades locais, estão se radicando em Lajes ou imediações. Assim, uma sensível modificação se opera na fisionomia da cidade.

AO ampliar suas áreas de economia, incorporando novas modalidades sem abdicar das tradicionais, Lajes deixa de ser uma cidade regional para se transformar num centro urbano importante, na capital do planalto, mais do que isso, na mais importante cidade dos campos de Lajes, no vale do rio do Peixe e do Oeste.

Enquanto espera que lhe sejam delegadas novas tarefas, ou votadas verbas maiores para a continuação da BR-282, o 2.º Batalhão Rodoviário, sediado em Lajes, continua trabalhando [illegible] principal Sul da Ferrovia Brasília—Pôrto Alegre. Caso não lhe sejam atribuídas novas incumbências, que ocupem os 2.600 civis e 700 militares, o 2.º BR estará, conforme declaração de seu comandante, a partir de outubro de 1968, com grande parte de seus meios — homens e equipamentos — em ociosidade. É que naquela data, o TPS, onde trabalham 2.000 civis e 300 militares, será concluído. Quanto à BR-282, rodovia de integração social e econômica do estado, o trecho a cargo do 2.º BR (Lajes—Florianópolis), não conta com verbas suficientes, ficando o batalhão quase restrito às tarefas de conservação da BR-116. O trecho ferroviário em construção (de Lajes à divisa com o Rio Grande do Sul) tem 76 km. Além de grandes cortes, foi necessário abrir 18 túneis na rocha viva, num total de 10 km, alguns com uma extensão de mais de mil metros. Das numerosas obras de arte, a mais arrojada é a ponte sôbre o rio Pelotas, na divisa SC-RS. Iniciada em outubro de 1965, será concluída em outubro próximo. Utilizará 600 toneladas de aço e o volume de concreto é de sete mil metros cúbicos. Nela trabalham, em média, 120 homens. Orçada em um bilhão de cruzeiros, seu custo vai a aproximadamente 1,400 bilhões.

CONCÓRDIA, Joaçaba, Videira e Caçador são considerados os principais municípios do vale do rio do Peixe. Todos centros urbanos recentes — e florescentes —, colonizados por descendentes de italianos, vindos na sua maioria do Rio Grande do Sul. Com um tipo quase idêntico de vida e economia, mantêm características muito acentuadas, que os aproximam. À agricultura, em especial milho, trigo, feijão e arroz, junta-se a suinocultura, e a vitivinicultura, para formar o quadro de atividades da região. Das indústrias de transformação, as mais importantes são as de alimentação, principalmente frigoríficos e moinhos de trigo. Paralelamente, existem os curtumes e as fábricas de calçado, que trabalham à base do couro de porco. Com a melhoria dos meios de comunicação, novas indústrias tendem a procurar o vale para se instalar.

Um mundo à parte, rude e inóspito, de autêntico pioneirismo; um viver isolado e ignorado; quilômetros sem um casebre sequer, sem que se tope um habitante; terras férteis banhadas por numerosos rios; florestas virgens a perder de vista numa paisagem exuberante — eis o Oeste de Santa Catarina, um Oeste de ontem mas que pode ser entrevisto hoje. Chegar-se até êle não era fácil. Até há pouco, os homens que ali se radicavam viviam esquecidos. Não havia o mínimo contato com outras regiões, o intercâmbio significava uma aventura — rara e arriscada. Assim, surgiram lugarejos e povoados e cresceram cidades. De forma lenta, numa região potencialmente tão rica.

Por isso, não é de causar espécie quando, ainda hoje, o visitante ouve dizer, com alguma freqüência e muita naturalidade: "Vocês, *catarinas* (ou: vocês, *barrigas-verdes*) do litoral, o que é que pensam de nós, hein?" Litoral era um outro mundo. É que êles se consideravam, até pouco tempo — talvez inconscientemente — não *catarinas*.

Govêrno, com tudo o que representava, independência econômica e melhoria social, era coisa distante, inacessível à maioria. E, como a quase totalidade dos pioneiros surgisse de outros estados, pensar em *barriga-verde* como estranho, referindo-se aos litorâneos, aos habitantes de outras áreas de Santa Catarina, não era tão de espantar. A grande maioria dos colonizadores viera de certas regiões do Rio Grande do Sul (cêrca de 80%). E, na sua maior parte, êsses gaúchos descendiam de imigrantes italianos.

Até poucos anos atrás, uma viagem à região era acontecimento raro. Dava até livro. Como aconteceu com o escritor Othon d'Eça que, em 1929, acompanhou o governador da província numa visita. Para atingir o extremo Oeste, quase fronteiro à Argentina, foram inicialmente a Passo Fundo. Subiram de lancha o rio Uruguai. Atingiram Chapecó. Queriam chegar a Caxambu, onde existia uma grande serraria de madeira. "Vai-se lá a cavalo", diz o autor, e continua: "Não tenho muita vontade de ir a Caxambu." Já na introdução ao volume, para mostrar o desbravamento que representava a viagem, explica-se que "...os amigos de Adolfo Konder não só prestam uma homenagem ao intrépido presidente, como ainda revelam à Nação, através da prosa sugestiva de um seu companheiro de *bandeira*, a obra de brasilidade mais empolgante dêsses últimos anos de República." E, logo no início, o autor afirma: "A *bandeira* iniciou sua *entrada* no sertão bruto."

Durante anos o panorama quase não se modificou. Basta dizer que um município como Chapecó — hoje dos mais importantes da região — não contava, em seu núcleo urbano, em 1950, com três mil habitantes. No entanto, a região oferecia condições favoráveis a um rápido desenvolvimento. Os que para ali se mudavam iam dispostos a tudo enfrentar. Dos fatôres que entravavam o progresso, o principal era a falta de comunicação com outros centros, a inexistência de rodovias. Não havendo um sentido de integração da área no processo desenvolvimentista do estado, sua produção e os esforços individuais se perdiam, os mercados consumidores não eram atingidos nem incentivados os produtores.

HOJE, embora problemas subsistam, o panorama mudou substancialmente. Cidades importantes se afirmam. Algumas delas como Chapecó, São Miguel do Oeste, Xanxerê, projetam-se iniciando os passos para, ao mesmo tempo em que melhora a sua agropecuária, se industrializa. E se uma obra, que é a maior aspiração de todo o estado — a BR-282, que atravessa Santa Catarina do Oeste até Florianópolis — tiver rápido prosseguimento, tôda aquela região será, na verdade, não só o "celeiro catarinense", mas um dos celeiros do Brasil.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

MAIS VITALIDADE
PARA O DESENVOLVIMENTO
DO EXTREMO SUL



Criado por convênio dos governadores do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul tem hoje papel preponderante na região, como órgão propulsor do desenvolvimento harmônico e continuado da economia regional. Atuando como financiador, o BRDE, nos seus planos de investimentos, se tem preocupado, particularmente, com os projetos especiais de agropecuária: colonização e reforma agrária; exploração de recursos minerais; desenvolvimento industrial; investimento na pequena e média emprêsas; expansão e reequipamento das indústrias existentes e instalação de novas indústrias, notadamente as que utilizam a matéria-prima local, e outras de caráter pioneiro. O BRDE financia, também, a construção e ampliação de armazéns, silos, matadouros e frigoríficos, bem como a constituição e ampliação de emprêsas para a exploração de serviços de utilidade pública. Fundado em 1961, o sistema de operação do BRDE está interligado ao CODESUL — Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul — que resulta, igualmente, de um convênio dos três governos sulinos e se destina a estudar a vida sócio-econômica da região, programando e formulando o desenvolvimento regional em bases racionais e traçando-lhe as diretrizes.

São as seguintes as fontes dos recursos do BRDE:

1) PRÓPRIOS — provenientes da contribuição dos três estados, na ordem de 1% da receita orçada anual; 2) FINAME — BNDE — Financiamento Nacional de Máquinas e Equipamentos; 3) FIPEME — BNDE — Financiamento à Pequena e Média Emprêsas: 4) FUNDECE — Banco do Brasil — Financiamento para capital de giro (Fundo de Democratização dos Capitais das Emprêsas); 5 — Acôrdo Trigo — BNDE; 6) FNRR — Banco Central — Fundo Nacional para Refinanciamento Rural; 7) FUNFERTIL — Banco Central — Fundo Nacional de Fertilizantes.

Os financiamentos à região, no período de 1963-1966, foram da ordem de NCr$ 24.300.000,00; e os avais de NCr$ 5.000.000,00. Em igual período, os investimentos em Santa Catarina foram de NCr$ 9.500.000,00, com uma participação do BRDE de NCr$ 5.100.000,00. Mas o grande incremento do estabelecimento de crédito é de pouco tempo. Pelos investimentos, em Santa Catarina, nos quatro primeiros meses de 1967 (janeiro-abril), observa-se que o BRDE vem tomando um maior impulso. Os investimentos de janeiro-abril atingiram a NCr$ 3.322.971,00, com uma participação do banco de NCr$ 2.520.000,00. Os pedidos em carteira, para atendimento no decorrer de 1967, somam a NCr$ 16.070.735,00, com uma participação do BRDE prevista em NCr$ 11.500.000,00.

Dois novos fundos, para aplicação específica, são encarados como da maior importância para a região: o Fundo Nacional de Refinanciamento Rural (FNRR), com uma aplicação prevista de 7 bilhões, e o Fundo Nacional de Fertilizantes (FUNFERTIL), cuja operação inicial será de 1 bilhão.

Financiando, nos campos de Lajes, no vale do rio do Peixe e no Oeste de Santa Catarina, numerosas emprêsas (indústrias madeireiras, fábricas de papel e papelão, calçados e couros, produtos alimentícios, etc.) em implantação, instalação ou ampliação, o BRDE vem contribuindo, de forma decisiva, para o progresso mais rápido e a integração de uma vasta e rica área no processo de desenvolvimento do estado. Nesta região catarinense, de 1964-1966, os investimentos foram da ordem de NCr$ 1.449.000,00 e o valor da participação do BRDE de NCr$ 830.000,00. Nos quatro primeiros meses de 1967, acompanhando o ritmo de crescimento do banco, êstes índices elevaram-se substancialmente: os investimentos globais foram a NCr$ 2.380.000,00 e a participação do BRDE de NCr$ 1.770.000,00 Ainda no extremo Oeste foi concedido um aval de NCr$ 840.000,00 para a importação de máquinas rodoviárias, destinadas a equipar as prefeituras municipais e melhorar as condições de tráfego; um empréstimo em idênticas condições acaba de ser solicitado pelas prefeituras do meio Oeste catarinense.

BRDE

Sede

Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul.
Praça XV de Novembro, 16 — 14.º andar.

Agências

Curitiba — Paraná.
Rua 15 de Novembro, 266 — 8.º andar.
Florianópolis — Santa Catarina.
Rua Lacerda Coutinho, 21,
Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul.
Praça XV de Novembro, 16 — 13.º andar.

O NÔVO OESTE DE SANTA CATARINA

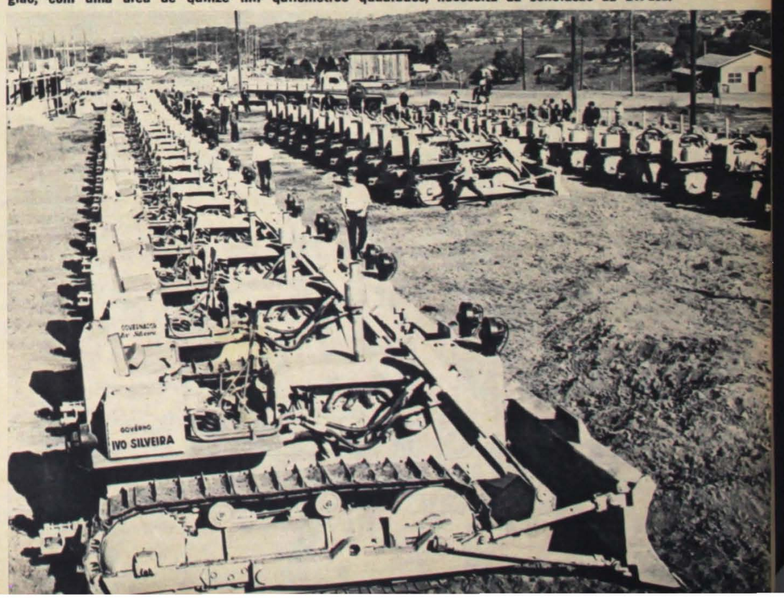
Texto de CIRO MARQUES NUNES
Fotos de GERVÁSIO BATISTA

O Oeste de Santa Catarina é hoje o cenário de uma experiência pioneira na administração pública e nos métodos de govêrno vigentes nos estados brasileiros. Compreendendo uma área de cêrca de quinze mil quilômetros quadrados, o Oeste era quase isolado do resto do estado e sua riqueza potencial era explorada de modo incipiente. As tentativas de atendimento à região por formas tradicionais mostravam-se pouco produtivas. Em 1963, o govêrno estadual resolveu partir para uma solução nova, criando a Secretaria de Negócios do Oeste. Com sede em Chapecó, o órgão tem jurisdição sôbre 34 municípios, nos quais vive uma população de mais de 300 mil habitantes.

O primeiro passo da Secretaria foi iniciar o levantamento sócio-econômico da região, estudar seus problemas e fazer o planejamento integrado e global do Oeste catarinense. O planejamento compreende soluções a curto, médio e longo prazo, e já se encontra em plena execução. O maior obstáculo encontrado é o de transportes e comunicações, na opinião do atual titular da Secretaria do Oeste, engenheiro Serafim Bertaso. Explica êle: "A estrada não transporta apenas a matéria comerciável em moedas, mas também o bem-estar social, aumenta a difusão da cultura, leva às escolas maiores camadas da população e democratiza os serviços que os governos mantêm para servir aos governados." É por essa razão que a maior reivindicação do Oeste é o prosseguimento das obras da BR-282, rodovia federal que atravessa todo o estado. Ligando São Miguel do Oeste a Florianópolis, a estrada seria fator decisivo para o desenvolvimento de tôda a região. Implantar e asfaltar a BR-282, cujas obras estão quase sempre paralisadas por falta de verba ou de liberação dos créditos que são votados, é medida da mais alta significação para Santa Catarina e para o Brasil.



Abrir e conservar estradas é uma das principais tarefas da Secretaria do Oeste catarinense. A região, com uma área de quinze mil quilômetros quadrados, necessita da conclusão da BR-282.



Máquinas rodoviárias adquiridas pela Secretaria do Oeste, com o aval do govêrno estadual, para entrega às prefeituras daquela região catarinense.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

BDE ensinou a lavrador catarinense que crédito fácil é fonte de riqueza



UM DINHEIRO BEM PLANTADO

DE repente, os agricultores do interior perceberam que alguma coisa estava mudando. Não mais precisavam deixar suas propriedades à procura de crédito e financiamento. Técnicos e agrônomos da Secretaria da Agricultura de Santa Catarina, da ACARESC e das Associações Rurais iam procurá-los e orientá-los, para que obtivessem empréstimos do Banco de Desenvolvimento de SC. Em muitos municípios, para melhor entrosamento, a agência do BDE, as Associações Rurais e a ACARESC funcionam no mesmo prédio. Tôdas visam a conservar e a ampliar o número de médias e pequenas propriedades, tornando-as mais produtivas e evitando o êxodo rural, através de melhores condições de vida e de trabalho.

Os resultados são auspiciosos. No Sul catarinense, de cada dez agricultores financiados, 8 o são através do crédito rural orientado do BDE. Em meados de 1966, os empréstimos rurais se elevavam já a 1 e meio milhão de cruzeiros novos,-beneficiando médios e pequenos agricultores. Até maio, mais de 3 bilhões. Tudo fácil e desburocratizado. Pelos estatutos do BDE, 51% dos seus recursos têm aplicação obrigatória no financiamento à agricultura. Além disso, financia também a indústria e profissionais liberais. Tal banco resultou de uma pesquisa em profundidade, realizada pela Federação das Indústrias, em colaboração com o CNI, que levantou as necessidades e potencialidades do estado, propondo, então, a criação daquela instituição bancária. Em 1961, o govêrno federal deu sua autorização. E em 1962, estava instalado, tendo, nestes cinco anos de vida, acelerado o desenvolvimento sócio-econômico catarinense.

Novas agências são constantemente instaladas. Das seis últimas, cinco estão em áreas agropecuárias: nos campos de Lajes as de Anita Garibaldi e Curitibanos; no vale do rio do Peixe a de Videira; no Oeste, as de Concórdia e São Miguel do Oeste. Tôdas estarão funcionando em setembro próximo. O BDE tem também agências em São Paulo e no Rio. Além de seus recursos próprios, o BDE opera também como agente financeiro do FUNDECE, FINAME e FUNDESC. Com êstes, coopera através de financiamento e participação direta nos empreendimentos, seja sob forma societária, seja sob aval ou fiança. E é um suporte financeiro do programa de administração do Governador Ivo Silveira.

Financiando a agricultura, sem esquecer a pecuária e a indústria, o BDE fixa o homem ao solo e amplia a produtividade dos campos de Santa Catarina.

Impulsionando o progresso de uma região



MATRIZ: Videira (SC) — Rua do Comércio, 39. Telegrama (matriz e filiais): Brandalise.

FILIAIS: São Paulo (SP) — Rua Plínio Ramos, 80/90; Rio de Janeiro (GB) — Rua Pedro Alves, 108; Bauru (SP) — Rua Araújo Leite, 6-66; Santos (SP) — Rua 7 de Setembro, 96; Arroio Trinta (SC) — Rua Orlando Zardo, s/n.

Fundada em 1934, a Perdigão logo expandiu suas atividades, ampliando seu campo de ação para outros ramos, transformando-se, em pouco tempo, numa das fôrças propulsoras do progresso em tôda a rica região do Vale do Rio do Peixe, em Santa Catarina.

No exercício de 1966 suas matanças atingiram: suínos, 126.000 cabeças (terceira no país); aves, 100.000 cabeças.

Ramos de Atividades: MATADOURO-FRIGORÍFICO — gorduras, frescais, salamarias, presuntos cozidos e defumados, salgados em geral; CURTUME — couros industrializados de suínos e bovinos, para indústrias de calçados e artefatos; MOINHO DE TRIGO — farinhas e subprodutos; SERRARIAS — madeiras de pinho e de lei; PECUÁRIA — granjas de suínos e aves de raças de altas linhagens, para reprodução e recria; FÁBRICA DE RAÇÕES — rações balanceadas para bovinos, suínos e aves; FÁBRICA DE SABÕES — Sabões fundido e em pó; TRANSPORTES — grande frota de veículos de pequena e média tonelagens para o transporte de cargas; CASAS COMERCIAIS — comércio em geral, com seções de atacado e varejo, em Videira e Arroio Trinta; GRÁFICA PERDIGÃO LTDA. — papéis e artes gráficas em geral.

PERDIGÃO S. A.
COMÉRCIO E INDÚSTRIA

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Consórcio financeiro ergue a maior indústria de Santa Catarina

LAJES cresce o império do papel



Plantações de pinus elliottii irão substituindo, pouco a pouco, os pinheiros nativos.

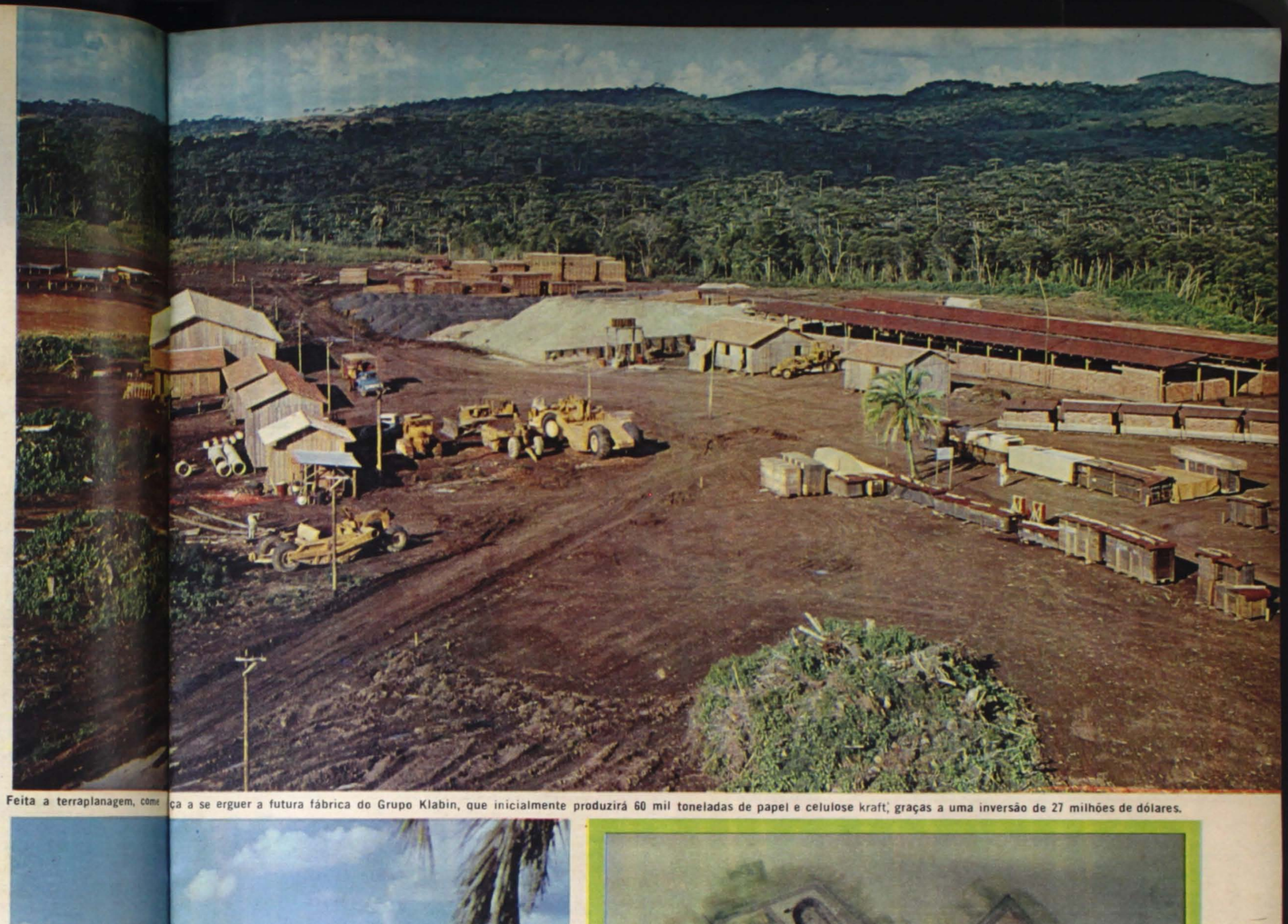


As mudas dos novos pinheirais de Santa Catarina estão sendo preparadas nos viveiros.

Fotos de GERVÁSIO BATISTA

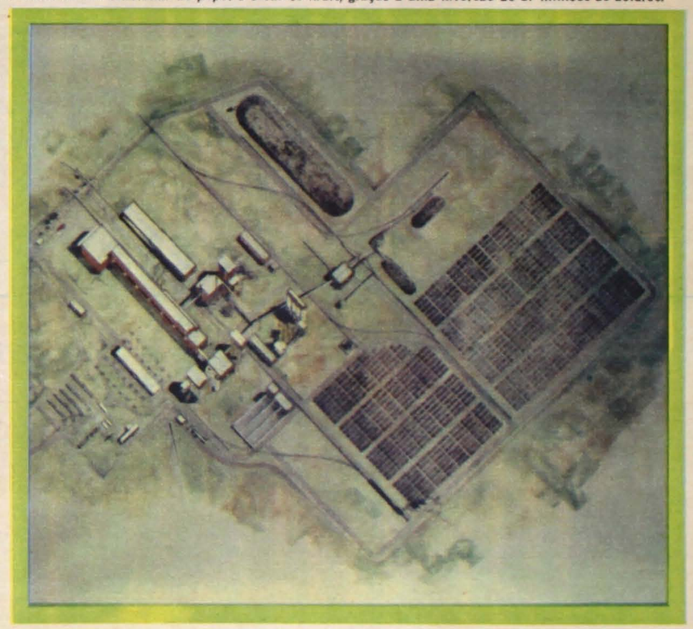
Perto de Lajes, em Santa Catarina, está em construção a maior indústria do estado: a Papel e Celulose Catarinense S.A., do Grupo Klabin, com participação acionária de outros grupos brasileiros e, ainda, da IFC (Corporação Financeira Internacional) e da Adela Investiment Co. S.A., organização multinacional de capitais que atua na América Latina. A operação, no total de 27 milhões de dólares, concretizou-se em 1966, sob a liderança do BNDE. O projeto básico foi elaborado pela equipe técnica da Klabin, em colaboração com consultores finlandeses. A fábrica, dimensionada para produzir por dia 180 toneladas de celulose e 150 de papel, será completamente integrada, com instalação própria de energia, recuperação térmica e química. A transformação da madeira em celulose se processa em cozinhadores estacionários de 100 m3, e o alvejamento da celulose numa instalação de cinco estágios, dois dos quais com dióxido de cloro, fabricado pela própria Catarinense. Ao todo, mais de 10 mil toneladas de equipamento serão instaladas. A aquisição da principal maquinaria antecipou-se à construção da fábrica, cuja terraplanagem, a cargo de C.R. Almeida, da GB e Curitiba, iniciou-se em setembro de 1966. A empreitada da construção, com a Cia. Construtora Nacional, no valor de três milhões de cruzeiros novos, foi assinada na presença do Dr. Hélio Schliter, do BNDE (representando o presidente, Dr. Jaime Magrassi de Sá), e do Dr. Nílton Rogério Neves, prefeito de Lajes. Os edifícios, com uma área construída de 40 mil m2, situam-se numa esplanada de 600 mil m2, onde ficarão os grandes depósitos de madeira. O projeto, do arquiteto Alfredo De Divitiis, prevê a futura expansão do vasto conjunto. A fábrica utilizará madeira de pinho, abundante nos Campos de Lajes, hoje quase só aproveitada em serrarias, aliás com grande desperdício. O consumo anual, para a produção inicial, de 60 mil toneladas, será de 360 mil m3 estéreos de pinho e de 110 mil m3 de latifoliadas mistas.

Para assegurar matéria-prima, iniciou-se há cinco anos o plantio de pinhos exóticos, que em 15 anos poderão estar sendo utilizados. O crescimento anual do *pinus elliottii* e do *pinus taeda* tem sido excelente, melhor que no próprio *habitat* — o sul dos EUA. A região beneficiada — a dos Campos de Lajes — compreende 14 municípios numa área de 25 mil km2 e com uma população estimada em 300 mil almas. Uma vez iniciada a produção, serão despendidos anualmente ..... NCr$ 25.000.000 em matérias-primas, mão-de-obra, bens manufaturados e impostos, dos quais uma parte apreciável nessa região. A Zona dos Campos de Lajes, essencialmente dedicada à agricultura e pecuária e de baixa renda *per capita*, tem tôdas as condições para reagir ràpidamente à presença de um grande empreendimento industrial, estando servida por boas vias de comunicação, inclusive estrada de ferro, e com vigorosas comunidades, tais como a de Lajes. A grande indústria empregará diretamente 650 operários e funcionários nos seus serviços industriais e oferecerá oportunidade de emprêgo a mais outras 1.000 famílias nos serviços florestais e auxiliares. Talvez de ainda maior significado econômico e social será o seu papel na racionalização da exploração florestal, através da integração da indústria madeireira e introduzindo o moderno manejo da floresta e sua recuperação pelo reflorestamento próprio e de terceiros.



Feita a terraplanagem, começa a se erguer a futura fábrica do Grupo Klabin, que inicialmente produzirá 60 mil toneladas de papel e celulose kraft, graças a uma inversão de 27 milhões de dólares.





Barragem para captação de água a ser utilizada na grande indústria catarinense de papel (à esquerda), e a planta dos estabelecimentos, ocupando uma área de 600 mil metros quadrados.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

As mulheres se preocupam muito com o seu penteado. E a Spam se preocupa muito com as mulheres que se preocupam com o seu penteado.



bobby-spam



spam-jet luxo

Eis o que acontece: com o Spam-Jet Luxo, você pode fazer as unhas ao mesmo tempo em que seca os cabelos. Isso graças ao chicote para manicure, que inclui escovinha, lixa plana, lixa cilíndrica e fêltro. Outra diferença do Spam-Jet Luxo: você escova os cabelos com ar quente. Há outras diferenças que você notará quando tiver às mãos o lindo estôjo do Spam-Jet Luxo. O Boby-Spam é outro elemento indispensável ao seu penteado. Da maneira mais rápida possível - e elètricamente - você alisa e enrola seus cabelos. A Spam faz questão de continuar se preocupando com o seu penteado.

spam facilita a sua vida

SPAM

Linha 0948

Uma companhia mostra que a integração industrial agropecuária é o

CAMINHO DO SUCESSO

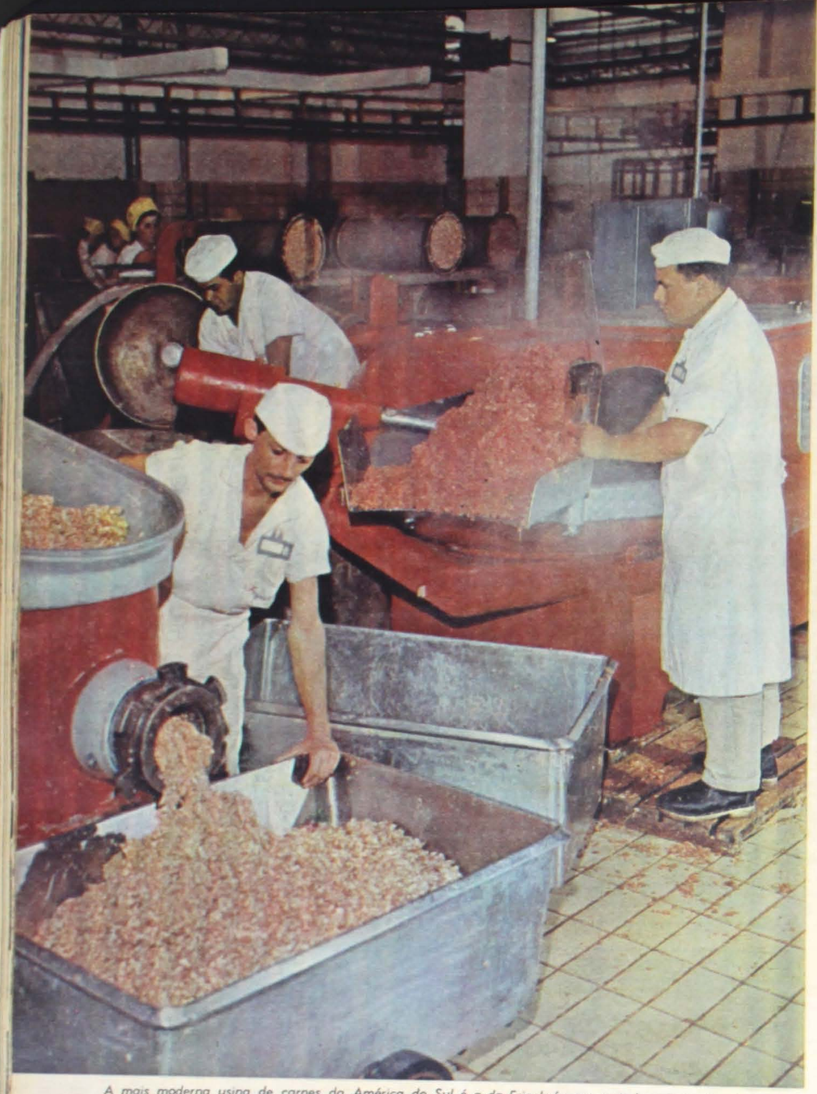
"Devemos voltar nossos olhos para o campo, criando indústrias agropecuárias integradas. Já temos no Brasil, no Estado de Santa Catarina, uma emprêsa que é um bom exemplo disso." Esta foi a declaração feita pelo Presidente Costa e Silva a jornalistas norte-americanos, numa entrevista que concedeu em Los Angeles, durante uma visita à Califórnia. Referia-se êle à S/A Indústria e Comércio Concórdia-Sadia, matriz de um grupo industrial fundado pelo Senador Attílio Fontana há pouco mais de vinte anos, apontando-a como a resposta certa a alguns dos mais sérios problemas que desafiam a capacidade empresarial brasileira. A história dêsse grande sucesso teve seu início no ano de 1942, na pequena cidade catarinense de Concórdia.



Integração é o processo que sintetiza a história de um êxito e mostra como tornar realidade o slogan: "Do produtor ao consumidor." A própria Sadia produz as rações concentradas, e pelo sistema para engordar aves, suínos e bovinos, industrializa as carnes em seus frigoríficos, transporta e entrega o produto final aos consumidores.

Texto de Flávio Fernandes • Fotos de Armando Bernardes

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



A mais moderna usina de carnes da América do Sul é a da Frigobrás, na capital paulista. Em cima: seção de preparação e tempêro. Embaixo: a seção de acabamento de mortadela com uma produção de 300 t mensais.



No mais moderno frigorífico da América do Sul, uma técnica aprimorada permite a produção de alimentos de melhor qualidade

HOJE, o grupo Sadia é um pequeno império com mais de três mil empregados, quase todos acionistas das emprêsas — uma companhia de transportes aéreos, três moinhos de trigo e três frigoríficos, que entregam ao público mais de 100 produtos diferentes. Em 1942, entretanto, o quadro era bem diferente. Concórdia tinha apenas cêrca de dois mil habitantes e era um município recém-criado, sem qualquer expressão econômica. Na região montanhosa e de clima frio, a produção local era típica dos lugares onde predomina a pequena propriedade familiar: criação de porcos e aves, culturas de milho, mandioca, trigo, soja e forrageiras. Tudo, porém, de maneira incipiente e antieconômica.

Esse é o quadro que Atílio Fontana encontrou em Concórdia, quando chegou levando capital e técnica para fazer funcionar um pequeno moinho de trigo que lá existia. O moinho era a primeira tentativa de orientar a região no caminho da industrialização, mas estava parado. Atílio Fontana começa a trabalhar e funda a S/A Indústria e Comércio Concórdia-Sadia. O moinho inicia a produção de rações concentradas e balanceadas, além de farinha de trigo. A primeira expansão ocorre com a construção de um frigorífico, que industrializa carnes de porco, boi e aves. Em pouco tempo o mercado regional é ultrapassado e a emprêsa ruma para o norte, abastecendo centros consumidores do Paraná, São Paulo e Rio. A boa aceitação de seus produtos leva à ampliação do grupo, que funda os moinhos de Marcelino Ramos, no Rio Grande do Sul, e da Lapa, em São Paulo, a companhia de aviação comercial Sadia S/A Transportes Aéreos (hoje servindo com linhas regulares o Sul, Centro e Nordeste do país), os frigoríficos de Toledo, no Paraná, e da Frigobrás, em São Paulo. Êsse último é o mais moderno da América do Sul.

O desdobramento da emprêsa beneficia-se da experiência acumulada durante anos de atividades especializadas. Os homens conhecem seu trabalho a fundo, e isso é parte do êxito que alcançaram. Nos últimos quatro anos, a Sadia aumentou sua produção em 50 por cento, em Concórdia, sem grande reforço de mão-de-obra, e transformou-se na emprêsa que mais paga impostos em Santa Catarina. Atualmente, quase todos os dez mil habitantes de Concórdia são ligados à emprêsa, direta ou indiretamente.



Câmara de resfriamento de carcaças de suínos, no frigorífico de Concórdia, onde todos os operários usam uniformes e botas e onde são observados os mais rígidos princípios de higiene. Tôdas as unidades frigoríficas do grupo Sadia dispõem das mais modernas câmaras de congelamento existentes no mundo, garantindo alto nível de qualidade.





À esquerda: seção de preparação final de lingüiças e salsichas. Em cima: detalhe de um dos laboratórios de pesquisa e contrôle.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Síntese de uma filosofia: integração de processos de produção, industrial e de comercialização; modernização de métodos para maior produtividade; revigoramento da pequena propriedade familiar



Originários da Dinamarca, os suínos Landrace fornecem melhor carne e exigem menos tempo de engorda.

EM Concórdia, grande número de agricultores e pecuaristas fornecem tôda a sua produção à Sadia. Quem nunca trabalhou ou forneceu produtos para a organização talvez tenha um filho estudando no grupo escolar, ou no ginásio, construídos e mantidos com a colaboração da Sadia. Ou talvez tenha sido atendido gratuitamente no ambulatório médico local, sustentado pela emprêsa. Sua atividade social estende-se também através de uma sociedade esportiva e recreativa, que promove festas e os mais variados torneios esportivos. A sociedade tem sede, quadras e gramados próprios e seu time de futebol é muito respeitado no campeonato estadual.



Vista aérea da enorme estação de fomento e desenvolvimento de reprodutores de aves e suínos, em Concórdia. Além da produção de alimentos, a Sadia está promovendo o melhoria das linhagens naquela região catarinense.



O plantel de reprodução de suínos da raça Duroc-Jérsei é originário dos Estados Unidos. Trazendo para o Brasil as melhores linhagens de outros países, a Sadia tem obtido surpreendentes resultados na produtividade.



Matrizes é o nome técnico dado às aves reprodutoras, mantida em Campinas pelo Moinho da Lapa, uma como as galinhas da linhagem Pilch's Poultry Breeding Farms, originárias dos Estados Unidos. A produção de pintos dessa raça é intensivamente desenvolvido na granja avícola das emprêsas do grupo Sadia. Além dessa granja, o moinho possui uma fábrica de rações e vários depósitos no Estado de São Paulo e no Estado do Paraná.



Em cima: seção de embalagem de uma das fábricas de rações balanceadas e concentradas, em Concórdia. Essas unidades suprem milhares de granjeiros em Santa Catarina e nos estados vizinhos, representando um dos aspectos do sistema de integração vertical. À direita: os perus da raça Kimber atingem 10 quilos de pêso aos 6 meses de idade: economia e produtividade.





UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Através de uma política de assistência direta e preços justos ao produtor, a Sadia obtém aumento da produtividade e melhoria da qualidade, solucionando um velho problema brasileiro

Atílio Fontana chegou a Concórdia disposto a valorizar o trabalho do homem, a aproveitar as potencialidades da terra e a utilizar o clima como um aliado, a fim de não o ter como adversário. O tipo dominante de propriedade rural da região, a pequena propriedade familiar, condicionou a produção pecuária à criação de porcos e aves, que não necessitam de grandes espaços. E o tipo de criação condicionou o tipo de cultura: cereais, como a soja, que entram na preparação de tortas para as rações destinadas às galinhas e aos suínos. O primeiro passo de Atílio Fontana foi eliminar, desde logo, qualquer intermediário entre o produtor e a sua indústria, montando uma rêde de postos de compra em tôda a zona rural.

Como êsses postos precisavam comunicar-se entre si, foi construída uma rêde telefônica que deu origem à companhia que hoje serve a uma vasta região. O segundo passo foi dar assistência direta ao produtor, reconhecendo-lhe o direito a um preço justo — e aqui está localizada uma das mais fortes razões do êxito do grupo Sadia. Para educar o produtor, ensinando-o a lucrar mais através do aumento da produção e da melhoria da qualidade, foi necessário montar todo um Departamento de Fomento Agropecuário. Êsse departamento, dirigido por agrônomos, veterinários e técnicos na criação de porcos e de aves, conseguiu resultados tão impressionantes que, atualmente, a Sadia destina uma porcentagem da sua renda bruta para a manutenção e ampliação dêsse serviço.

Por exemplo, o departamento fornece reprodutores de raças selecionadas, de porcos tipo carne. Porco tipo carne é o que dá mais carne do que banha, tendo, portanto, melhor aproveitamento por pêso. As crias dêsses reprodutores alcançam pêso comercial aos 6 ou 7 meses de idade. Os porcos "caipiras", empìricamente tratados, só atingem pêso industrial entre 16 e 20 meses de idade, o que é antieconômico. Os granjeiros criam êsses porcos em menos tempo, recebem assistência contra doenças e epidemias e ainda vendem a sua produção por melhor preço: a Sadia costuma pagar um preço abonado quando o produtor fornece carnes de raças que ela indica. Outro exemplo: o departamento fornece, aos granjeiros, pintos comerciais também de raças selecionadas, que são engordados e vendidos ao frigorífico na idade de abate, mais ou menos 70 dias. Tanto os criadores de porcos como os de aves recebem rações balanceadas e concentradas, o que contribui para baratear o custo da alimentação dos animais.

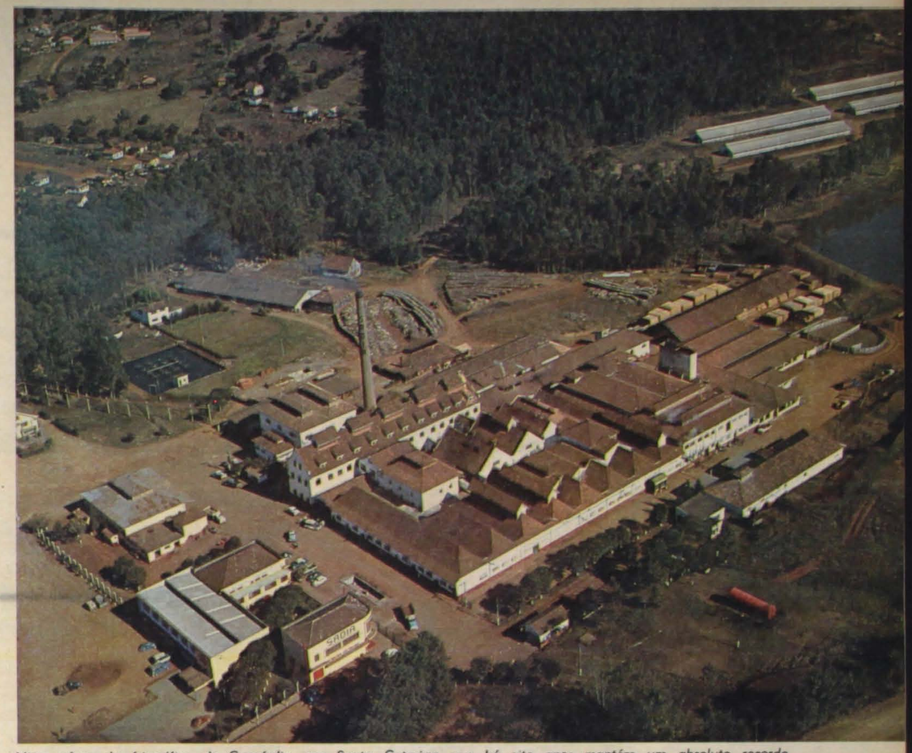
A Sadia leva tão a sério o seu Departamento de Fomento que foi através dêle que ela cooperou com o govêrno do estado na construção da Usina Hidrelétrica de Esperinha, que distribui energia elétrica para extensa zona rural que abrange: 17 municípios, localizados no Meio-Oeste e no extremo Oeste de Santa Catarina. E é o Departamento que está orientando a criação de perus em larga escala, para não limitar o seu consumo às ocasiões especiais. Foram importados dos Estados Unidos reprodutores da linhagem Kymber, que chegam aos 10 quilos em 5 meses de idade. Um técnico norte-americano dirige o trabalho dos produtores e a Sadia espera, em pouco tempo, transformar o peru em prato tão comum quanto o frango — e talvez até mais barato do que a carne de boi. Com o granjeiro assistido em sua dupla condição de produtor e cidadão, o seu produto de alto valor qualitativo com preço compensador, a Sadia dá o exemplo — a que se referiu o presidente da República — de como se pode reerguer uma região interiorana e de como se pode fixar a sua população ao solo, até mesmo nas condições do minifúndio.

O Senador Atílio Fontana sintetiza assim a filosofia que determinou o sucesso do grupo de emprêsas que dirige:

"*Integração* racional de processos de produção, industrialização e comercialização; modernização de métodos, visando o aumento da produtividade do homem, da máquina e da terra; recuperação e revigoramento da pequena propriedade familiar."



O Moinho da Lapa está localizado em São Paulo e tem uma capacidade diária de moagem de 300 toneladas. Os silos, para a conservação do trigo, podem armazenar mais de 4.000 t de cereal.



Vista aérea do frigorífico de Concórdia, em Santa Catarina, que há oito anos mantém um absoluto recorde de abate de suínos no Brasil. Anualmente, cêrca de duzentas mil cabeças são ali abatidas e industrializadas.



Seção de cilindros de moagem do Moinho da Lapa, na capital paulista. Além da moagem, essa emprêsa produz rações balanceadas em sua moderna fábrica de Campinas.





A mais moderna usina de carnes da América do Sul é o Frigobrás: 70 toneladas diárias são ali industrializadas.





À esquerda: central distribuidora da produção da Frigobrás. Em cima: a mais nova unidade da Sadia é o Frigorífico Pioneiro, em Toledo, Paraná.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Turbo-hélices Dart-Herald da Sadia em seu hangar de Congonhas, em SP, de onde partem para mais de trinta cidades brasileiras. Os aviões possuem turbinas Rolls-Royce.

A Sadia Transportes Aéreos é elemento vital na Rêde de Integração Nacional, levando o progresso às regiões do Sul, Centro e Nordeste do Brasil



Uma turbina Rolls-Royce Dart é pré-instalada e inspecionada, para uso nos Dart-Heralds da emprêsa.



A Sadia Transportes Aéreos também possui êsse moderno laboratório de radar e eletrônica, em Congonhas.

O Senador Fontana acha que "quem tem uma filosofia já tem meio caminho andado". E acrescenta: "Mas é necessário, igualmente, ter confiança em si mesmo, no empreendimento, na nação. Planejar, formar equipes de técnicos e de trabalhadores que confiem na administração e que participem dos resultados que êles ajudam a obter. Dar assistência e incentivo permanentes aos produtores de matérias-primas, pois êles são um dos dois extremos mais importantes da economia nacional. Respeitar profundamente os consumidores, que constituem o outro extremo da vida econômica de uma nação. E ter espírito de equipe, trabalhando em harmonia, com a participação dos acionistas, porque, afinal de contas, vivemos num regime de iniciativa privada. Depois disso, é arregaçar as mangas e trabalhar."



Nessa decolagem, o Dart-Herald utilizou apenas 400 metros de pista. Podendo descer em pequenos aeroportos de terra, a Sadia leva o progresso ao interior do Brasil.

Cútis perfeita... ou maquillage perfeita?
Só você poderá responder... quando usa a base de maquillage
Coverfluid de Helena Rubinstein



Base e pó
num só produto

mais mate
mais cobertura
mais luminoso

Coverfluid é encontrado
em maravilhosas tonalidades modernas,
inspiradas na moda francêsa.

Standart Propaganda

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Manchete

CR$ 800 • N. 760 • RIO DE JANEIRO, 12 DE NOVEMBRO DE 1966

em côres
AS CELEBRIDADES
O FESTIVAL
A CANÇÃO

UMA AVENTURA NO ARAGUAIA

AUTOCRITICA DE CAFE FILHO

PORQUE A MULHER TRAI?

especial
AS SUECAS O SEXO

INGE BRUECK, da Alemanha, vencedora do Festival com seu Galo de Ouro.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

12

No interior de Santa Catarina se esconde um húngaro que alcançou fama internacional com um livro escrito em latim, e que nas horas sempre vagas é pianista, matemático, poeta, compositor, agricultor e médico

ÊSTE HOMEM TEM MÊDO DO MUNDO

Reportagem de SALIM MIGUEL • Fotos de DOMINGOS CAVALCANTI

NO pequeno município de Dona Ema, longe de todos os confortos, sem luz elétrica e telefone, onde as notícias demoram a chegar por uma estradinha que exige paciência e bom tempo para ser vencida, a vida parou no tempo e no espaço. Até o dinheiro, pelas condições especiais que cercam os habitantes, adquire um valor relativo, e a informação que se obtém é sempre igual: o homem enfurnou-se no fim do mundo. No pequeno vale perdido em Santa Catarina, o homem — alto e forte, de testa ampla e olhos inquietos — se chama Alexander Lenard, humanista e agnóstico, poliglota e apátrida. O Dr. Lenard cultiva a terra, medita, escreve, toca piano, pinta, atende com seus conhecimentos médicos à população local e fêz um livrinho em latim tornar-se **best-seller** mundial, com a tiragem de 150 mil exemplares e renda de 200 mil dólares, após a 17.ª edição.

A caminhada de Alexander Lenard, da Hungria até Dona Ema, foi longa e difícil. Atravessou duas grandes guerras, que o marcaram profundamente: a primeira, quando criança, deixaria fortes sinais na sua personalidade; da segunda, que havia previsto com grande antecedência, não conseguiu escapar. Nascido em 1910, deixa Budapeste em 1918. Faz seus estudos de Medicina na Universidade de Viena e, formado, passa a viver na Alemanha. Logo, a chegada e fortalecimento do nazismo causam a sua saída precipitada do país. Refugia-se na Itália, sem levar qualquer documento. Agora, diz:

— Depois de viver no inferno de Hitler e de Mussolini, uma pessoa quer paz. Essa paz, eu a encontrei em Dona Ema. Passam-se meses sem que eu veja um jornal, não tenho rádio e nem preciso saber o que acontece no mundo. Meu isolamento é intencional, como resultado de maduras reflexões. Em Roma, participei ativamente da Resistência, pois considero dever de qualquer homem honesto a luta contra o nazi-facismo e a ditadura. Eu e minha mulher, ela de família italiana, morávamos num quartinho, uma água-furtada. Ali, durante nove meses, abrigamos 16 refugiados aliados. Felizmente escapamos, e não me canso de afirmar: se uma pessoa não é pacifista antes de uma guerra, depois certamente o será. Eu já pensava assim antes. Depois, tornei-me um pacifista ainda mais convicto.

Com a entrada das fôrças norte-americanas em Roma, Lenard vai, primeiro, trabalhar no setor de guerra psicológica do quartel-general das fôrças aliadas. Em seguida, torna-se conselheiro médico nos serviços norte-americanos de reintegração. Mais tarde, antropologista-chefe do registro de túmulos. A um pedido de esclarecimento para essa última função, sorri e define: — Lavava, media e juntava os ossos dos norte-americanos mortos.

Refugiado de guerra, sem documentos, cansado e desiludido, escolhe o Brasil para residir. Segundo uma das versões apontadas para sua preferência, Lenard, após demorados estudos das correntes marítimas, freqüência e direção dos ventos, etc., chegara à conclusão de que, numa provável terceira guerra mundial, uma das poucas regiões capazes de escapar à radioatividade seria Dona Ema, em Santa Catarina. Lenard não desmente nem confirma a versão, diz apenas que veio para o Brasil e não se arrepende:

— Dona Ema é o lugar mais lindo do mundo, só espero que a chamada civilização, com suas máquinas desumanas, demore muito a chegar.

Num rosto expressivo e de extrema mobilidade, inteligência viva e aberta, com uma barbicha que lhe dá aos cantos da bôca um ricto irônico ou cético, fundem-se não harmônicamente, mas com entrechoques e lutas interiores, o erudito e o latinista, o organista e o pianista, o agricultor e o médico, o matemático e o poeta, o pintor e o compositor, o poliglota que domina 12 idiomas. Lenard se explica:

— Sempre tive tendência para o isolamento. Certamente, a experiência da guerra, com sua carga de horrores, terá influenciado para acentuar êsse aspecto de minha personalidade que já preexistia e que talvez em outras condições não viesse a se tornar dominante. Nasci pessimista e assim vou morrer, decepcionado especialmente com a organização dos Estados. A tragédia do mundo não é apenas ser mal governado, mas **ser governado.** Eu preciso de completa independência, de liberdade. E isso o Brasil ainda me oferece. A que bem maior pode um homem aspirar?

Depois de recusar uma cadeira na Universidade de Budapeste, por achar que nunca se tornaria um bom comunista, Lenard solicitou, no comitê dos refugiados, um visto para o Brasil. Tinha 42 anos quando aqui chegou, em 1952, como agricultor.

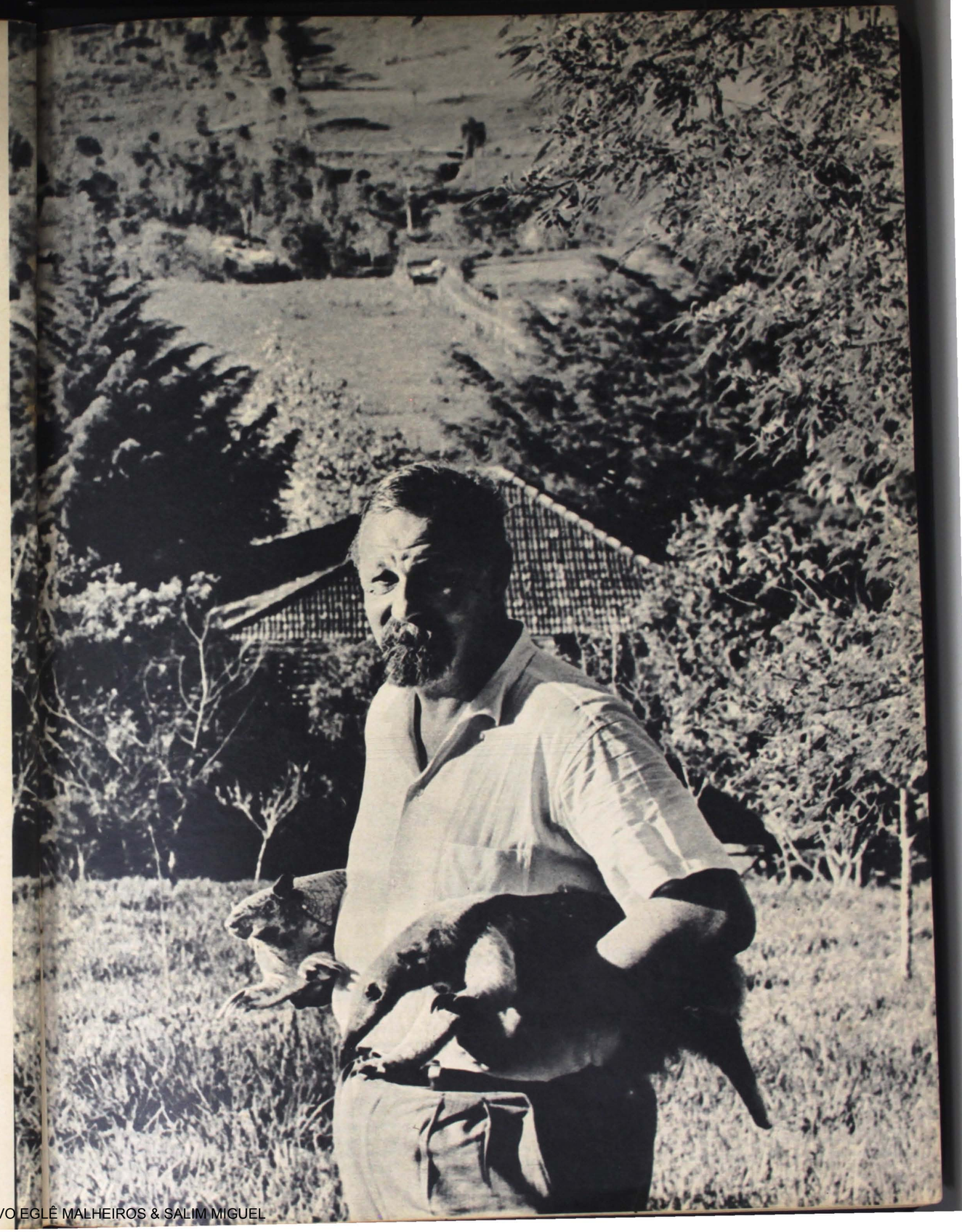
— Não importa a profissão que uma pessoa tenha, todos entram como agricultores. Mais tarde, pude comprovar que as outras profissões só nos dificultam as coisas. Escritor, por exemplo. Não revalidei o meu diploma de médico. Para o famoso passaporte amarelo, dei como profissão a de escritor. O encarregado quis saber **o que vem a ser isso.** Respondi: compro papel em branco e nêle coloco pequenos caracteres, depois procuro alguém que se interesse em ficar com êsses papéis. **Quer dizer que o senhor é uma espécie de vendedor de papel?** Como sabia não adiantar discutir, concordei: mais ou menos isso. Assim, no meu passaporte amarelo está: profissão, vendedor de papel.

Há dez anos Lenard vive em Dona Ema, no distrito de Nova Esperança, e de lá não pretende sair. Foi em quase completo isolamento que traduziu um livro para o latim e se tornou conhecido no mundo. Ao ensinar latim aos filhos dos engenheiros franceses que moravam no lugar, utilizava-se de um texto em inglês de A. A. Milne, **Winnie-the-Pooh.** Nos lazeres de Dona Ema retomou a tradução, concluindo-a. Enviou os manuscritos ao escritor Paulo Ronai, como êle húngaro e latinista. Ronai leu o trabalho, apresentou sugestões valiosas, mas não acreditou na possibilidade editorial do livro. Foi além. Disse que talvez se vendesse, com esfôrço, uns 25 exemplares.

O latinista Alexander Lenard ficou zangado. E fêz imprimir, numa gráfica de São Paulo, exatamente 25 exemplares. Alguns dêles acabaram na Europa. Um editor sueco se interessou e lançou dois mil exemplares, que se venderam numa semana. Outra edição foi providenciada. Logo em seguida, editôres inglêses e

Alexander Lenard, formado em Medicina na Áustria e membro da Resistência italiana, só encontrou a paz em Dona Ema, onde nada acontece.





UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



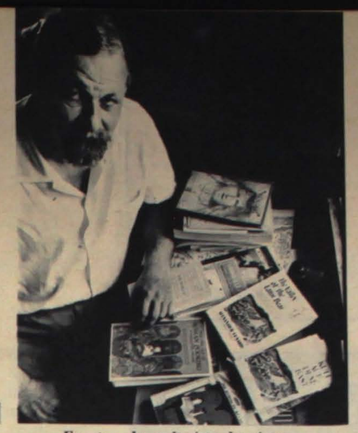
ALUMINIO DO BRASIL S.A.

Repare: nem bem o sol entra por sua janela, o Alumínio Albra já está em ação, ajudando-o viver melhor!

O trilho da cortina é de alumínio.
Janelas, no Brasil, em todo o mundo, hoje quase tôdas têm êsse tipo de trilho.
Ou então, persianas de alumínio.
A vidraça, provàvelmente está numa esquadria de alumínio. Como ninguém gosta de ferrugem, é alumínio que os engenheiros estão recomendando e aplicando.
Com isso, eliminam também custos de acabamento, de manutenção e aliviam pêso nas estruturas de residências e edifícios. Imagine um pequeno. 100 janelas, mais ou menos.
Sabe lá o quanto pesa isso não sendo as esquadrias de alumínio? Imagine um grande. Construí-lo sem alumínio será falta de que? De atualidade?
Olhe nossas cidades que crescem.
Se fôssemos colocar a marca Albra em tudo que é janela de alumínio, seríamos obrigados a montar uma fábrica de emblemas Albra. Preferimos continuar fabricando mais perfis extrudados, que servem para fazer mais janelas, mais trilhos de cortina, até móveis, box de banheiro etc.
E também mais telhas de alumínio, que não sabem o que é velhice.
Invente alguma coisa de casa que não possa ser feita de alumínio.
Depois, conte à Albra.
Vamos gostar do desafio!

ALBRA
— o maior nome na indústria do alumínio!

Longe das notícias, o solitário de Dona Ema escreve, pinta, toca piano e só tem mêdo da máquina



Ensaios de culinária histórica, narrativas de ficção e um livrinho em latim tornaram Lenard mundialmente famoso

norte-americanos escreveram a Lenard, oferecendo 200 dólares pelos direitos autorais permanentes. Lenard recusou. Acabou aceitando os 200 dólares pelos primeiros três mil exemplares. Resultado: o livro, intitulado em latim **Winnie ille Pu**, está na 17.ª edição, vendeu mais de 150 mil exemplares e rendeu aos editôres 200 mil dólares. Com os direitos autorais, Lenard comprou uma casa em Blumenau e um sítio em Dona Ema. Um exemplar da primeira edição vale agora, no mínimo, 100 dólares. Durante semanas, o pequeno volume estêve entre os **best-sellers**, nos EUA.

Winnie, embora tenha projetado o nome de Alexander Lenard, é sòmente uma pequena parte da estranha carreira literária do autor. Começou, como todos os jovens, com um volume de poesias. Em alemão, húngaro e latim, seis outros livros seguiram-se ao primeiro. **Ex Ponto**, publicado em Zurique, é uma seleção dos sete livros. Na Itália, Lenard publicou um dos primeiros livros sôbre parto sem dor e um longo trabalho sôbre as relações entre a criança sã e a doente. Medicina e música são temas de numerosos artigos seus. Em **The Fine Art of Roman Cooking**, editado também na Alemanha, êle realiza, com fino humor e grande conhecimento, através de seus pratos preferidos e dos vinhos, um painel da civilização romana. Para o latim, traduz o romance de Françoise Sagan, **Bom Dia, Tristeza**, que considera um livro clássico. No que se refere a observações sôbre livros e autores, Lenard nada diz. Recusa-se sistemàticamente a falar de suas preferências e possíveis influências literárias. Afirma ser difícil responder "porque não sou um bom leitor". Vai além:

— É o que acontece com a maioria dos que escrevem. Tornam-se péssimos leitores. Quando passam a críticos, são ainda piores. Transformado em crítico, um escritor tem tôda a oportunidade de errar. Dois exemplos: Tolstói achava que Shakespeare não valia nada, e o mesmo dizia Victor Hugo de Goethe.

Quadros pelas paredes, um piano, livros por todos os cantos, eis a casa do urso latino em Dona Ema, cercada de grandes árvores. Ali êle toca piano, "numa média de quatro horas por dia"; escreve, "acabei de publicar o primeiro capítulo, na Alemanha, de um romance sôbre a ocupação nazista em Roma"; pinta, "a palavra não me basta, não me satisfaz nem expressa tudo o que quero, preciso, para me acalmar e realizar, fazer alguma coisa com as mãos, pois elas me forçam a isso"; cuida dos animais e da terra, preocupado com seus cogumelos, aspargos e morangos especiais.

Dona Ema, com seu vale verde, ampla paisagem, casas esparramadas, já deu a Lenard motivo para um livro, **The Valley of Latin Bear**. Da historia surgiram um processo (porque êle "fala mal das pessoas") e a proibição de viajar nos ônibus que fazem o trajeto Blumenau—Dona Ema. Lançado inicialmente em alemão, o livro, misto de autobiografia e recriação de pequenas histórias locais, já tem edições em alemão, inglês, sueco e holandês. Está para sair a edição húngara, que será a raiz de uma edição italiana — da qual poderá sair uma edição em português. Por não acreditar em traduções, o próprio Lenard reescreve o texto para os outros idiomas. No prefácio para a edição inglêsa, Robert Graves destaca a qualidade do livro e a fascinante personalidade do autor, enquanto no **The New York Times** o crítico Orville Prescott classifica a obra de "um quadro de humor ameno e áspera melancolia".

SÓ ESCREVE O QUE SENTE E SÔBRE O POUCO QUE VÊ

NA calma tarde que cai sôbre o vale, Lenard passeia e fala. Não sabe explicar como um livro que êle considera tão local possa ter encontrado tamanha aceitação internacional. Talvez porque conte histórias de sempre, sem nada inventar, unindo as próprias experiências com um toque de ficção. O livro é, em síntese, a história de um passeio por Dona Ema (Dona Irma, no volume), com incursões episódicas pelo município vizinho de Presidente Getúlio (Tenente Gregório, no volume), misturadas a reminiscências e passagens da vida do autor. A base do livro foram longas cartas descritivas, que êle remetia a amigos em diferentes partes do mundo, relatando pequenas histórias da vida na comunidade, temperadas de considerações irônicas e exatas, numa tentativa de transmitir a idéia do seu "verde e paradisíaco vale". Uma entrada ou saída de missa, um passeio da ponta da rua até sua casa, uma leve caminhada ao entardecer, o dia do farmacêutico, o atendimento a um camponês doente, histórias de professôres e alunos.

O Vale do Urso Latino, ilustrado pelo próprio autor, é um livro amargo. Um retrato humano e real, visão objetiva da vida no interior e do subdesenvolvimento numa região que oferece tôdas as condições para um rápido progresso.

72 72 72

72 segundos pela primeira vez
72 fotos eletrônica aplicada à fotografia

OLYMPUS sempre a pioneira



OLYMPUS Pen EM
18 x 24 mm

4 transistores acoplados a um diminuto mas potente motor elétrico, que movimenta o exclusivo obturador eletrônico. ...ZIIIP... e em apenas 1 segundo é feito o transporte do filme. Em 72 segundos, se quizer, você terá 72 fotos! A rebobinagem é igualmente elétrica... ultra-rápida

OLYMPUS LE 35 mm



totalmente automática, de características técnicas inigualáveis. Obturador/diafragma eletrônico de desenho revolucionário com 6 transistores de alta performance e 3 diodos.

conheça, no revendedor de sua preferência, tôda a linha tradicional da Olympus Pen



PEN EE PEN S PEN EES
PEN W PEN F PEN D-2

Distribuidores exclusivos para o Brasil
TROPICAL LTDA
São Paulo - Caixa Postal 6660
Rio de Janeiro - Rua Anfilófilo de Carvalho, 29

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

013 - MIGUEL, Salim. Florianópolis os cariocas do sul. **Revista Manchete,** Rio de Janeiro, n. 1196, p.120-125, 22 de mar. de 1975.

Manchete

Cr$ 10,00 ● N.º 1.196 ● RIO DE JANEIRO, 22 DE MARÇO DE 1975

BELÉM, MANAUS, BOA VISTA, MACAPÁ E ACRE (VIA AÉREA): Cr$ 14,00 ● PORTUGAL ESC. 30$00

Florianópolis S.C

GEISEL
UM ANO DE GOVERNO

Grande reportagem

O BRASIL ITALIANO

Cirurgia plástica

SEIOS SOB MEDIDA

LOU
INOCENTE OU CULPADA?

Especial

FILHO DE ÍNDIO NÃO TEM NEUROSE

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Enquanto o progresso avança, o passado açoriano da ilha de Santa Catarina é preservado nos restos de casario colonial e no humor e na voz cantada dos habitantes

FLORIANÓPOLIS
OS CARIOCAS DO SUL







Florianópolis (em vista aérea, na foto maior) acaba de ganhar a sua segunda ponte. Ao alto, à esquerda, o senador honorário Alcides Ferreira engraxa seus sapatos à sombra da figueira centenária; à direita, bate-papo informal de jovens florianopolitanos. Nas praias (mais de 40) da ilha, jovens descontraídas fazem a natureza mais bela.



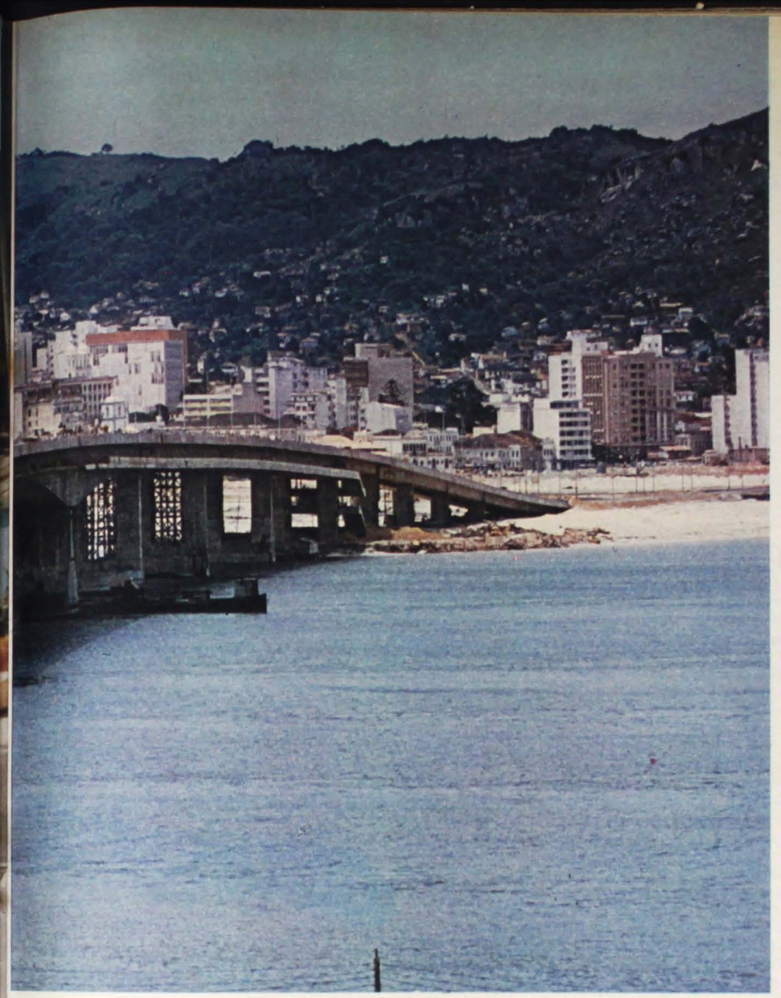
FLORIANÓPOLIS, uma das três capitais brasileiras situadas em ilha — a **Florianópolis** da irreverência antropofágica de Raul Bopp — rapidamente se modifica, perdendo sua pacatez e, em parte, se desfigurando. São bairros que surgem, aterros tomados ao mar, edifícios que se alteiam, novas avenidas, acessos às praias, num **rush** de construções e transformações que é dos mais intensos do país. A recém-inaugurada ponte vem fazer companhia à velha (1926) **Hercílio Luz,** modificando ainda mais a fisionomia da cidade, que tinha na ponte antiga uma de suas principais atrações. Aliás, esse dualismo é uma das características identificadoras da capital dos catarinenses. Se agora são duas pontes, antes já existiam duas baías, duas lagoas, dois bairros mais diferenciados, dois centros urbanos bem distintos, duas universidades, dois times rivais no futebol, dois tradicionais clubes sociais, dois estilos de vida se contrapondo e completando. De um lado, uma cidade irreverente e bem humorada, com um povo semelhante ao carioca na sua maneira de encarar a vida e seus problemas, gozando os visitantes e se autogozando; e do outro, um centro político-administrativo e cultural-universitário preocupados ambos com os destinos do Estado e seu compromisso com o futuro. Tudo isto cercado por uma natureza exuberante, por mais de 40 praias remansosas ou selvagens e por uma paisagem das mais belas do Brasil.

SEGUE

Texto de Salim Miguel
Fotos de Juvenil de Souza

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL





Na foto maior, a nova ponte que liga a ilha ao continente. Abaixo, os pescadores da Barra da Lagoa retornam de sua faina carregados de peixes. A ilhota do espanhol, o iate e o requebro das meninas completam o cenário.





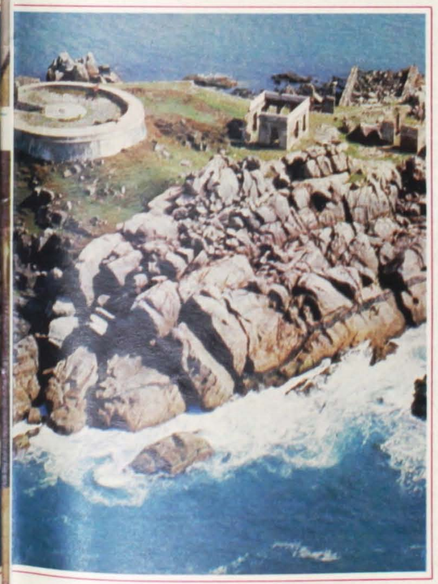
"A terra é boa e quem disser o contrário mente", declarou de forma categórica o bandeirante Dias Velho ao aportar à ilha

A antiqüíssima Y-Jurere-Mirim dos índios e a antiga Nossa Senhora do Desterro do bandeirante Dias Velho são memórias de um passado perdido no tempo. Até mesmo a recente cidade da década de 50, de ruelas estreitas e becos mal iluminados, com seu gostoso casario colonial, suas fachadas de azulejo, o movimento reduzido e bares de nomes saborosos ou pitorescos como o Poema Bar ou o João-Bebe-Água (que nunca a provou), se some. O que, sob certos aspectos, é melancólico. Os saudosistas diriam, não sem alguma razão, que a boa tradição, os hábitos e costumes dos antepassados, o tranqüilo cavaquear — durante o dia dos aposentados e à noite de uma fauna exótica — sob a vetusta figueira da Praça XV, que de tão velha já se apóia em sólidas bengalas de ferro, vão sendo borrados e varridos pelo modernoso. Por outro lado, há uma nova invasão tomando conta das ruas, das casas, dos bairros, dos restaurantes, e, principalmente, das praias. Diz o cronista da cidade, Beto Stodieck, que desta vez não são os homens do espanhol Cabeça-de-Vaca, nem flibusteiros ingleses ou franceses, mas os argentinos que se encantaram pela ilha e estão comprando tudo que encontram de praia deserta ou habitada. Despachando no **senadinho** da Rua Felipe Schmidt, coração da cidade, onde se decidem os destinos da capital, do estado, do país e do mundo, ou comodamente sentado, lustrando seus impecáveis sapatos, o Senador (honorário e vitalício) Alcides Ferreira, figura mais conhecida da ilha, que priva tanto da intimidade do Governador Antônio Carlos Konder Reis como do humilde pescador, diz com sua verve inconfundível repassada de ternura pela terra: "Com tanto carro e tanta gente se acotovelando pelas ruas, Florianópolis não tem mais ninguém."

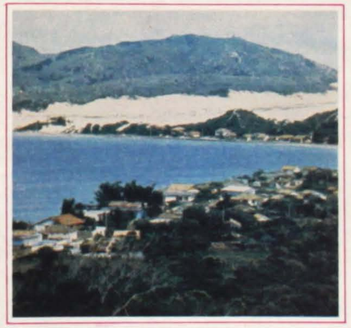
SEGUE



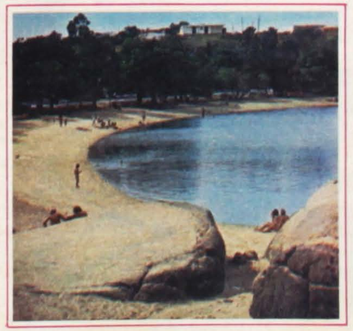
O forte da baía sul, que precisa ser restaurado, a lagoa mutantes, e a bucólica praia do Bom Abrigo são três que se espraia por toda a capital

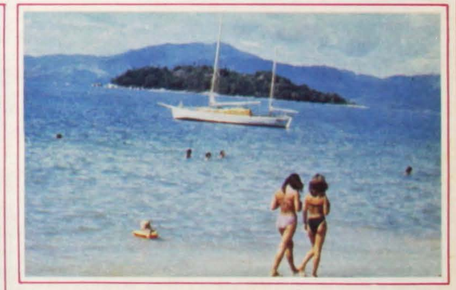


da Conceição, com sua água calma e as dunas facetas de uma mesma beleza









UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

As belezas naturais, o encanto da terra e a malícia de sua gente fazem de Florianópolis uma das cidades mais cativantes do país

"ESTÁ se transformando numa selva, isto é, numa cidade grande." E não é só isto: também um pouco do que a gente é, do que a gente ajudou a compor, desaparece, irremediavelmente tragado, sumindo de vez a velha terra dos índios carijós, dos açorianos e do bandeirante Dias Velho, que afirmou categórico: "A terra é boa e quem disser o contrário mente."

Nos últimos anos Florianópolis mudou. **Mudou mesmo,** é preciso insistir naquele falar cantado e meio preciosístico, herança dos açorianos, ante o riso dos descrentes. Já não há necessidade de catar os dois arranha-céus que não arranhavam coisa nenhuma nos seus modestos mas orgulhosos 4 ou 5 andares. Nem Marques Rebelo, carioca que logo a partir da primeira visita se incorporou ao espírito ilhéu e foi por ele assimilado, poderia repetir (crônica em **Última Hora** nos inícios de 50), ser tanta a proteção ao edifício do Lux Hotel, que havia até uma luzinha pisca-piscando continuamente a prevenir os escassos aviões que ali havia um **prédio.** E numa antevisão do futuro, Rebelo lamentava que Florianópolis, a exemplo de outras cidades brasileiras, terminasse optando por um falso progresso, deixando destruir suas ruas e seu casario que lhe davam uma graça toda especial. E, sem planejamento, partisse para a construção de "monstrengos de cimento armado". Mas, bem ou mal planejado, o progresso é irreversível.

Depois de um longo período de estagnação, a capital catarinense passou a atravessar um surto de desenvolvimento que é flagrante em todos os setores. Esta arrancada vem de uns 15 anos. Imperceptível no início, de repente explodiu de forma desordenada, sem uma adequação à natureza física e aos costumes da terra. E o turismo, valendo-se das belezas naturais de que é pródiga a ilha, e da potencialidade das praias, se transformou em fonte de renda e de problemas.

MAS o humor, marca registrada do ilhéu, permanece — felizmente — o mesmo. Mais cáustico e vivo até, se possível. O progresso, em lugar de eliminá-lo, lhe deu novas motivações. Tudo serve de motivo para a crítica leve ou mordaz, para gozar a amada Ilha de Santa Catarina dos ocasos e casos raros, cercada de ondas por todos os lados. Assim, a nova ponte foi construída, não para desafogar o tráfego, mas, para, junto com a antiga, segurar a ilha, impedindo-a de se largar mar a fora para fugir dos novos invasores e das **ondas** de sua gente. E a Ponte Hercílio Luz, de mais de 800 metros de ferro e aço, era a "que liga o nada a coisa nenhuma". "Que ligava" — coloquemos a inverídica maldade no passado.

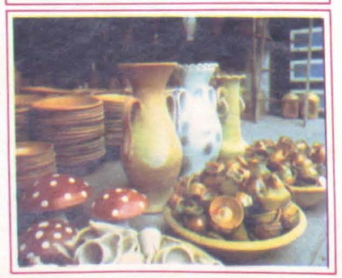
O cenáculo que se reúne sob a secular figueira que domina a Praça XV dá origem à maioria das estórias que correm, como a do sujeito tão organizado, mas tão organizado mesmo, que quando ia tomar sopa de letras só o fazia por ordem alfabética. Temendo a língua da cidade, um viajante procurou não se expor muito: era do trabalho para o hotel, do hotel para o trabalho. Como o hotel ficava numa rua movimentada, o nosso homem, à noitinha, se debruçava por breves momentos à janela. Pois no terceiro dia, ao pedir o jornal, o dono da banca lhe pergunta: "Mais alguma coisa, **seu** Cuco?"

COM uma área de 425 km², a população da ilha chega aos 200 mil habitantes. Foi escolhida capital (igual a outras) porque na época o transporte marítimo era o único viável. Por muito tempo assim permaneceu. Em 1926 construiu-se a Ponte Hercílio Luz (um despropósito!); depois chegaram os aviões; mais tarde, as rodovias asfaltadas, que aos poucos integram a capital ao resto do estado, aos outros estados da Federação e ao interior da ilha. Agora, 49 anos depois, inaugura-se a nova ponte, e logo será a vez do novo aeroporto, alternativa para os grandes vôos nacionais e internacionais. Assim, novos organismos vão se instalando na capital, como o Grupamento Leste, ou o Serviço de Busca e Salvamento, ou a Eletrosul. O 2.º/10.º Grupo de Aviação, instalado em dezembro de 1971, com seus aviões anfíbios e seus helicópteros, já faz parte da paisagem, realizando uma tarefa da maior importância, atendendo a chamados de todo o país. O Cel. Pompeu é o comandante da Base Aérea, enquanto o Cel. Pedro Luís comanda a Salvaero.

Primitivamente a região foi habitada pelos índios. Chamava-se Y-Jurere-Mirim, depois dos Patos, mais tarde Ilha de

Uma atração que se mantém: as rendeiras de bilro com suas tramas delicadas e a cerâmica popular.







A baía norte com seus novos edifícios contrasta com o estilo do velho mercado ou com algumas casas situadas ao redor da Praça XV, que ainda conservam uma chama da tradição e do passado.





Santa Catarina. Antes de Florianópolis (1894, nome que lhe foi dado por Moreira César, em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto), chamou-se Nossa Senhora do Desterro, denominação escolhida por Dias Velho. Povoada pelos tupis-guaranis, do cruzamento destes com os invasores europeus se gerou o índio carijó, que significa mistura. A partir do séc. XVII, numerosos navegadores de várias nacionalidades atracam na ilha. Os portugueses construíram fortalezas, ao norte, ao centro, ao sul (São José da Ponta Grossa, Santana etc.) e em ilhotas (Anhatomirim, Farol dos Naufragados) para se defender dos invasores.

COM o bandeirante Dias Velho, que obteve a doação das terras em 1676, se iniciou propriamente a colonização. Tudo isso marcou fundamente a cidade, e o tipo físico e mental de sua gente. O ilhéu sabia — e sabe — suportar os senões de sua terra. Faltava água e luz? Lá vinham os versinhos: "Florianópolis/cidade que seduz/de dia falta água/à noite não tem luz." Mas no fundo mesmo havia (há) um grande amor pela cidadezinha à beira-mar plantada, que é preciso ir conhecendo e descobrindo aos poucos. O pôr do sol na ponte incendiando a cidade, o constante odor a maresia, algumas ruelas poéticas, o casario colonial, o Vento Sul, "velho vento vagabundo" no dizer do poeta Cruz e Sousa, primeiro a praia de Canasvieiras, de águas quentes e calmas, a seguir a lagoa da Conceição com suas dunas mutantes, ou a selvagem lagoa do Peri, depois a praia da Joaquina, "já foste ver, já" perguntava-se afirmativamente naquele falar cantando. Há muito mais. A praia do Santinho, a praia Mole, a praia do Jurere, a praia do Sambaqui e a da Tapera, a dos Ingleses e a do rio Vermelho, o morro das Pedras, a praia do Cacupé e a da Armação. E o casario — bairro quase intacto — do Ribeirão da Ilha, com seu estilo colonial e o museu etnográfico destinado a registrar e guardar traços da cultura açoriana. A igrejinha de Santo Antônio de Lisboa, com mais de 200 anos e imagens de mais de 400; a da Lagoa dominando a paisagem do alto do morro; a de São Francisco, no centro da cidade; e a talha em madeira **Fuga Para o Egito,** na Catedral Metropolitana. Mais? Suas rendeiras de bilro, a cerâmica popular, o rico folclore (Boi-de-Mamão, Terno-de-Reis, Pão-por-Deus). Pratos típicos especialmente de frutos do mar, como o caldo de camarão e a tainha defumada ou escaldada. Tem, ainda, a cachaça no butiá, um aperitivo que precisa ser conhecido. E as expressões locais: me bota uma **baga,** significando qualquer tipo de bebida; "seu" **tanso,** maneira amável de dizer que fulano não entendeu. São coisas que é preciso ir sentindo, descobrindo. Depois, pode-se ir ao Museu de Arte, com um acervo dos mais significativos, onde estão representados os principais artistas plásticos brasileiros contemporâneos, à Casa de Vítor Meireles, ao Museu do Índio, ao Museu do Sambaqui sob a direção do Padre Rohr, ao Museu de Armas da Polícia Militar, ao Studio A-2 conhecer o florescente movimento plástico da ilha.





O movimento plástico congrega artistas de várias tendências, alguns já se projetando nacionalmente. Os helicópteros da Salvaero colorem a paisagem e prestam serviços à terra.

O Clube XII de Agosto já completou 100 anos e reúne a sociedade catarinense; o Paineiras é **pra-frentex.** Entre eles, o Lira Tênis Clube, o Veleiros da Ilha, o Country, fechadíssimo. Na Lagoa da Conceição, o LIC, com um ousado projeto de Oscar Niemeyer, que se integra à luxuriante paisagem. Os restaurantes vão da Lindacap ao Braseiro, ao Clube XII, ao Saveiros, ao Corujão, à Guaciara, ao Mariscão, ao Sol e Mar, até o sofisticado Manolo's que se dá ao luxo de ter preços assim: Cr$ 36,42, num requinte de precisão.

As atrações podem ainda variar situando-se entre escolher uma praia isolada de caminho íngreme como Caieira da Barra do Sul, ou outra inteiramente asfaltada, com água encanada, luz, telefone, hotéis, restaurantes, boates etc., como Canasvieiras. Na praia da Joaquina há o hotel do Seu Menês. Ex-garçom, ex-andarilho, ex-jornalista, ex-político, ex-radialista, ex-poeta, ex-tantas outras coisas, atual hoteleiro, ele vara as noites contando seus causos. Candidato a prefeito de Florianópolis, diz que "na noite da eleição dormi prefeito e acordei palhaço". Precisando de "grana", programou um recital de poesia "a cinco mil-réis por cabeça". Muito bêbado, já no segundo poema não conseguiu ir além da primeira palavra, repetindo sistematicamente "outubro... outubro... outubro..." E como principiassem a vaiá-lo: "Que é que há, por cinco merréis vocês iam querer o Castro Alves ou o Drumond?" Na Lagoa, a Neide Mariarrosa canta e conta histórias de sua vivência no Rio, dos festivais de canção de que participou, sempre classificada, do convívio com figuras como Eneida, Sérgio Porto, Jacó do Bandolim, Paulinho da Viola, Elisete Cardoso. Na praia da Saudade, o Tritão, um bar aparentemente sem mistérios, possui uma atração inexplicável, juntando a juventude e os **coroas.** Na praia de Itaguaçu, uma capela transformada em boate reúne até o amanhecer crentes de um estranho rito.

ENQUANTO isto, ali perto, na praia do Bom Abrigo, o cantor-compositor Luís Henrique, com vários discos gravados nos Estados Unidos, primeiro **latin-lover** de Liza Minnelli (cadê o Luís Henrique, foi a primeira pergunta que ela fez ao descer no Galeão), passeia com o violão e o cachorro **Ocho** que a cantora lhe deu. E pululam os bares para os papos: Querência com o violão de Válter Sousa, Meu Cantinho, que é teu, é nosso, Oscar, Doze.

Não aspirando a transformar-se em grande centro industrial, Florianópolis optou por aquilo que é a sua destinação natural: centro político-administrativo do estado e capital cultural-universitária-turística por excelência. E é justamente por aí que se redescobriu. As decisões têm como fulcro a capital. E o movimento cultural e artístico, com apoio da Secretaria de Governo, do Conselho Estadual de Cultura, da UDESC, da UFSC e até mesmo de livrarias como a Lunardelli, se amplia, possibilitando novas co-edições, mais exposições, apresentações de grupos teatrais e artísticos, seminários, encontros de escritores etc.

Logo-logo (bom-mau, quem sabe!) a fisionomia da velha cidade onde todos se conheciam terá desaparecido. E o ilhéu autêntico, de nascença ou adoção, saudoso, fossento mas sempre irônico, seja ele político, artista, boêmio, dona-de-casa, comerciante, estudante, operário, administrador, jornalista, olhando a multidão na selva da (logo) futura grande cidade, fugindo da loucura dos carros, das faces desconhecidas, do tumulto, repetirá com uma pontinha de melancolia: "Florianópolis não tem mais ninguém."

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Com uma programação racional, o Estado utiliza todas as suas pote

SANTA CATARINA

DESENVOLVIMENTO INTEGRADO

Fotos de Juvenil de Souza e Paulo Dutra



O turismo abre novas e promissoras perspectivas para o Estado. E praias como a Lagoa da Conceição, na capital, se beneficiam de modernas rodovias que aliam à segurança do tráfego a beleza da paisagem.

O Estado catarinense, potencialmente rico em suas mais diferentes regiões, surge hoje, graças ao planejamento efetivo e ordenado dos últimos anos, como um novo pólo econômico, definitivamente integrado no processo de desenvolvimento do extremo sul e do país. Suas diversas áreas já se intercomunicam, suprindo-se mutuamente. Ocupando 1,1% do território nacional, ali se fundem as mais diferentes etnias, num trabalho pacífico e ordeiro, espalhadas pelos 197 municípios divididos em 13 microrregiões. Em seus 95,5 mil km² vivem 3 milhões de habitantes, 3.2% da população do país. Deste total, a população economicamente ativa é de 30,4%, assim distribuída: 51,2% no setor primário; 19,7% no setor industrial; e 29,1% no setor de serviços.

Santa Catarina situa-se numa faixa de terra colocada entre dois grandes estados: Rio Grande do Sul e Paraná. Seu solo é fértil e as culturas agrícolas nele encontram um clima propício, com 80% do solo agricultável já ocupado. Pecuária, indústria extrativa e turismo ganham força. E as áreas industrializadas, primordialmente no Vale do Itajaí e ao Norte, crescem e se expandem, alcançando outras regiões, com o fortalecimento das indústrias já existentes e a implantação de outras pioneiras.

A administração catarinense que agora finda procurou agenciar o desenvolvimento, numa política coerente do fomento à iniciativa privada, sempre que necessário apoiada pelo poder público. Explica-se assim o realce dado à industrialização e à agropecuária racionalmente conduzida, onde o FUNDESC, o BESC, o BRDE possibilitaram o surgimento ou a ampliação de numerosas indústrias e a fixação do homem do campo à terra, criando-lhe melhores condições de vida. Em vista disso, o desempenho econômico foi dos mais expressivos, com resultados que já se fazem sentir e outros que se farão sentir no futuro. Igualmente em todos os demais setores a participação do Governo foi das mais significativas. Daí ter o Governador Colombo Machado Salles, em seu pronunciamento final, afirmado que **"o futuro de Santa Catarina é de grandeza inapelável, qualquer que seja a equação a estabelecer. A força de mudança e modernização introduzida na sociedade constituiu-se já um impulso irreversível**

SEGUE



A riqueza do solo é raci



A produção avícola au

ncialidades em busca de um rápido progresso



onalmente aproveitada e, entre os produtos agrícolas em constante expansão, se encontra, na região do Oeste e da serra, o trigo.







menta, a fruticultura de clima temperado é incentivada e, em Corupá e Fraiburgo, as flores se tornam também uma nova fonte de divisas.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Incentivando as atividades produtivas e integrando-se no processo de desenvolvimento, Santa Catarina é o mais novo pólo econômico do país









O secretário de Governo Orlando Bértoli examina as obras da Casa da Cultura; prédio da nova Central Telefônica; Centro de Computação do Grupo Financeiro BESC; e uma indústria de Chapecó, implantada com apoio do FUNDESC.

NO quadriênio, os investimentos na indústria e na agropecuária alcançaram cifras que ultrapassam os 5,3 bilhões de cruzeiros. Revigorou-se a economia, que se expandiu em índices surpreendentes. Os centros urbanos mais dinâmicos receberam um contingente humano que supera em 7 e 8% o crescimento demográfico. A expansão da agricultura se aproximou, no período, de uma média de 18%, sendo que em 1974 atingiu 34%. A performance na área econômica gerou mais de 100 mil novos empregos. A execução do programa de telecomunicações assegura a instalação de 85 mil novos terminais até 1975, 84% dispondo de DDD, com atendimento a 199 localidades, contra 18 mil existentes em 1970.

Tratando o Estado como um todo, praticamente não há região nem setor que não mereça referência. Um exemplo é o desenvolvimento do Projeto Litoral Sul de Santa Catarina, acordo celebrado entre a Sudesul e o Governo do Estado, visando à mútua colaboração para o progresso daquela região, com a valorização do carvão e a execução do Plano Diretor de Imbituba e do anteprojeto da área industrial do complexo carboquímico. No setor energético, o crescimento do consumo global foi superior a 135% sobre 1970, ampliando-se as subestações e as linhas de transmissão, além de se construir o Centro de Formação e Aperfeiçoamento, um complexo de ensino técnico profissional, enquanto o convênio com a Eletrobral/Eletrosul para a utilização, por 20 anos, de 2,5% da energia a ser gerada pela Usina de Itaipu, assegura a disponibilidade energética no Estado até o ano 2000. No setor rodoviário implantaram-se 606 km de estradas e iniciou-se o asfaltamento de 571 km, sendo que 276 já estão pavimentados. Santa Catarina cultiva, atualmente, cerca de 1,6 milhão de hectares, de onde extrai 6,4 milhões de toneladas de cereais e outros alimentos. As zonas fisiográficas do Alto Vale do Rio do Peixe e do Planalto Serrano são consideradas as mais favoráveis para o cultivo de frutas de clima temperado. O Profit — Projeto de Fruticultura de Clima Temperado — propicia assistência técnica permanente e pretende suprir o mercado interno de maçã, pêra, ameixa, pêssego, cereja, nectarina etc., dando nova perspectiva econômica aos agricultores. Produzem-se, ainda, 320 mil toneladas de carne de bovinos, suínos e aves. O valor da produção agropecuária é de cerca de 5,7 bilhões de cruzeiros, ocupando o Estado o quinto lugar no país como produtor de alimentos essenciais. Apesar de representar apenas 1,1% do território nacional e contar com 3% da população brasileira, Santa Catarina produz 9% do milho, 8% da soja, 10% da batata, 10% da mandioca, 14% das aves e 15% dos suínos abatidos em 1974.

MAS no Projeto Catarinense de Desenvolvimento, instrumento com que se armou o Governo para a sua ação, setores como saúde, assistência social, justiça, segurança pública, saneamento, habitação, pesca, turismo, educação e cultura — mereceram atenção no sentido de um resultado global. Na faixa etária de 7/14 anos da população escolarizável, o atendimento atingiu 87,6%. O incremento nas matrículas do ensino universitário foi de 107% sobre os números de 1970. A expansão da rede escolar no quadriênio atingiu os seguintes índices: construção de 2.432 salas de aula e 3.306 outras dependências escolares. Coordenada pela Secretaria de Governo, a atividade cultural implantou e executa a Casa da Cultura, que reunirá num edifício as instalações para a Biblioteca Pública do Estado, Museu de Arte de Santa Catarina, sedes do Instituto Histórico e Geográfico, Academia Catarinense de Letras, Conselho Estadual de Cultura e Associação dos Ex-Combatentes. Promoveram-se, ainda, exposições, recitais musicais, co-edições, seminários, orientando-se, também, a criação de Conselhos Municipais de Cultura.

Mas foi na vocação industrial do Estado, que se obtiveram os maiores resultados, com a expansão do produto interno bruto. A programação, a cargo da Sec. de Desenvolvimento Econômico, foi efetiva. A modernização da infra-estrutura material e os incentivos assegurados às atividades econômicas possibilitaram a dinamização da indústria de transformação, cujos índices de crescimento, numa taxa média de quase 20% no período, consolidam as bases para o desenvolvimento acelerado de Santa Catarina. Calcula-se que em 1974 o setor industrial tenha contribuído com cerca de 30% para a formação do Produto Interno Bruto do Estado, representando o maior grau de industrialização na macrorregião sul. No período 1971/75 foram beneficiados, pelo sistema FUNDESC/BESC/BRDE, 416 projetos de financiamento e 63 pelo regime de incentivos fiscais do ICM, a empreendimentos industriais, os quais proporcionaram investimentos globais superiores a Cr$ 2.870 milhões.

Entre os objetivos prioritários do Projeto Catarinense de Desenvolvimento, foi incluído, como medida essencial à execução da política de expansão da economia, o fortalecimento do sistema financeiro do Estado. Integram o sistema o Grupo Financeiro BRSC, o FUNDESC e o BRDE, tendo o BESC acusado um incremento de 42% em seu capital social.

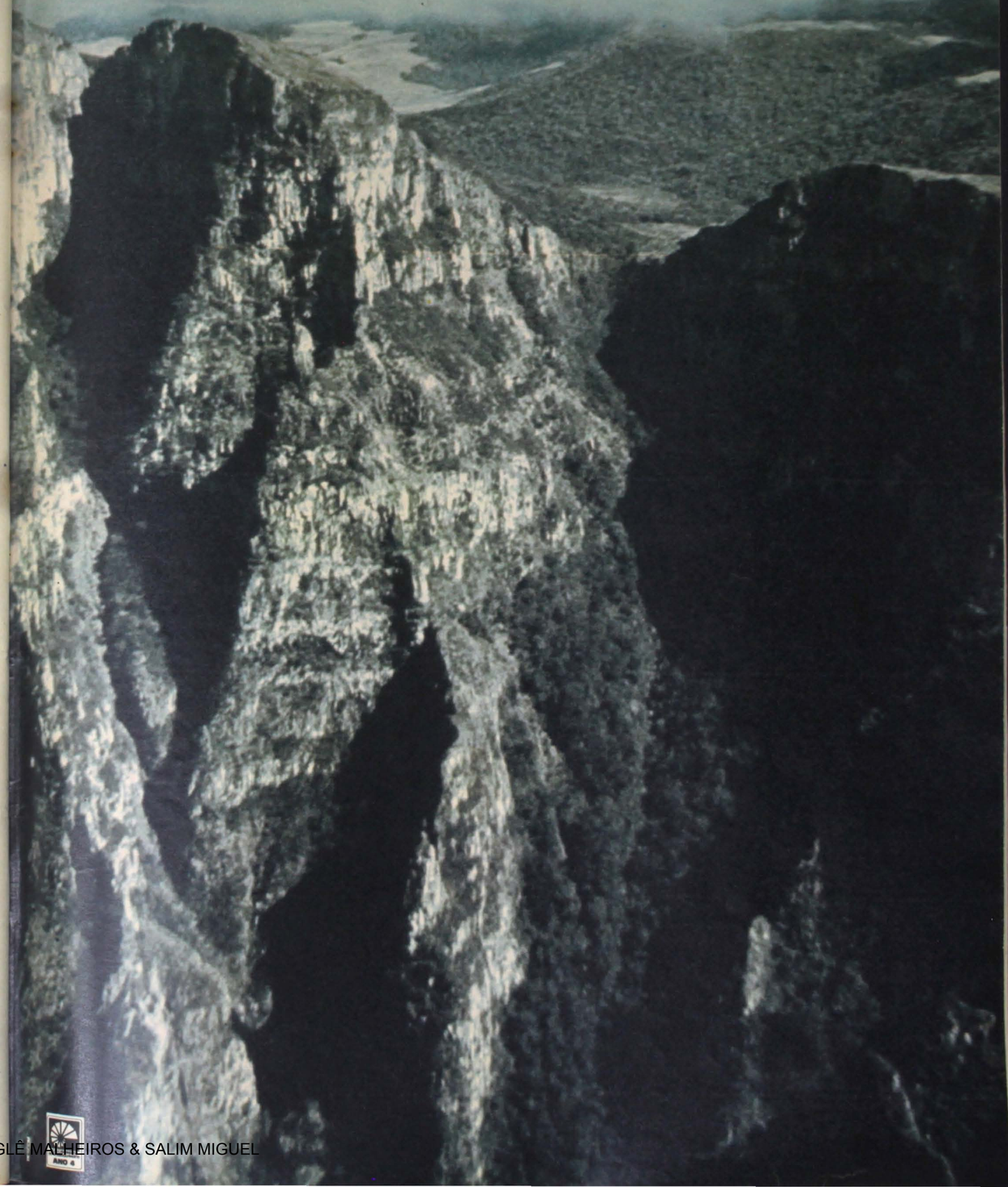
DIANTE desse panorama, "o caminho para o ainda mais efetivo progresso do Estado, — diz o Governador Colombo Machado Salles — buscando com o Brasil o objetivo permanente da Unidade Nacional, que se exprime pela integração territorial, econômica, política e social das várias regiões, foi árduo e penoso, mas plenamente compensador." E prossegue: "A sociedade catarinense está instrumentada para proceder às mudanças, para criar novas oportunidades econômicas e sociais, pois tem condições de concretizar em ações as intenções do progresso. Temos presentes as possibilidades de ampliação do nosso parque industrial, de crescimento do produto agrícola, de exploração dos recursos turísticos, das perspectivas que se abrem para o carvão diante do quadro energético internacional. Temos consciência dos efeitos e dos problemas gerados pelo acelerado crescimento urbano, como decorrência da expansão industrial e da modernização da agricultura. Mas sabemos que, assim como as expectativas de ontem se transformaram na realidade de hoje, as aspirações de hoje comporão o amanhã de Santa Catarina."

SEGUE

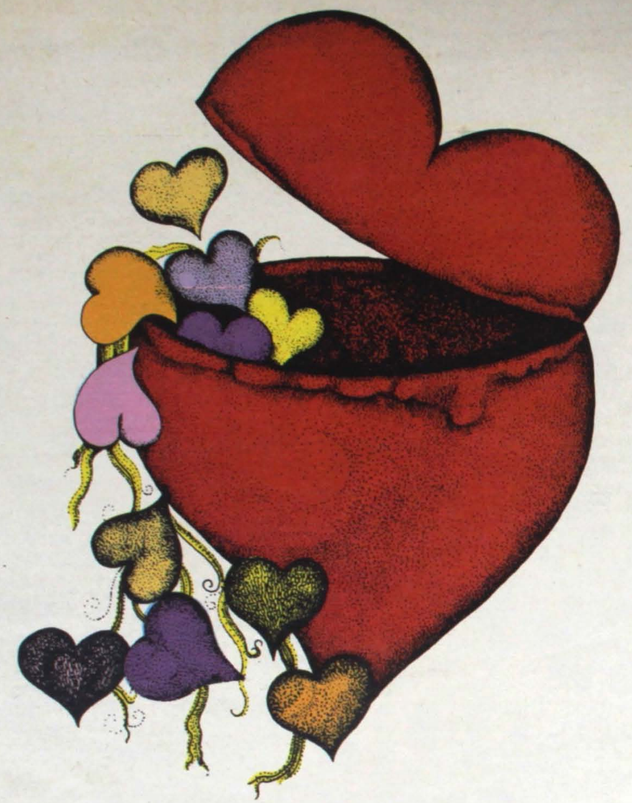
Nestes últimos quatro anos o Besc foi fértil como a terra e sólido como as serras do Estado que o criou.

Em apenas quatro anos, o Banco do Estado de Santa Catarina S.A. transformou-se num conglomerado de seis empresas. Um Banco, uma financeira, uma corretora de seguros, uma distribuidora de títulos e valores, uma empresa de turismo, uma empresa de comunicação e uma corretora de câmbio. Neste mesmo período o Banco cresceu de 39 para 110 dependências. Tudo isso porque os catarinas cultivam com carinho todas as coisas boas lançadas em sua terra fértil.

GRUPO FINANCEIRO BESC



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



A CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL
SEMPRE ACHOU
QUE UM GRANDE CORAÇÃO
NÃO PODE VIVER SOZINHO.

E foi por isso que ela trabalhou muito e agora anuncia para breve
a chegada de onze filiais.
Estas novas agências, conseguidas com o apoio do governo e por causa do
trabalho realizado pela matriz de Florianópolis, vão estender o carinho e os bons
serviços que a capital já conhece para todas as micro-regiões.
Muito mais gente vai conhecer de perto o banco com coração. Que tem uma
Caderneta de Poupança, que só atende clientes particulares e faz
aqueles empréstimos que às vezes a gente tanto precisa.
Afinal, quem é Catarinense e tem um grande coração não pode
ficar só em Florianópolis.

um banco com coração CEE

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL DE SANTA CATARINA
Florianópolis - SC

ANO 4

Uma nova ligação entre o continente e a ilha abre maiores perspectivas para o processo de desenvolvimento de Florianópolis e resolve um problema crônico de tráfego na capital catarinense

A PONTE DO POVO

NUMA cerimônia simples, sob uma chuva fina, em presença de autoridades e de grande massa popular que o aplaudia e abraçava, o Governador Colombo Machado Salles entregou, na tarde do dia 8, a nova ligação continente-ilha de Santa Catarina, que vem fazer companhia à velha Hercílio Luz. Após a primeira dama, D. Daisy, desamarrar a fita inaugural, teve início o desfile de automóveis e motocicletas, seguidos por uma multidão calculada em 30 mil pessoas. A festa prolongou-se até a noite, ao som de buzinas e espocar de foguetes. A nova ponte, denominada Colombo Salles, muda o ritmo e a fisionomia de uma cidade em franco processo de crescimento e, até agora, a cada dia mais congestionada nas horas de **rush,** pois a velha ponte de 49 anos era incapaz de dar vazão ao intenso tráfego. Mas a inauguração da nova ponte da capital foi a culminação de uma série de solenidades, que tiveram nesse dia um de seus pontos mais altos, com a inauguração das estradas para a praia de Canasvieiras, da Lagoa da Conceição e do Aeroporto, terminando à noite, quando, ainda emocionado, o governador recebeu o título de Cidadão Honorário de Florianópolis.



Apesar da chuva, cerca de 30 mil pessoas presenciaram a inauguração da Ponte Colombo Salles.

Medindo 915 metros de comprimento e 17 de largura, com 4 pistas de tráfego, duas para cada lado, sua altura máxima no canal é de 18 metros. Por ela poderão trafegar, nos dois sentidos, 7.200 veículos por hora. A obra foi projetada para possibilitar, também, a passagem de tubulões destinados à energia, telégrafo, telefone e água, e tráfego de pedestres; e as estruturas autônomas permitirão alternativas de funcionamento quando houver necessidade de bloquear uma das pistas. A nova ponte, de acordo com os técnicos, só é superada, no Brasil, pela Rio—Niterói, em quantidade de serviço e expansão, já que em arrojo e dificuldade a vencer ambas se equivalem. Por outro lado, os aterros hidráulicos (600 mil metros quadrados ganhos ao mar), para acessos e urbanização, vêm possibilitar a expansão do centro da cidade, desafogando a sua área urbana.



O Governador Colombo Machado Salles, D. Daisy e demais autoridades assistem à inauguração da nova ligação ilha-continente.

Discursando no ato da inauguração, o Cel. Eng. Gilberto Meireles de Miranda, presidente da Comissão Executiva da Construção, disse ser o ato, "de singular importância para a vida e a história da cidade". Numerosos fatores foram levados em consideração para a execução da obra, entre eles as características da cidade, suas ruas estreitas e seu traçado irregular, incapazes de absorver novas demandas de veículos. Daí, conforme o Cel. Meireles, "as características **sui generis** do empreendimento". E adiantou: "A travessia que entregamos ao tráfego, de projeto e execução genuinamente brasileiros, constitui uma obra de arte verdadeiramente especial. A harmonia e o perfeito entrosamento entre os setores do projeto, execução, assessoria e fiscalização permitiu o atingimento das metas traçadas e o cumprimento do prazo final, que até poucos dias muitos achavam impossível de alcançar." E concluiu: "O início e a conclusão deste soberbo conjunto de obras, dentro de uma gestão administrativa de 4 anos, foi possível em grande parte devido à forma como foi conduzido o empreendimento, sob a dinâmica, patriótica e esclarecida orientação do eminente homem público que chefia o estado, de quem sempre recebemos as maiores demonstrações de confiança e estímulo."





O Cel. Meireles discursa; e todos quiseram ser os primeiros a fazer a travessia.

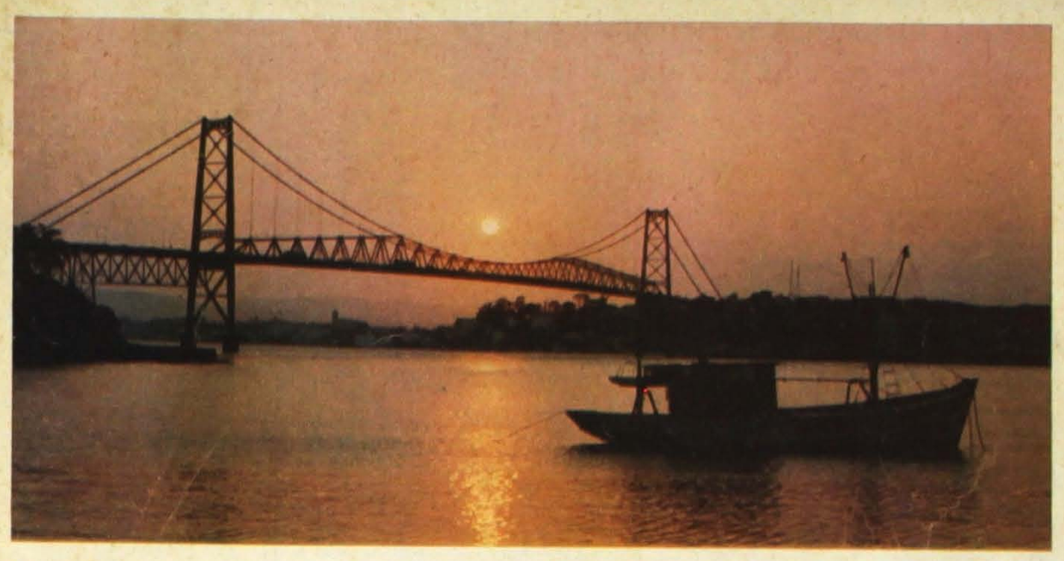
UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

014 - MIGUEL, Salim. Da ilha dos prazeres a capital prafrentex. **DI Jornal / Revista.** P. 40, 03 de out. de 1971.

SANTA CATARINA

Texto de SALIM MIGUEL ★ Fotos de PAULO DUTRA





Uma das três capitais brasileiras sediadas em ilhas — as outras são Vitória e São Luís _ Florianópolis, uma ilha cercada de belezas por todos os lados, é também a capital cultural e turística de Santa Catarina. Decantada em prosa, por muitos que tiveram a ventura de conhecê-la de perto, e em verso, pela irreverência antropofágica de Raul Bopp, que a apelidou carinhosamente de *Florianópis*, a ilha aqui se oferece à curiosidade pública neste roteiro, às vezes sentimental, de um dos seus mais fanáticos filhos, o escritor-jornalista Salim Miguel, testemunha ocular da fase de transição por que passa a cidade, despojando-se da fisionomia do passado histórico para a grandeza de um futuro alimentado de progresso.

DA ILHA DOS PRAZERES À CAPITAL PRAFRENTEX

Em fins da década de 50, Florianópolis parecia parada no tempo. Ruelas e becos escuros, casario colonial de fachadas azulejadas, bares de nomes pitorescos, o vento sul lambendo as árvores. De repente, a explosão do progresso. Hábitos e tradições dos antigos foram tragados pelo novo. A juventude inventa bares e boates, invade clubes, esparrama-se pelas ruas e praias com seu entusiasmo, suas roupas coloridas, seus modos informais, seus livros e canções, seus cabelos longos, sua vitalidade.

É que a cidade, de repente, explodiu. Imperceptível no início, a conjugação de vários fatores modificou o que parecia imutável. A cidade se distende para os bairros, sobe nos morros, aventura-se para o continente. Hoje as praias são acessíveis, o caldo de camarão da lagoa não é mais uma aventura (perdeu a graça, diria um saudosista), pode-se ir com qualquer tempo e, se não se quiser voltar, o recém-concluído hotel do Menês está lá mesmo pra abrigar a gente; já se pode visitar com calma a praia do Forte, forte que não fortaleceu nada.

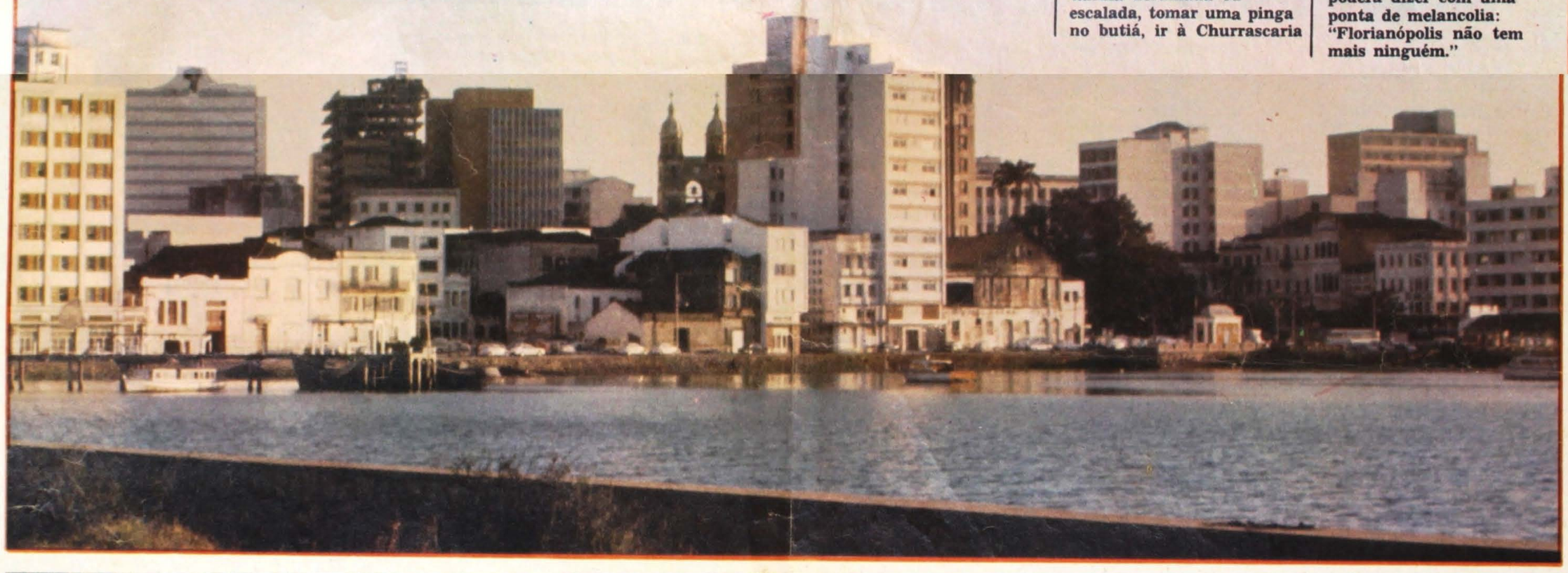
A área de 425 km² da ilha, que foi dos Patos, depois Nossa Senhora do Desterro (e agora, não esqueça, vivem a repetir, não é ilha de Florianópolis não, é ilha de Santa Catarina), abriga uma população de cerca de 200 mil habitantes. Foi escolhida para capital (como tantas outras) porque o transporte marítimo era o único viável. Só em 1927 construiu-se a ponte Hercílio Luz; e neste ano de 1971 é que o asfalto, norte-sul, chegou à cidade.

Bem antes, os aviões.

Nos últimos anos Florianópolis mudou. Mudou mesmo, é preciso insistir naquele falar cantado ante o risinho dos descrentes. Já não há necessidade de se catar os dois arranha-céus que não arranhavam coisa nenhuma nos seus modestos mas orgulhosos cinco ou seis andares. E Marques Rebêlo não poderá mais repetir (crônica em Ultima Hora, inícios de 50) que a proteção era tanta ao edifício do Lux Hotel (meia dúzia de andares), que havia uma luzinha pisca-piscando continuadamente a prevenir os aviões que ali existia um prédio.

Hoje, o índice de construções é dos mais altos do país; a universidade ergue seu moderno e funcional campus no bairro da Trindade, ao mesmo tempo em que ultima a reforma universitária e inauguração no campus o prédio da reitoria com um Seminário Internacional de Administração Universitária; as praias se preparam para o afluxo de turistas; bancos como o BDE e o BRDE facilitam empréstimos, seja ou não ligados à construção e ao turismo. E o que ver e aonde ir é muito: praias e praias, ruínas de velhos fortes, renda de bilro, o casario do Ribeirão da Ilha, a igrejinha de S. Antônio, a talha em madeira Fuga do Egito na catedral, a cerâmica do mercado, o Museu de Arte Moderna, a casa de Victor Meireles, o Museu do Sambaqui do Parque Rohr com seus esqueletos e peças de utensílio doméstico de milhares de anos, a galeria de arte e ponto de encontro N. S. do Desterro, o Bio-de-mamão e o carnaval. O turista não pode deixar de provar o caldo de camarão, comer uma tainha defumada ou escalada, tomar uma pinga no butiá, ir à Churrascaria Lindacap ou ao restaurante do Manolo. Gosta de clubes e boates? O Doze, que ano que vem completa cem anos; o prafrentex Paineiras onde com trinta anos se é matusalênico; o Lira da Colina e o fechadíssimo Country; o recém-inaugurado "do Penhasco"; a Bota do Oscar, o meu Cantinho que é teu, nosso; o tradicional Cristal; a Roca — tantos mais...

As atrações se multiplicam. O desenvolvimento se multiplica. E logo-logo (bom-mau, quem sabe?) a fisionomia da velha cidade, onde todos se conheciam, terá desaparecido. E o ilhéu, saudoso, olhando a multidão na selva da grande cidade, poderá dizer com uma ponta de melancolia: "Florianópolis não tem mais ninguém."







Renda de bilro, casario, arranha-céus, beleza humana: em Florianópolis, ontem e hoje têm o convívio que enriquece, o moderno.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

015 - MIGUEL, Salim. Amazônia um mergulho no inferno. **Revista Manchete**. Rio de Janeiro, n. 1150, p.42-45, 04 de maio de 1974.

Manchete
CR$ 8,00 ● N.º 1.150 ● RIO DE JANEIRO, 4 D
BELÉM E MANAUS (VIA AÉREA): CR$ 11,00 — PORTUGAL: ESC. 30$00

ESPECIAL

UMA TRAGÉDIA CARIOCA

livro-reportagem de Carlos Heitor Cony sobre as mortes de

SHEILA e FLORINDA

LOTECA

OS 13 MILIONÁRIOS QUE FIZERAM 13 PONTOS

A filha de REGINA DUARTE nasceu sorrindo

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

AMAZÔNIA
um mergulho no inferno

Salim Miguel, de MANCHETE, acompanhou durante um mês os pioneiros do Projeto Radam, que começam a desvendar os segredos da selva

Fotos de Luiz Alberto



Com o helicóptero parado em pleno ar, o rapelista inicia a difícil descida para o desconhecido.





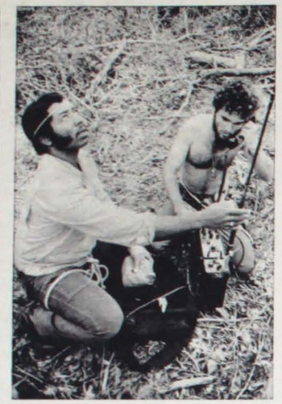
SOZINHO, entre o céu e a floresta, está o homem, suspenso por uma corda. Balança no ar, seguro ao helicóptero. Frágil segurança. Contempla a selva interminável, que se estende por tudo, a perder de vista. Por mais que olhe e se esforce, nada mais vê. Nem uma pequena clareira, um único e minúsculo ponto que seja, naquela compacta imensidão verde. Um verde de várias tonalidades, a monotonia às vezes quebrada pelo colorido diferente de uma flor. Só as árvores seculares, algumas de até 70 metros de altura. Próximo às galharias que o homem quase toca com os pés, o helicóptero sobrevoa, coleia, paira, pára no ar. Lá de dentro dele, outros homens reexaminam o local, consultam um mapa. É ali mesmo, sim. Lentamente, o homem começa a ser descido. De rapel ou guincho. Diferença? Na descida de guincho o controle é do helicóptero. No rapel, o próprio homem é quem controla a corda.

Os rapelistas ou guinchistas podem se chamar Pontes ou Santos, Pirangê ou Bartolomeu (Bartô), não importa. O perigo a enfrentar é sempre o mesmo. E o comandante do helicóptero pode igualmente ser Schneider, o Alemão, ou Vintena, o Carioca. As instruções, para uma emergência todos conhecem...

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

NUMA emergência, como solução extrema, a corda que segura o homem ao helicóptero pode ser cortada











Aberto um pedaço da clareira, o helicóptero começa a despejar homens e equipamentos. Durante dias, em plena selva, num alojamento improvisado, eles colhem material para os laboratórios de análise em Belém, comunicando por rádio a Manaus o andamento dos trabalhos.

O homem está descendo. Vai enfrentar a floresta. Carrega com ele uma mochila e uma serra a pilha. Apenas isto. A descida para o desconhecido é vagarosa. Agora ele atinge as árvores mais altas. Ultrapassa-as. Desce mais. O escuro o envolve, misturado com mil ruídos indistintos e um cheiro úmido que ele não consegue identificar. O homem não sabe o que irá encontrar quando pisar o chão: pantanal, animais ferozes, aranhas, lamaçal, pedras e liames, cipoal, mundo desconhecido e inóspito. Mas sua função é aquela. Ele vai abrir uma clareira, serrando as árvores, aplainar o chão, para que os helicópteros, com outros homens, possam depois aterrissar. Sub-base de Maués. Município de cerca de 10 mil habitantes, encravado em pleno Amazonas. Cercada de florestas virgens e água, a localidade é conhecida como a terra do guaraná e do pau-rosa. Ali só se chega de avião (pequenos bimotores) ou de **motor,** espécie de barcaça só para gente, ao contrário das **gaiolas,** cuja fauna faria inveja ao velho Noé. A chegada dos homens do Projeto Radam movimenta a pacata cidadezinha. E aqui, em lugar do acampamento na selva, eles têm a comodidade de um abrigo numa escola em final de construção. Durante alguns dias, eles ali ficarão. Com rápidas incursões pela redondeza. Até que todos os pontos marcados no mapa, assinalados como dignos de serem investigados, sejam atingidos, e que seja colhido o material necessário para os exames e a pesquisa nos laboratórios de Belém e Manaus. Mas chove. Há dias que chove. Os rios, já de si caudalosos, transbordam. Os alagados dão à paisagem um colorido estranho. E, em meio à chuva, os 38 homens que formam um dos três subgrupos em atuação na área esperam. Compõem, já agora, uma pequena comunidade. Brincam, inventam histórias, discutem, passeiam pela ruazinha de Maués, vão ver a largada do **motor** que vai para Manaus, sentam-se no bar Castelinho, ouvem os **causos** do índio Aristides ou do mateiro (casado com índia e caçador de onças) Domingos, e as cantorias desafinadas do cozinheiro Mocotó. Mas, por entre as brincadeiras, sente-se a tensão latente entre eles, constante, crescendo, avolumando-se como as águas dos rios. Verrumando-os. Lembram histórias de quedas de avião, de gente perdida, de colegas e amigos desaparecidos ou mortos, de doenças da selva.

DOMINGOS relata sua última aventura, quando caiu com um avião e esteve perdido, até conseguir se orientar, descobrir um veio de água. Todos ouvem a história que já conhecem. A inatividade os irrita, e faz pensar. E pensar, ali, não é bom. Vindos das mais diferentes regiões, de formações e maneira de pensar diversas, precisam da atividade física constante. A inatividade os mantém em permanente nervosismo, imaginam os perigos que os espreitam, muito embora as medidas de segurança adotadas. É que, no ar, há o imponderável; e no chão, no mato denso, não sabem o que poderão encontrar. Daí a necessidade do trabalho. Não esquecem que depois de descidos pelo **rapel** ou pelo guincho estão entregues à própria sorte. Mas, se por um lado o esforço físico evita o pensar, por outro lado têm consciência de que realizam um trabalho da maior importância. Acreditam no que estão fazendo, e se apaixonam pelo que estão fazendo. Muitos, como o Alemão, saem, viajam mundo, depois voltam e se reintegram. Outros, como o Comandante Bacelar, paraense com mais de 10 anos de Amazônia e várias quedas de avião, não inveja colegas que hoje estão voando em jato. Não trocariam aquela vida de perigos e aventuras por nada. Não é bem o ganho, o lucro; é mesmo o espírito de aventura, de fugir à rotina.

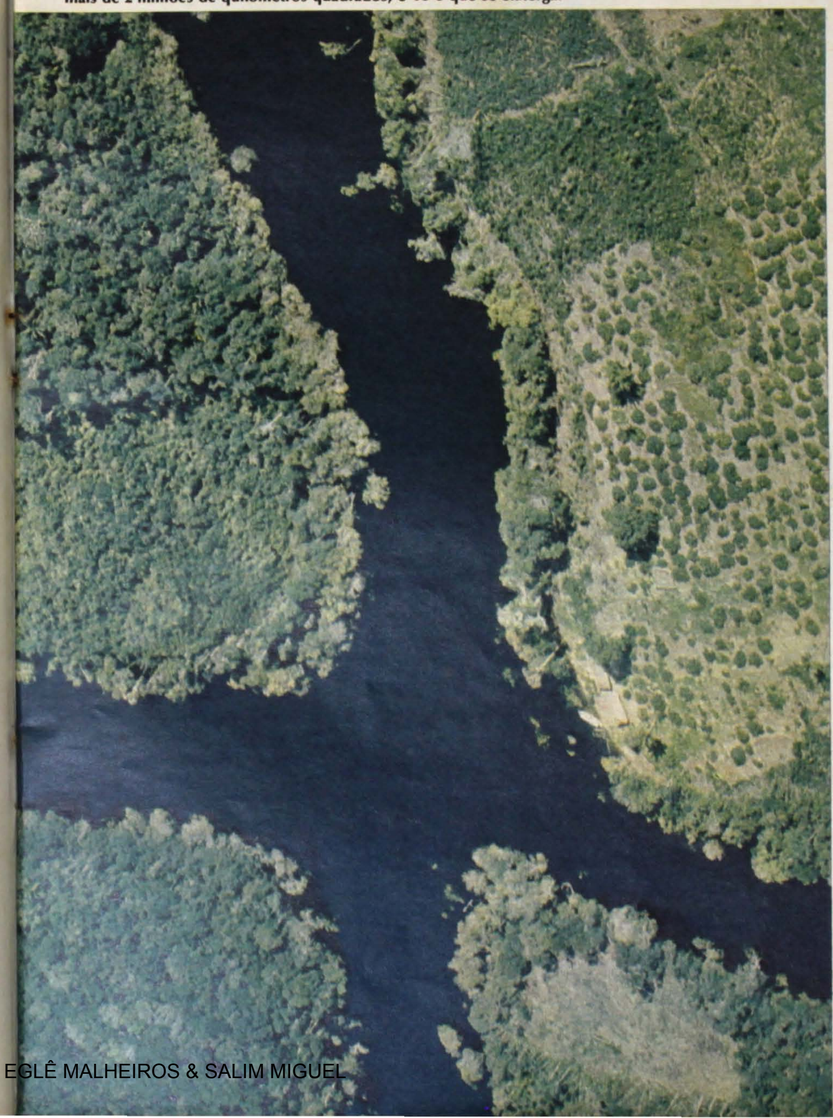
O encarregado atual da sub-base de Maués é um jovem engenheiro-agrônomo chamado Faustino. Entusiasta de seu trabalho, ele explica: primeiro foi feito o levantamento da região através da aerofotogrametria, utilizando-se um processo especial de infravermelho para atravessar as compactas camadas de nuvens, e penetrar o solo através da serrada floresta. Aplicou-se, em tal tipo de trabalho, e pela primeira vez no mundo em tal escala, o radar. Os resultados foram surpreendentes. Depois, especialistas analisaram as fotos, debruçaram-se sobre elas, elaboraram e organizaram estes quadrículos nestes mapas, sobre os quais trabalhamos e que agora nos orientam. Sabemos com exatidão milimétrica onde vai ser a próxima descida, onde se encontra o helicóptero, e onde desceu o homem. Num imprevisto qualquer, sabemos onde procurá-lo e são muito boas as chances de localizá-lo. É em cima destes mapas que se está fazendo o levantamento da vasta área amazônica, e que está sendo descoberta uma nova Amazônia.

ANTES, o chefe do escritório de Belém, Dr. Galeão, que com outros 11 companheiros fizera um curso de especialização nos Estados Unidos, já esclarecera: o plano inicial do Projeto Radam (1970) não era tão ambicioso. Mas com o desenrolar dos trabalhos foi-se vendo o significado do mesmo, e a necessidade de prosseguir. Foram sendo feitos convênios com outros órgãos, foram-se aprofundando e alargando as pesquisas. O trabalho, em princípio, deve continuar até 1975.

A tarefa atual é dividida em etapas, trabalhando-se em cima dos mapas elaborados por uma equipe de técnicos a partir das fotos. A pesquisa de solo é encaminhada aos laboratórios. Os resultados são levados aos setores competentes, para as medidas cabíveis. A descida em cada área tem como finalidade colher tudo o que for possível de ser estudado: amostras de terra em determinadas camadas, numa profundidade de até dois metros ou mais, tipos de vegetação, rochas e minerais etc. O levantamento da Amazônia e de suas potencialidades vem abrir novas e insuspeitadas perspectivas para o país. Para o engenheiro-agrônomo, se apenas 30% das terras fossem aproveitáveis sem correção de solo, o trabalho já se justificaria. Mas esta é apenas uma parte da tarefa. Para o Dr. Galeão as possibilidades de descoberta de minérios são imprevisíveis. Naquele mundo está se



Selva e água, eis os dois elementos que compõem o mundo amazônico. Numa área de mais de 2 milhões de quilômetros quadrados, é só o que se enxerga.



encontrando de tudo. Para o Major-Aviador Giselar, do apoio logístico em Belém, o trabalho, além de abrir novas perspectivas de conhecimento, podendo inclusive a Amazônia se transformar no celeiro do Brasil, vai permitir a fixação do homem à terra.

O homem acabou de pisar o solo. Desprende-se da corda, prepara a serra. Em torno dele só a mataria. Aquele ruído insólito do zunir da serra vai ferir a floresta virgem, fazê-la sangrar, causar desassossego entre as aves e os animais. Tombam os primeiros galhos. Começa a surgir a clareira. Prepara-se, então, a descida dos demais e o acampamento.

OS homens do Projeto Radam iniciam mais uma etapa de trabalho. Desventrando a Amazônia misteriosa, eles possibilitam condições objetivas de estudar as potencialidades daquele estranho mundo até há pouco ignorado. Ali, nas condições mais primárias, os homens ficarão enquanto for necessário. Começaram a coleta de material. Em sacolas, numeradas e catalogadas, vão colocando amostras as mais diversas, barro, areia, minérios, pedras, plantas, tudo enfim que possa servir para ser estudado e ajude a melhor se conhecer a região.

O Projeto Radam é, reconhecidamente, um dos maiores e mais concentrados esforços jamais realizados para mapear recursos naturais e analisar ambientes ecológicos. É cada vez mais necessário, em nossos dias, um conhecimento da inter-relação das formas biológicas com a natureza física, antes de sua utilização pelo homem. Para que um aproveitamento racional se torne viável. No caso do Projeto Radam, o trabalho está dividido em diversos tipos de mapeamento: geológico; fitoecológico, ao nível exploratório de solos e sua interpretação para mapas de aptidão agrícola (manejamento primitivo e avançado); geomorfológico; topográfico; e avaliação média de capacidade natural da terra ou uso potencial da terra. Este trabalho, projetado para uma área de 1.500.000 km², foi ampliado várias vezes até atingir um estágio que corresponde hoje a cerca de 4.600.000 km².

UM punhado de homens decididos realiza esta tarefa. Agora, em Maués, onde está localizada uma das três equipes de campo, o trabalho se aproxima do fim. Mais um dia e se fará o transbordo. A nova sub-base se chamará Itaituba, como a anterior se chamara Borba. Em cada uma, o tempo de permanência varia, dependendo das condições climáticas, das dificuldades em se atingir o solo varando a compacta camada de árvores. E na sub-base nova, repetindo o ocorrido nas outras, os homens do Projeto Radam também darão assistência social à população rarefeita e abandonada. Em Borba, por exemplo, **os clientes** faziam fila diante do consultório de **seu doutor,** o enfermeiro que acompanha a equipe.

Nas longas noites da selva, inquietos, os homens retornam sempre aos mesmos temas. Sabem que numa emergência, durante uma descida de **rapel** ou guincho, como solução extrema, a corda pode — e deve — ser cortada. Isto faz parte do jogo. Nunca aconteceu. Mas, e se surgir essa necessidade? A indagação paira sem resposta. E prosseguem na faina como se a possibilidade jamais pudesse se concretizar.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Leitura dinâmica



De câmara na mão.

A volta de Joel Barcelos

Lembram-se do Joel Barcelos, um rapaz magro e talentoso que durante muito tempo fez teatro e cinema no Brasil? Ele andava pela Itália, onde trabalhou com Gianni Amico e Bernardo Bertolucci. Agora, de volta ao Brasil, cheio de idéias novas, Joel prepara a rodagem de um filme "sobre a problemática de um homem moderno, poeta e livre". Segundo ele, "a história começa na poesia com que o personagem encara as coisas e a vida, e termina no vaivém das máquinas que transportam o ferro, no porto de Tubarão". Seria, por assim dizer, a "jornada de um ateniense até sua transformação em espartano". Novidades do filme: o lançamento de Mílton Nascimento como ator (no papel de um compositor), a fotografia de Giampaolo Santini, um dos mais consagrados fotógrafos italianos, e a utilização do novo e revolucionário processo de filmagem em **super-16.** Boas-vindas, Joel, e bola pra frente. ● **Marco Aurélio Borba**

O rebu de Cannes

Pelo telefone internacional, fico sabendo que a grande sensação deste ano no Palácio da Croisette será a apresentação dos filmes que representam os **States.** Além de **Os Visitantes,** de Elia Kazan, e de **Jeremiah Johnson,** um **western** de Sidney Pollack, que fazem parte da seleção oficial, os americanos estão levando algumas **bombas** para a Semana da Crítica e a Quinzena dos Diretores. Entre essas: **Winter Soldier,** feito por 18 cineastas de Nova Iorque, com depoimentos de 125 veteranos da guerra do Vietnã; **O Processo dos Nove de Catonsville,** produzido por Gregory Peck e inspirado pelo processo contra os Padres Berrigan (dois irmãos) e outros acusados de conspiração para sequestrar Henry Kissinger; e **Hail,** de Fred Levinson, que ataca o governo, o exército e a polícia dos Estados Unidos. Vou ver tudo e depois conto. ● **Justino Martins**

Pelo amor de Deus!

Uma entrevista minha, publicada há pouco num jornal, contém várias impropriedades. Deixa pra lá: se eu mesmo não consigo exprimir-me propriamente, não vai ser outra pessoa que o fará. Mas há uma coisa que me fere o amor-próprio: é quando se diz que a minha visão do mundo se assemelha à de Verlaine (e as aspas emprestariam a mim as palavras), "pela maneira de sentir e pelo absoluto domínio da língua". Ai, ai, ai! No dia em que disser que possuo absoluto domínio da língua, internem-me correndo no hospício de Jacarepaguá, sem direito de fazer exercícios no pátio.

Quanto a Verlaine... Uma vez um escritor chegou pra perto do Vinícius e disse: "Li o Verlaine todo. Gosto muito mais da sua poesia." E o nosso poeta, com toda a sua grandeza: "Antenor, eu daria um braço para escrever poesia feito Verlaine." Ora, se o Vinícius dá um braço, eu tenho de dar os membros todos e fico devendo. ● **Paulo Mendes Campos**



Avancini: o começo foi duro.

Educação pela pedra

Durante 18 anos, Mário Avancini, 44 anos de idade quase iletrado, foi calceteiro e assentador de paralelepípedos nas ruas de Joinville. Há uns três anos, "nasceu — diz ele — minha idéia de começar a dar forma à pedra". Não parou mais. Como todo primitivo, improvisou umas ferramentas, arranjou outras. E nas horas de folga, na pedreira ou mesmo em casa, começou a entalhar, fazendo suas primeiras experiências. Hoje conhece todos os tipos de pedra, desde os mais duros mármores até a pedra-sabão; modela igualmente em gesso ou barro, funde em bronze e já tem algumas de suas obras espalhadas por Santa Catarina e outros estados. Uma de suas primeiras esculturas em pedra, uma índia, encontra-se agora numa das praças de Joinville. Outra, em mármore, uma mão entreaberta segurando um coração que mostra ao mesmo tempo a face do Cristo, esteve exposta em várias cidades. Noutra praça de Joinville vê-se um monumento de mais de 2 metros de altura, entalhado na rocha. Ao mesmo tempo, cada vez mais insatisfeito e inquieto, Mário Avancini modela em gesso os primeiros bustos. Largou a pedreira, trabalha na Escola de Arte Fritz Alt e agora inicia uma escultura em pedra de aproximadamente nove metros de altura, que será colocada em frente à Casa de Cultura de Joinville. Acrescenta: "Não sei se nasci com veia de artista, mas vou continuar tentando: as pedras estão ali mesmo, é só botar a cabeça pra trabalhar." Botou. ● Salim Miguel

UM SHOW

CLUBE DA ESQUINA
com Milton Nascimento



Nem tudo esteve legal.

Teve uma hora que Lô Borges se sentou ao piano e, diante de probleminhas como uma guitarra que estava dando choque e um ato-falho dele próprio ter se esquecido de colocar o microfone na posição ensaiada (?) proclamou: "Tá legal; pelo menos pra mim tá tudo legal." Pra plateia (de convidados, em pré-estréia) parecia estar também, pois as palmas, como as cartas, não mentem jamais. Mas será que numa quarta-feira qualquer dessas o público — pagante — vai achar que tá tudo legal? O negócio é rigorosamente o seguinte: é preciso cantar, sim; mas não é suficiente cantar, apenas. Mílton Nascimento é uma das coisas mais sérias que já apareceram nesses últimos anos nem sempre férteis da música popular desta terra. **Pelo Amor de Deus,** então, gente, vamos cuidar um pouquinho mais das raras (e sábias) aparições desse homem de tanto talento na voz e tanto **banzo** no olhar. Mais grave ainda: talvez seja essa do excelente **Teatro Fonte da Saudade** (Borges de Medeiros, Lagoa) uma das últimas apresentações dele num palco: o que ele quer mesmo é fazer música pra filme e, se deixarem, ser ator. Viajar talvez. Porque não apresentá-lo melhor (inclusive sem os trejeitos que são a **marca registrada** de Caetano Veloso)? É... isso não é **Tudo O Que Você Podia Ser,** meu caro Mílton. ● **Renato Sergio.**

Manchete nº 1047
13-5-972
UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

017 - MIGUEL, Salim. Santa Catarina: uma ponte para o progresso. **Revista Manchete**. Rio de janeiro, n. 756, p. 60-115 de out. de 1966.

Manchete

CR$ 700 • N.º 756 • RIO DE JANEIRO, 15 DE OUTUBRO DE 1966

reportagem especial em côres

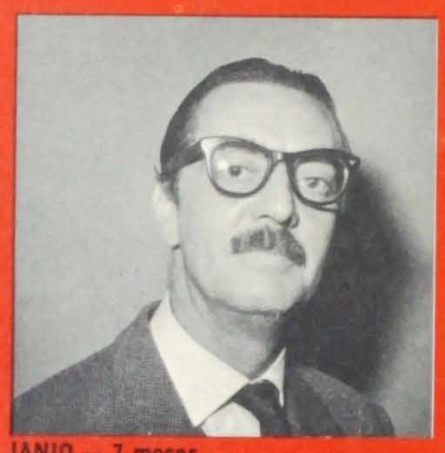
SANTA CATARINA

De JUSCELINO a COSTA e SILVA

PORQUE O POVO NÃO VOTA?



JK — 5 anos



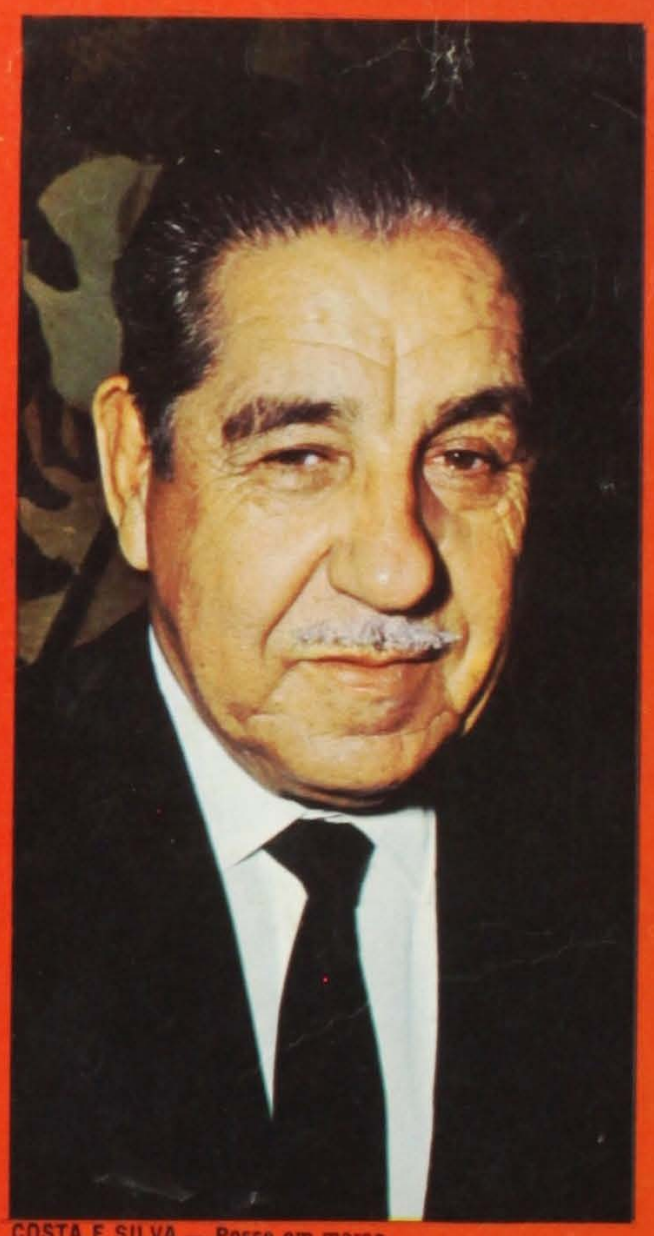
JANIO — 7 meses



JANGO — 30 meses



CASTELO — 35 meses



COSTA E SILVA — Posse em março

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

SANTA CATARINA

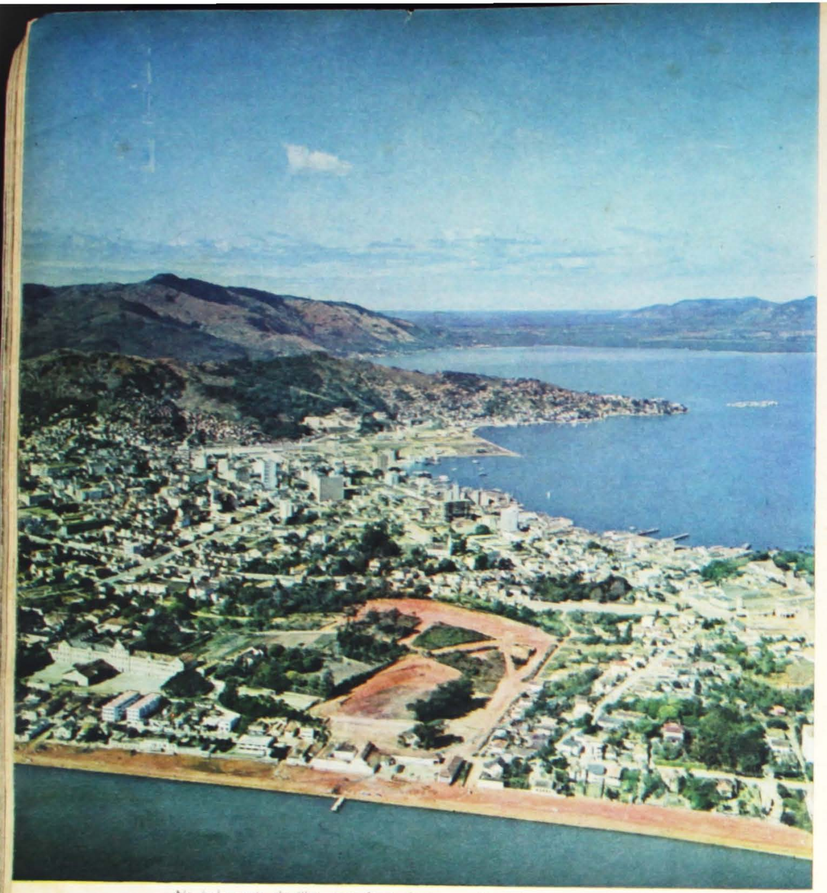
uma ponte para o progresso

O PROGRESSO DA CAPITAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA VEM SE ACELERANDO, DE ANO PARA ANO, A PARTIR DE 1927. JA ALGUNS MISSIONARIOS E NAVEGADORES HAVIAM PASSADO pela antiga I-Jureré-Mirim dos indios, quando no ano de 1673 começou a ser povoada a Vila de Nossa Senhora do Desterro. O nome provinha do fato de se achar distante do continente. Com a Republica, a cidade insular perdeu a antiga denominação, passando a se chamar Florianópolis, em honra do Marechal Floriano Peixoto, consolidador do regime. Mas so deixou de ser considerada um lugar de desterro quando, há 39 anos, foi inaugurada a Ponte Hercilio Luz, de 822 metros, que a liga ao resto do Estado, no qual se encontra desde então integrada, como centro irradiador de cultura e desenvolvimento.

SEGUE

Reportagem de SALIM MIGUEL • Fotos de DOMINGOS CAVALCANTI

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Na lado norte da ilha, uma faixa de terra está sendo conquistada ao mar. É nela está sendo construida maravilhosa estrada. Embaixo, conjunto do nôvo Instituto de Educação Dias Velho.



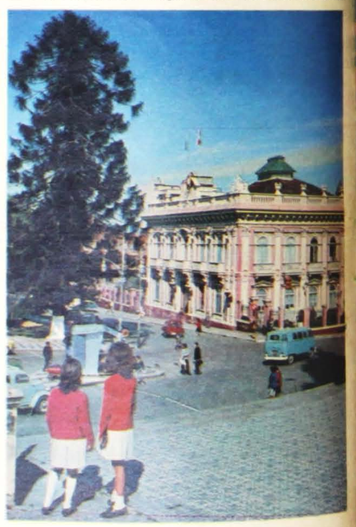
A velha Desterro dos tempos coloniais está se transformando numa cidade bem moderna

FLORIANÓPOLIS, que já ultrapassou os 130 mil habitantes, é hoje um importante centro universitário, animado por significativas manifestações culturais e artísticas. Praias de grande beleza natural e a maravilhosa lagoa da Conceição realçam suas possibilidades turísticas. A Rua Felipe Schmidt é a Rua do Ouvidor da capital catarinense. A vida noturna vem se tornando animada e a Boate Engenho é a preferida da juventude e do alto mundo elegante.

SEGUE



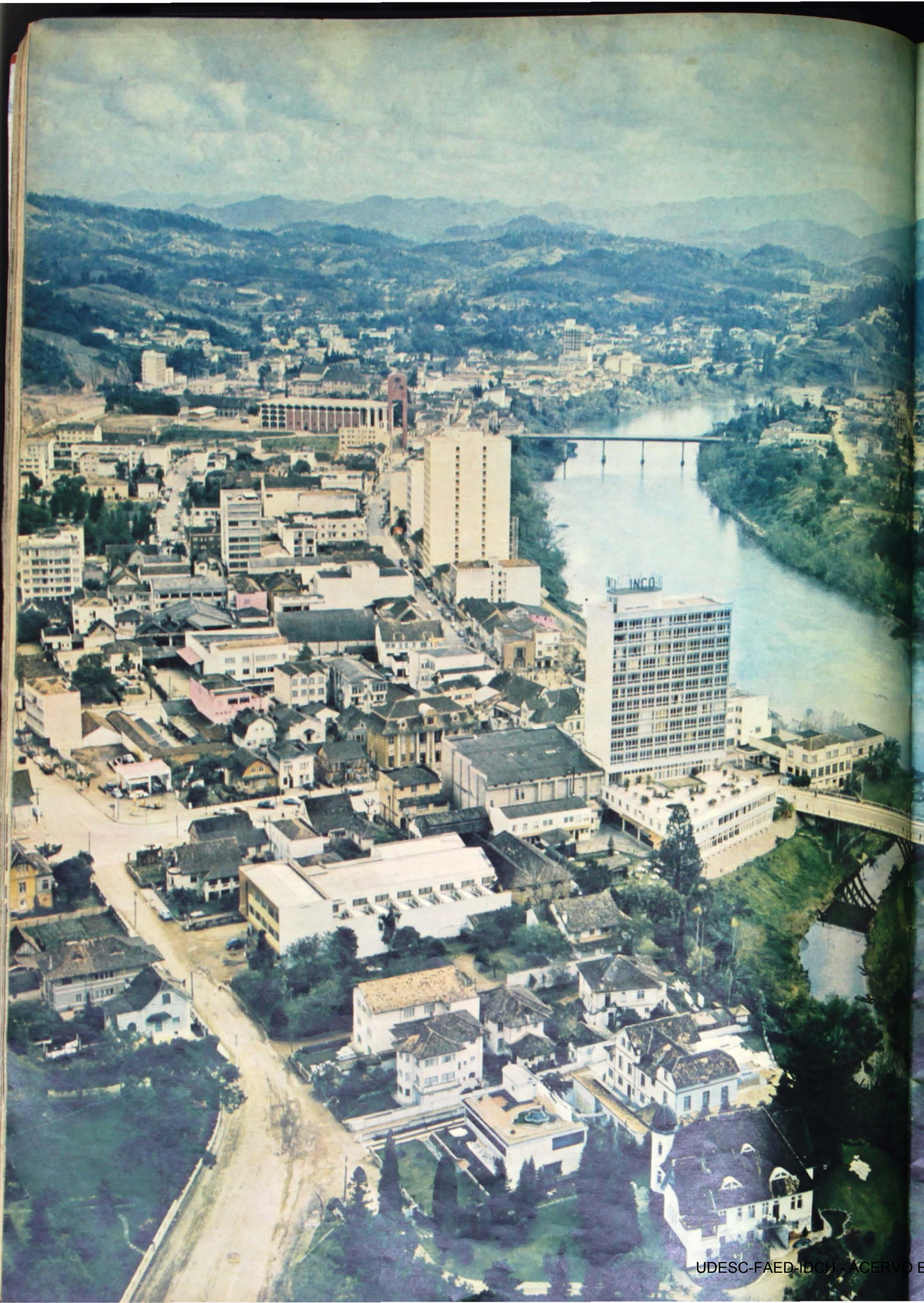
Na Boate Engenho, a juventude de Florianópolis costuma se reunir, para dançar ao som dos ritmos modernos.



Palácio do Govêrno de Santa Catarina, em cima. Ao lado, banhistas às margens da belíssima lagoa da Conceição, de água doce, mas em comunicação direta com o Oceano Atlântico.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

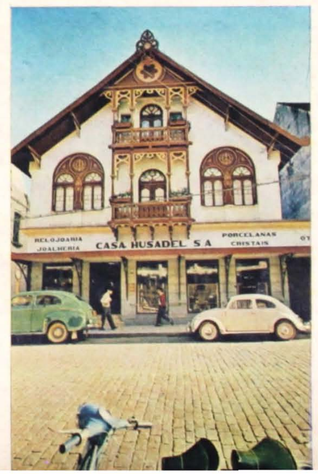


O caudaloso rio Itajaí-Açu fertiliza um grande vale, mas é o maior inimigo de Blumenau e das cidades ribeirinhas, nas suas cheias periódicas



Uma das novas igrejas católicas de Blumenau, que é sede de um bispado. Embaixo: o interior do templo.

ENCANTADO com o vale do Itajaí-Açu, o Dr. Hermann Blumenau aí escolheu, em 1847, o local para instalar a comunidade que mais tarde teria o seu nome. A cidade, em pouco mais de cem anos, cresceu, a princípio desordenadamente e hoje se moderniza, em constante progresso. Os arranha-céus substituem as velhas residências. E as cheias periódicas, que tantos prejuízos sempre causaram, poderão desaparecer, se forem concluídas as obras das barragens do Ituporanga e do Taió, as primeiras ainda não terminadas e as segundas de há muito paralisadas. A par da agropecuária, Blumenau é um grande centro industrial, que produz tecidos, cristais e porcelanas conhecidos no país.





À esquerda: uma casa em estilo tipicamente alemão, construída pelos primeiros colonos chegados a Blumenau. Note-se o telhado, quase vertical, e a sacada de madeira, envidraçada.

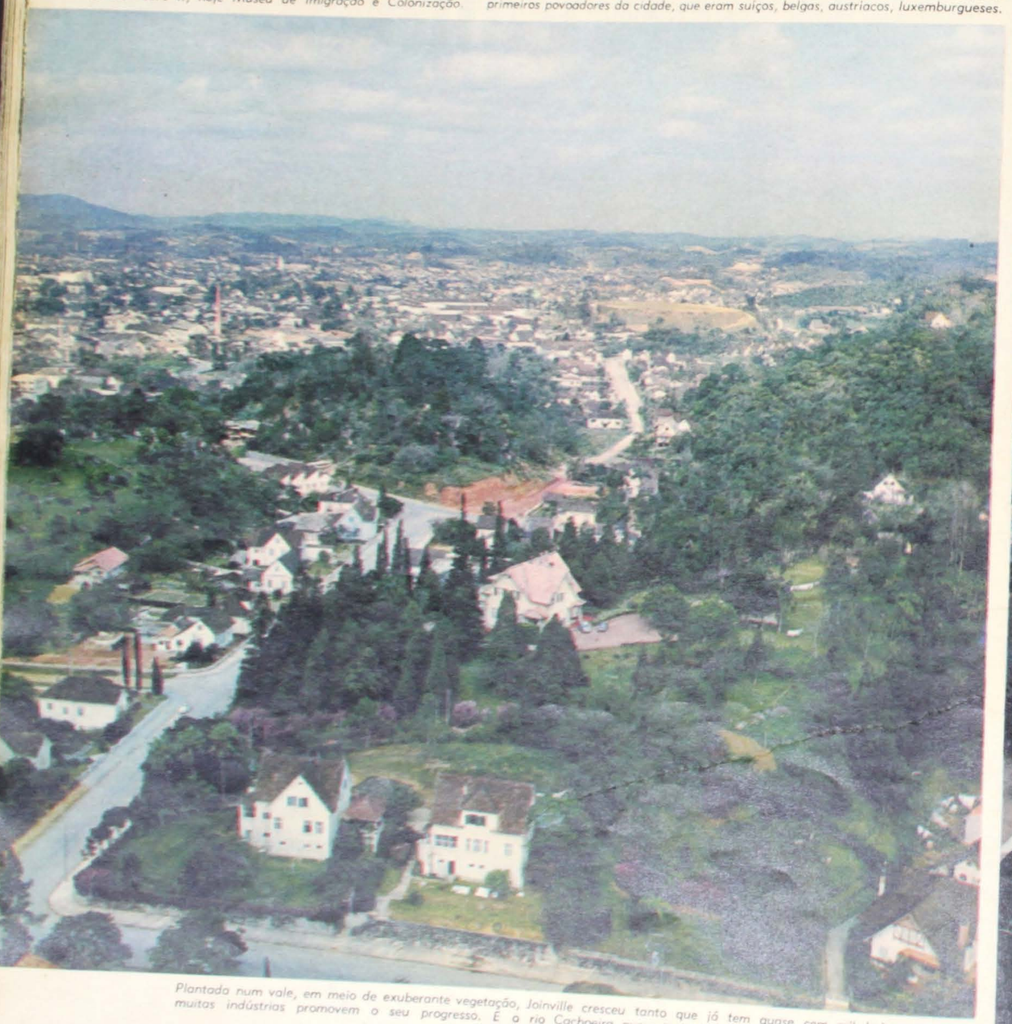
UDESC-FAED-IDCH , ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



O Palácio dos Príncipes de Joinville, edificado pelo cunhado de D. Pedro II, hoje Museu de Imigração e Colonização.



Esta residência, tipicamente européia, é um exemplo da arquitetura trazida pelos primeiros povoadores da cidade, que eram suíços, belgas, austríacos, luxemburgueses.



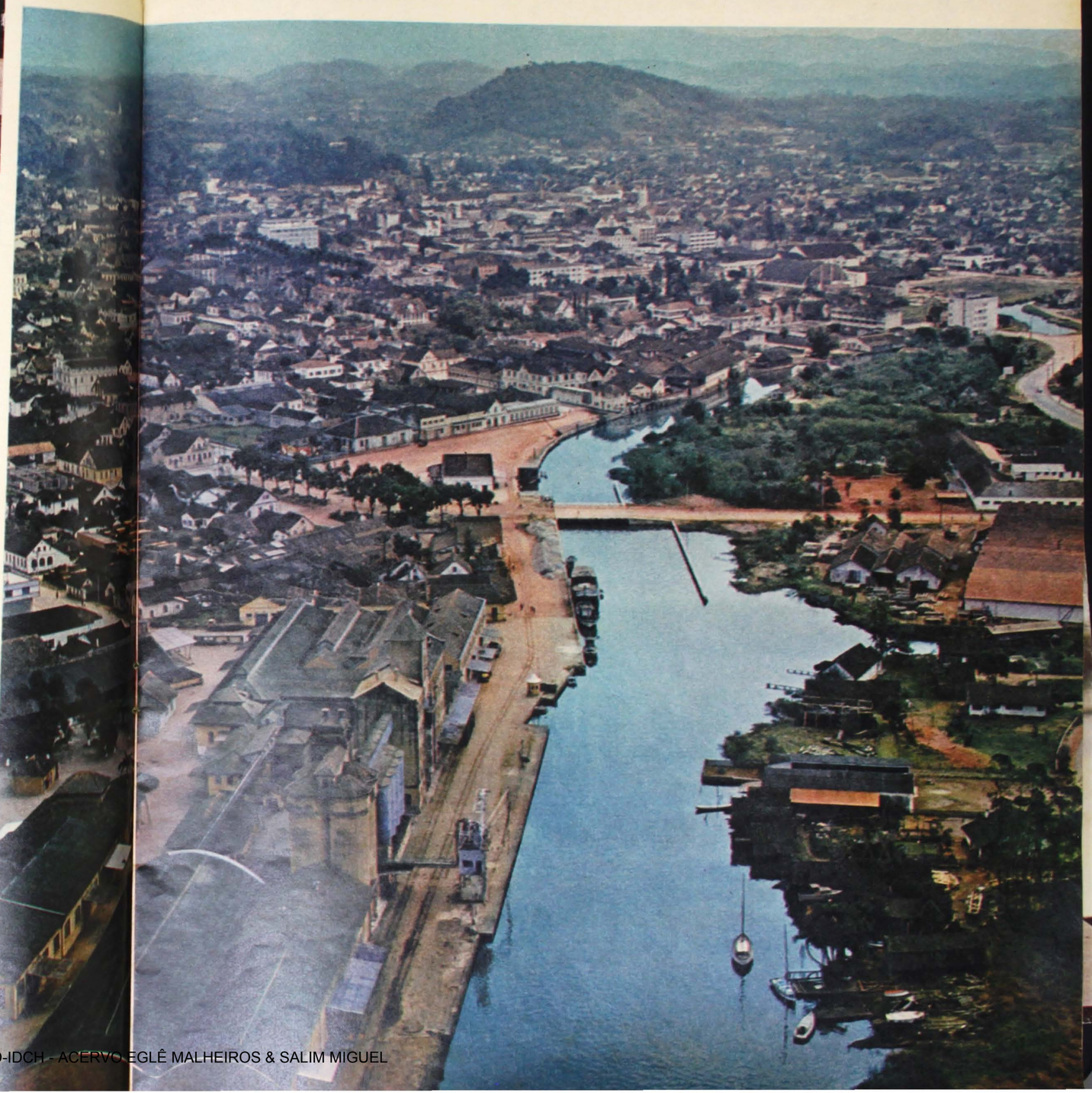
Plantada num vale, em meio de exuberante vegetação, Joinville cresceu tanto que já tem quase cem mil habitantes. Suas muitas indústrias promovem o seu progresso. E o rio Cachoeira aumenta a beleza de seu caprichoso traçado urbano.

O dote da

(cérebro eletrônico), a rapidez nas

princesa de Joinville deu origem a uma moderna cidade industrial

CIDADE plana, de ruas largas, Joinville é a Manchester catarinense, centro de intensa atividade industrial. Possui fundições de ferro maleável, indústrias metalúrgicas, de autopeças, conexões hidráulicas, material elétrico e ferroviário, de alimentos, etc. Entre elas destaca-se a Fundição Tupy S.A., que, entre as emprêsas privadas, é a maior contribuinte do erário estadual. É uma emprêsa cem por cento nacional, que mantém extraordinária obra social, com escolas primárias, ginásio industrial e escola técnica. Outras grandes indústrias: a Cônsul, a Lumière, Arp, Hansen, Stein, etc. O atual município surgiu nas 24 léguas de terras que fizeram parte do dote da Princesa D. Francisca, irmã de Pedro II.



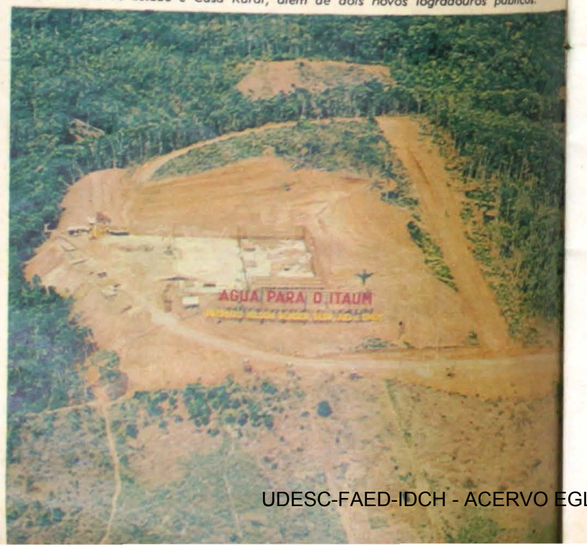
UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Principal meta da administração Nilson Bender, dentro do Plano Diretor, esta área concentrará a Prefeitura, os Institutos do Mate e do Pinho, a delegacia do Imp. de Renda, o Forum, Correios, Samae, órgãos federais da Previdência, Policia, Banco de Desenvolvimento do Estado e Casa Rural, além de dois novos logradouros públicos.



O Sr. Nilson Bender e família, num dos raros momentos de lazer do dinâmico prefeito. À direita, a gigantesca obra de saneamento e abastecimento de água no bairro de Itaum. Joinville é o primeiro município beneficiado com financiamento do DNOS e USAID, neste setor, em todo o Brasil.



(cérebro eletrônico), a rapidez nas

Joinville, a Manchester catarinense, conhece atualmente uma atividade febril, transformando-se em nova e mais bela cidade

Joinville ganha impulso sem precedentes nos seus setores públicos, especialmente de saúde, ensino, administração, urbanismo e turismo, que constituem as cinco grandes frentes de atuação do seu nôvo prefeito, Nilson Bender. Dois bilhões e 240 milhões de cruzeiros em recursos, do DNOS e USAID, através de convênio da municipalidade com o Fundo Nacional de Financiamento de Água, estão sendo aplicados no assentamento de 180 quilômetros de tubos, para a solução do abastecimento de água, até aqui problema angustiante (75% da população consumia água poluída, de poços). A tarefa é realizada pela autarquia SAMAE, sob orientação da Fundação SESP. Por outro lado, estão sendo substituídas nada menos de 6 mil instalações sanitárias domiciliares anti-higiênicas e se promove a melhoria da canalização das águas pluviais e esgotos. O Hospital São José, iniciado na gestão anterior, vem sendo concluído, com 100 novos leitos, inclusive uma ala infantil.

O ensino primário, ministrado a 3.600 crianças por 106 professôras, das quais 15 apenas normalistas, desenvolve-se agora qualitativamente. Amplo programa visa a um índice de, pelo menos, 50 por cento de professôras formadas, nos próximos anos. No bairro operário de Itaum, constrói-se um centro social para ensino técnico-profissional básico aos trabalhadores. Ali serão realizados cursos de eletricidade, solda, mecânica, marcenaria, corte e costura, culinária e outros.

A administração passa por completa reforma. Foram instituídos um órgão de planejamento e dois executivos: os departamentos de Serviços Urbanos e de Administração, englobando atividades afins. Adotou-se a admissão por concurso (antes mesmo do Ato Complementar n.º 15), e o trabalhador braçal do Município recebe agora condições seguras de trabalho e assistência. A centralização das repartições públicas é outra meta do Prefeito Nilson Bender, já prevista no Plano Diretor da Cidade. Todos os órgãos, federais, estaduais e municipais, se concentrarão na Praça da Bandeira, em prédios próprios. Ainda dentro das diretrizes urbanísticas, será aberta ampla avenida entre a Rua João Colin e a Av. Getúlio Vargas, formando um eixo norte-sul de 10 quilômetros. Prioridade absoluta foi dada à abertura das Ruas Blumenau e São Paulo, para desafogar o trânsito, o que permitirá o adiamento, por alguns anos, do alargamento da Rua João Colin e Getúlio Vargas. A posição do Prefeito Nilson Bender em relação ao Plano Diretor, que já encontrou traçado, é de acatamento.

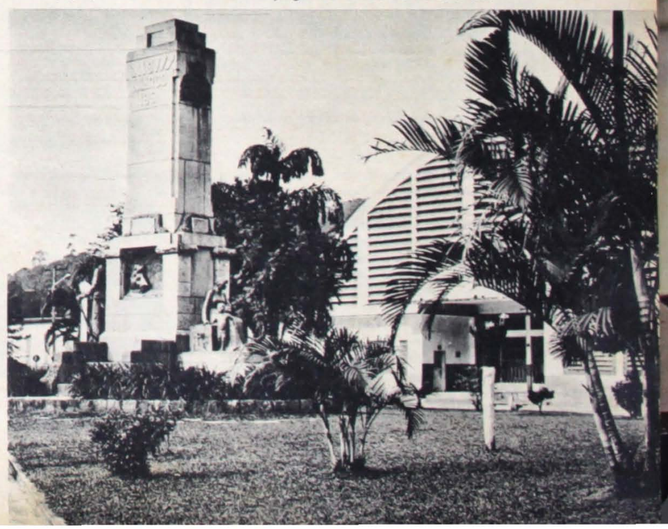
Quanto ao turismo, Joinville, porta natural que dá para as praias catarinenses, através da BR-101, será, em breve, a sede do Pavilhão das Indústrias, que abrigará feiras e exibições, diversas, e do Museu Sambaqui, que reunirá a mais completa coleção de peças arqueológicas pré-colombianas do Brasil. Além disso, a bela localidade de Espinheiros será urbanizada, parques e jardins vão ser construídos em Joinville e a municipalidade oficializará e promoverá festas típicas e certames, como as famosas exposições de flôres ornamentais.



O Hospital Municipal São José, iniciado no govêrno anterior, tem sua conclusão acelerada, com ampliação para cem novos leitos e ala infantil. Ao lado, a praça principal de Joinville remodelada pela atual administração.



O Prefeito Bender promoverá, nesta área central, a abertura de ampla avenida, que, numa extensão de 10 km, ligará a cidade de norte a sul.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

SANTA CATARINA

Além do carvão e da pesca, outra florescente indústria extrativa de Santa Catarina é a erva-mate, da qual é o terceiro maior produtor no Brasil



As verduras são variadas.

— Olha o catarina! — A imagem convencional que se forma no espírito do brasileiro é a de um descendente de alemães, grande e louro, de olhos azuis e fala arrevezada, que, servindo na PE do Exército, enfeita as festas cívicas e acaba com as arruaças. Quando, em lugar dêsse retrato, surge um moreno bígodudo ou um autêntico caboclo, a incredulidade se estampa nas fisionomias. Ninguém quer aceitar que um catarina possa também ser o resultado do cruzamento entre os pacíficos índios do litoral de Florianópolis e os náufragos marinheiros de D. José Dias de Solís (de que resultaram os carijós). Ou um descendente de imigrantes portuguêses ou açorianos, italiano ou gringo (denominação local para os sírios e libaneses), judeu ou polonês. E até um gaúcho, colonizador do extremo e meio-oeste do estado. A ponto de um ínclito candidato a pôsto legislativo, numa volante onde realçava as maravilhas de sua candidatura e o que faria, quando eleito, pela sofredora população, haver solicitado especial apoio aos "ilustres descendentes de estrangeiros que com seu labor ininterrupto e fecundo tanto contribuíam para o progresso da região". Entre os estrangeiros, o candidato arrolava os italianos e os gaúchos.

SANTA Catarina é, em ponto pequeno, um retrato do Brasil. Constitui um cadinho onde, de forma ainda incipiente, se experimenta e se forja uma nova civilização, resultado de civilizações antigas que para ali se transplantaram e se adaptaram — ou estão procurando se adaptar — com tôdas as implicações que isso comporta.

Ao índio, que foi sendo desalojado, e ao prêto, que foi obrigado a vir, sucederam-se as incursões dos bandeirantes que dominaram os campos de Lajes. Quase ao mesmo tempo se fazia a colonização açoriana de todo o litoral. Mais tarde, os imigrantes alemães e italianos, localizando-se os primeiros, de preferência, no vale de Itajaí e em Joinville, e os segundos, ao oeste e ao sul (região de Uruçanga). Depois vieram grupos menores de judeus e poloneses, de sírios e libaneses, de japonêses e gregos.

Hábitos, costumes e tradições contrastantes, trazidos por povos de formação e cultura tão diferentes e vindos de países tão longínquos, aos poucos vão se amalgamando e fundindo harmoniosamente. Vocábulos novos são incorporados, outros sofrem mutações semânticas, expressões antigas ressurgem com novos significados, estranhas combinações se formam, dando lugar a neologismos de sabor local. De igual maneira, algumas tradições folclóricas e costumes são assimilados e integram-se ao dia-a-dia, enquanto outros desaparecem ou se transfiguram ao ponto de se tornarem irreconhecíveis.

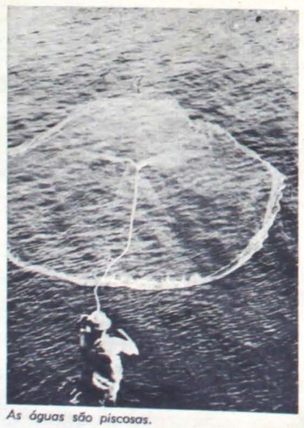
Bastante diversificados são os hábitos alimentares da população, onde, à mesa, se misturam e confundem a brasileiríssima feijoada, o pirão-de-água e a carne-sêca, o quase brasileiro churrasco, a macarronada, a **pizza** e o ravióli, o mússi, o chucrute e o **eisbaun**, o quibe, a peixada e a bacalhoada.

A paisagem física de Santa Catarina é das mais diferenciadas. As numerosas praias, calmas ou violentas, recortadas e abruptas, ou retas a perder de vista, cobrem todo o litoral, de Ubatuba, ao norte, até o morro dos Conventos, no extremo sul, passando por Piçarras, Barra Velha, Cabeçudas, Camboriú, Pôrto Belo, Ganchos, Florianópolis e Laguna. Oferecendo uma visão de beleza que encanta o turista, são extremamente piscosas. As escarpas e contrafortes da serra Geral (e em certos trechos da serra do Mar) parecem dividir o estado em duas grandes regiões. Os férteis vales do Itajaí, do rio do Peixe, do Chapecó e do Tubarão possibilitaram o florescimento de núcleos populacionais importantes e de imediato desenvolvimento. Na região serrana há extensos planaltos, vastas e intermináveis campinas onde o pinheiro ainda é soberano, a par de grandes invernadas e fazendas de criação de gado. Completa o panorama o quase virgem extremo oeste, de colonização recente e de fabulosa potencialidade, com suas terras inaproveitadas, suas florestas e seus rios.

O clima, igualmente, apresenta contrastes flagrantes, ainda que na maior parte do ano seja ameno. Há regiões de calor úmido e intenso, como em Blumenau. Nessa cidade, situada no fundo de um vale, cercada de morros, com o rio Itajaí-Açu a atravessá-la de um extremo a outro, no verão, a temperatura às vêzes chega aos 40 graus. Em áreas do litoral, especialmente em Florianópolis, o vento sul, o "velho vento



Um Charolês de classe.



As águas são piscosas.

vagabundo", cantado pelo poeta Cruz e Souza, com seu furor violento, "espalha frios e febres nos miseráveis casebres". E nos seus três dias de duração "ruge, brame e troveja", criando graves problemas para a integridade física tanto das mocinhas de mini-saia como das provectas senhoras e dos velhos que rememoram o passado sob a copada e secular figueira da Praça XV.

Em São Joaquim (e outros pontos da zona serrana) é a neve que transfigura a paisagem, cobrindo tudo com um manto branco e gélido e dando à região um ar de nova Suíça. Já em Joinville, a constante é a chuva, ou o tempo nublado, chegando ao extremo de, num ano sempre rememorado, não ter havido mais que três dias corridos de sol.

A fisionomia das cidades também se transfigura. Persistem ainda as localidades tradicionais, com seu casario antigo, onde se misturam o estilo colonial português ou açoriano, com fachadas de azulejos e amplos salões. Certas partes de São Francisco, Laguna e Florianópolis mantêm intacta uma visão do passado. Outras cidades oferecem uma imagem européia, com o estilo típico alemão nas vivendas de dois pavimentos, com telhados pontiagudos e quase verticais, sótãos e sacadas com janelas envidraçadas. É o que acontece, por exemplo, em Blumenau, Brusque, Gaspar, Joinville. Mas há um ar bem brasileiro nas casas-grandes das fazendas de criação de gado, rodeadas pelas casas-de-sopapo ou galpões dos peões e agregados (Lajes, por exemplo).



As neves de São Joaquim.

Por outro lado, um estilo nôvo, às vêzes incaracterístico na sua tentativa de afirmação, substitui a velha e batida paisagem e vai compondo o retrato de um Brasil do futuro, com o qual todos sonham. É uma espécie, ainda informe, de arquitetura moderna e funcional, adaptada às necessidades e possibilidades locais, para atender ao crescimento populacional e ao desejo de melhoria das condições de habitabilidade. E que, ao final, acabará por adquirir um contôrno e uma fisionomia próprios.

Dêsse caldeamento, dessa integração entre o homem e o ambiente que o cerca e o influencia, dessa tentativa de afirmação, está surgindo o catarinense.

Uma riqueza a preservar.



O catarinense — catarina ou barriga-verde — ocupa a menor área da região Sul do país, imprensada entre os rios Grande e o Paraná. Calcula-se a extensão territorial de Santa Catarina em 95.985 km², o que representa apenas 1,3% da superfície do Brasil. Nessa área, lutando por afirmar-se, vive uma população de 2.600.000 habitantes. Em 1970 deverá andar pelos 3 milhões.

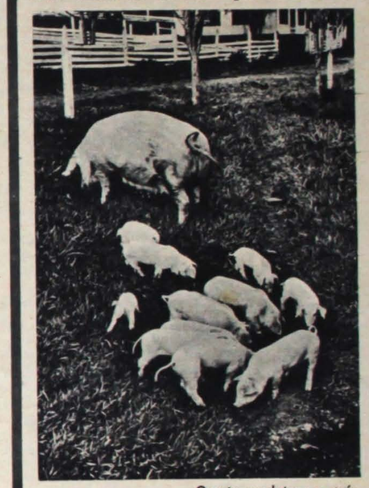
Ainda que territorialmente pequena, as condições de Santa Catarina são bastante favoráveis ao desenvolvimento. Aos poucos, as dificuldades vão sendo vencidas, os problemas resolvidos. O homem, domando a natureza, coloca a seu serviço os recursos que ela lhe oferece e integra a região num todo. Dividida em 194 municípios, tem economia bastante diversificada, com bases na agricultura e na pecuária, na indústria extrativa e na indústria de transformação, além de oferecer grandes perspectivas no campo do turismo.

Na agricultura, os principais produtos são o arroz, o milho, o feijão, a mandioca e o trigo. Na pecuária, o gado vacum e a suinocultura. Na indústria extrativa destacam-se o carvão, a madeira, a erva-mate e a pesca. Na indústria de transformação, localizada principalmente na região do vale do Itajaí e em Joinville, salientam-se a têxtil, a de alimentícios, os cristais, as porcelanas e a indústria pesada.

Êsse povo que, na indústria, na agricultura e na pecuária, muitas vêzes aplicou novas práticas, com espírito de pioneirismo, se sabe ser firme quando é preciso, sabe, igualmente, cantar, dançar e brincar. Possuindo uma arte popular significativa, preocupa-se também com os problemas culturais.

Santa Catarina muito pode oferecer aos turistas: desde a neve que cobre por inteiro a cidade de São Joaquim às áreas de clima mais temperado, desde as praias movimentadas e internacionais como a de Camboriú às calmas e escondidas, como a de Pôrto Belo. Desde as regiões onde se sente a forte marca colonizadora até as zonas que se notabilizaram por seu artesanato tradicional, que vai da cerâmica à renda de bilros. Há tôda uma herança folclórica e cultural, hábitos e costumes variados, que são outros tantos elementos de interêsse. O sonho dos catarinenses é o da criação, em larga escala, da importante indústria-sem-chaminés. Mas o turismo é o resultado de um longo processo. Nunca surge como um passe de mágica. Não basta querer: é preciso saber fazer turismo, aproveitando o que existe, criando o que não existe e oferecendo, ao mesmo tempo, atrações e confôrto aos turistas, clientes que sempre exigem muito. Só agora o Brasil inteiro começa a pensar em turismo como fonte de divisas. E Santa Catarina possui condições ideais para um turismo intensivo. Providências já estão sendo tomadas nesse sentido.

NO começo, o pinheiro enfeitava a paisagem e dava sombra. Quando muito, o seu fruto, o pinhão, engordava os porcos, alimentava as gralhas e ajudava no sustento das famílias mais pobres. Depois descobriu-se que do tronco se podia fazer pasta mecânica e boa madeira. Começou a devastação indiscriminada, com o aproveitamento de apenas pequena parte do que o pinheiro oferecia. Modificava-se a paisagem que cobria léguas e léguas do planalto. Como se o pinheiral nunca terminasse, surgiram serrarias, fábricas e fabriquetas de papel e papelão. Embora o pinheiro passasse a contribuir com parcela considerável para o orçamento do estado, nem assim se tomaram providências no



Quarto produtor no país.

sentido de se cuidar de um reflorestamento racional. Durante muitos anos, o grande reflorestador foi — e talvez continue sendo — a gralha, pequeno pássaro bem mais previdente do que o homem. Em maio e junho é a época da safra dos saborosos pinhões. E a gralha, pensando no futuro, enterra, nas grandes campinas, os que não consegue comer. Depois esquece-se de onde enterrou os frutos. É daí que vem a recomposição das florestas. Nem com êsse exemplo o homem preserva o que a natureza lhe deu. Agôsto é o mês das queimadas. E as débeis plantas que começam a surgir graças à colaboração das gralhas muitas vêzes são destruídas pelo fogo.

Um pinheiro, para atingir a idade do corte, leva, no mínimo, de 80 a 100 anos. Para pasta mecânica, nunca menos de 25 a 30. Só agora o Instituto Nacional do Pinho e poucos grupos de particulares começam a se preocupar com o problema do reflorestamento, preparando viveiros com mudas do pinheiro paranaense e do americano **(Pinus eliotti)**. Curitibanos, Joaçaba, Campos Novos, Lajes e São Joaquim representam a zona madeireira, com numerosas

SEGUE

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

A Santa Catarina dos turistas é feita de numerosas paisagens deslumbrantes, praias, antigas e austeras igrejas e até mesmo neve

serrarias e fábricas de beneficiamento do pinho. O produto para os mercados nacionais e estrangeiros sai, principalmente, através do pôrto de Itajaí. Conforme dados estatísticos do INP, a exportação, no primeiro semestre de 1966, de pinho serrado e pinho beneficiado, para os principais mercados, foi de, respectivamente, ... 223.683,252 m³ e 36.155,808 m³. Do corte, no pinhal, até o embarque, em Itajaí, milhares de pessoas dependem, para o seu sustento, direta ou indiretamente, do pinheiro.

O carvão emprega, no Sul de Santa Catarina, cêrca de 12 mil operários, que trabalham na mineração (minas de galeria e minas de céu aberto), no transporte ferroviário, na geração de energia elétrica, no beneficiamento do carvão e nos serviços portuários, com um faturamento anual de 55 bilhões de cruzeiros. Mais de 30 muni-



Igreja matriz de Itajaí.

cípios catarinenses, que têm Criciúma como núcleo central, compõem a região sócio-econômica do Sul, diretamente subordinada ao carvão. Aproximadamente 500 mil pessoas nela vivem em função de três pólos econômicos: a pesca rudimentar, a agropecuária concentrada principalmente no minifúndio e o carvão. Qualquer crise que atinja o carvão abala todo o Sul catarinense, alcançando, de forma direta ou indireta, as mais diferentes regiões do estado. A produção atual é de 1,5 milhão de toneladas por ano, restando uma capacidade ociosa de 30%. Sem isso, poder-se-ia produzir, de imediato, 2 milhões de toneladas anuais.

A reserva de carvão de Santa Catarina está calculada em 1,5 bilhão de toneladas. A extração do carvão continua sendo operação complexa, especialmente nas minas de galeria. Constroem-se, ali, verdadeiras cidades, com largas avenidas (que são as galerias principais), das quais partem ruas e ruelas. Hoje, Criciúma tem o subsolo todo atravessado pelas galerias. Embora melhores do que há poucos anos, as condições de vida dos mineiros, para o tipo de trabalho que êles realizam, ainda não atingiram a meta desejada. Algumas emprêsas



Cerâmica popular agoniza.

vêm se preocupando mais com a solução do problema, fornecendo casas, alimentação a preços módicos e assistência social adequada. Das fontes de produção, depois de uma pré-lavação, o carvão é encaminhado, através de vagões ferroviários, para os lavadores de Capivari. Ali processa-se a separação, trabalho de que se encarregam os grandes lavadores, aplicando uma técnica que é uniforme em tôdas as regiões do mundo. Quatro frações básicas — e que precisam ser aproveitadas integralmente — derivam do carvão: a metalúrgica, ou seja, carvão-coque para a siderurgia; aproveitamento da fração volátil da fabricação de coque utilizado nos altos-fornos brasileiros (produção de adubos, indústria química para produtos farmacêuticos, etc.); aproveitamento do carvão-vapor para geração de energia elétrica; e o resíduo piritoso. Neste particular, o do Estado de Santa Catarina possui uma das maiores jazidas do mundo, podendo, logo, atender às nossas necessidades de 70% de importação de enxôfre, com enorme economia de divisas. O carvão metalúrgico, do pôrto de Imbituba, segue para as siderúrgicas (40% do coque utilizado nos altos-fornos brasileiros é nacional). O carvão-vapor está sendo utilizado nas usinas térmicas, principalmente na SOTELCA, ampliando o fornecimento de energia e permitindo a interligação dos sistemas termo e hidrelétricos do estado, o que evita o racionamento. Aproveitando o coque e o carvão-vapor, não se utilizam, no momento, as demais frações, tornando em conseqüência mais caro o processamento do nosso carvão e criando problemas sociais para a região.

DAS demais indústrias extrativas de Santa Catarina, merecem referência ainda a erva-mate e a pesca. Na erva-mate, é o terceiro produtor do país, sendo Canoinhas o município de maior colheita. A produção está decrescendo. Enquanto em 1962 atingia a mais de 40 mil toneladas, em 1965 só foi a 25 mil. O maior consumidor da erva beneficiada em Santa Catarina é o Rio Grande do Sul. Há indícios de que o Instituto Nacional do Mate venha se preocupar com o assunto.

A piscosidade do litoral catarinense é reconhecida. Mas é igualmente reconhecida a precariedade dos meios de produção e aproveitamento dessa riqueza. As embarcações, ainda que numerosas, são rudimentares, da mesma forma que os equipamentos.

As vilas de pescadores mantêm intactos costumes e tradições que acompanharam os imigrantes vindos dos Açôres. Os problemas sociais são agudos. Mas, ùltimamente, vem se notando apreciável incremento nas atividades pesqueiras. O poder público, compreendendo a importância do problema, criou um organismo especializado que vem estudando soluções adequadas.

A agricultura, disseminada por todo o território catarinense, está saindo do estágio primitivo e da técnica rudimentar em que se encontrava. As práticas agrícolas se modernizam. Centros de experimentação levam aos colonos novos ensinamentos, criando melhores condições para a fixação do homem ao campo, retirando-o da sub-vida em que vegetava e evitando o êxodo rural. Áreas férteis, apropriadas para determinados tipos de cultura, são transformadas em postos agrícolas experimentais. Terras pobres, graças a novos tipos de adubos, são recuperadas. Noções de higiene e educação, ao mesmo tempo que a eletrificação rural e relativo grau de confôrto, vão chegando aos mais longínquos rincões, procurando tornar mais útil uma grande parcela da população.

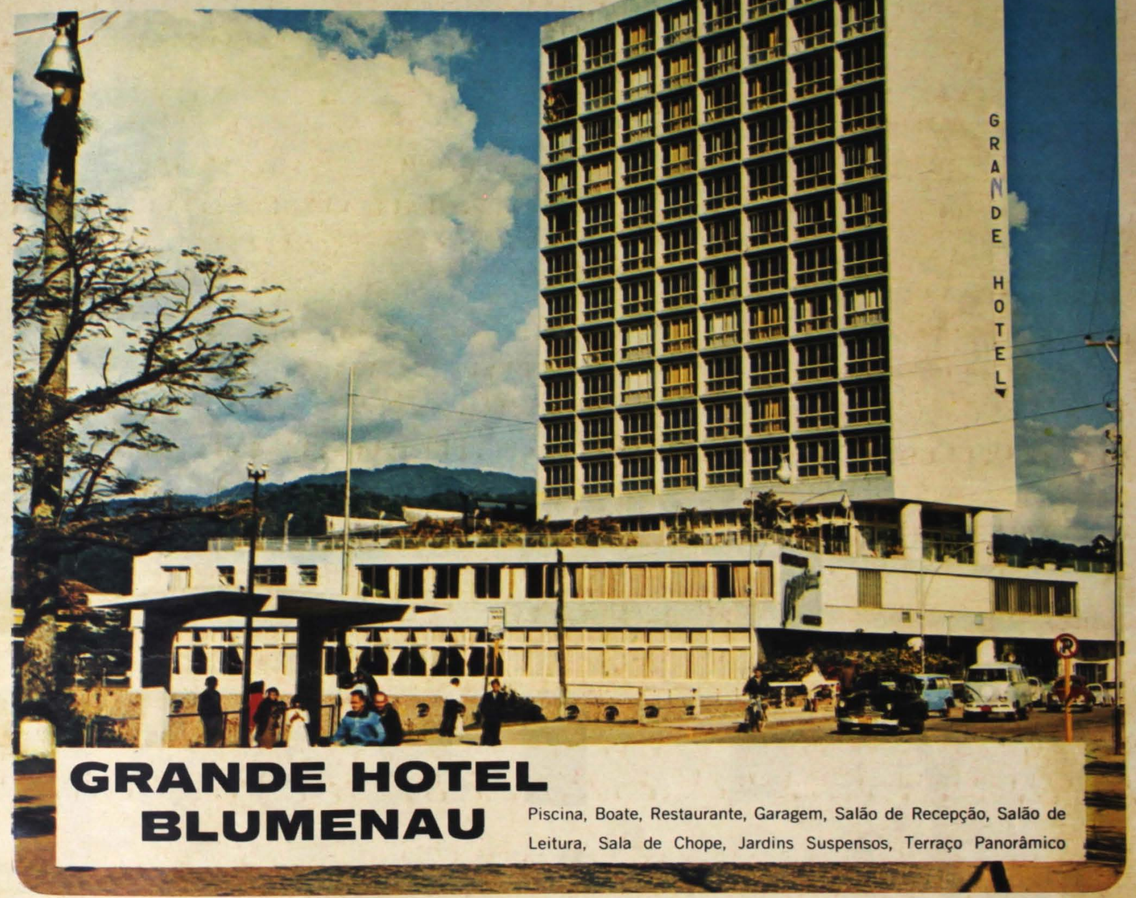
A maior parte da região serrana assenta sua riqueza principalmente na pecuária. Está nesse caso Lajes, que em novembro estará comemorando o bicentenário de sua elevação a cidade. O município, com excelentes condições climáticas, dispõe de boas pastagens. A experimentação com gado de raça — como Zebu, Hereford e Charolês — tem dado os melhores resultados. Para um desenvolvimento ainda mais rápido, acentua um dos principais fazendeiros e criadores da região, dono da Estância do Pinheirinho, há necessidade de organização racional, capital e tecnologia, com apoio das autoridades à iniciativa privada. A Estância do Pinheirinho é anterior à cidade. Foi fundada há mais de três séculos, por tropeiros vindos do Sul, que trouxeram com êles apenas a coragem e alguns rudimentos da técnica de criação. Hoje, a técnica mais moderna é ali aplicada. Lajes pode ser considerada a principal cidade-passagem do estado, vocação que lhe vem de longe, desde os tempos em que era o **caminho-do-gado**, servindo ao comércio feito entre estancieiros gaúchos e paulistas. Agora, dali partem os mais numerosos entroncamentos, conduzindo ao extremo e meio-oeste (Joaçaba, Chapecó), ao extremo sul (Rio Grande do Sul), ao sul do estado (Criciúma, Tubarão, Laguna), ao norte (Paraná), ao litoral (Itajaí, através do Rio do Sul e Blumenau) e à capital (Florianópolis).

A constante roda da alegria.



(cérebro eletrônico), a rapidez nas

Visite Santa Catarina e conheça Blumenau e as praias de Cabeçudas e Camboriú, hospedando-se em seus hotéis de categoria internacional.



GRANDE HOTEL BLUMENAU

Piscina, Boate, Restaurante, Garagem, Salão de Recepção, Salão de Leitura, Sala de Chope, Jardins Suspensos, Terraço Panorâmico



Hotel Balneário Cabeçudas — Praia de Cabeçudas



Marambaia Cassino Hotel — Praia de Camboriú

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

A cidade de Laguna é tão orgulhosa do seu presente como do seu passado. Ela foi a capital da efêmera república proclamada em Santa Catarina no ano de 1839 e serviu de berço a uma heroína brasileira, Anita Garibaldi, que participou da luta pela unificação da Itália



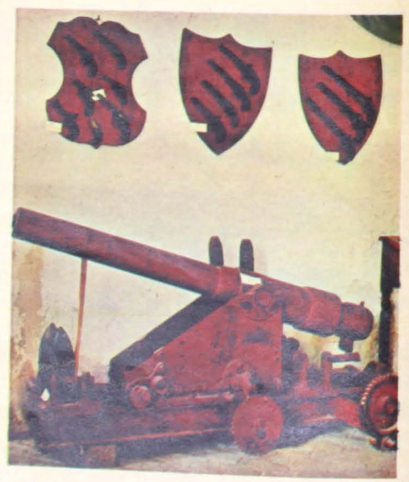
Êste quadro, pertencente ao Museu Anita Garibaldi, em Laguna, lembra a epopéia dos farroupilhas e a passagem do condottiero italiano Giuseppe Garibaldi pela cidade.



Giuseppe Garibaldi, o herói dos dois mundos, segundo o retrato a óleo existente no Museu Anita Garibaldi, em Laguna.

LAGUNA é uma cidade histórica. Nela, o Unificador da Itália, Giuseppe Garibaldi, teve o seu quartel-general, na luta dos farrapos. Aí conheceu Anita Garibaldi, que seria sua companheira e mãe de seus filhos. Um museu perpetua as lembranças dêsse tempo ao mesmo tempo heróico e romântico. Laguna, que já foi o pôrto mais movimentado de Santa Catarina, está em vias de se transformar no principal centro pesqueiro do Sul do país, graças aos esforços de seu prefeito, Sr. Jorge Ungaretti. Para isso, tem excelentes condições naturais, inclusive águas muito piscosas. Já a cidade de Tubarão, que em 1971 comemorará o seu centenário, destaca-se como centro produtor de energia elétrica (77 mil kw) e pelas suas 166 fábricas. Seu prefeito, que é o médico Stélio Cascais Boabaid, tem em execução um plano diretor que dará a Tubarão maiores condições de progresso.





Canhão e armas da Guerra dos Farrapos, no Museu Anita Garibaldi. À esquerda: instrumentos e armas que pertenceram aos revolucionários do Rio Grande do Sul, invasores de Santa Catarina. À direita: uma vista da cidade de Tubarão, sede da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, que transporta todo o carvão catarinense até o pôrto de Imbituba. É a cidade da energia

(cérebro eletrônico), a rapidez nas



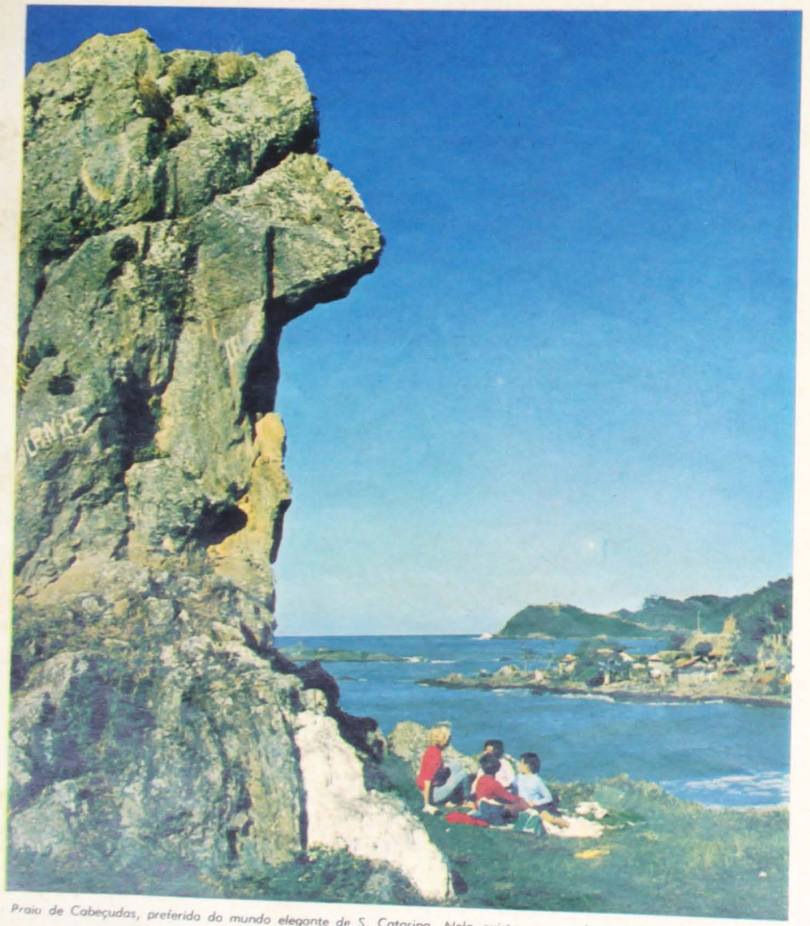
Laguna, a terra natal de Anita Garibaldi — cujo verdadeiro nome era Ana de Jesus Ribeiro —, é uma importante cidade portuária. Tem dois cais acostáveis, no total de cêrca de 500 metros. Com uma população de mais de 50 mil habitantes, é o município que mais produz pescado em Santa Catarina, exportando peixe e camarões para os estados.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Argentinos e uruguaios já descobriram os encantos da praia de Camboriú, no litoral catarinense. Cada ano é maior a afluência de veranistas a êsse balneário.



Praia de Cabeçudas, preferida do mundo elegante de S. Catarina. Nela existe um excelente hotel e belas residências.

A festa de Nossa Senhora de Caravaggio leva a Brusque romeiros de todo o Brasil

UM dos acontecimentos marcantes da vida religiosa catarinense é a tradicional Festa de Azambuja, que, celebrada a 15 de agôsto, em Brusque, atrai romeiros de vários pontos do país. Em 1965, o número dos que ai foram pedir mercês ou pagar promessas subiu a 32 mil pessoas, igualando a população local. Mas o Estado de Santa Catarina começa a se projetar como centro turístico por muitos outros motivos, entre os quais o seu clima variado e a beleza de algumas de suas praias. A do Camboriú atrai hoje visitantes até de outros países, o mesmo acontecendo com a de Cabeçudas. Ambas localizadas próximo ao pôrto de Itajaí, que é o mais importante do estado e por onde se escoa tôda a produção do grande vale e do oeste catarinense.

SEGUE

O pôrto de Itajaí exerce importante função na economia de S. Catarina. Embaixo, a festa de Nossa Senhora de Caravaggio, que movimenta por dois dias a cidade de Brusque.





UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

A agricultura e a pecuária, sob o regime da pequena propriedade, têm produzido os melhores resultados nas férteis áreas do vale do Itajaí, que aparece ao lado, em foto aérea



Uma das grandes preocupações dos catarinenses nos últimos tempos tem sido a diversificação da produção agropecuária. Muitos criadores estão se devotando, com sucesso, à criação de ovinos, nova fonte de riqueza.



O vale do Itajaí presta-se às mais diversas culturas. Terras férteis e bem irrigadas estão sempre prontas para receber a oportuna semeadura.



O fumo antigamente tinha o seu forte na Bahia e no Rio Grande do Sul, mas hoje o Estado de Santa Catarina também figura como grande produtor.

REGIÃO industrial por excelência, o vale do Itajaí possui, também, em regime de pequena propriedade, uma agropecuária bastante expressiva. Práticas que vieram com os imigrantes e colonizadores foram aperfeiçoadas e adaptadas às condições da região. Do alto do rio do Sul, passando por tôda área conhecida como o antigo Blumenau e que compreende numerosos municípios, até o pôrto de Itajaí, existem criações de gado vacum, suínos e ovinos, ao lado de plantações de cana-de-açúcar, mandioca, milho, feijão e arroz, cuja produção é considerável. Também a cultura do fumo, sem prejudicar o cultivo de safras básicas, vem sendo incentivada, de modo todo especial, em Brusque e Blumenau.

(cérebro eletrônico), a rapidez nas

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



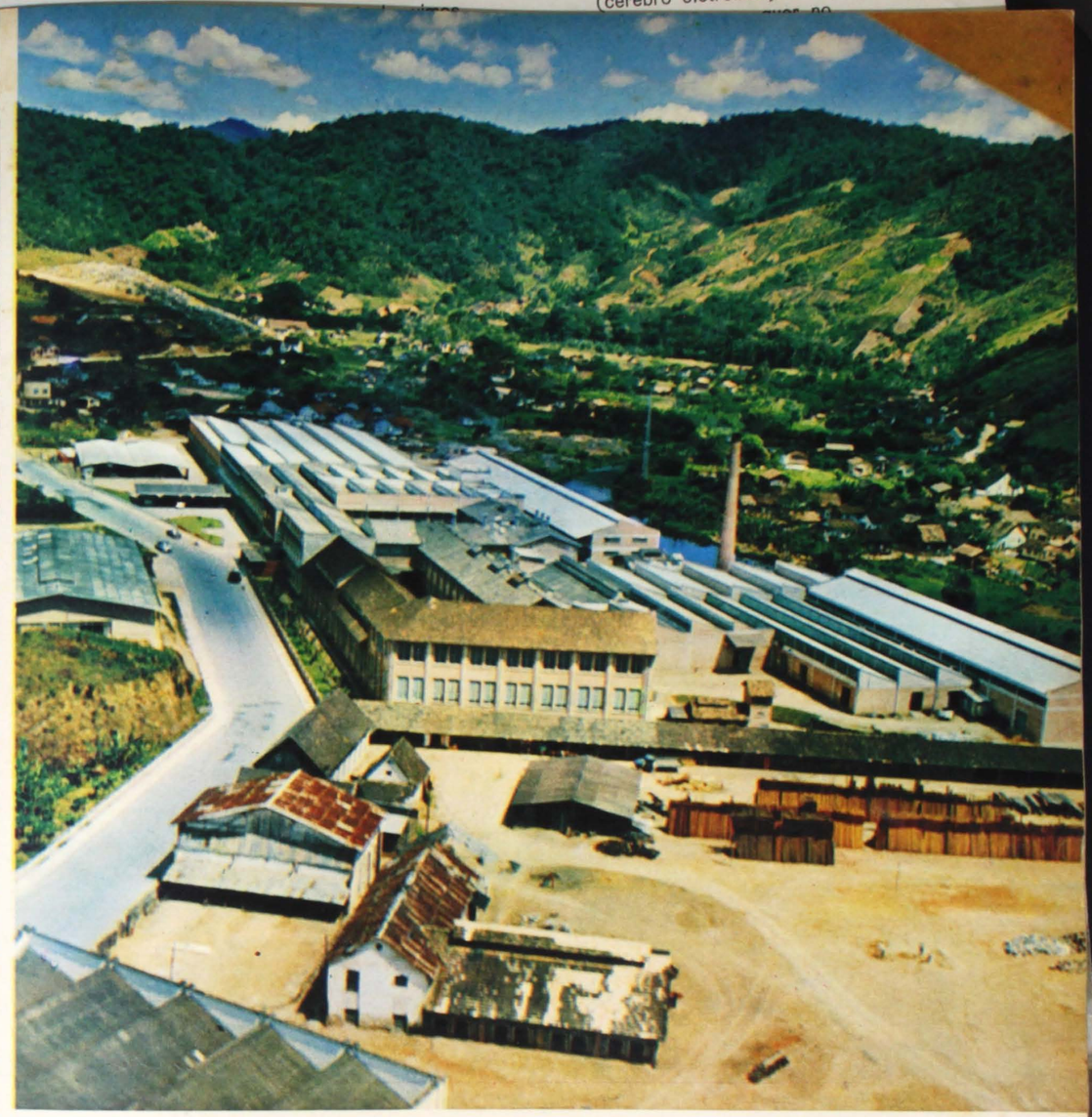
O maior parque industrial catarinense, Fundição Tupy S. A., é especializado em conexões hidráulicas, em autopeças, em material eletrotécnico e ferroviário.

Em Joinville está localizada a Fundição Tupy, pioneira no fabrico de ferro maleável

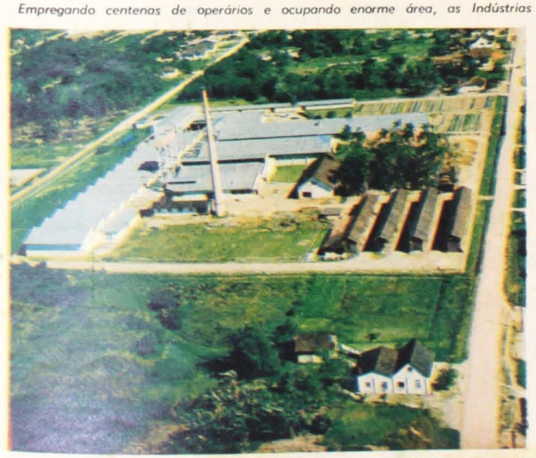
Joinville e Blumenau, de colonização idêntica e fundados quase à mesma época, há pouco mais de cem anos, sempre marcharam juntos no caminho do desenvolvimento, numa competição benéfica para ambos e para o estado. Êsses municípios são hoje núcleos de grande e importante concentração industrial, com seus produtos conhecidos e apreciados em tôdas as unidades da federação. Só a Fundição Tupy S. A., de Joinville, dispõe de uma área coberta de 75.000 metros quadrados, além de 2 milhões disponíveis para atender à sua expansão. Com áreas quase iguais, há várias indústrias em Blumenau.

SEGUE





Empregando centenas de operários e ocupando enorme área, as Indústrias Artex, de Blumenau, destacam-se pela alta qualidade de seus tecidos.



Fábrica de lingerie Lumière, de Casimiro Silveira, uma das indústrias de Joinville.



Outra importante indústria, situada no centro de Joinville, é a Malharia Arp.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Superenxovais Blumenau industrializam o artesanato

Quando os alicerces são realmente sólidos, a construção pode suportar o pêso de novos andares, e até culminar em arranha-céus. É assim que querem ser identificados os Superenxovais Blumenau, organização que, desde 1960, vem prestando valioso subsídio à economia doméstica nacional, com seus mais diversificados planos de vendas dos enxovais que, em grande parte, ela própria fabrica. E agora em maior escala, com a incorporação da Indústria Têxtil Wilfa, de Rio do Sul. Essa contribuição se torna mais evidente com o lançamento das vendas pelo crediário (Plano Super-Credi, que abre a Campanha de Vendas da Primavera). A apurada qualidade, obtida pelo emprêgo em larga escala da mão-de-obra artesanal, não impede a expansão das atividades dos Superenxovais Blumenau para os Estados de São Paulo, Paraná, Guanabara e Rio Grande do Sul, com projetos futuros para Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás e Mato Grosso, além de uma rêde de seiscentos agentes e representantes.



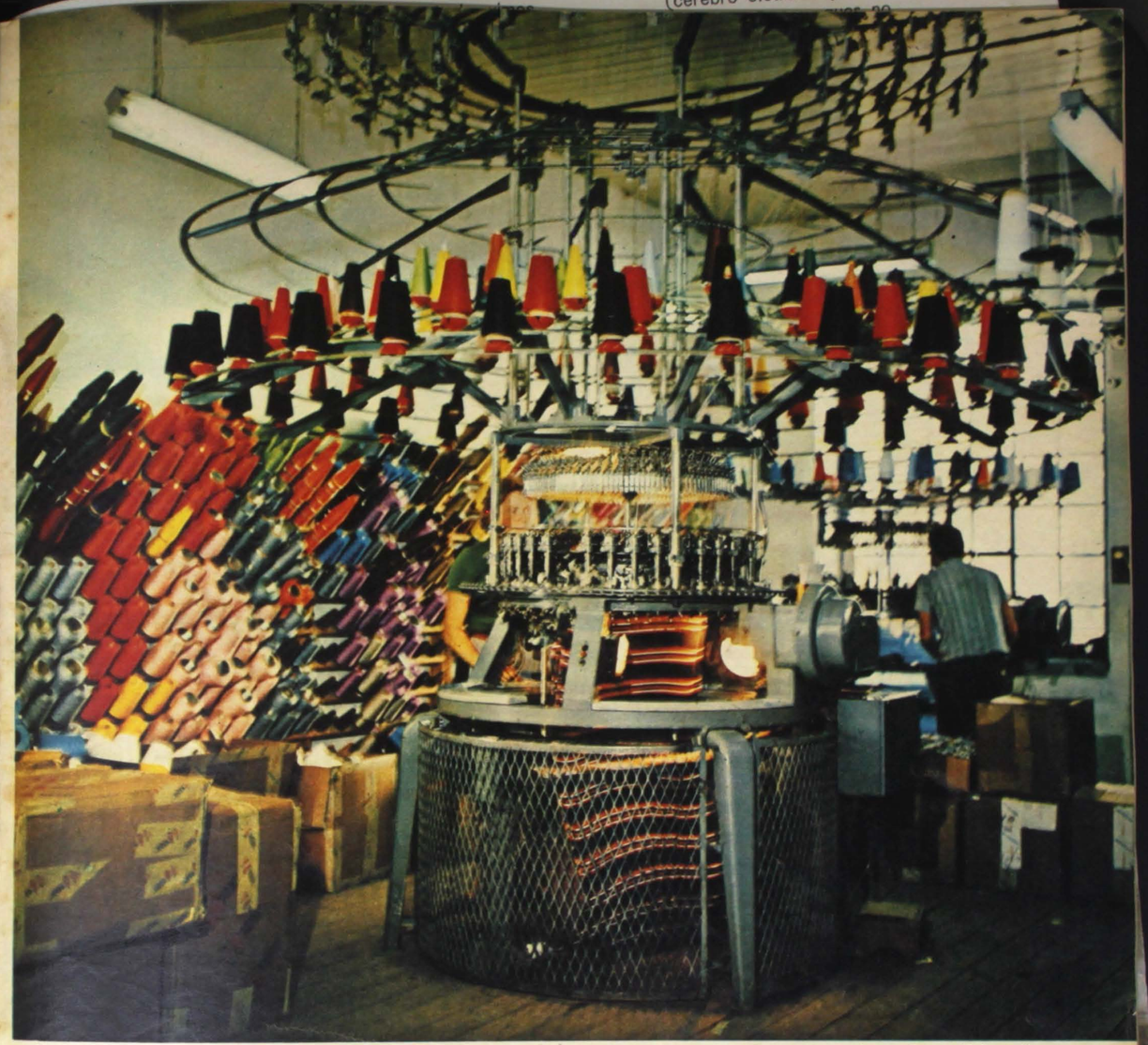
Vista da seção de embalagens de Superenxovais Blumenau, um mundo de côres deslumbrantes, uma diversificação originalíssima de padrões modernos e um sortimento de peças que compõem 27 tipos de enxovais, desde os conjuntos para cama, mesa ou banho, até os enxovais de 279 peças. E tudo com carinho artesanal.



Mais de oitocentas artesãs fazem maravilhas em matéria de acabamento e bom-gôsto, a serviço da economia doméstica. Ao lado, a sede dos Superenxovais Blumenau.



(cérebro eletrônico), a rapidez nas



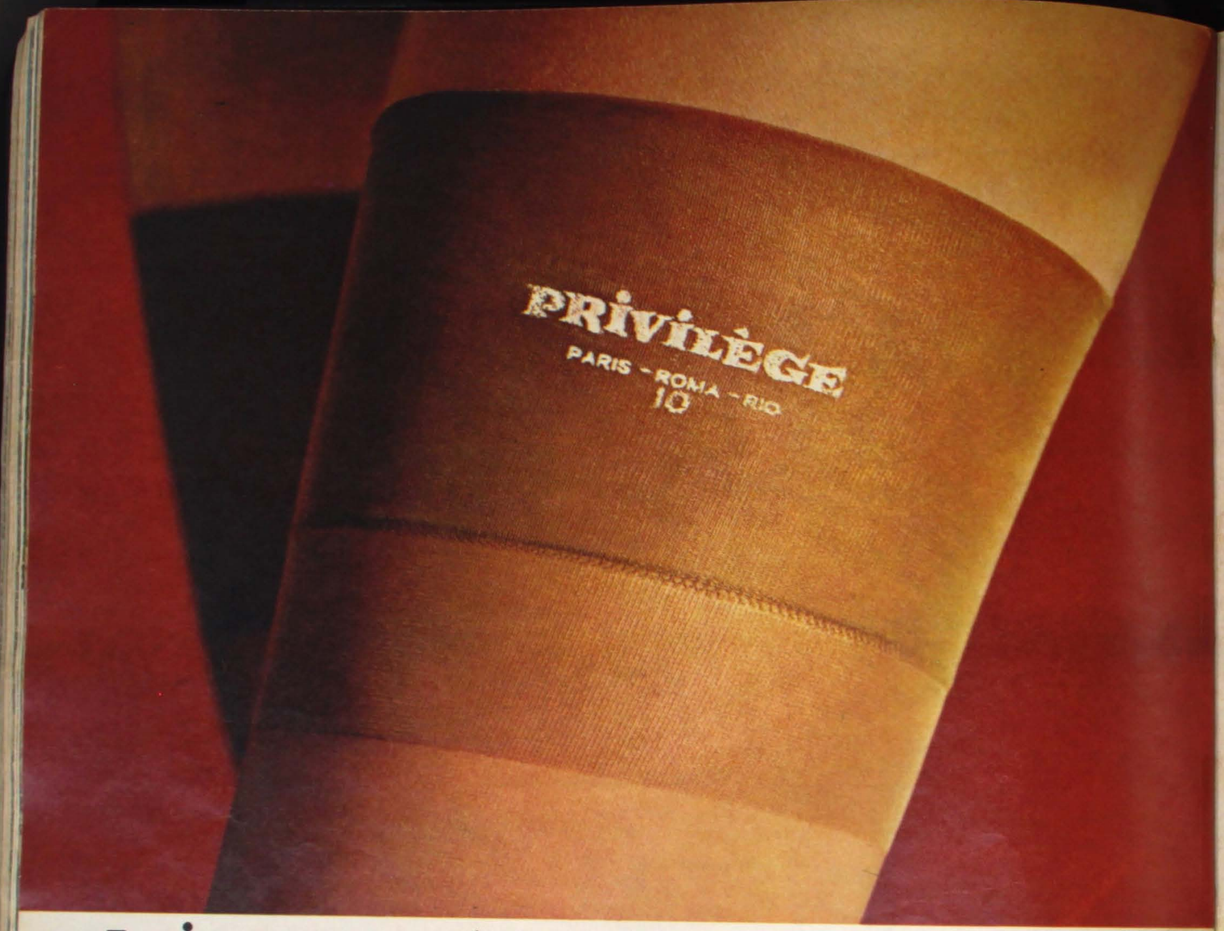
O esfôrço de competição, inclusive no mercado internacional, particularmente durante a última Guerra Mundial, mas também atualmente, levou a Malharia Arp a adotar as técnicas de tricotagem mais adiantadas (acima). O alto grau de industrialização não desprezou a capacidade artesanal no acabamento (embaixo).

Moderniza-se a tradicional indústria de malhas Arp

O Conselheiro Julius Arp, alemão que preferia declarar-se brasileiro, fundou em Joinville a Malharia Arp, uma das unidades do grupo Arp, hoje dirigido pelos seus descendentes da terceira geração. Fundada em 1901, a Malharia Arp sempre estêve preocupada em modernizar as suas instalações, utilizando as técnicas mais modernas de confecção. É uma das indústrias pioneiras do Brasil, no ramo da malharia, e emprega 510 operários, alguns com mais de 40 anos de casa.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



não jure que esta será para sempre a sua meia predileta (talvez daqui a alguns anos lancemos outra um pouco melhor)

Entendemos perfeitamente que você fique entusiasmada com as meias Privilège. Nós também estamos. Para lançar Privilège, não usamos apenas tôda a nossa longa experiência na fabricação de meias. Analisamos também as melhores qualidades de tôdas as outras marcas. E aperfeiçoamos tudo. Achamos que você vai gostar de Privilège. Porque sabe o quanto é importante usar meias com côres atuais. Com bainha confortàvelmente flexível. Com medidas exatas. Com brilho discreto. Privilège merece o nome que tem.

DRASTOSA S/A

RHODIANYL

PRIVILÈGE

PARIS — ROMA — RIO

PERDIGÃO
UM GRANDE COMPLEXO INDUSTRIAL



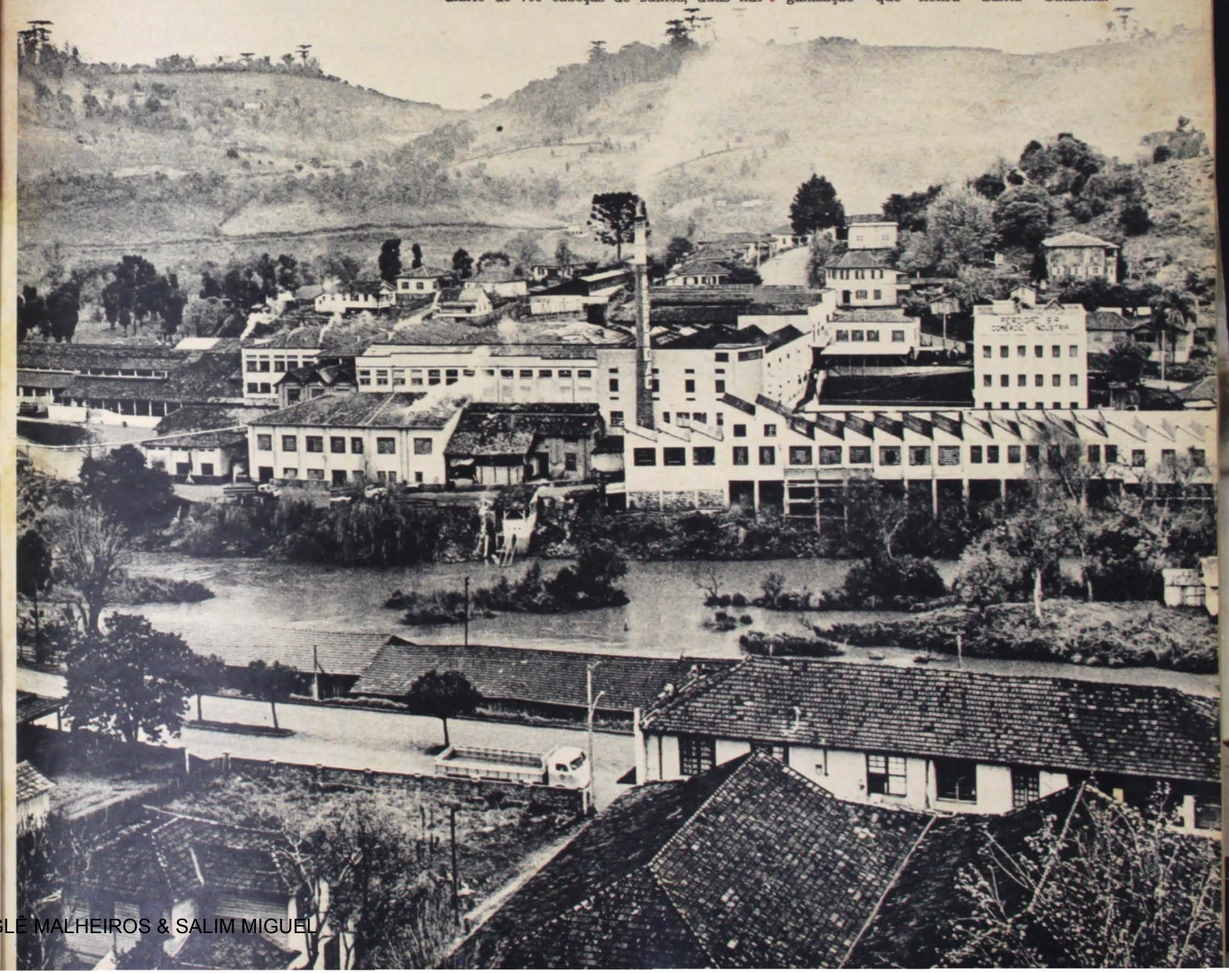
Embalagem, mecanizada, de produtos do frigorífico Perdigão S.A. Comércio e Indústria.



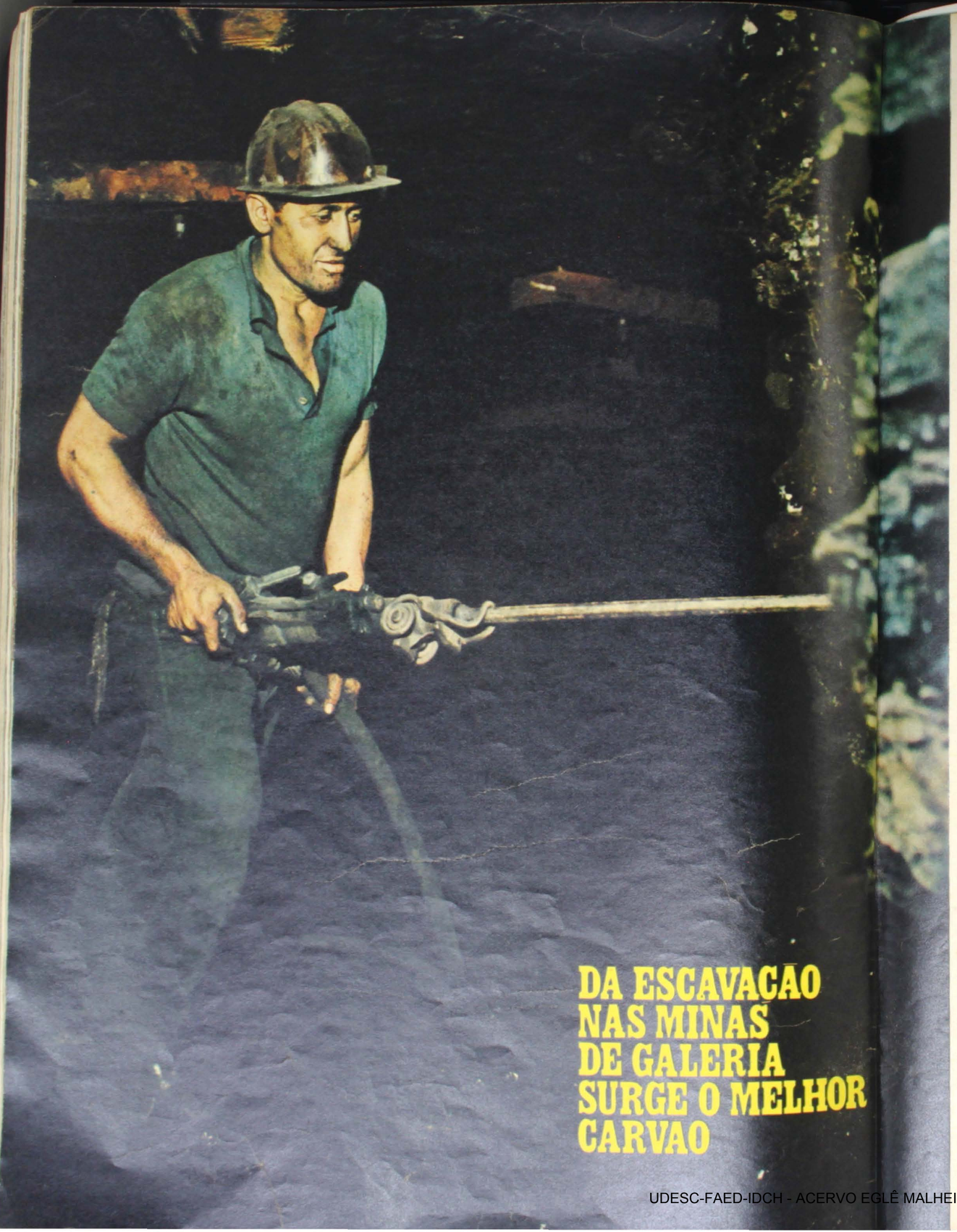
A mão-de-obra feminina é muito utilizada nas indústrias Perdigão, na produção de salsichas.

De grande importância econômica, o município catarinense de Videira, situado no vale do rio do Peixe, não produz apenas uvas e vinhos. O trigo, o milho, o arroz e o feijão são também ali cultivados em larga escala. Além disso, a pecuária e, principalmente, a suinocultura representam duas outras fontes de riqueza, servidas por técnicas modernas. Em Videira existe um grande complexo industrial, a Perdigão S. A. Comércio e Indústria, que centraliza sessenta por cento de todo o movimento industrial e comercial da cidade.

São várias as atividades do grupo Perdigão, cujos escritórios centrais ocupam uma área de 2 mil metros quadrados. Em modernissimo edifício de 3.600 metros quadrados, essa emprêsa está instalando um grande magazine. E mantém um matadouro-frigorífico, com capacidade de abate diário de 700 cabeças de suínos, duas mil aves e outros animais de pequeno porte. Tem ainda um moinho de trigo com capacidade de moagem de 37.200 toneladas por dia, e um curtume que industrializa 1.500 couros de suínos e 200 de bovinos por dia, suprindo indústrias de artefatos e calçados. Mantém igualmente uma serraria e fábrica de caixas, com a industrialização de madeiras de pinho; três granjas de suínos para reprodução, com 4.000 cabeças; granjas de aves; frota rodoviária de mais de 100 veículos; avião administrativo, gráfica própria, etc. Com filiais em São Paulo, Guanabara, Bauru, Santos e Arroio Trinta (Santa Catarina), seu volume de vendas mensais é da ordem de 1 bilhão e 700 milhões de cruzeiros. Todos os produtos da emprêsa levam, como recomendação, a marca **Perdigão**, reconhecida em todo o país como símbolo de pureza e de superior qualidade. É uma organização que honra Santa Catarina.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



CARVÃO

Santa Catarina é o único estado da Federação que produz carvão para a siderurgia. Em função dessa indústria extrativa, no Sul catarinense, vivem 450 mil pessoas. O carvão representa um movimento anual de 55 bilhões de cruzeiros.

DA ESCAVAÇÃO NAS MINAS DE GALERIA SURGE O MELHOR CARVAO



Partindo da instalação central de beneficiamento, o carvão metalúrgico é levado até o pôrto de Imbituba, de onde segue para os centros consumidores.

O carvão mineral, produto da transformação vegetal primitiva, sepultada por camadas de terra em períodos geológicos remotos, passou a assumir grande importância econômica na segunda metade do século XVIII, quando a humanidade ingressou na chamada "Era da Revolução Industrial".

Seu emprêgo intensivo veio revelar outras qualidades, pois demonstrou ser excelente redutor para os minérios, fornecendo o coque com o qual foi possível estruturar e expandir a siderurgia e a metalurgia dos metais não-ferrosos; como fonte de calor, passou a ter diversos outros empregos industriais, além de fornecer matéria-prima para obtenção de compostos químicos de importância para a indústria.

Mais tarde, com a descoberta da eletricidade, mais uma vez veio o carvão mineral demonstrar sua utilidade, como fonte de energia térmica para fins de geração de corrente elétrica, conquistando um lugar que até hoje não alienou, apesar de todo o progresso tecnológico obtido, sobretudo nos últimos anos.

O carvão brasileiro presta-se, sem qualquer restrição, para a geração da energia elétrica e aproveitamento industrial na carboquímica, além de suprir em parte, as necessidades de carvão metalúrgico de nossas siderurgias, proporcionando ao país considerável economia de divisas.

As reservas brasileiras de carvão atualmente conhecidas, capazes de atender a nossa atual demanda por vários séculos, localizam-se nos três estados sulinos: Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. As características dos carvões dêstes dois últimos estados são tais que sua utilização é pràticamente limitada à produção de vapor. A evolução tecnológica, que deslocou o carvão como combustível das locomotivas e navios, reduz ainda o mercado consumidor dos carvões gaúchos e paranaenses às usinas termelétricas. Estão em desenvolvimento, nesses dois estados, programas de construção das usinas térmicas que asseguram o fornecimento de energia nos períodos de sêca, quando se reduz o nível de geração das usinas hidrelétricas.

O carvão de Santa Catarina, de cujo beneficiamento resulta uma fração de carvão metalúrgico, projeta-se, por isso mesmo, como de grande interêsse para a economia global do país.

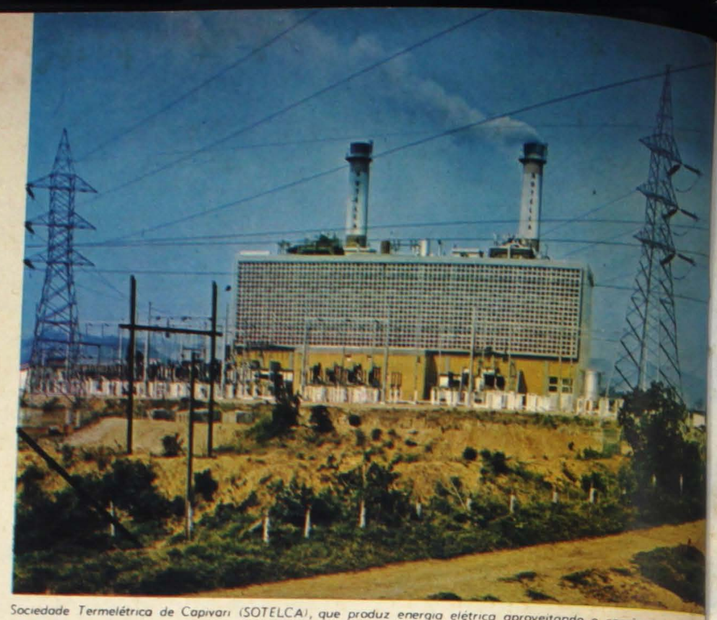
A administração pública brasileira tem procurado propiciar ao carvão todo o apoio para o seu racional desenvolvimento. E a indústria catarinense, em particular, tem sabido responder aos estímulos que recebe do país.

Durante a 2ª Guerra Mundial e o pe-

SEGUE

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL





Sociedade Termelétrica de Capivari (SOTELCA), que produz energia elétrica aproveitando o carvão-vapor



Ao fundo, a escavadeira Marion, a maior da América Latina, usada em Siderópolis nas minas a céu aberto.



Este trem da Estrada de Ferro Teresa Cristina conduz o carvão das minas para os lavadores de Capivari.

O carvão metalúrgico produzido em Santa Catarina é totalmente consumido pela Companhia Siderúrgica Nacional, a USIMINAS e a COSIPA

ríodo que lhe seguiu foi do carvão brasileiro que se obteve o combustível necessário à vida da nação — sem o quê a sua atividade econômica entraria em colapso, pois chegou até mesmo a alimentar em 100% as coquerias de Volta Redonda.

Essa fase, aliás, que exigiu da indústria um crescimento intenso e desordenado, em lugar de propiciar-lhe novos horizontes de progresso, tem colaborado, ao contrário, para entravar-lhe o crescimento, servindo de argumentos aos que, não muito bem informados, propugnam por sua extinção.

De fato, a produção, que cresceu, pelas exigências brasileiras, apoiada na utilização da mão-de-obra disponível, foi gradativamente sendo reduzida pela já citada perda de mercados tradicionais — ferrovias e companhias de navegação —, impedindo a sua mecanização e a modernização dos sistemas de lavra.

O Sul do Estado de Santa Catarina, região de alta densidade demográfica, com cêrca de 450.000 habitantes, tem tôda a sua vida econômica gravitando em tôrno da mineração, resultando, portanto, de qualquer redução de sua atividade, danosas conseqüências sócio-econômicas.

Graças ao esfôrço conjunto de mineradores, mineiros e autoridades federais, a região tem conseguido desenvolver-se, destacando-se os municípios carvoeiros de Criciúma, Uruçanga, Lauro Müller, Siderópolis e Içara.

Nêles estão localizados os centros de produção, extraindo-se o carvão "a céu aberto" ou "em galeria". O primeiro é feito para as camadas de carvão de pequena cobertura (a parte de terra que cobre a camada), deslocando-se esta por meio de grandes escavadeiras. A mineração em galeria, utilizada onde a camada do carvão é mais profunda (da ordem de 100 metros, no caso catarinense), penetrando-se até a frente de trabalho por meio de poços ou planos inclinados.

Foram realizados diversos estudos para definição do tipo de equipamento adequado à camada catarinense, já estando em prática, com sucesso, o sistema preconizado.

Tôdas as emprêsas carboníferas já elaboraram seus projetos de mecanização, dependendo sua materialização apenas da expansão do consumo, pois os níveis atuais não permitem a introdução da mecanização — e de qualquer modo, caso permitissem, criariam um problema social, pela despedida em massa de operários, substituídos pela máquina.

De acôrdo com o engenheiro Lauro Cunha Campos, presidente da Comissão do Plano do Carvão Nacional — órgão federal que controla tôdas as atividades do ciclo econômico do carvão —, a CPCAN tem objetivado, de imediato, ampliar os mercados consumidores, antevendo-se, assim, inclusive com seu auxílio financeiro, que breve o setor de mineração de carvão terá um papel de destaque no processo econômico brasileiro.

Após a mineração e o beneficiamento primário, o carvão das minas é transportado pela Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, subsidiária da Rêde Ferroviária Federal, até Tubarão, onde se localizam as instalações de lavagem da Cia. Siderúrgica Nacional.

O setor de beneficiamento central apresenta, hoje, rendimentos muito superiores aos observados quando do início de seu funcionamento, resultando da lavagem do carvão (que por isso é chamado carvão lavado) os seguintes produtos: carvão metalúrgico, carvão vapor e refugo piritoso.

Cada tonelada de carvão lavado fornece, hoje em dia: 450 kg de carvão metalúrgico; 350 kg de carvão vapor; e 200 kg de refugo piritoso.

O carvão metalúrgico produzido é totalmente consumido pelas usinas siderúrgicas (Cia. Siderúrgica Nacional, USIMINAS e COSIPA), e uma pequena parcela, pelas companhias de gás. A programação da produção de carvão lavado hoje em dia é

SEGUE



pró propaganda

Quanto custa um nôvo conjunto para banheiro?



Bem menos do que sempre se imaginou. Para se ter uma idéia, basta dizer que um conjunto da NOVA LINHA IDEAL, completo, colorido, com 10 acessórios (cabide, papeleira, etc.) é mais barato do que uma enceradeira elétrica. E além do preço, o conjunto da NOVA LINHA IDEAL tem outras vantagens: é mais bonito (premiado com o "Certificado de Boa Forma" na VII UD, em São Paulo) É fácil de limpar (não tem cantos nem frisos). Tem 3 tamanhos de lavatórios. Tem 6 côres, além do branco: verde, azul, rosa, amarelo, coralino e cinza

NOVA LINHA IDEAL

um produto

IDEAL STANDARD

À VENDA EM TODO O BRASIL

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

UM RELÓGIO DE PRECISÃO UMA JÓIA QUE ENCANTA.

MOVADO

A MAIS COMPLETA VARIEDADE EM RELÓGIOS DE CLASSE

A indústria carbonífera catarinense está ligada a um complexo de atividades da mais alta importância para o desenvolvimento brasileiro

decorrência das necessidades de carvão metalúrgico, em função da sua recuperação na lavagem.

Da instalação central de beneficiamento o carvão metalúrgico é transportado pela mesma Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina até o pôrto de Imbituba, escoadouro do carvão catarinense aos centros consumidores.

Êsse pôrto, com 27 pés de calado e uma capacidade de carga, nos dias atuais, da ordem de 70 mil toneladas/mês, utiliza, no máximo, 50% dessa capacidade. Ante o crescimento da produção, já está sendo adequadamente ampliado, o que atenderá, para futuro próximo, aos níveis previstos de movimentação de carvão.

Êsse pôrto, fundado por Henrique Lage e hoje controlado pelo industrial Francisco Catão, disporá de dois cais para escoamento de navios de grande porte, o que o situará entre os maiores do país, com pátios de estocagem de 200 mil toneladas. Sua capacidade de carga e descarga deverá ser da ordem de 1.000 toneladas horárias. Dos setores que compõem o ciclo do carvão, o relativo ao pôrto de embarque é o que se apresenta mais avançado em relação às previsões a tomar.

De Imbituba, o carvão metalúrgico, em navios da Cia. Siderúrgica Nacional, é enviado para Santos, Angra dos Reis, Rio de Janeiro e Vitória. Em seguida, por via ferroviária, chega aos consumidores (COSIPA, CSN e USIMINAS).

A fração de carvão vapor é, em parte apenas, consumida em duas termelétricas, localizadas em Tubarão.

A primeira delas, de propriedade da Cia. Siderúrgica Nacional, com capacidade de 27.000 kw, supre de energia o Sul do estado.

A segunda, a Sociedade Termelétrica de Capivari — SOTELCA —, dispõe, atualmente, de 50.000 kw de potência, devendo, até o fim do ano, concluir-se a montagem da 2ª unidade, o que lhe dará uma capacidade de 100.000 kw. Esta é a primeira fase do projeto da SOTELCA, cuja ampliação já está sendo dimensionada. Do plano energético brasileiro consta a interligação dos sistemas centro-sul e sul, consubstanciando-se a SOTELCA como elo natural dessa interligação. Menos por constituir, com sua ampliação, o mercado natural do carvão vapor disponível, o fornecimento de energia térmica pela SOTELCA a São Paulo e Rio Grande do Sul é uma imposição técnica para garantia de abastecimento de energia.

Os grandes parques industriais de São Paulo e Guanabara, com freqüência, têm sofrido racionamentos de energia, não tendo sido jamais dimensionado o que representa, em prejuízo para a economia brasileira, o contingenciamento da produção por carência de energia.

A energia térmica produzida pelo carvão pode suprir essa carência, ao mesmo tempo em que poderá abastecer também o Rio Grande do Sul. Além de fazer a interligação dos sistemas centro-sul e sul e garantir o suprimento de energia, a ampliação da SOTELCA trará, indiretamente, saudáveis benefícios à economia global do país, pela redução de preços do carvão metalúrgico.

A fração chamada refugo piritoso é um sulfêto de ferro, contendo, portanto, enxôfre e ferro, fàcilmente separáveis.

Conhecem-se vários processos de obtenção de enxôfre por piritas, já estando em funcionamento na Finlândia indústria que utiliza piritas carboníferas.

A CPCAN contratou um estudo com a emprêsa Outokumpu, visando definir a possibilidade de produção de enxôfre elementar, a partir da pirita brasileira, obtendo-se ainda o minério de ferro.

É viável, ainda, produzir-se o concentrado piritoso, capaz de abastecer as fábricas de ácido sulfúrico, com custos de produção de ácido sensìvelmente reduzidos.

O enxôfre, substância básica na grande indústria química, está carente no mercado mundial, tendo o seu preço em contínua alta. A pirita brasileira é capaz de suprir apreciável parte de nossas necessidades, garantindo a oferta de produto indispensável, e com economia de divisas.

Já foi constituída uma emprêsa — a Fertilizantes Santa Catarina S. A. — cujo projeto prevê a produção de 150.000 toneladas anuais de superfosfatos simples. Como se sabe, a baixa produtividade de nosso setor agrícola decorre, entre outras causas, do pequeníssimo uso de adubos. Ampliar a sua oferta é uma necessidade imperiosa para aumentar, a preços menores, o volume de gêneros alimentícios, destinados ao nosso abastecimento, podendo até mesmo torná-los não-gravosos e formando excedentes exportáveis.

A CPCAN já deferiu o pedido de financiamento que lhe encaminhou a FERTISUL, e que se destina a formar recursos exigidos para a primeira fase do projeto — uma fábrica de concentrado piritoso, com capacidade para 120.000 toneladas anuais.

Como se vê, a indústria carbonífera catarinense está ligada a um complexo de atividades da mais alta importância para o desenvolvimento brasileiro.

O govêrno, através do Ministério das Minas e Energia e da Comissão do Plano do Carvão Nacional — CPCAN —, tem dado ao setor a importância que merece, equacionando e tomando as providências adequadas. Entre elas, deve-se destacar também a SIDESC — Siderúrgica de Santa Catarina S. A. —, emprêsa que se localizará na bacia carbonífera e que visa instalar, além do setor de produção do aço, um complexo carboquímico.

Ao olharmos para as perspectivas que o carvão nacional oferece, vemos que o caminho natural é incrementar a sua atividade, permitindo que o Brasil aproveite as riquezas que a natureza lhe reservou. É assim que tem procedido, por exemplo, a Companhia Siderúrgica Nacional, utilizando o carvão metalúrgico nacional, o que lhe permite, mesmo dentro de condições oscilantes, ter preços de aço inferiores aos das usinas americanas.

A gigantesca escavadeira Marion tem uma bôca (Chovel) em que cabem diversos homens. Seu trabalho é fantástico.



Milhares de operários se movimentam nas minas de galerias, em que as vagonetas trabalham.



Nos bairros operários como o da Metropolitana, o trabalho nas minas garante o futuro.



VENHA CONHECER
(ou rever)
AS BELEZAS NATURAIS DE FLORIANÓPOLIS...

...Hospedando-se no QUERÊNCIA PALACE HOTEL
Restaurante com cozinha internacional.
American Bar.
Rua Jerônimo Coelho, n.º 1 — Caixa Postal 200
Endereço Telegráfico: QUERÊNCIA
Fones: 3880 — 3842 — 3847 — 3874 e 3840.
FLORIANÓPOLIS — ILHA DE SANTA CATARINA

P.S. — Na Cidade Sorriso hospede-se no MARILUZ HOTEL
Rua João Negrão, 169 — CURITIBA — Paraná

TUBOS DE PVC RÍGIDO
E DE POLIETILENO
para Água Fria.
HERCULON
Agora... também NÔVO PROCESSO...
Tubos de POLIPROPILENO
para Água FERVENTE.
Sanitized®
PROCESSO INTERNACIONAL BACTERIOSTÁTICO E FUNGISTÁTICO
PROTEÇÃO PARA SEMPRE:
Contra Bactérias, Môfo e Limo.
É UM PRODUTO:
PLAVILE INDÚSTRIA DE PLÁSTICOS S.A.
RUA AFONSO PENA, 572 - CX. POSTAL, 201
JOINVILLE
SANTA CATARINA

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

S. CATARINA PRODUZ GELADEIRAS PARA TODO O CONTINENTE AMERICANO, NUMA INDÚSTRIA PIONEIRA

A TÉCNICA DO FRIO

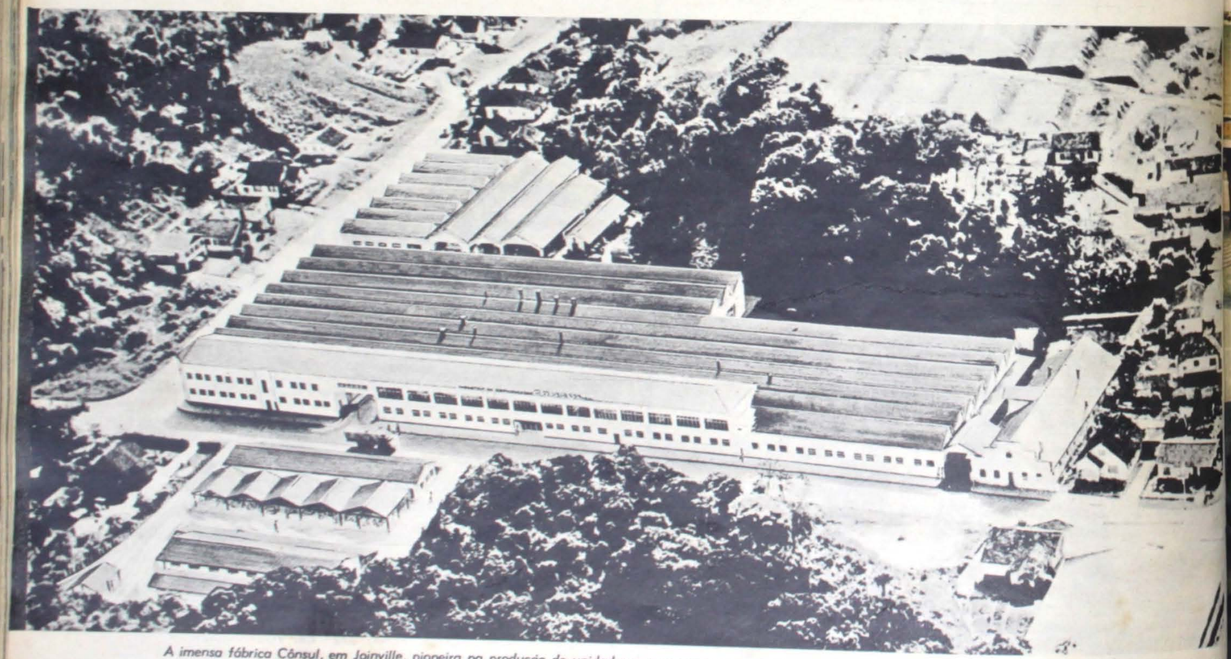
⊞ Há dezesseis anos, um grupo de brasileiros fundava em Joinville a primeira fábrica de refrigeradores genuìnamente nacional. Seu objetivo era dos mais louváveis: levar a todos os recantos do país, mesmo àqueles onde ainda não houvesse chegado a eletricidade, o confôrto doméstico da geladeira. Foi assim que, de Santa Catarina para o Brasil inteiro, surgiu o refrigerador a querosene. Iniciando com um pequeno capital, de Cr$ 1 milhão, e uma produção de 50 unidades por ano, em processo quase artesanal, mas animado pelo espírito progressista dos seus fundadores, a Cônsul logo conquistava o mercado, atendendo-o com um produto de preço acessível e fabricado dentro dos melhores padrões. Hoje, com um índice de produtividade excepcional, com uma linha de sete modelos cinco dos quais a eletricidade e dois a querosene, dotada de imensas instalações, modernas máquinas e pessoal de alto gabarito técnico, esta admirável indústria constitui justo orgulho dos catarinenses.

De dois em dois minutos, sai da linha de montagem da Cônsul, rumo a alguma parte do país ou ao exterior, um refrigerador contendo os mais recentes aperfeiçoamentos. Única no gênero em Santa Catarina, a emprêsa tem concorrido poderosamente para o desenvolvimento do estado e da indústria nacional. Sòmente em chapas metálicas produzidas no Brasil a Cônsul emprega mais de 350 toneladas por mês. De setembro de 1965 a agôsto dêste ano, sua contribuição aos cofres públicos, em impostos, ascendeu a Cr$ 4 bilhões e 200 milhões. Seu capital atual vai além de Cr$ 6 bilhões e a parcela que representa na absorção de mão-de-obra especializada, colaborando para a elevação do nível profissional, é das mais significativas.

A grande expansão da Cônsul mede-se, também, pela instalação de filiais nos principais centros comerciais, já funcionando as do Rio (Rua da Quitanda, 11, salas 301/306) e de São Paulo (Rua Beneficência Portuguêsa, 44, conjuntos 1107 e 1109). E seus refrigeradores, há seis anos, atingem também os mercados do Paraguai, da Bolívia, do Peru, da Venezuela, do Panamá e de Honduras, constituindo forte colaboração de Santa Catarina à economia nacional.



A cada dois minutos, um nôvo refrigerador a eletricidade ou a querosene sai da moderna linha de montagem da Cônsul, movimentada por pessoal de alto padrão técnico.



A imensa fábrica Cônsul, em Joinville, pioneira na produção de unidades a querosene e a primeira no gênero de capital nacional, marco do progresso catarinense.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Use Signal e fale de perto.

Sòmente Signal tem listas vermelhas. Nas listas vermelhas está o hexaclorofeno. Signal é garantia de hálito puro.



O hexaclorofeno de Signal é um moderno antisséptico que purifica o hálito. Enquanto isso, o elemento branco limpa e clareia os dentes. Signal é gostoso, refrescante.



Blumenau harmoniza o intenso movimento industrial de suas fábricas com as belas paisagens do vale do Itajaí



O Monumento ao Imigrante, em Blumenau, é um atestado evidente da formação e desenvolvimento da cidade fundada pelo Dr. Hermann Blumenau, em 1850.

Blumenau, a capital do verdejante vale do Itajaí, é um dos municípios de maior e mais variada indústria no Brasil. Em suas quase 500 fábricas se produzem numerosos e variados artigos, desde as fazendas mais finas e os aparelhos de precisão, até os utensílios de lavoura e equipamentos pesados, com um faturamento mensal da ordem de 40 bilhões (cêrca de 480 bilhões anuais), cifras que poucos municípios brasileiros podem ostentar.

Mas Blumenau é mais conhecida pelas suas grandes emprêsas têxteis, onde pontilham a Artex, Industrial Garcia, Cia. Hering, Tecelagem Kuehnrich, Sul Fabril e outras, que produzem tecidos felpudos como toalhas, roupões de banho, atoalhados para copa e mesa, tecidos adamascados e cretones modernos, além de tecidos de malha, de lã ou de algodão, com grande aceitação em todo o país.

Algo que merece a atenção de quantos conhecem pela primeira vez a cidade é a inexistência de conflito social. As grandes fábricas locais, algumas com milhares de operários, dedicam parte substancial de suas receitas ao atendimento dos problemas sociais dos empregados, mantendo cooperativas, creches, ambulatórios, escolas, facilitando-lhes, enfim, a existência e proporcionando maior rentabilidade ao seu trabalho.

Outras emprêsas de grande importância, como a Eletro-Aço Altona, Cristais Hering, Fábrica de Gases Medicinais Cremer, Fábrica de Gaitas Hering e outras, demonstram, na sua totalidade e no conjunto fabril do município — onde habitam 75 mil pessoas, das quais 20 mil são operários —, que o blumenauense trabalha e produz intensamente, contribuindo com 25 bilhões de cruzeiros anuais para os cofres públicos, através dos impostos federais, estaduais e municipais.

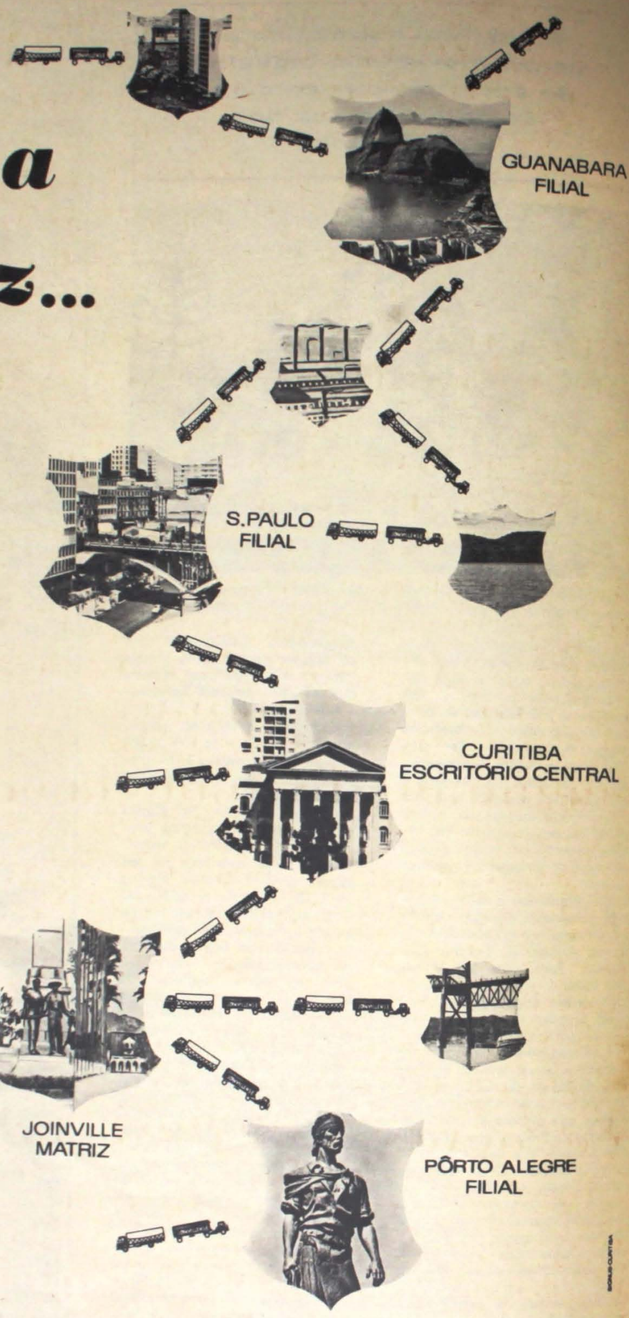
Cada blumenauense paga, atualmente, cêrca de Cr$ 28.500 mensais de impostos, o que representa um dos mais elevados índices do Brasil.

O atual prefeito, Dr. Carlos Curt Zadrosny, industrial proveniente da direção, até recentemente, das emprêsas de seu grupo (Artex, Cristais Hering etc.), diz que não é assim tão fácil administrar a prefeitura, ante a arrecadação relativamente reduzida, da ordem de 10% da contribuição do município para os cofres públicos. Os Cr$ 2,4 bilhões correspondentes à sua receita municipal terão de atender a soluções para educação (15 mil matrículas, computando-se escolas estaduais, municipais e particulares), saúde, obras públicas, conservação de ruas, de estradas, pavimentação, canalização, serviços de água, pontes, bueiros, serviços urbanos, fomento agropecuário, assistência social, pagamento de pessoal administrativo e técnico e um sem-número de outros atendimentos, dentro da esfera local. Outrora "área de terras de duas léguas em quadro para nela estabelecer uma colônia agrícola com imigrantes europeus" — atendendo ao pedido do filósofo alemão Dr. Hermann Blumenau — é hoje o centro comercial e industrial mais importante do vale do Itajaí, servido por uma rêde bancária de 15 estabelecimentos. Há mais de 600 casas comerciais na cidade e cêrca de 100 na área rural do município, sem contar as instalações hoteleiras, algumas de primeira qualidade e agradável vida social.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

segurança e rapidez...



sua carga e mercadorias chegam mais depressa e, com maior segurança para as mais importantes cidades do Brasil, através da moderna frota de caminhões próprios do...

EXPRESSO JOINVILLENSE LTDA.

SEGURANÇA E RAPIDEZ

MATRIZ: Av. Getúlio Vargas, 1.295 - Tels: 24.31, 24.32 e 24.33 - Telgr.: "JOINVILLENSE" JOINVILLE-SANTA CATARINA ● ESCRITÓRIO CENTRAL: Rua Mal. Deodoro, 126 - 2º Tel. 4.3355 - CURITIBA - PARANÁ ● FILIAIS: Av. Suburbana, 3840 - Tel: 46.5409 - DEL CASTILHO - GUANABARA ● Av. Henry Ford, 886 - Tels: 93.3688 e 93.5446 - SÃO PAULO - S.P. ● Rua Santos Dumont, 1.308 - Tel: 2.1255 - PÔRTO ALEGRE - R.G.S.

mpm propaganda

o que seria do azul...



se todos gostassem do vermelho?

Gôsto não se discute. O importante (em tôdas as côres) é a qualidade. E em tintas qualidade é rendimento (você pinta mais com menos tinta). É durabilidade (você pinta e esquece). É lavabilidade (você lava com água e sabão). É firmeza de côres (você tem sempre a côr que escolheu). Tudo testado, constante e cuidadosamente, eis porque

tinta é Coral

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

QUANDO A MARCA É

Moinho de Ouro



CHOCOLATE COM LEITE DELICIA

Uma gostosura para o paladar de crianças ...e adultos! Ideal para a merenda escolar: satisfaz a gulodice dos seus filhos e ... como alimenta!

PIRULITOS MOINHO DE OURO

Para a garotada, provar todos os sabores é uma aventura... repeti-los é uma exigência! São gostosíssimos os Pirulitos Moinho de Ouro nos três sabores: abacaxi laranja e morango.

PEÇA PELA MARCA QUE ÊLES PREFEREM: CHOCOLATE E PIRULITOS

Moinho de Ouro

century

Numa iniciativa pioneira, os vereadores de Joinville dispensam honorários desde 1945



Sr. Curt Alvino Monich, atual presidente da Câmara Municipal de Joinville.

O Poder Legislativo de Joinville, exercido pelos mais respeitáveis cidadãos de tôdas as camadas sociais, demonstrou desde sua instituição a possibilidade e, sobretudo, a eficácia da fórmula "Podêres independentes e harmônicos entre si".

Exercendo a função de vereador sem qualquer remuneração desde a redemocratização do país, em 1945 (na maior antecipação possível e imaginável ao nôvo dispositivo que estabelece a gratuidade da vereança), a Câmara Municipal de Joinville serviu e serve de exemplo invulgar aos que desejam dedicar-se com desprendimento às causas da coletividade, representando num só todo, com dignidade e patriotismo, a cidade das orquídeas, a cidade das bicicletas, a Manchester catarinense, e dando um nôvo ritmo ao seu já crescente progresso.

Os seus componentes, deixando de lado o egoísmo das côres partidárias, formam uma só bandeira, um só estandarte, quando estão em jôgo os interêsses do município, sintetizado no homem joinvillense.

Atualmente, a Câmara Municipal de Joinville é formada pelos seguintes titulares: Curt Alvino Monich, presidente; Marcos M. Martins, vice-presidente; Guilherme Zuege, 1.º secretário; Reinaldo G. de França, 2.º secretário; Willy Schossland, Konrad Kaesemodel, Caetano Évora da Silveira, Wittich Freitag, Raulino Rosskamp, Eugênio Brüske, Heinz Schulz, Wilmar Córdova e Édio Fernandes.



Ref.: 291

Por incrível que pareça, cada um dêstes modelos Saméllo custa o mesmo que um sapato comum.

Ref.: 292

Ref.: 294

Ref.: 295

Êstes quatro modelos são o resultado de meses de trabalho da equipe de estilistas da Saméllo.

São modelos absolutamente exclusivos, criados sob o comando de Vadin (aquêle que todos os meses adivinha qual o sapato que você gostaria de comprar).

Não é muito fácil manter a fama de ser o maior lançador de calçados do Brasil.

Mas é muito agradável.

Saméllo

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

para os homens de bom gôsto, a classe das

MEIAS Centauro®

e,

para as crianças, o que há de melhor...

MEIAS Bichinho®

MEIAS
de qualidade garantida.

PRODUTOS DE:
HENRIQUE MEYER & CIA. LTDA.
CAIXA POSTAL 73 - JOINVILLE - SANTA CATARINA



Neste belo edifício está o comando da Federação das Indústrias de Santa Catarina, bem como o do SESI e o do SENAI daquela unidade federativa.

A Federação das Indústrias é uma das fôrças que impulsionam o progresso de Santa Catarina

No Palácio da Indústria, em Florianópolis, estão sediadas a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina, os Serviços Social da Indústria (SESI) e Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). A primeira estuda, defende e coordena os interêsses da indústria catarinense, mantendo permanente vigilância sôbre os problemas locais e o processo produtivo. Ao seu presidente cabe a direção regional do SESI, cuja ação, em prol da paz social, se desenvolve através de Centros Sociais nos municípios de maior densidade operária. Além de assistência social, inclui serviço de abastecimento, serviço de reembolsável de medicamentos, assistência médica e odontológica, recreativa e esportiva, cursos populares e bibliotecas ambulantes. O SENAI, cujo conselho é presidido pelo presidente da Federação, auxilia a formação de mão-de-obra especializada, através do Centro de Produtividade Industrial, que ministra cursos intensivos sôbre os mais variados assuntos. Em suas escolas, localizadas em Joinville, Blumenau, Lajes, Tubarão e Criciúma, estão matriculados presentemente 1.222 alunos. Há também, mediante acôrdos, aprendizagem no local de trabalho, em 261 emprêsas, funcionando 181 cursos que, em 1965, tiveram 1.005 alunos matriculados. O Centro de Produtividade Industrial (CEPI), impulsionado pelo presidente Guilherme Renaux, no ano de 1965 patrocinou a realização de cinco seminários, com a freqüência de 320 participantes, em cinco diferentes municípios, e ministrou nos principais municípios do estado 59 cursos, com 509 participantes. O Sr. Guilherme Renaux, no fim de sua operosa e fecunda administração, terá como sucessor, já eleito presidente da Federação das Indústrias do Estado, o Sr. Celso Ramos, ex-governador de Santa Catarina.

O mundo inteiro prefere o laminado plástico

MARCA FORMICA

por que?





Porque Formica tem um conceito internacional de beleza, qualidade e perfeição técnica. Fabricado em vários continentes e usado em mais de dez países, o laminado plástico Formica é brasileiro também. Há tantos anos, que muita gente pensa que todo laminado plástico é Formica. Mas Formica é marca. Lembre-se disso e, ao comprar, exija a etiquêta Formica - sua melhor garantia de qualidade.

Fábricas nos seguintes países:
BRASIL, ALEMANHA, AUSTRÁLIA, CANADÁ, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, ÍNDIA, INGLATERRA, MÉXICO E NOVA ZELÂNDIA.

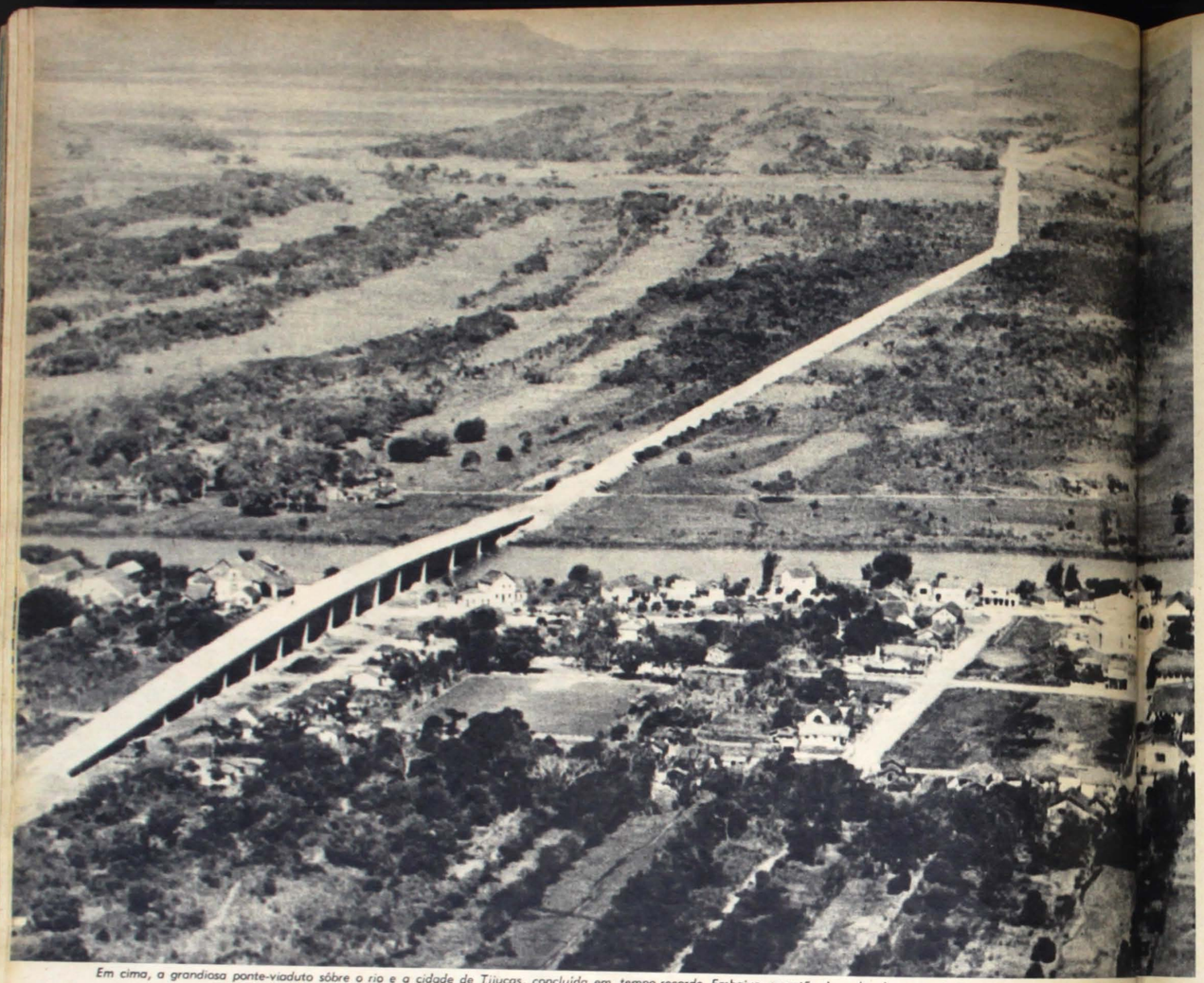
MARCA FORMICA
Laminados plásticos

Êste é o laminado plástico Formica, produzido exclusivamente por Cyanamid Química do Brasil Ltda. Divisão Formica, conforme processos e controle de qualidade da Formica Corp. of Cincinnati, Ohio, USA.
Para manter o limpo e brilhante, use pano molhado em alcool ou água. Nunca use abrasivos.

Cyanamid Química do Brasil Ltda. – Divisão Formica – C.P. 1750 – S. Paulo

EXIJA A ETIQUÊTA FORMICA — SUA MELHOR GARANTIA DE QUALIDADE.

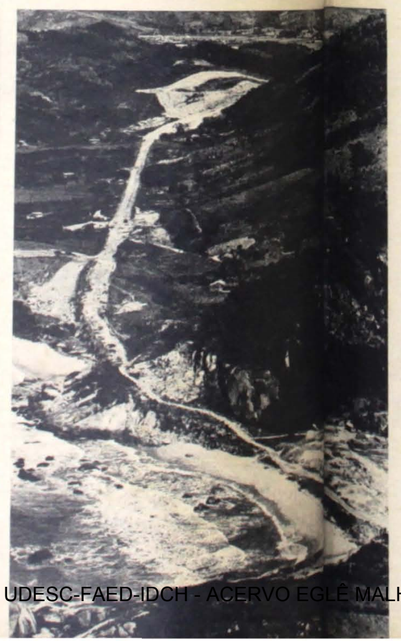
UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Em cima, a grandiosa ponte-viaduto sôbre o rio e a cidade de Tijucas, concluída em tempo recorde. Embaixo, o costão de pedra do morro do Boi, com as obras abandonadas.



Atêrro do banhado do Lajeado, entre Tubarão e Araranguá, onde as obras foram interrompidas face a ruptura do terreno.



MILHÕES DE CATARINENSES ESPERAM MAIS PROGRESSO POR DOIS CAMINHOS NOVOS

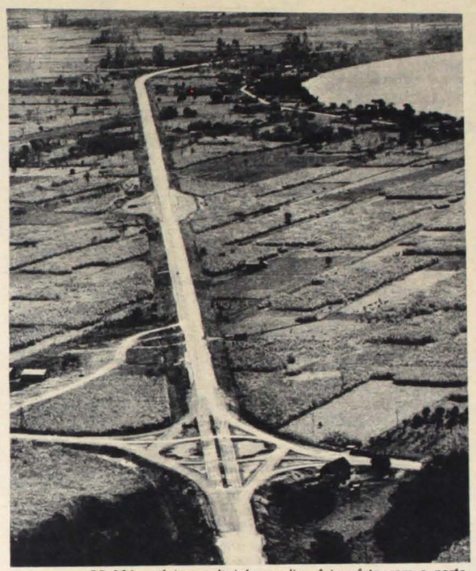
AS RODOVIAS DA ESPERANÇA

DAS rodovias que atravessam Santa Catarina, a única que já está concluída é a BR-116 (ex-BR-2), (chamada o "corredor polonês"), muito embora, sob o aspecto econômico ou social, seja exatamente a que menos interessa ao estado. Cortando a terra catarinense ao meio, no sentido norte-sul, se o "corredor" não chega a descapitalizar e empobrecer as diferentes regiões geoeconômicas, ao carrear seus recursos para os estados vizinhos do Paraná e do Rio Grande do Sul, em nada contribui para o progresso e o desenvolvimento da fértil e rica região a que serve.

Para Santa Catarina e o seu progresso — e até mesmo o seu futuro — duas rodovias se afirmam pela sua importância, ambas fundamentais à economia do estado: a BR-282 (ex-BR-36) e a BR-101, antiga BR-59. A primeira, no seu traçado original, vindo do extremo oeste, atravessa Joaçaba, no meio-oeste, depois Lajes, na região serrana, chegando até o litoral, a partir de Florianópolis, e também na variante, ainda em estudos, e que, quando finalizada, atingirá Tubarão e o pôrto de Imbituba.

A BR-282 interligar-se-á às estradas estaduais e municipais, criando um centro de unidade que muito facilitará o tráfego e a conseqüente movimentação de riquezas. É profundamente lamentável que a BR-282, muito embora a luta constante dos catarinenses visando à sua conclusão, se encontre atualmente com suas obras paralisadas. A falta de verbas, que não foram votadas pelo govêrno federal, não permitiu que até hoje fôsse asfaltado um só trecho da importante rodovia.

Quanto à BR-101, igualmente fundamental para o progresso de Santa Catarina, apesar de sua construção não ter sido paralisada, prolonga-se em ritmo excessivamente lento, numa vagarosa progressão que já demora anos. Basta dizer que, enquanto uma obra de vulto como é a ponte-viaduto sôbre o rio Tijucas, com 660 metros de ex-



O trevo na BR-101, próximo a Itajaí, que liga êste pôrto com o norte, o sul e, através do vale do Itajaí, com o oeste do estado.

po recorde, o trecho de apenas 4 quilômetros, no corte da garganta do morro do Boi, de importância básica dentro do esquema rodoviário traçado, encontra-se de há muito paralisado. Aberto e implantado por inteiro, mesmo que não fôsse asfaltado imediatamente, êsse trecho, se concluído, muito facilitaria a travessia entre Tijucas e Itajaí, anulando por completo as dificuldades e os perigos do caminho excessivamente sinuoso que se enrosca em tôrno do morro do Encano. Em Santa Catarina, a BR-101, rodovia litorânea que é, vai de Araranguá, no extremo sul, limítrofe com o Rio Grande, até o norte, próximo aos limites com o Paraná. E tanto dentro do plano rodoviário federal como do estadual, bem como no que diz respeito à economia de Santa Catarina, a BR-101 se reveste da maior importância. Serve ela ao Sul, região carvoeira e de grande potencial energético que só depende de boas rodovias para um surto desenvolvimentista mais expressivo; atende ao extenso litoral turístico e piscoso; à capital, centro político-administrativo e cultural; ajuda a desenvolver o oeste e a serra, de florescente agropecuária, interligando-se àquelas regiões através das SC-23 e SC-21; cria, finalmente, maiores condições para a movimentação das indústrias do vale do Itajaí e da região norte. Num rápido levantamento estatístico, ver-se-ia que 57% da população de Santa Catarina, ocupando uma área que corresponde a 34,7% da superfície total do estado, dependem dessa rodovia. Afora as numerosas obras de arte por executar, o trecho da BR-101 compreendido entre os limites do Rio Grande do Sul e do Paraná, apresenta-se da seguinte maneira: até Joinville, em implantação ou a implantar, com pequeno trecho asfaltado; de Joinville, até Itajaí, asfaltado; o trecho que apresenta maiores dificuldades fica entre Itajaí-Tijucas, encontrando-se abandonados, por falta de recursos, os trabalhos do costão de pedra do morro do Boi; de Tijucas a Florianópolis, com a conclusão da ponte-viaduto sôbre o rio e a cidade de Tijucas, falta asfaltar um pequeno trecho apenas; para o sul, a partir da capital, as obras se desenvolvem em ritmo ainda mais lento. Nos 109 quilômetros de Florianópolis até Laguna, a implantação só está concluída em 49 quilômetros; no resto do percurso, até o Rio Grande, a situação não é diferente, com pequenos trechos implantados, outros paralisados por falta de verbas, outros por iniciar e nenhum asfaltado. A dificultar ainda mais o problema, em alguns trechos a BR-101 se confunde com rodovias do estado, criando, na época das chuvas, problemas insolúveis. Muitas vêzes, firmas empreiteiras têm trabalhado mesmo com falta de recursos, dependendo de disponibilidades financeiras que não são liberadas ou que foram cortadas. As obras da BR-101 vêm se prolongando há quase 20 anos. Antes da instalação da residência do DNER, como obra delegada ao govêrno do estado; depois, a cargo do DNER, contratada com numerosas firmas empreiteiras, que, como a Triângulo, há muito realizam trabalhos rodoviários no estado. O orçamento global dos trechos a concluir, compreendendo-se terraplenagem, pavimentação e obras de arte, vai a 73 bilhões de cruzeiros. Mas o significado da obra não pode ser calculado apenas em têrmos financeiros, e sim no que representa não só para Santa Catarina, como para tôda a economia do Sul e, conseqüentemente, do país. Integração econômica e social da região, facilidade de comunicação e até implicações de segurança nacional, tudo isso comporta a BR-101. É de justiça destacar que o DNER, tanto a direção geral como a residência de Santa Catarina, tem procurado, nos últimos tempos, não só intensificar, como disciplinar os trabalhos, lutando pela liberdade e ampliação das verbas orçamentárias destinadas àquela rodovia.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Agora, ninguém mais pode dizer que todos os calçados confortáveis, resistentes e impermeáveis não são bonitos.

olhe só êste modêlo Vulcabrás



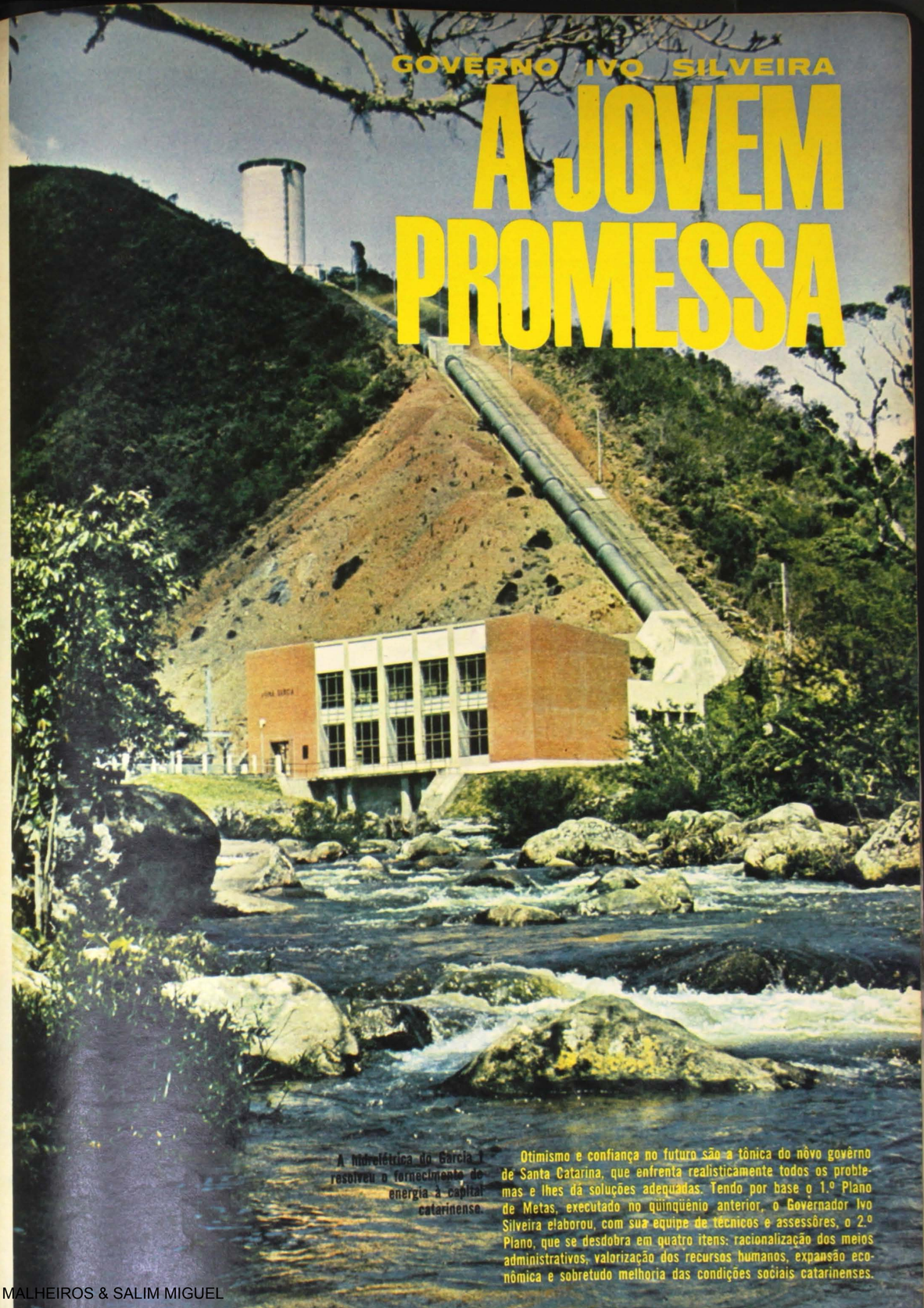
Veja bem êste modêlo Vulcabrás.
Embora não seja a coisa mais linda que já se fêz em matéria de sapato, êle é bem bonito.
Mas, a virtude mais importante dêste modêlo Vulcabrás V. vai conhecer depois de usá-lo.
É confortável. Macio, macio.
Não tem partes duras para apertar seus pés.
A sola é de borracha pura.
Vulcabrás é durável tôda a vida.
(Mas, apesar disso, dê uma engraxada nêle de vez em quando.)
Vulcabrás é impermeável. Seus pés nunca ficarão úmidos ou molhados.
Calce Vulcabrás.
Dentre a extensa linha de modelos, sugerimos o da ilustração acima ou o modêlo esporte, que está logo à direita.
E pode escolher as côres: preta, café ou vinho.



VULCABRÁS
Caixa Postal 47 — Jundiaí - S. P.

GOVÊRNO IVO SILVEIRA

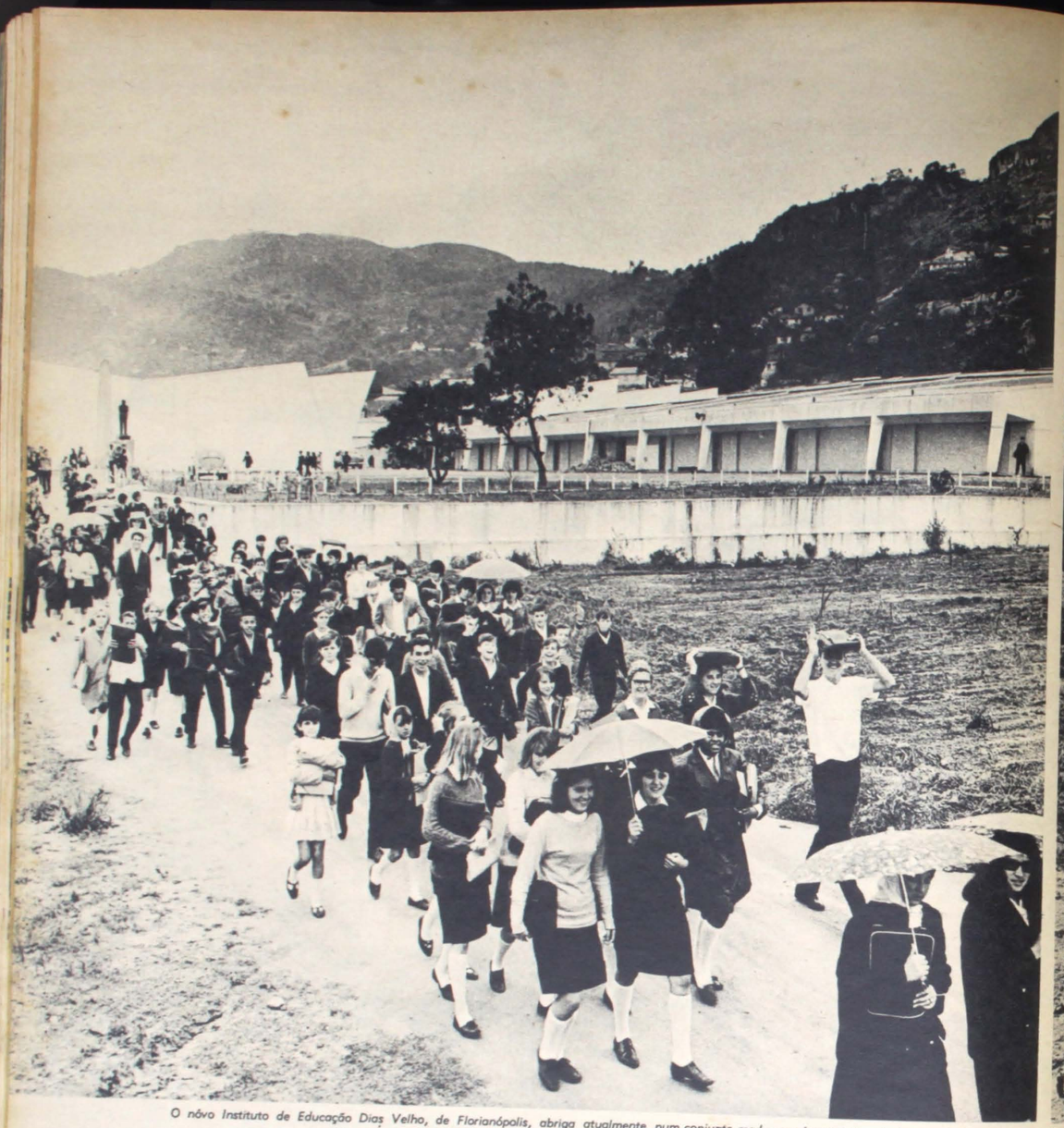
A JOVEM PROMESSA



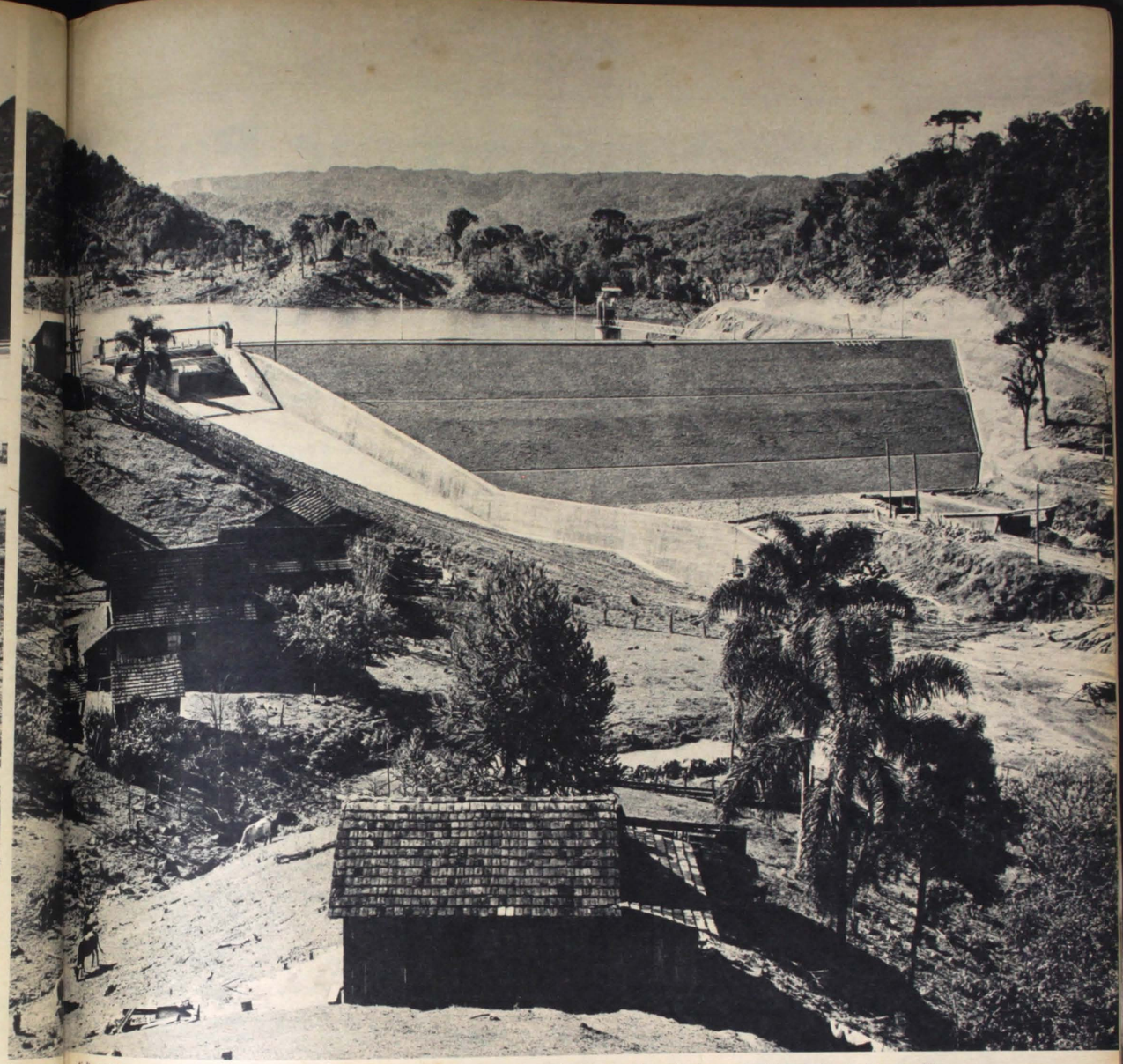
A hidrelétrica do Garcia I resolveu o fornecimento de energia à capital catarinense.

Otimismo e confiança no futuro são a tônica do novo govêrno de Santa Catarina, que enfrenta realisticamente todos os problemas e lhes dá soluções adequadas. Tendo por base o 1.º Plano de Metas, executado no qüinqüênio anterior, o Governador Ivo Silveira elaborou, com sua equipe de técnicos e assessôres, o 2.º Plano, que se desdobra em quatro itens: racionalização dos meios administrativos, valorização dos recursos humanos, expansão econômica e sobretudo melhoria das condições sociais catarinenses.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



O nôvo Instituto de Educação Dias Velho, de Florianópolis, abriga atualmente, num conjunto moderno e funcional, mais de cinco mil estudantes.



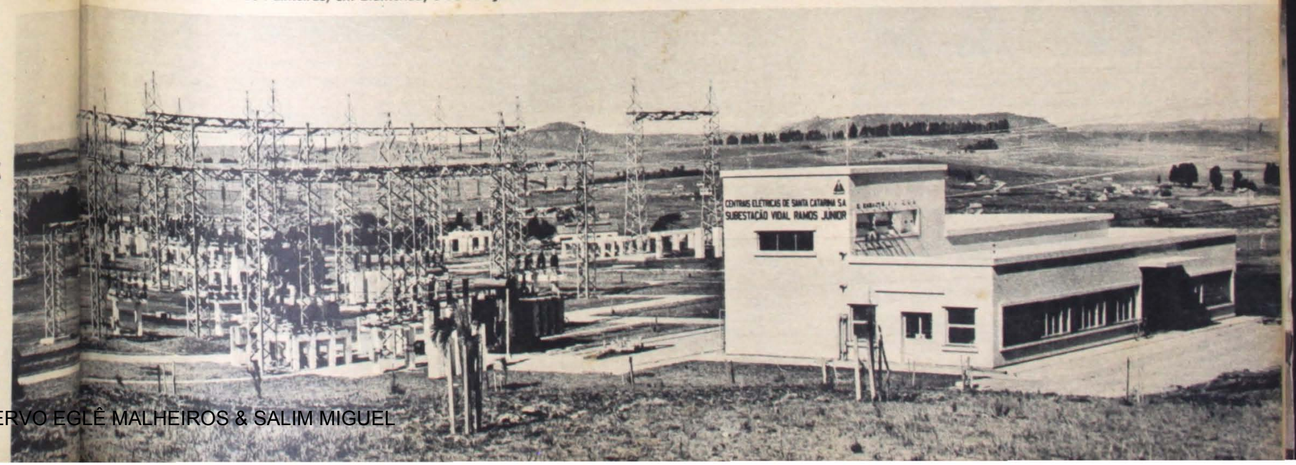
Com a multiplicação de usinas como a de Palmeiras, em Blumenau, e de estações como a de Lajes (embaixo), a demanda de energia elétrica está atendida em SC.

Com o desaparecimento do deficit de energia elétrica, que desencorajava os novos investimentos, reativou-se nos últimos anos o surto industrial de Santa Catarina

☐ Cumprindo o que prometeu em campanha, **administrar com os pés no chão,** Ivo Silveira luta, com tôdas as suas fôrças, para acabar com a falsa impressão de que Santa Catarina, por ser auto-suficiente, não necessita de recursos de fora. O jovem governador baterá, sem descanso, às portas do govêrno federal, solicitando verbas e ajuda que possibilitem mais rápido e uniforme progresso dêsse estado sulino, potencialmente rico e pronto para uma arrancada desenvolvimentista que, com essa colaboração, muito poderá fazer para o engrandecimento do Brasil.

Um sôpro de renovação atravessa a terra catarinense de um extremo a outro, contagiando e estimulando todos, governantes e governados. Êsse espírito de renovação, não calcado num otimismo fantasioso, mas num estudo objetivo da realidade, vem de poucos anos atrás, quando a improvisação administrativa foi substituída por um planejamento criterioso, dando como resultado os profícuos cinco anos da gestão Celso Ramos.

A equipe do atual governador, cujo qüinqüênio foi iniciado em janeiro, está perfeitamente cônscia de suas responsabilidades e dirige todos os seus esforços no sentido de um conhecimento ainda mais amplo e profundo dos problemas básicos e da realização de obras em benefício da coletividade, bem como de serviços e empreendimentos que permitam um desdobramento harmonioso da sócio-economia estadual. O govêrno catarinense quer ativar tôdas as regiões, com o fortalecimento das atividades produtoras, com a melhoria das condições de vida e trabalho da população, com o incentivo às indústrias existentes, com a atração de capitais e com maiores facilidades fiscais aos empreendimentos pioneiros.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O filme Verichrome Pan da Kodak lhe garante os melhores resultados... se V. não cometer pequenos erros como êste:





Se V. não segurar a câmara com firmeza no momento de acionar o disparador, a fotografia sairá tremida. Compare-a com a mesma foto, já corrigida, e veja a diferença de resultados. Erros também freqüentes são os de focalização e de insuficiência ou excesso de exposição. O foco, por exemplo, depende de vários fatôres, mas V. terá maiores possibilidades de obter resultados positivos, se der pouca abertura à objetiva sempre que as condições de luz forem boas (no contrôle da objetiva de sua câmara,



os números mais altos indicam as aberturas menores). Antes de mais nada, porém, V. precisa estar garantido quanto à qualidade do filme. Habitue-se à qualidade Kodak, que lhe dá a certeza de estar usando o melhor filme, bem como uma base segura para apreciar seus próprios progressos na arte fotográfica. Para fotos em prêto e branco, use o filme Verichrome Pan, quando desejar fotos de contrastes nítidos e contornos bem delineados (como a gente gosta de ver nos retratos, por exemplo). Quando desejar maior variedade nas graduações dos cinzas (foto de uma paisagem, por exemplo), aproveite a sensibilidade do filme Plus-X e, em situações desfavoráveis de luz ou ação, a alta sensibilidade do filme Tri-X. Em qualquer caso, conte com a qualidade Kodak, como fazem milhões de homens, mulheres e adolescentes, no mundo inteiro.







Kodak

Levar os benefícios da administração catarinense a tôdas as áreas do estado é a grande preocupação do Governador Ivo Silveira



Agência do Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina S.A. na cidade de Joinville.



O Hospital dos Servidores do Estado, recentemente inaugurado, é o mais moderno do Sul do país. Iniciada a construção no govêrno Celso Ramos, que o inaugurou, está sendo equipado pelo Governador Ivo Silveira.

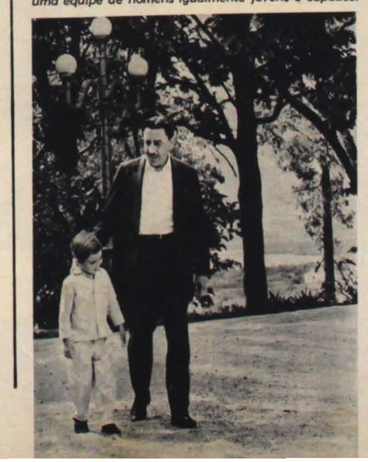
⊞ Para que essas finalidades possam ser atingidas, os quatro itens básicos do II Plano de Metas do Govêrno foram desdobrados em setores, compreendendo, respectivamente, administração pública e sedes administrativas; ensino, pesquisa e difusão cultural; energia, transportes e comunicações, finanças e riquezas naturais, agropecuária e pesca; justiça e segurança pública, saúde pública e cooperação social, habitação e abastecimento. E ao Gabinete Executivo do PLAMEG cabe a tarefa de coordenar e tornar realidade êsse gigantesco esfôrço.

O Governador Ivo Silveira compreende a necessidade da perfeita harmonia e interdependência de podêres. Daí a sintonia com o Legislativo (ao qual já pertenceu e do qual foi presidente) e o Judiciário. Em sua primeira mensagem ao Poder Legislativo, depois de traçar amplo painel do que pretendia realizar, acentuou que "as dificuldades estão equacionadas e é preciso não protelar as soluções". E logo a seguir: "Por isso, reivindico o apoio de quantos sentem a pressão das necessidades do estado e se acham na reta convicção de que o homem público principia a trair quando começa a ocultar-se aos fatos sociais e econômicos que comovem a coletividade."

Após um levantamento minucioso do Estado, suas potencialidades e necessidades, o I Plano de Metas destinou verbas específicas a todos os setores da administração, escalonando as prioridades. Nestas, deu ênfase especial aos programas de eletrificação e de educação. Hoje, Santa Catarina está com as dificuldades equacionadas, com as soluções encaminhadas, com alguns problemas de infra-estrutura resolvidos, com os outros merecendo a devida atenção por parte dos podêres públicos. O II Plano de Metas começou a agir. Desdobra-se em todos os setores e atinge tôdas as regiões, destaca prioridades — mas sua meta básica e fundamental é sempre o homem.

Até 1960, o deficit energético, em Santa Catarina, era enorme. Os racionamentos provocavam colapso nas indústrias, algumas se transferiram para outros estados. Ninguém se aventurava a novos investimentos. Cinco anos depois, o panorama é inteiramente diverso. A potência instalada permite que se passe a fornecer energia a outros estados, ao mesmo tempo em que incentiva a instalação de novas indústrias. Os números são bastante expressivos: a potência instalada que era, em 1960, de 101.543,6 kW, elevou-se, em 1965, para 215.277,4 kW, aumentando, por conseguinte, o índice "per capita", para uma população de 2.517.000, de 47,2 watts/hab. para 85,3 watts/hab., o que está bem acima da média nacional. O plano de expansão prossegue: ampliação e construção de novas usinas geradoras, de subestações e estações abaixadoras, de linhas de transmissão. As pequenas comunidades são atendidas pelo plano de eletrificação rural, com mais de 60 cooperativas em funcionamento, num exemplo de conquista sócio-econômica das áreas rurais. A SOTELCA se prepara para a inauguração de mais uma unidade que fornecerá outros 50 mil kva. Procede-se, ainda, à interligação dos sistemas termo e hidrelétricos. Todo êsse esfôrço deve-se à CELESC — Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A. — sociedade de economia mista, e à Comissão de Energia Elétrica. E bem logo o grande problema de Santa Catarina será não a demanda, mas onde aplicar a energia produzida. Daí a necessidade de novos mercados consumidores — dentro e fora do estado.

O Governador Ivo Silveira está sendo auxiliado por uma equipe de homens igualmente jovens e capazes.



No setor da educação, os progressos também foram bastante acentuados. Já em 1963, quando o coeficiente no Brasil era de 107 alunos por mil habitantes, as estatísticas demonstravam que em Santa Catarina era êle de 142, o segundo no país. As matrículas, no ensino primário, em 1965, para 5.605 unidades escolares, atingiram 401.069 alunos. O estado retomava o seu lugar de destaque entre as unidades da federação que mais se preocupavam com o problema educacional. Como a prioridade para os investimentos em educação é essencial ao desenvolvimento, possibilitava-se o acesso à escola primária e média a todos que as procurassem. A ampliação da rêde educacional foi quantitativa e qualitativa. Em todos os recantos surgiram novas unidades escolares; intensificaram-se os cursos de aperfeiçoamento; maiores oportunidades foram oferecidas no ensino técnico e superior. Para se ter um exemplo concreto do que foi feito, em 1960 existiam 4 ginásios gratuitos; hoje êles são 120.

O programa atual, prolongamento lógico do anterior, é mais ambicioso. O coroamento da meta educacional foi a criação de um organismo — Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina — com autonomia técnica, financeira e administrativa no mais alto grau, destinado à valorização dos recursos humanos e cabendo-lhe grande parte da responsabilidade na execução dêsse setor do Plano de Metas do Govêrno.

Em recente estudo realizado pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Santa Catarina, sôbre atividades agrícolas, ficou demonstrado que 7 entre 10 colonos do sul tinham financiamento do Banco de Desenvolvimento do Estado.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

QUALIDADE EM TODOS OS SENTIDOS!



Com Tubos e Conexões **TIGRE** você estará no caminho certo, tanto em qualidade, como em eficiência e economia.

TUBOS E CONEXÕES

TIGRE

DE P. V. C. RÍGIDO

FABRICANTE

CIA. HANS

RUA BAHIA, 54 - CAIXA POSTAL, 147 - TELEGR.: "TUBOTIGRE"

JOINVILLE — STA. CATARINA



Todo o rico oeste e o industrializado vale catarinense, até o pôrto de Itajaí, estarão, em breve, inteiramente interligados pela SC-23, principal rodovia do estado.

Duas novas e importantes rodovias, as SC-21 e SC-23, vão interligar as mais importantes zonas produtoras

⊞ A ação do Banco de Desenvolvimento de Santa Catarina se desdobra por tôdas as regiões do estado, levando crédito orientado, fácil e desburocratizado até a casa do agricultor. Não se limitando à agropecuária, estimulando a criação de riquezas, sua distribuição e circulação, o BDE tem como objetivo principal acelerar o processo de desenvolvimento econômico de Santa Catarina, com financiamento também à indústria e aos profissionais de qualquer espécie.

Funcionando há quatro anos, o BDE já instalou 31 agências, sendo 29 no estado, uma em São Paulo e outra no Rio. Seu capital, que era de Cr$ 300.000.000, foi elevado para Cr$ 1.200.000.000. Mais 21 agências estão programadas para breve.

Do terceiro para o quarto ano, os recursos do banco foram triplicados, incrementando-se em igual proporção as aplicações na agropecuária, na indústria e no comércio. A concessão do crédito rural orientado é um exemplo bastante expressivo: em apenas um ano aumentou de 700 milhões para 1,5 bilhão de cruzeiros.

Crescendo sempre mais, no esfôrço conjunto de criar riquezas e ajudar a promover o bem-estar geral, os resultados provam o acêrto da criação dêsse estabelecimento de crédito que tem como lema "dinheiro dos catarinenses para o progresso de Santa Catarina".

A conclusão de obras rodoviárias fundamentais para a integração econômica do estado é a grande meta prioritária do Govêrno Ivo Silveira. No sistema catarinense, duas rodovias, interligando o interior ao litoral, são básicas: a SC-21, ou D. Francisca, que vai de Pôrto União a São Francisco do Sul; e a SC-23, ligando Curitibanos ao pôrto de Itajaí e servindo de escoadouro natural para três importantes vales: Chapecó, Rio do Peixe e Itajaí.

Apressar os serviços de implantação e providenciar a pavimentação total de ambas é medida indispensável ao progresso de Santa Catarina.

Com 300 quilômetros, a SC-21 tem 209 implantados. Cêrca de 60 dependem da retificação do leito já existente; e 65 estão pavimentados.

Na SC-23, dos 261, faltavam implantar 36 quilômetros; 120 já estão pavimentados. Os 36 quilômetros a implantar já foram contratados e deverão ser concluídos no prazo de um ano, tendo sido as obras atacadas, simultâneamente, em duas frentes. O trecho, de Pouso Redondo até a BR-116 (antiga BR-2) é de difícil execução, com cortes e aterros de considerável extensão, através de vales e serras. Pela primeira vez serão vencidos os contrafortes e as escarpas da serra Geral, com o emprêgo de máquinas modernas e recentemente importadas. Sòmente para êsse trecho, o contrato de implantação, com a Sociedade Construtora Triângulo, é de 6 bilhões de cruzeiros.

Ao mesmo tempo em que se prossegue nos trabalhos, o govêrno inicia contatos com a USAID, visando conseguir financiamento para a pavimentação asfáltica do trecho que vai de Rio do Sul e, atravessando a BR-116, chega a Curitibanos.

Mas não são só estas duas rodovias que estão a merecer a atenção dos podêres públicos de Santa Catarina.

Melhorar e ampliar as condições de tráfego, cuidando das numerosas SC que cortam o panorama físico do estado, é tarefa urgente e que não está sendo descurada. Com melhores estradas, que aproximam distâncias e facilitam a movimentação de riquezas entre as diferentes regiões, abrem-se amplas perspectivas de progresso mais rápido e maior bem-estar social, complementando o que foi, ou vem sendo, realizado nos demais setores da administração pública.

Máquinas modernas cortam, pela primeira vez, as escarpas e os contrafortes da serra Geral na ligação da SC-23 com o oeste de Santa Catarina, através da BR-116.



Na paisagem serrana, entre pastagens e pinheirais, surge atualmente um elemento nôvo: as tôrres que sustentam as linhas de transmissão da energia elétrica.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

agora em Joinville um banco de categoria internacional



Como Joinville, todo o vale do Itajaí vem se desenvolvendo. Em passos largos. Na exportação do pinho, no beneficiamento da erva-mate, na produção de tecidos, de cerveja, no ritmo das usinas metalúrgicas, nas lavouras de arroz, nas atividades agro-pecuárias.

A produção aumentando, cresce a necessidade do aprimoramento das operações mercantis. Principalmente no que se refere ao intercâmbio comercial. As riquezas vão e voltam sob forma de divisas, que permitem a aquisição de novas riquezas.

E Joinville ultrapassou a fase de transição. Transformou-se de pequeno em grande centro produtor. Conseqüentemente, exigiu um estabelecimento de categoria internacional: o Banco de Londres.

No tocante às operações bancárias, o Banco de Londres tem vasto conhecimento. Afinal de contas, há mais de 100 anos que êle não faz outra coisa no Brasil e possui filiais e organizações associadas nos 5 continentes. Visite-o e verifique como tudo fica mais fácil quando você opera com um Banco internacional, que estará às suas ordens em

JOINVILLE: Rua São Joaquim, 70 - Tel. 3469 - C.P. 235

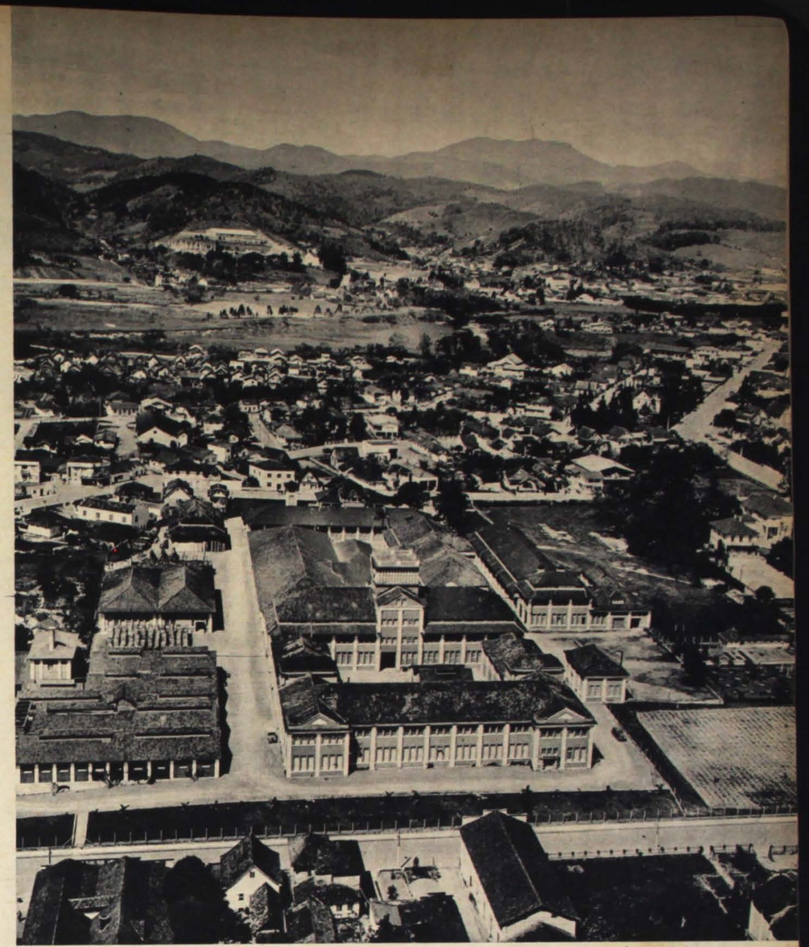
BANK OF LONDON & SOUTH AMERICA LIMITED – o Banco que conhece o mundo

São Paulo: Rua 15 de Novembro, 143-165
Rio de Janeiro: Rua da Alfândega, 29-35
Outras filiais: Bahia, Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Maceió, Manaus, Pôrto Alegre, Recife e Santos.

Record 25.200

BRUSQUE
BERÇO DA FIAÇÃO CATARINENSE

Ogôsto pelo estudo e a música, o espírito religioso, o amor ao trabalho e a um bom chope marcam o brusquense, descendente de imigrantes alemães que procuraram construir uma cidade semelhante às das margens do Reno. O progresso foi rápido. Já em 1892 Carlos Renaux instalava a primeira fábrica de fios de algodão do estado. Até hoje a economia no município se alicerça na indústria têxtil, fabricando tecidos de fama nacional. O município é o 3.º maior contribuinte do erário federal em Santa Catarina e o 6.º em relação aos cofres estaduais. A administração do atual prefeito foi iniciada em janeiro, imprimindo um ritmo nôvo e intenso de trabalho, reaparelhando a municipalidade com maior número de veículos e reorganizando os serviços internos. Como na maioria dos municípios catarinenses, também em Brusque o grande problema são as precárias rodovias. Há mais de 15 anos o govêrno federal iniciou a construção de um ramal ferroviário para Itajaí, que foi abandonado. A grande reivindicação é o aproveitamento dêsse leito para a construção de uma estrada asfaltada de acesso à BR-101. As Organizações Renaux, parque industrial onde trabalham cêrca de 2.500 pessoas, garante a subsistência de quase dez mil, correspondendo a um têrço da população. Produz dos mais finos tecidos para vestuário, como o Tebilizado Renaux, fabricado em convênio com a Tootal Broadhurst Lee Co. Ltd. de Manchester, Inglaterra, até tecidos para decoração, cortinas, madras e gobelins, lonas, lonitas, atoalhados, brins militares, etc. Entre as dezenas de outras tecelagens, destacam-se a Buettner S. A. Comércio e Indústria e a Cia. Industrial Schlosser. Existem, ainda, em Brusque, fábricas de carrocerias de ônibus, malharias, fundição, máquinas de lavar roupa, confecções e curtumes, além de agropecuária, destacando-se a Indústria de conserva Kormann. Merece referência especial a usina de ressecagem da Cia. Souza Cruz. Seus 180 instrutores visitam constantemente os 6.500 plantadores de fumo, aconselhando-os e ajudando-os na produção, que, em 1965, resultou numa safra de quase 30 mil toneladas. A Companhia de Cigarros Souza Cruz com sua mentalidade progressista contribu.. também em outros setores de atividade.



Bem no centro de Brusque localiza-se uma das fábricas do Grupo Renaux, vanguardeiro das mais modernas conquistas no campo da fabricação de tecidos e que produz os famosos Tebelizado Renaux.



Uma das mais antigas e tradicionais firmas do município, a Buettner emprega centenas de operários e sua especialidade é a fabricação de cortinados e atoalhados.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

018 - MIGUEL, Salim. Universidade Federal de Santa Catarina um exemplo para o Brasil. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n. 865, p.114-119, 16 de nov. de 1968.

Manchete

NCR$ 2,00 • N.º 865 • RIO DE JANEIRO

1968

ESPECIAL
GRANDE REPORTAGEM
EDUCAÇÃO
O BRASIL PREPARA SEU FUTURO

ELIZABETH NA TERRA DO SOL

Sob a proteção do guarda-chuva do governador da Bahia, Luís Viana Filho, a rainha da Inglaterra é aclamada pela população de Salvador.

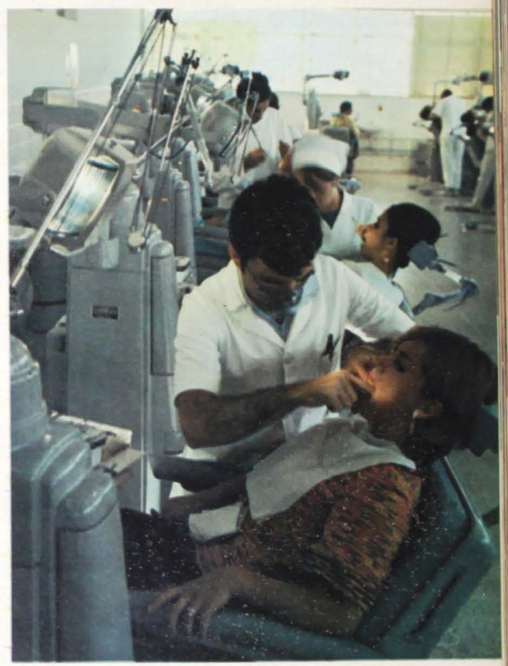
UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

UM EXEMPLO PARA O BRASIL

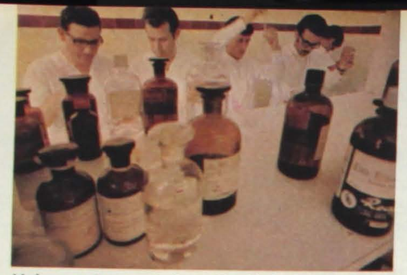
Reportagem de SALIM MIGUEL ● *Fotos de* SEBASTIÃO BARBOSA

Para a juventude catarinense, não existe o grande problema que agita a mocidade atual — as dificuldades de formação técnica e profissional. Uma universidade moderna e bem equipada, que já tem mais de três mil alunos, garante a possibilidade de ensino e aperfeiçoamento, com 18 cursos numa área construída de 25 mil metros quadrados. Antes, existiam 11 cursos e 849 universitários, mas em seis anos todo o panorama se modificou. Criada em 1960, no Govêrno Juscelino Kubitschek, a Universidade Federal de Santa Catarina foi instalada dois anos mais tarde, tornando-se, logo, uma realidade dentro do sistema educacional brasileiro. Sua importância, hoje, é tão grande, que nela funciona o Curso de Aperfeiçoamento do Pessoal das Universidades Brasileiras, reunindo técnicos e especialistas de todo o país. Além disso, no próximo ano será implantada uma reforma universitária capaz de aplicar o que existe de mais revolucionário no ensino.



A Escola de Engenharia Industrial catarinense é a segunda do país (à esquerda). Foi nela que, em 1965, através de convênio com a CELESC e a criação do curso de eletricidade, deu-se o primeiro passo para a integração universidade-emprêsa. A Faculdade de Odontologia — ao alto — dispõe do melhor equipamento existente no Brasil.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Moderna e bem equipada, a Faculdade de Farmácia e Bioquímica atende a todos os hospitais de Florianópolis.

Dos 441 professôres da Universidade, mais de 200 já fizeram cursos de pós-graduação, segundo o programa de aperfeiçoamento do corpo docente





Ao alto, uma das salas do Centro de Treinamento e Estudos Contábeis, onde funcionam os computadores eletrônicos. Ao lado, o restaurante universitário, abastecido por Organizações Koerich.



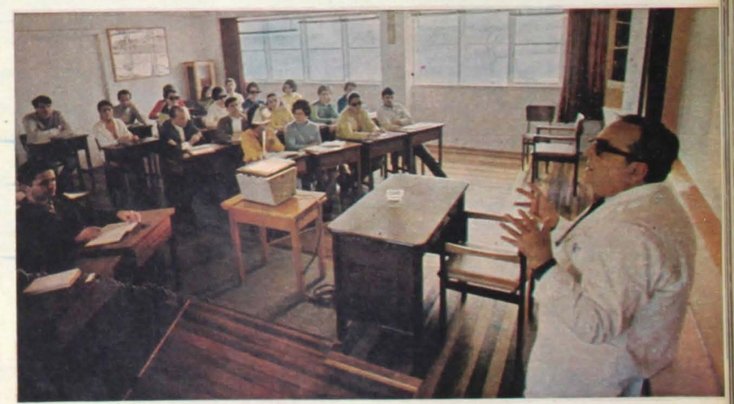
Servindo à população, os acadêmicos realizam importante tarefa de medicina profilática e assistência social na ilha de Santa Catarina.

O crescimento de uma universidade não se mede apenas pelo aumento do número de vagas ou da área construída. Mais do que isto, êle se expressa pelo funcionamento de novos cursos, pelo aprimoramento do ensino, pela utilização de equipamento técnico especializado, pelos recursos destinados à pesquisa, pelas atividades científico-culturais que beneficiam à comunidade e pelo contingente e qualidade dos profissionais que, anualmente, a universidade oferece ao processo de desenvolvimento do país.

Administração, Economia, Medicina, Engenharia Civil, Mecânica e Eletricidade, Direito, Farmácia, Bioquímica, Odontologia, Filosofia, Letras, História, Geografia, Pedagogia, Matemática, Serviço Social e Ciências Contábeis são os cursos com que a UFSC conta atualmente, além de um ginásio de aplicação e de colégios agrícolas em Camboriú e Araquari. Em 1969 começará a funcionar a escola de enfermagem. O número de profissionais formados é, também, expressivo: enquanto de 1962 a 1967 foram diplomados 250 jovens por ano, em 1968 êles serão perto de 500. Todos os cursos funcionam segundo os mais modernos e melhores padrões de ensino, participando, ainda, ativamente da vida da coletividade. A Faculdade de Medicina atende ao interior da ilha de Santa Catarina. A de Odontologia, com material fornecido pela Dental Santa Apolônia, serve à cidade de Florianópolis. A de Farmácia e Bioquímica, aos hospitais. A desburocratização dos serviços administrativos é um exemplo para as demais universidades brasileiras. Um único homem, em horas, faz tôdas as fôlhas de pagamento das diversas unidades, encaminhando-as ao Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, também modêlo de eficiência. Êsse trabalho exigiria dias de tôda uma equipe.



Aparelhos de precisão em quantidade possibilitam que os estudantes tenham, em todos os campos de instrução, melhor aproveitamento.



Instalado há menos de um ano, o Instituto de Antropologia da Faculdade de Filosofia já se tornou um centro de pesquisa científica conhecido em todo o Brasil.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Uma das razões pelas quais você deve fazer coberturas com chapas onduladas Plagon de PVC alto impacto:



o sol não manda conta de luz.

Usando chapas onduladas Plagon de PVC, você mata dois coelhos com uma só cajadada: fica com uma cobertura de alto impacto, pela primeira vez fabricada no Brasil, realmente rígida, resistente às intempéries, que suporta pesos e elevadas temperaturas, e fica com iluminação à vontade, no grau desejado, pois as chapas Plagon são translúcidas, permitindo maior ou menor passagem de luz solar, conforme a cór do material. E as chapas Plagon de PVC são fornecidas em belíssimas côres, modernas e indeléveis. Para fábricas, depósitos, galpões ou ginásios esportivos, é a solução duplamente econômica, seja pela luz elétrica que você deixa de pagar, seja pela excepcional resistência e durabilidade dêste material. Para residências e escritórios — em pérgolas, jardins de inverno, vitrôs, divisões internas — é, outra vez, luz e muita beleza para os ambientes. Ainda mais: conforme laudo n.º 294.663 do IPT, as chapas Plagon são auto-extintoras quanto à inflamabilidade.

A Plagon foi implantada com a valiosa colaboração da Sudene

plagon s.a.

Plásticos Goyana do Nordeste

Município do Cabo - BR - 101 - km 34 - Pernambuco

Com a Reforma Universitária, o número de vagas será duplicado, permitindo a aplicação de um nôvo e inteligente programa de ensino e pesquisas dirigidas



A Escola de Engenharia Industrial, equipada com o que de mais moderno existe em máquinas e aparelhos, vem formando os técnicos necessários ao grande parque industrial do Estado de Santa Catarina.

Uma iniciativa da maior importância da UFSC é a dinamização de cursos que, tradicionalmente, são dados apenas de maneira teórica. Os acadêmicos de Direito, freqüentando o Forum, prestam assistência jurídica à população pobre da cidade. A Faculdade de Ciências Econômicas, através do Instituto de Pesquisas e Estudos Econômicos, realiza uma série de tarefas que visam diagnosticar a realidade catarinense. Há pouco, elaborou uma pesquisa habitacional da zona carbonífera do estado. Antes, em convênio com a Universidade de Ohio e o Banco Central do Brasil, concluíra um trabalho sôbre crédito rural orientado, que, inclusive, serviu de base para os que foram feitos pelo Paraná e Minas Gerais. Atualmente, em convênio com a Sudesul, promove a estruturação de um Sistema de Centros Regionais. Outro órgão da faculdade, o Centro de Treinamento e Estudos Contábeis, reorganiza os setores contábeis das principais prefeituras do estado.

O programa de construções está, desde 1965, entregue a uma equipe da própria UFSC. Em vista da insuficiência de recursos e diante da impossibilidade da instalação de um *campus*, a Universidade foi obrigada, no início, a optar por obras de emergência, a fim de atender às necessidades imediatas. À medida que se erguia o Conjunto Universitário do bairro de Trindade, de acôrdo com o cronograma do Departamento de Engenharia e Arquitetura, as instalações existentes eram ampliadas e melhoradas. Através de concorrência pública, a UFSC adquire apenas material de construção e mobiliário. Entre os principais fornecedores estão as firmas Wilmar Henrique Becker, Nabor Schlichting (produtos Codeplac), Móveis Cimo de Florianópolis (poltronas, carteiras, tapeçaria), Casa Eliane (máquinas Olivetti).

Para acolher o número sempre crescente de alunos ampliaram-se as Faculdades de Direito, de Medicina e de Farmácia e Bioquímica. Construiu-se a de Odontologia. A de Ciências Econômicas ganhou nôvo prédio. No *campus* já está instalada a Escola de Engenharia Industrial, com equipamento fornecido pela República Democrática Alemã. Triplicou-se a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O Instituto de Antropologia lá funciona. O Hospital das Clínicas e o Colégio Universitário encontram-se, como o nôvo restaurante e o Planetário, em obras. A iluminação do *campus* está sendo feita com material adquirido na firma especializada Peterco.

Levando o ensino além dos bancos escolares, a UFSC realiza, constantemente, cursos de extensão, extracurriculares, ministrados por especialistas em todos os ramos do conhecimento, do Brasil e do exterior. A partir do primeiro ciclo técnico-científico-cultural, em 1964, o Departamento de Educação e Cultura promoveu 68 cursos, dos quais participaram mais de dez mil pessoas. Conferências, exposições e representações teatrais têm recebido apoio da UFSC. É a mais importante contribuição cultural dada à comunidade. Também os valôres da terra são prestigiados: exposições, conferências, lançamento de livros, apresentações teatrais e do Coral da Universidade são realizados no interior e nos grandes centros.

É muito o que se conseguiu nestes seis anos. Mas o desenvolvimento de Santa Catarina exige cada vez mais. Daí a necessidade de maior número de médicos, professôres, engenheiros, economistas, bioquímicos, odontólogos, administradores, contadores, enfermeiros, assistentes sociais, farmacêuticos, bacharéis. Para atender a essa exigência a UFSC vai reformular tôda a sua estrutura. Percebendo a amplitude dos decretos 53 e 252, do govêrno federal, a UFSC concentrou todos os seus esforços no sentido de aproveitar o espírito que determinou aquêles dispositivos legais. Desejando fazer uma real e completa reforma universitária, para obter uma universidade integrada e dinâmica, a UFSC movimentou o seu corpo docente, discente e administrativo. Valeu-se, ainda, das mais modernas experiências nacionais e mundiais no setor do ensino superior. Finalmente, apresentou ao CFE aquêle que talvez seja o mais arrojado projeto de estrutura universitária brasileira. A implantação da nova estrutura permitirá que se duplique a capacidade de matrícula, ao mesmo tempo em que se adota um nôvo ensino. Em seu relatório de fim de ano, o Reitor Ferreira Lima, depois de assinalar que não via outra maneira de melhorar substancialmente o Ensino Superior, assim colocava o problema: "Sòmente com a Reforma Universitária conseguiremos libertar-nos dos vícios e emperramentos herdados da universidade medieval, cujas presenças, tristemente, são verdadeiras constantes na nossa estrutura universitária. Trar-nos-á a reforma não sòmente a integral racionalização do ensino e a oportunidade de aplicação de uma nova política financeira. Facilitar-nos-á, também, o plano de edificação, o melhor aproveitamento da aparelhagem e, principalmente, a aplicação de um nôvo e inteligente programa de ensino e pesquisa."

A reforma impedirá que as Faculdades, mesmo agrupadas em Universidades, conservem-se isoladas e autônomas, o que convida ao acomodamento e à rotina, ligadas mais pelos laços administrativos do que pelas atividades criadoras do ensino e da pesquisa. A nova estrutura da UFSC agrupará nos Centros de Estudos Básicos o ensino e a pesquisa básicos, e nos Centros de Formação Profissional, o ensino de formação profissional e a pesquisa aplicada. Tais centros serão divididos em departamentos, que constituirão as subunidades universitárias. A divisão dos Centros em Departamentos provoca a interação educacional, onde professôres e alunos não poderão se acomodar porque estarão em freqüente contato uns com os outros. A educação vai se realizar como processo social orientado, devendo todo o ensino estar consciente e ìntimamente ligado à capacidade criadora do educando e aos problemas da comunidade. É inadmissível o alheamento da Universidade no meio social ao qual pertence, e menos ainda a passividade do aluno frente a um sistema curricular inerte, onde o indivíduo é um simples repetidor de estudos já feitos. O ingresso na nova Universidade possibilitará ao aluno dirigir-se ao campo de estudo escolhido, livre da rigidez das atuais Faculdades, com uma faixa de opções para escolher, durante o curso. Professôres de disciplinas afins estarão por igual agrupados.

Resultado do esfôrço de uma equipe jovem e entusiasta, a nova estrutura fará com que a Universidade Federal de Santa Catarina contribua, mais efetivamente, para a modificação do panorama educacional brasileiro.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

019 - BURNETT, Lago. MIGUEL, Salim (Coord.). Santa Catarina: a nova força do sul. **Revista Manchete,** Rio de Janeiro, n. 1042, p. 92-135, 8 de abril de 1972.

Manchete

Cr$ 4,00 • N.º 1.042 • RIO DE JANEIRO, 8 DE ABRIL DE 1972

INTERLAGOS
O BRASIL NA FÓRMULA-1

CIÊNCIA
A felicidade está na cabeça ou na barriga?

em cores

SANTA CATARINA
a nova força do Sul

PORTUGAL: ESC. 25$00

Em Brands Hatch, Inglaterra, Emerson Fittipaldi recebe com sua esposa, Maria Helena, a consagração da vitória.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

SANTA CATARINA

A NOVA FORÇA DO SUL

Santa Catarina é uma generosa faixa de terra que se estende do oceano Atlântico à fronteira com a Argentina. Do litoral até os confins do estado, o solo é fértil, produtivo e rico em recursos minerais, oferecendo ao homem mil fontes de progresso. Entre deslumbrantes paisagens, as culturas agrícolas encontram clima adequado ao seu florescimento, enquanto as áreas industrializadas, especialmente no vale do Itajaí e no Norte do estado, crescem rapidamente. Colocada geograficamente entre dois grandes estados, Rio Grande do Sul e Paraná, Santa Catarina surge hoje como o terceiro pólo econômico do extremo sul, integrado definitivamente no processo de desenvolvimento da região.

A visão naturna de Florianópolis revela toda a beleza de uma cidade que não perdeu a atmosfera tra...

Texto de LAGO BURNETT • Coordenação de SALIM MIGUEL • Fotos de JUVENIL DE SOUZA e PAULO DUTRA

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

...Santa Catarina, mas com o seu desenvolvimento passou pela Ponte Hercílio Luz e hoje se estende ao continente.

Nas fachadas dos sobrados, nas sacadas, nos telhados e nas cores, Florianópolis revela sua colonização açoriana

O brasileiro, de modo geral, nasce com a nostalgia do Rio de Janeiro. Por isso está sempre viajando em direção à Guanabara. Para ficar ou simplesmente para passear. O catarinense escapa à regra: não foge de sua terra.

É preciso conhecer Santa Catarina por trás da cortina de cartões-postais para compreender esse sentimento bairrista, que geralmente chega à auto-suficiência e algumas vezes à alienação.

A exuberância de natureza, na ilha como no continente, e a diversidade do clima, apesar do predomínio excessivo do calor, respondem à curiosidade do forasteiro. O apelo da terra é irresistível. Mas, apesar de se constituir, em conjunto, numa das mais belas e pródigas regiões do país, Santa Catarina, pelo fato mesmo de se encontrar em processo de evolução, assinala contrastes que podem passar despercebidos ao olhar inconsequente dos turistas sem compromisso, mas que são por demais evidentes aos olhos de sociólogos, economistas e repórteres avisados. É o caso do desnível que atualmente se verifica entre as três cidades que serviram de base à formação do grande estado sulino: Florianópolis, a capital, situada na ilha de Santa Catarina, Laguna e São Francisco do Sul. Quando Saint-Hilaire, em sua peregrinação de naturalista, transitou por aquelas bandas, em 1820, São Francisco — segundo registra o historiador catarinense Oswaldo R. Cabral — "contava umas 80 casas, construídas de pedra, cobertas de telhas, bem conservadas e caiadas, sendo algumas de sobrado". O sábio impressionara-se sobretudo com as boas casas de comércio, o ótimo estado sanitário e a ausência de doenças que constatara em outros lugares do país. Em Laguna, com nove mil habitantes à época (a ilha possuía de 12 a 14 mil), Saint-Hilaire já registrava a grande movimentação do porto, com numerosa frota de pequenos barcos que serviam à exportação de peixe seco, feijão, farinha, favas e madeiras.

Nessas três históricas cidades, perfeitamente identificadas com outras cidades brasileiras de arquitetura colonial portuguesa, Santa Catarina documenta as suas verdadeiras origens e desfaz, perante a desinformação e a má-fé, a lenda de que seria um corpo estranho na configuração geopolítica do Brasil — o "pedaço da Europa" aqui implantado por colonizadores alemães, suíços, italianos, austríacos, poloneses. Conquanto seja óbvia a influência exercida por esses estrangeiros, sobretudo os alemães, no desenvolvimento de cidades como Blumenau e Joinville, para citar apenas as mais expressivas, não se pode negar que Santa Catarina nasceu sob o signo do descobridor português.

Na fachada de seus sobrados, nas sacadas de ferro trabalhado, nos venerandos telhados e sobretudo nas cores agressivas de sua pintura ingênua ressalta a presença do colonizador açoriano, que antes estivera no Maranhão e no Pará, deslocando-se depois para terras catarinenses e gaúchas. Hoje, as três cidades — Florianópolis, Laguna e São Francisco — estão distanciadas no tempo, embora próximas no espaço. Florianópolis, se conserva ainda em vetustos sobrados e monumentos de antanho a identidade de seus ancestrais, começa a explodir em ritmo do progresso no crescimento vertical dos edifícios públicos e das residências em condomínio. Com 36 praias disponíveis — o que não deixa dúvida aos céticos de que está situada numa ilha — a singela capital catarinense compete com a faixa litorânea do Estado do Rio e das regiões praianas do Nordeste, ora orladas por extensos coqueirais, ora cercadas por imensas dunas de areias. Sua vocação é o turismo, sem prescindir da pesca, que já se encontra em fase racional de exportação. O camarão, por exemplo, um dos elementos básicos da alimentação dos ilhéus, está sendo exportado em larga escala para os Estados Unidos. Criados em viveiros — "as fazendas do mar", como bem as definiu José Martinelli — os camarões da última safra atingiram já 17 centímetros, mas a meta dos criadores é de 22 centímetros.

Apesar da vidoca provinciana que a caracteriza (a Praça 15, a principal da cidade, é famosa por possuir uma figueira tricentenária), onde se fala mal da vida alheia, a ilha de Santa Catarina, antiga Jurerê-Mirim — ou seja, Boca Pequena — toma ares de metrópole em ambientes como o do Country Club, no requinte de restaurantes como o **Manolo's** onde uma boa pedida é **Delícias de Linguado à Bonne Femme,** no **footing** da Rua Filipe Schmidt, no papo às vezes polêmico do bar **Meu Cantinho,** onde intelectuais, artistas e amantes da poesia popular fogem do calor e das preocupações do dia, na base do bom uísque ou da generosa cerveja servida em caneco gelado de metal.

Na Boate Sambura, de Luís Henrique, recém-inaugurada na praia dos Coqueiros, o som do conjunto e a ginga das meninas de microssaia dão aquele **plá** carioca, o **bizu** como eles dizem lá, informando a movimentação da vida noturna, sobretudo nos fins de semana.

Na lagoa da Conceição, experimenta-se o famoso caldo de camarão, mas o melhor mesmo é o camarão ao bafo. No Clube Social Lira, à beira da piscina, o dentista Ferrari comanda a alegria. O folclore é divertido: sem a dramaticidade do bumba-meu-boi ou do boi-bumbá, o boi-de-mamão encanta as crianças apesar da inclusão no auto de uma figura estranha como a bernúncia: **A bernúncia é bicho brabo que engoliu Mané João, come pão, come bolacha, come tudo que lhe dão.**

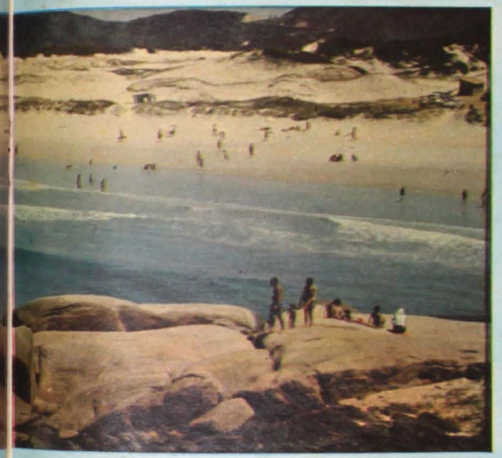
SEGUE













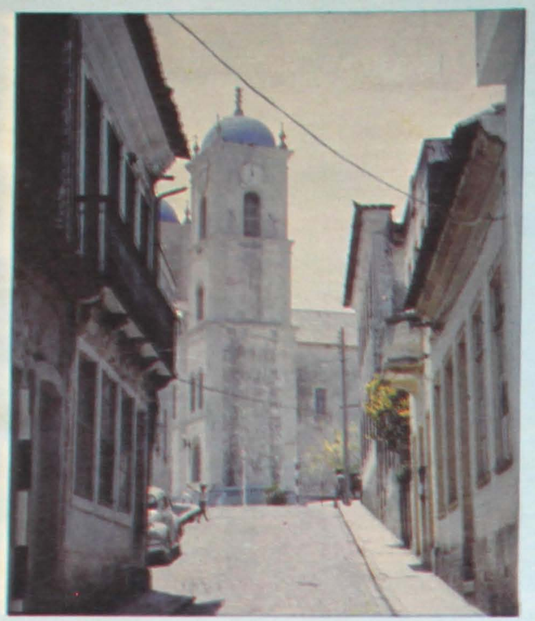


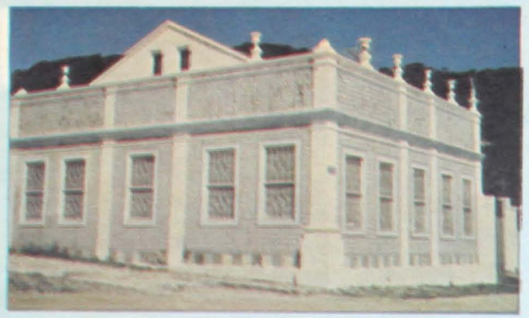
A estátua de Hercílio Luz (primeira foto, alto). A seguir, a catedral e um portal antigo. No centro, uma das 42 praias de Florianópolis e o painel de Martinho de Haro sobre temas folclóricos. Acima, uma rendeira típica da região e à direita, canhão de um forte antigo e as ruínas da fortaleza de Anhatomirim.





UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL







São Francisco, na foto superior, e Laguna (ao centro e acima) são cidades marcadas pela colonização portuguesa. O respeito ao passado garante a sobrevivência das relíquias coloniais.

Nas casas de azulejos ficou gravada para sempre a imagem de um passado que os catarinenses sabem cultivar com amor

Mas, enquanto Florianópolis desponta para o progresso, São Francisco e Laguna quedam-se na lembrança de um pasado de fausto. São Francisco foi o melhor porto do Sul até fins da Segunda Guerra Mundial, com capacidade para receber navios de grande calado. Laguna, que também é um grande porto, foi sendo esvaziado aos poucos pela expansão surpreendente de municípios vizinhos, como Tubarão e Criciúma.
A partir de 1960, foi intenso o surto de progresso do Vale do Itajaí e do Norte do estado. Mas enquanto Florianópolis rasgava novas avenidas e adotava uma nova mentalidade, sobretudo em decorrência da ampliação do ensino universitário, São Francisco e Laguna recolhiam-se ao saudosismo.

NA Praça Getúlio Vargas,a principal de São Francisco, onde se ergue imponente a Igreja de N. S.ª da Graça, passa um garoto vendendo **dolé** (tradução: picolé). Algumas meninas tímidas espiam o fotógrafo pela janela entreaberta. Qualquer coisa ali é **babitonga.**
A cidade, apesar dos pesares, vive do porto.
Sua aspiração é o turismo, mas não dispõe de infra-estrutura. Tem recantos naturais lindos como todo o estado. Lugares históricos como o Forte Marechal Luz. Belíssimos panoramas como o da ilha do Farol.
Praias envolventes como a das Paulas, onde se come um peixe fresquíssimo no restaurante **Psiu, Vem Cá.**
Laguna vive da pesca industrial. Apesar de ser uma das regiões mais piscosas do do país, em Santa Catarina quase toda a pesca ainda é feita pelos processos artesanais, inclusive com espinhel de pandorga (espécie de papagaio ou pipa), conforme informação de Doralécio Soares.
Em Laguna os pescadores levam uma vantagem porque, segundo a lenda, têm informantes no próprio mar — alguns votos que atendem pelo nome, como **Salvador, Salva-vidas, Matador** e outros, que dão as dicas certas na hora exata.

MAS Laguna é sobretudo o passado. É Anita Garibaldi, a lagunense Ana de Jesus Ribeiro, Heroína de Dois Mundos, que teve participação decisiva na Guerra dos Farrapos.
No museu que tem o seu nome, contemplo a mesa de jacarandá estilo D. João V, onde, a 22 de junho de 1839, os farrapos se reuniram para lavrar a ata de declaração da Independência de Santa Catarina, a utópica República Juliana.
Sem saber que aquele município, por estranha ironia, seria hoje, como São Francisco, um dos mais dependentes do estado.



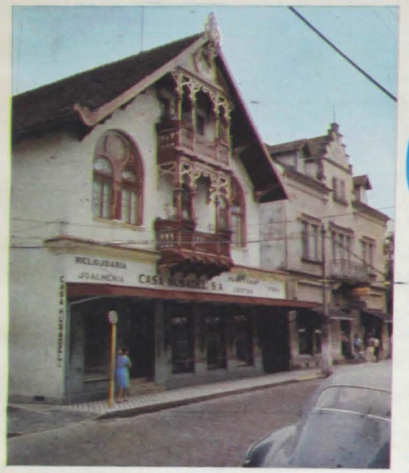
Em frente ao museu que tem o seu nome, a estátua da lagunense Anita Garibaldi, a Heroína de Dois Mundos. **À sombra de sua glória, as garotas reúnem-se nas tardes frescas para conversas inconsequentes. O museu tem peças valiosas, historicamente ligadas ao estado.**

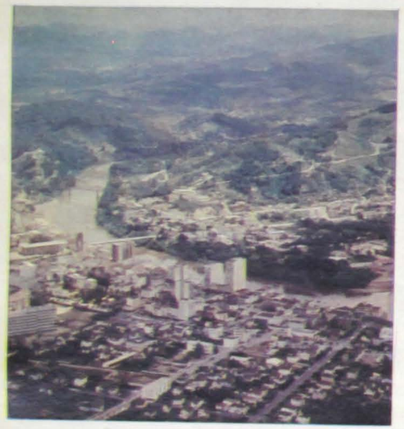

algodão, com muito orgulho
Lembra quando se falava em tecidos nobre e não nobres? Pois bem: o algodão era plebeu. Até que a tecnologia demonstrou que o algodão é tão nobre quanto a mais nobre das lãs inglêsas. Com uma vantagem: a nobreza do algodão é bem mais leve e agradável do que a nobreza da lã... Vista algodão, com muito orgulho. Especialmente se se tratar de tecidos de algodão da Schlösser.
CIA. INDUSTRIAL SCHLÖSSER S.A.
SCHLÖSSER

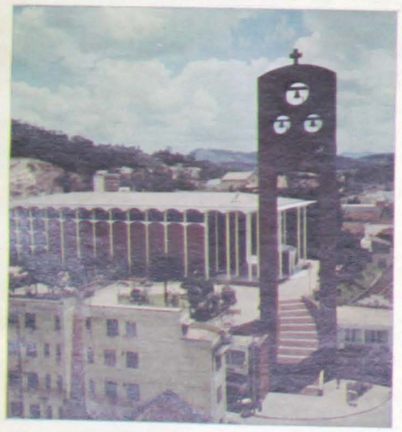
UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

A comunidade que floresce às margens do Itajaí revela um dos exemplos mais felizes de harmonia entre raças e culturas

O VALE DA FARTURA







A arquitetura típica de Blumenau tem feito a fortuna de muito vendedor de cartão-postal. O rio Itajaí, que corta o vale, serve e estimula o progresso de uma região predestinada.

Quando, em 1850, o filósofo alemão Hermann Blumenau chegava às margens do rio Itajaí para fundar uma colônia agrícola,dando início assim ao desenvolvimento de toda a região banhada pelo maior rio do litoral sul, uma pessoa o esperava. Era o historiador J. Ferreira da Silva que desejava fazer-lhe a entrega de uma plaqueta de sua autoria sobre a importância da futura obra do visitante para o progresso das terras que iria colonizar. Esta é uma piada que corre em Blumenau, onde Ferreira da Silva é venerado como o mais completo cronista da cidade, o mais profundo biógrafo do fundador. Diretor da Biblioteca Pública do município e do Museu Colonial anexo, é uma fonte viva de consulta tanto para os nativos como — sobretudo — para os turistas.

Com a chegada do Dr. Blumenau, e a fundação da cidade que hoje tem o seu nome, uma nova civilização estava sendo implantada no Brasil — a civilização do vale do Itajaí, que abrange mais de 40 municípios, quase todos em fase de desenvolvimento, como Pomerode, Brusque, Rio do Sul, Timbó, Gaspar e o próprio Itajaí, onde o rio desemboca no mar.

Quem percorre as águas do Itajaí defronta-se, às suas margens, com o espetáculo deslumbrante e didático, a um tempo, dessa civillzação que se institucionalizou na paisagem brasileira à custa do trabalho e do amor à terra. Não diga nunca a um catarinense, principalmente a um filho de Blumenau ou de Joinville, que ele é menos brasileiro do que os outros. Sem trair as suas origens, ele se mostrará, com razões, ressentido, porque ninguém foi mais brasileiro do que o sábio Hermann Blumenau ou como outros colonos ilustres, que tanto contribuíram para o progresso do país, como o também sábio Fritz Muller. Se não se confirmaram, felizmente, os vaticínios sombrios de outro alemão, o médico Avé-Lallemant, que em 1858, previa a estagnação da colônia blumenauense, devido a uma série de circunstâncias que, por certo tempo, ameaçaram seriamente o florescimento da cultura alienígena no vale do Itajaí, deve-se isso, sem dúvida, à integração entre brasileiros e alemães, unidos pelo sentimento telúrico e pela capacidade criadora.

Com uma população permanente de 120 mil habitantes espalhados em 500 km² de superfície, Blumenau é o grande centro industrial do estado com mais de 600 fábricas de porte grande, médio e pequeno — entre as quais as grandes produtoras de felpudos, cristais e porcelana — e mais de 900 estabelecimentos comerciais.

SEGUE

Em Rio do Sul, onde começa o curso do Itajaí, a vida parece tranquila, sobretudo no largo da igreja matriz. Mas a cidade é das mais dinâmicas

Texto de LAGO BURNETT • Fotos de JUVENIL DE SOUSA

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL







O rio, das nascentes até o mar, é a verdadeira alma do vale. As culturas de arroz são importantes mas a colônia alemã conserva hábitos alimentares [illegible] Einsbein e chucrute.

Os colonizadores trouxeram da Europa suas velhas rivalidades religiosas. Mas no vale, católicos e protestantes sempre viveram em perfeita harmonia.

PARA sentir essa gente, que conserva ainda hoje costumes e tradições do colonizador — nas construções típicas, na alimentação, no folclore, no charme do sotaque cultivado — é preciso disputar vaga num dos poucos hotéis da cidade, de serviço precário, mas de acomodações adequadas, ou armar a barraca no **camping** que ali começa a ser estimulado pela municipalidade em local aprazível. Não é preciso falar alemão, como se apregoa. Basta gostar de boas toalhas, de chope e de comer bem. É preciso ter bom-gosto para admirar as mulheres, a exemplo de Carlinhos Muller, o cronista social mais prestigiado em toda Santa Catarina, e ter o sentimento poético da vida para vibrar, numa noitada no Michel, com o poeta Lindolf Bell, um ídolo de sua gente, artista e **gentleman,** para quem "o coração é largo quando é largo o pranto" porque "quem lavra a terra lavra a dor". É preciso tomar um aperitivo no Adolfo, almoçar no Frohsinn, do alto do morro do Aipim, donde se vislumbra toda a cidade, e jantar no Cavalinho Branco, onde o **maitre** Osvaldo (Bigode) Fiamoncini recebe com categoria internacional. O melhor chope está no Barril de Ouro e o ambiente mais distinto (é arriscado afirmar) está talvez no Moinho do Vale, recém-inaugurado, com serviço de primeira qualidade.
É preciso circular com o advogado Emigdio Sadda, que conhece os macetes da cidade e tem a bossa do anfitrião, e assistir a uma [illegible] do Grupo Folclórico Alpino-Germânico, com suas 14 interessantes figuras comandadas pelo austríaco Franz Samzek. O conjunto, que se exibe gratuitamente em festivais de cerveja, bailes de chope e restaurantes típicos, apresenta danças da Bavária e da Áustria. É preciso conhecer o cemitério de gatos construído pela sobrinha do Dr. Blumenau e o jardim botânico que o fundador ergueu para deleite da sua curiosidade científica. É preciso sentir o potencial do setor de comunicações representado pelas Coligadas — a TV de Blumenau e o **Jornal de Santa Catarina,** ambos dirigidos por Wilson Melro, num esforço de inovação merecedor de atenção.
Mas o Vale da Fartura não é somente Blumenau. Por terra, margeando o rio, até mesmo o fotógrafo amador está sujeito a transformar-se num fabricante de postais. Da pequena economia agropecuária, que tem sido a sua base, os municípios que integram o vale evoluem neste momento para fase febril da rápida industrialização, instalando, ampliando ou renovando a maquinaria. Em trânsito, comendo butiá (fruto silvestre de sabor agridoce), observa-se que as nuanças do verde vão distinguindo as culturas da região. Só a presença de crianças, de tipo **standard** — grandes olhos azuis, cabelos louros, faces rosadas — puxando cavalos ou oferecendo periquitos na estrada, revela a unificação das origens. Por aí se constata que a colonização, irradiando-se da colônia do Dr. Blumenau, atingiu todos os afluentes da bacia do Itajaí, do planalto ao litoral.

A picada aberta pelo engenheiro Emílio Oderbrecht rasgou as perspectivas que hoje se transformaram em realidade. Os municípios foram se reproduzindo por cissiparidade, desmembrando-se naturalmente na medida em que conquistavam autonomia. De Timbó saiu Rodeio, colonizado por italianos, e Rio dos Cedros. Outros, como Pomerode, Brusque, Gaspar, Indaial, Ibirama, Penha, Ilhota, Navegantes, orgulham-se de manter a sua independência econômica. De modo geral, todos esses municípios se auto-satisfazem em suas necessidades elementares e somente em casos especiais apelam para Blumenau.

SEGUE





Há muita formosura romântica nas mulheres do Vale da Fartura. Perto da foz do rio, no porto de Itajaí, a pesca é uma atividade intensa e rendosa.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Artesul decora azulejos com exclusividade em ouro e platina, qualquer desenho a gosto do cliente.

J. B. S. MURAD PROP.



ARTESUL

Cerâmica Artística e Ind. Ltda.
Vendas: Rua Itajaí, 766
C. Postal - 1112
Fones: 22.0664 - 22.0462
Disque DDD-0473
BLUMENAU - STA. CATARINA



Como as bicicletas, a charrete é um dos meios de transporte mais frequentes por toda a região do Itajaí.

Os filhos dos colonizadores europeus têm o físico ariano mas fazem questão absoluta de se sentirem brasileiros.







A pesca é uma das fontes do sustento das populações ribeirinhas (fotos superiores). As crianças, descendentes de alemães, são bilingues, pois falam em casa a língua dos pais e desde cedo aprendem o português (acima).

ITAJAI, com seu porto de grande calado — o principal de Santa Catarina e um dos mais importantes do país, administrado pelo DNPVN — apóia-se na indústria pesqueira e na produção de cimento. Cidade de grande agitação, conta com um entreposto madeireiro, terminais de gás e petróleo e uma florescente indústria moageira (trigo). A construção de barcos pesqueiros é intensiva.

Vale registrar aqui a observação do historiador Teobaldo Costa Jamundá: toda a colonização do Itajaí fez-se prescindindo do trabalho escravo. Homem de visão, atento às tendências dos governos da Europa e da América do Norte, o Dr. Blumenau impôs uma cláusula no contrato feito com o governo imperial do Brasil, vetando a participação da mão-de-obra cativa na colonização do vale. Antecipava-se assim à própria Lei Áurea. Esse e outros fatores terão contribuído para o nível de civilidade que a gente sente ao chegar em Blumenau, um dos raros municípios brasileiros onde a sensibilidade dos habitantes levou a Prefeitura a constituir uma Comissão Municipal de Ajardinamento. Não se trata, portanto, de uma cidade utilitária apenas. Lá não se vive apenas para o trabalho. Trabalha-se muito, é certo, mas para viver bem.

MAS o rio, que tudo deu aos moradores do vale — sobretudo o potencial energético — nem sempre mantém-se sereno. Na sua crônica, há memória de enchentes, que causaram sérias atribulações aos colonizadores. Se suas águas raramente atingiram marcas alarmantes, o certo é que chegaram a provocar graves danos, sobretudo às policulturas de subsistência das populações ribeirinhas. A última dessas enchentes, entretanto, registrou-se em 1960. De lá para cá, o Itajaí transcorre dócil, cumprindo a sua missão de assegurar a sobrevivência de milhares de brasileiros e estimular o progresso de uma das regiões mais bem dotadas deste país.

Em Brusque, "Berço da Fiação Catarinense", as EMPRESAS RENAUX produzem os afamados

TECIDOS RENAUX

Tebilizado — Sanforizado

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Os imigrantes austríacos encontraram uma paisagem que lembra em tudo sua terra de origem

TREZE TÍLIAS
O TIROL BRASILEIRO

Texto de MOACIR PEREIRA ● Fotos de PAULO DUTRA







Descendentes dos colonos vindos do Tirol, austríaco, os habitantes de Treze Tílias preservam com grande amor os trajes e danças típicas da antiga pátria.

O Tirol brasileiro fica a 480 quilômetros de Florianópolis, no vale do Rio do Peixe, a 800 metros de altitude, com a temperatura média de 20 graus, numa região fértil que o austríaco Andreas Thaler, ministro da Agricultura do Chanceler Egelbert Dollfuss, considerou ideal para a colonização, nos idos de 1930. Hoje, o antigo núcleo é o município de Treze Tílias, tradução literal do título do poema épico **Dreizehnlinden** de Friederich Wilhelm, que Andreas Thaler admirava. Com 125 quilômetros quadrados, Treze Tílias oferece panoramas encantadores. A escassa população de 3.569 habitantes concentra apenas 756 na área urbana e mostra-se sempre simpática e atenciosa. Ali, os colonizadores austríacos juntaram-se aos italianos, alemães e portugueses para formar a atual família trezetiliense. Não conhecem pavimentação, mas, em compensação, jamais viram um engarrafamento. Não sofrem os problemas da poluição e respiram o ar do clima mais saudável do estado. O Mobral não tem alunos; apenas ensina português aos imigrantes adultos. O povo é sadio e os jovens da Operação Rondon, que visitaram a cidade em janeiro deste ano, tiveram pouco trabalho.

SEGUE

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL





"CEIFABEL" - a ceifadeira manual. Leve, macia, robusta e resistente, devido ao excelente material empregado na sua esmerada fabricação.

"CEIFABLITZ" - com motor elétrico ou a gasolina. A ceifadeira que transforma em brincadeira um serviço que antes era tarefa penosa e dispendiosa. Ceifa e recolhe instantaneamente a grama cortada.

Fabricadas por:
INDÚSTRIA UDO SCHADRACK LTDA.
qualidade igual as melhores do mundo
RUA AMAZONAS, nº 3.000 Tel. 22-0073 - (DDD - 0473)
BLUMENAU - STA. CATARINA - CX. POSTAL 642



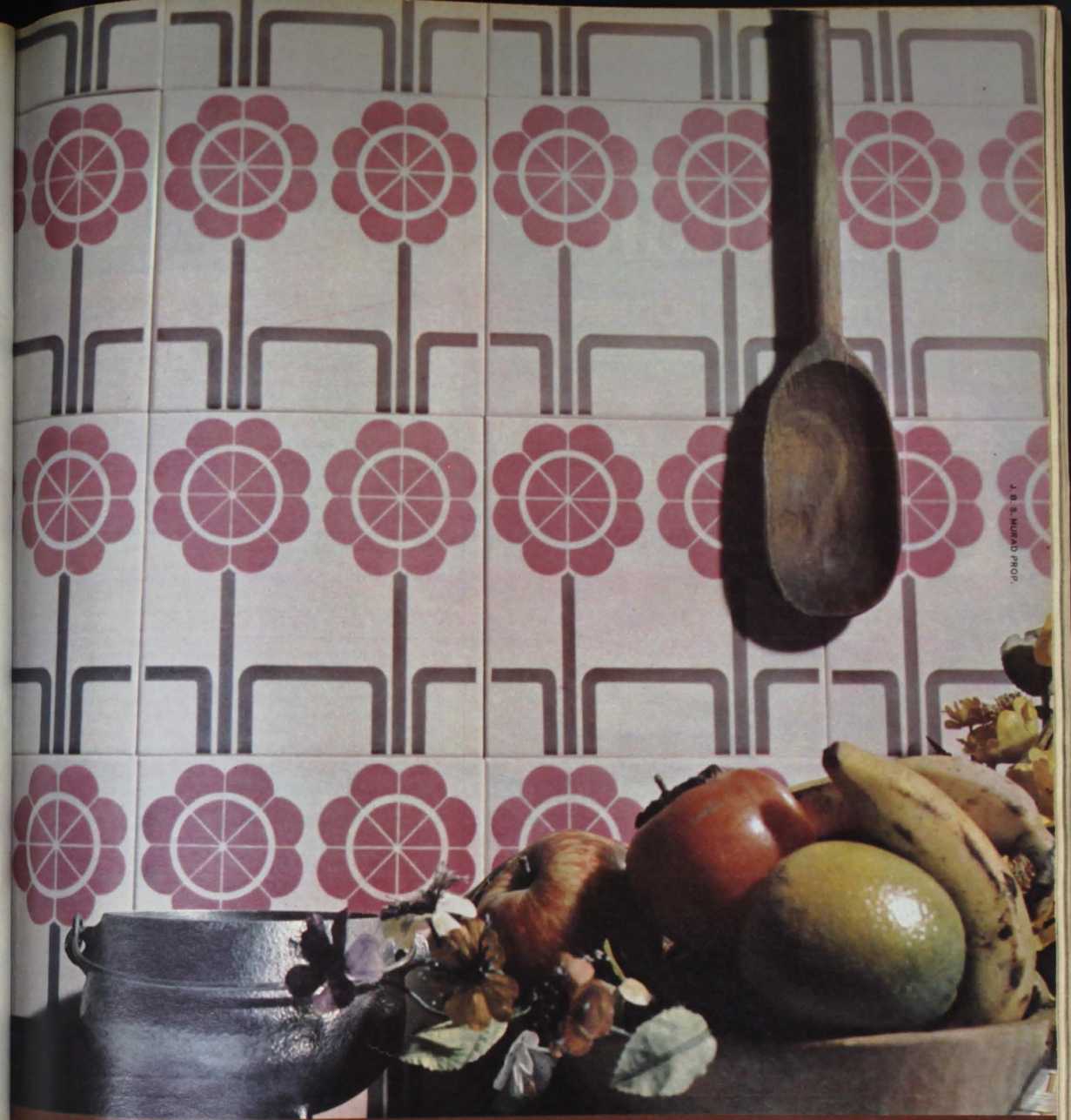
A Banda Musical dos Tiroleses, que já se apresentou com sucesso duas vezes na Guanabara, é o maior orgulho da cidade.

ANDREAS Thaler é, ainda hoje, o grande inspirador dos colonizadores. Ele deixou a Áustria, onde era abastado proprietário rural, para se lançar nas desconhecidas terras catarinenses com um grupo de colonos. Morreu em 1939, ao tentar escorar uma ponte de madeira durante grande enchente. Depois de seu desaparecimento, a colônia estacionou. Em 1948, o governo Dutra proporcionou condições para o desenvolvimento, e em 1963 a Câmara Municipal de Ibicaré reuniu-se para aprovar a emancipação do distrito, criando o município de Treze Tílias.

O sorriso inocente e descontraído de Gabriel Hausberger, 64 anos de idade e 40 de maestro, reflete a pureza dos 25 agricultores integrantes da **Banda Musical dos Tiroleses.** Foi Andreas Thaler quem fundou o conjunto. Apreciador do folclore, excelente cantor de coral e diretor de um grupo teatral criado por ele próprio na Áustria, Thaler via na banda a preservação das tradições tirolesas. Falando português com forte sotaque, o maestro Hausberger, batuta austríaca de um metro na mão direita e faixa tirolesa no peito, considera suas exibições no Festival da Cerveja do Rio como a consagração de seus esforços. É muito difícil encontrar um tirolês vaidoso em Treze Tílias. Contudo, quando eles desfilam na banda, impõem-se perante os assistentes com tal garbo que dão a impressão de estar cumprindo uma importante missão, no desempenho da qual se sentem profundamente orgulhosos. Ao lado da banda, existe o Conjunto de Danças Típicas. Seis casais, entre jovens e adultos, dançam valsas, marchas e polcas. As moças, com vestidos coloridos, mostram-se tentadoras. Os homens, com calças curtas de couro de cervo, dão início aos movimentos e evoluções. Um largo cinto, para proteção do estômago, acentua na inscrição **Somos Alegres** a espontaneidade dos dançarinos. Durante todo o tempo da música e da dança o tirolês procura, com movimentos românticos e carinhosos, conquistar a namorada.

Treze Tílias preserva, depois de 40 anos, o amor dos fundadores pelas artes plásticas. André e Godofredo Thaler, filho e neto de Andreas Thaler, formam, com Hans Bahler, um trio de expressivos escultores de madeira. Alunos do Professor Joseph Moser, da Academia de Belas-Artes de Munique, que morou em Santa Catarina de 1941 a 43, eles executam verdadeiras obras de arte, com um formão côncavo na mão direita e um martelo na esquerda. Como todos os imigrantes e seus descendentes, Godofredo considera-se "um católico de primeira linha". Por isso, declarou-se realizado quando, depois de seis meses de trabalho, concluiu a imagem do Cristo crucificado, medindo 4,20m.

O *Tirol Brasileiro* mantém um verdadeiro culto à memória do ministro austríaco Andreas Thaler, que criou a colônia há 40 anos



Cerâmica Sta Catarina fez a arte entrar na cozinha

Talvez não fique bem uma obra de arte na cozinha. Mas se a arte entrar na cozinha sob a forma de azulejo, você faz objeção? Ou você não quer embelezar sua cozinha? Os azulejos Sta. Catarina são rigorosamente uniformes, não gretam e tem côres e padrões maravilhosos. Fabricados por uma das indústrias mais progressistas do Sul, atualmente em fase de expansão, para enfrentar o constante aumento da demanda. Em materia de azulejos decorados e lisos, de pisos. Faiança, esqueça o passado. Compre a marca do momento: Cerâmica Sta. Catarina.



CERÂMICA SANTA CATARINA S.A.
RUA ANITA GARIBALDI, 430 - FONES: 2335 e 2354 - CRICIUMA - SANTA CATARINA

REPRESENTANTES: ALCEU VICENTE GODINGO PÔRTO ALEGRE RS - LÚCIO AMORIN & FILHO LTDA. F. 25-2019 PÔRTO ALEGRE RS - PLINIO SCHUCHOVSKI F. 23-7549 CURITIBA PR - LUIZ CLÁUDIO FAUSTINI CRICIÚMA SC - YORK REPR. LTDA F. 39-27 DUQUE DE CAXIAS RJ - YORK REPR. LTDA. F. 228-2762 GUANABARA RJ - [illegible] LTDA. F. 6-2765 GOIÂNIA GOIÁS - COMÉRCIO E REPR. VOLPATO F. 22-1745 BLUMENAU SC - JOSUÉ O.S.AREÃO F. 243-3984 E [illegible]

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÉ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Lancaster®

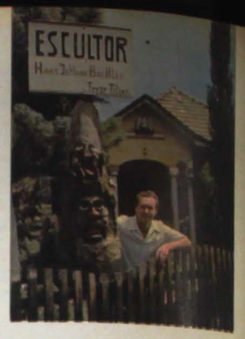
a malha do homem

BLUMENAU-SC

LANSUL® Crylor



Jovens e artistas da cidade vão festejar o 7 de Setembro com um grande festival tirolês





As obras de dois escultores de Treze Tílias, Hans Bahler e Godofredo Thaler, já adquiriram fama nacional.

A obra, em madeira de cedro, transmitia um sentimento tão piedoso e cristão que foi levada para Brasília, por ocasião do Congresso Eucarístico. Terminado o Congresso, a imagem foi removida para a Igreja de D. Bosco, onde hoje pode ser admirada. Godofredo está esculpindo agora um São José e uma Nossa Senhora, ambos com 3,50 m de altura, encomendados pela Companhia de Jesus. E como é fã de Pelé, está trabalhando no esboço de um busto do Rei. Hans Bahler trabalha em esculturas indígenas, em bustos de vultos da História do Brasil, mas seu grande orgulho é um magnífico conjunto de peças de xadrez, encomendado pelo Governador Colombo Salles para oferecer ao Ministro Mário Andreazza. Trata-se de um conjunto original, onde os peões permanecem em posição de defesa, a rainha ostenta uma delicada coroa e os cavalos, com as patas dianteiras para o alto, preparam-se para o salto. André Thaler, o mais idoso dos três artistas, é um primitivo. Apesar das aulas que recebeu do mestre Moser, mantém-se fiel aos seus sentimentos e executa no cedro, na imbuia ou no pau-marfim o que lhe dita a imaginação nos momentos de inspiração.

Para Ivo Hartmann, prefeito de Treze Tílias, os tiroleses estão inteiramente integrados nos costumes e hábitos do país. Na refeição matinal, café com leite, pão e manteiga. Ao meio-dia, o prato preferido é arroz com feijão e bife. À noite, não dispensam a sopa. Mas há vinte anos os tiroleses mantinham tradições peculiares, que hoje as gerações mais novas não aceitam facilmente. Durante o carnaval, por exemplo, a colônia reunia-se na terça-feira à tarde, no Hotel Áustria, e improvisava um palco, no hall de entrada. Durante seis horas realizavam uma espécie de retrospectiva teatral dos fatos que marcaram os 360 dias passados, sempre com um tom de malícia picante. Até mesmo alguns casos mais íntimos eram encenados diante do público. Tudo dentro da melhor esportividade tirolesa. Casamentos aos sábados e domingos? Nunca. Respeitado por todos e rigorosamente acatado em todas as decisões, Monsenhor João Reitmeier só celebrava núpcias de segunda a sexta-feira. "Lembro-me como se fosse hoje" conta o Prefeito Ivo Hartmann. "Foi no dia 16 de abril de 1956 que aconteceu a última grande festa casamenteira da colônia. Gottlieb Wolfgang Grander casava-se com Gertrand Gwiggner. Terminada a cerimônia, os noivos, convidados e familiares reuniam-se no Clube Papuan para a primeira rodada de chope. Repentinamente, a noiva desaparecia. O noivo saiu à sua procura. Localizada na casa de um padrinho, os dois voltavam e começava a segunda rodada. E a brincadeira se repetia até o jantar, quando marido e mulher se recolhiam ao lar."

UM detalhe típico: a festa sempre ficava por conta dos convidados. Uma semana antes, um representante da família, em trajes característicos, percorria a vila fazendo os convites. Em cada casa recolhia uma contribuição, cujo montante dependia dos laços de parentesco, situação financeira, número de filhos, etc. Tudo dentro do mais perfeito figurino tirolês. Mas os jovens já estão em outra. Cabeludo como seus colegas de turma em São Paulo, o filho do escultor Hans Bahler justifica a extinção do ritual com dois fortes argumentos: "Segunda-feira é dia de trabalho e, no Brasil, as festas são marcadas para o sábado ou domingo. Além disso, após longas caminhadas no esconde-esconde e dez rodadas de cerveja, as primeiras noites do casal só poderiam ser dedicadas ao repouso." Mas jovens e velhos estão unidos na intenção de, aproveitando as festas do Sesquicentenário da Independência, reeditar autênticas tradições do Tirol. Até o dia 7 de setembro, prestarão as homenagens dos colonizadores austríacos ao povo brasileiro. Junto ao castelinho construído por Andreas Thaler, que é conservado como um monumento histórico.

ENGEPASA

Empresa jovem, fundada e dirigida por jovens, acredita no Brasil



Sediada em Joinville, terra das flores e do trabalho, a Engepasa iniciou suas atividades construindo estradas e aeroportos. Ampliou depois sua faixa de atuação para obras de engenharia urbana e construção civil. Sendo maior empreiteira catarinense, com um capital social de Cr$ 6.000.000,00, é responsável por 70% do total pavimentado em Santa Catarina. Em terraplenagem e pavimentação, destacam-se as estradas Blumenau—Gaspar, Campo Alegre—S. Bento do Sul, S. Bento—R. Negrinho, R. Negrinho—Mafra, Mafra—Canoinhas, Rio do Sul—Pouso Alegre. Fez, ainda, os acessos às torres da Embratel nos Estados do Paraná, Santa Catarina e R. G. do Sul, incluindo aí, além das estradas, as obras de construção civil nas 17 torres do sistema. Atualmente conclui a construção do pronto-socorro municipal de Joinville e várias residências, inclusive a sede da empresa, cuja fotografia está se tornando cartão de visita da cidade. Outras obras importantes são os aeroportos de Itajaí e Joinville, incluindo-se neste último a bela estação de passageiros em fase de inauguração. Em 1972, a Engepasa já assinou quatro contratos, estando em fase de instalação e início as seguintes obras: reconstrução e ampliação do aeroporto de Foz do Iguaçu; construção da nova pista e ampliação do aeroporto de Florianópolis; acesso do mesmo à cidade; e pavimentação do trecho Joaçaba—Vargem Bonita da BR-282.

ENGEPASA ENGENHARIA DO PAVIMENTO LTDA





UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

AS REGIÕES BEM DETERMINADAS DA REGIÃO SERRANA E DO VALE DO RIO DO PEIXE, COM CLIMAS QUE VÃO DA NEVE AO CALOR TROPICAL, PERMITEM O CULTIVO DE TODAS AS DELICIOSAS FRUTAS EUROPÉIAS, DA UVA À MAÇÃ E ÀS CEREJAS

O POMAR DO SUL

O agricultor Arcelino João Gonçalves, quarenta e tantos anos, casado, pai de 12 filhos, vendeu tudo o que possuía em Meleiro, no Sul de Santa Catarina, e mudou-se com armas, bagagens e família para o Núcleo de Fruticultura Celso Ramos, no município de Curitibanos, no vale do Rio do Peixe. Objetivo de Arcelino, segundo suas próprias palavras: "**Futurar** o futuro." Ele dedicou-se à fruticultura de clima temperado e mais precisamente ao cultivo da saborosa nectarina, uma espécie de pêssego com alguma coisa de ameixa. No meio das árvores frutíferas, plantou feijão e soja. Cada hectare cultivado com nectarina rende de 30 a 40 mil cruzeiros por ano. Após seis meses de trabalho, Arcelino acha que fez muito bom negócio. As outras 225 pessoas que atualmente trabalham naquele núcleo também estão satisfeitas. São 35 famílias japonesas e dez famílias brasileiras, que já plantaram 1.200 hectares de árvores que produziram na última safra dois milhões de frutas. Comercializadas nos grandes centros de consumo, renderam um milhão de cruzeiros. Isso deu excelente lucro a todos os colonos do núcleo. O japonês Hideo Kobashikawa, por exemplo, está em Curitibanos há sete anos e um carro último tipo na sua garagem dá a medida exata do êxito que ele alcançou. Isto vem confirmar a opinião de diversos técnicos que há muito consideravam a zona fisiográfica do vale do Rio do Peixe e o planalto de Lajes — cujas cidades mais importantes são Lajes e São Joaquim — como uma das áreas mais favoráveis do país ao cultivo das frutas de clima temperado. Mas apesar do clima e da terra ajudarem, a produção de frutas, no vale do Rio do Peixe, processava-se, até pouco tempo, de forma empírica e em pequena escala, constituindo-se muitas vezes em apenas renda suplementar da família rural. Somente a vinicultura era explorada tradicionalmente. O vale é uma região alta, sem várzeas, onde rios sinuosos e florestas virgens confundem-se, na paisagem, com terras férteis e cultivadas. Quem atravessa o vale do Rio do Peixe encontra, além de grandes morros, horizontes escarpados e verdes de se perderem de vista, cidades como Curitibanos, Fraiburgo, Videira, Caçador, Campos Novos, Joaçaba e Concórdia, todas elas com seus pomares, vinhedos, serrarias, frigoríficos e curtumes. Já existia também uma tradição de cultivo de frutas de clima temperado em São Joaquim, no planalto de Lajes, cidade conhecida nacionalmente por suas maçãs e por causa da neve (apesar de não nevar lá há dez anos).







A colheita das nectarinas (ao alto) é ocupação agradável, que prenuncia lucros próximos. A seguir, a uva catarinense e mais uma vez a nectarina, uma espécie de pêssego. Na foto maior, a maçã.

MAS só de uns oito anos para cá é que surgiu o impulso fundamental para a criação do Projeto de Fruticultura de Clima Temperado em Santa Catarina. Isso foi motivado pela chegada, no vale do Rio do Peixe, de um grupo de franceses-argelinos que resolveu realizar na cidade de Fraiburgo (fundada pelo francês René Frey) uma experiência em larga escala com frutas de clima temperado. As primeiras mudas vieram da França e com a cooperação de Georges Delbard, considerado um notável viveirista e fruticultor francês, foram implantados os primeiros viveiros experimentais. Após oito anos eles chegaram à conclusão que determinadas variedades adaptavam-se razoavelmente na área.

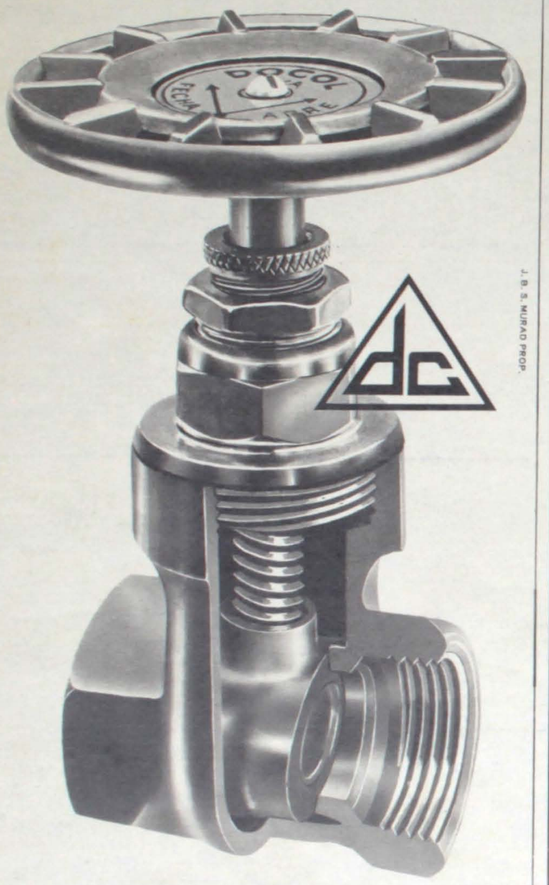
Texto de RAUL CALDAS FILHO
Fotos de DOMINGOS CAVALCANTI

SANTA CATARINA

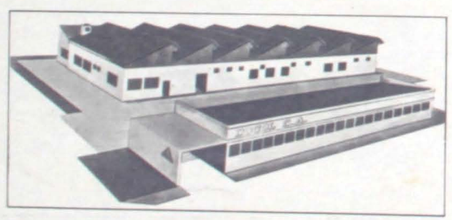


UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

DOCOL



J. B. S. MURAD PROP.



DOCOL S.A.

INDUSTRIA E COMERCIO

RUA VISCONDE DE MAUÁ, 67 TELEFONES: 2305 - 4139 ▬ 89 200

CAIXA POSTAL 724 - ENDEREÇO TELEGRÁFICO: "DOCOL"

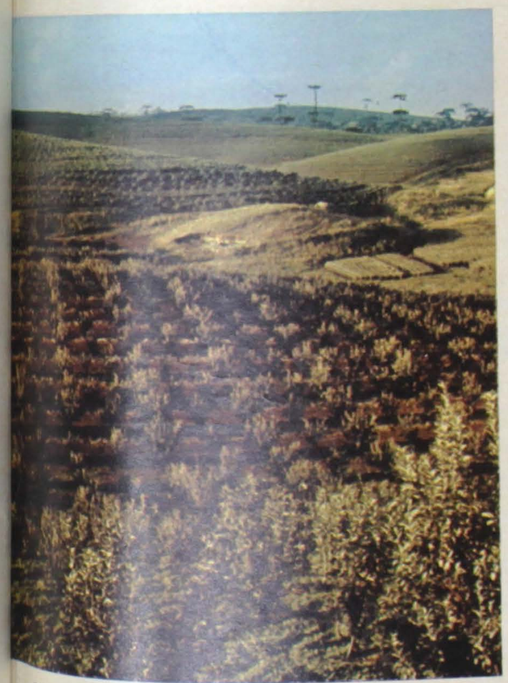
JOINVILLE - SANTA CATARINA



Na serra de Lajes, a topografia oferece condições excepcionais para frutas de clima temperado, como o pêssego, que surge na sua floração.

SANTA CATARINA PRODUZ MAÇÃS E NECTARINAS PARA O MERCADO INTERNO E EXPORTAÇÃO

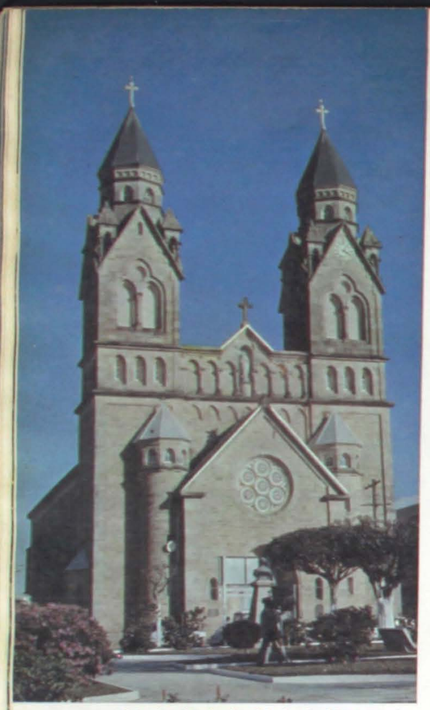
ISSO levou o governo a ampliar o cultivo de frutas dessa espécie, utilizando os resultados já alcançados. Foi elaborado então um Projeto de Fruticultura de Clima Temperado, pela Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina, que será executado até 1975. Além de propiciar assistência técnica e permanente, o projeto pretende produzir frutas para abastecer o mercado interno brasileiro a preços mais acessíveis e libertar o país da importação. Para Glauco Olinger, secretário de Agricultura do Estado, diretor-executivo da ACARESC e um dos maiores incentivadores do projeto, o programa tem como meta primordial transformar o estado no maior produtor de maçãs e nectarinas do país. "É preciso apenas", diz ele, "aprimorar um pouco mais o nosso nível técnico. E isto conseguiremos logo." Glauco Olinger vê também no projeto uma fórma de resolver o problema econômico dos agricultores da região e o problema social que é o minifúndio. Esses pequenos produtores estão sendo organizados em associações e cooperativas, com o objetivo de encontrar uma solução de comercialização adequada. O trabalho pioneiro da família Frey em Fraiburgo, associado às estações experimentais, aos centros de treinamento e outros órgãos agrícolas do governo, fez com que os colonos da região acreditassem no valor econômico e comercial das frutas. E passaram a usar crédito para a fruticultura, que o Banco do Brasil concede dentro do programa orientado pela ACARESC. Disso resultou também a criação de firmas nacionais dedicadas ao plantio dos frutos de clima temperado, de cultivo corrente na Europa, devidamente orientadas por técnicos estrangeiros e brasileiros. Foi montada uma vinícola com produção de 4 milhões de litros de vinho. E usando novas técnicas de adubação, espaçamento adequado, controle sanitário e aproveitando as condições excepcionais do regime pluviométrico, os franceses de Fraiburgo tornaram-se em pouco tempo os maiores plantadores de maçãs da região.



O vale do Rio do Peixe é uma região alta, sem várzeas, onde rios sinuosos e florestas virgens se confundem, na paisagem, com terras férteis e cultivadas. Na foto, uma plantação de maçãs.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Esta é a igreja da cidade de São Joaquim, uma das poucas cidades do Brasil em que neva, no inverno. Sua localização permite aos agricultores produzir maçãs de excelente qualidade.

COLONOS JAPONESES E BRASILEIROS ESTÃO GANHANDO MUITO DINHEIRO COM A PRODUÇÃO DE FRUTAS

SITUADA a setenta quilômetros a oeste da BR-116, que corta Santa Catarina ligando o Rio a Porto Alegre, Fraiburgo desligou-se há 8 anos de Curitibanos e tomou o nome de seus povoadores. O primeiro Frey veio em 1919 da Alsácia. Não é por coincidência, portanto, que o atual brasão do município lembre o brasão alsaciano. Inicialmente, René Frey implantou naquele local uma fábrica de papel e tentou, em seguida, a suinocultura. Mas só encontrou seu caminho na fruticultura. Hoje, cerca de 20 municípios próximos a Fraiburgo possuem pomares cultivados com plantas importadas da França pela família Frey.

Centenas de colonos em toda a região têm plantações de um a dois hectares de macieiras anãs. Nos vários pomares das organizações Fraiburgo, duas são as macieiras mais cultivadas: a tipo **Golden Spurr,** de coloração amarela, e a **Red Spurr,** de cor vermelha. Mas dezenas de outras variedades continuam sendo pesquisadas, dentro das mais modernas técnicas, entre elas a **Blackjon** (vermelha) e a **Willie Sharp** (amarela). A maçã, seja ela de que tipo for, é um excelente negócio e Santa Catarina tem abastecido o mercado nacional, esperando tornar o país auto-suficiente em cinco anos. A próxima etapa será a exportação.

A grande novidade, porém, entre as frutas de clima temperado, é a nectarina, que está sendo consumida em grande escala nas metrópoles brasileiras, em especial no Rio e em São Paulo. A nectarina não passa de um pêssego que, sofrendo variações genéticas, ficou com a casca lisa e com o sabor entre pêssego e ameixa. A nectarina foi introduzida no Sul do Brasil por imigrantes que trouxeram mudas e pelas estações experimentais, principalmente a de Pelotas, que há muito tempo mantém intercâmbio material com os Estados Unidos. A nectarina atualmente em produção em Curitibanos pertence à variedade **Goldmine,** enviada pela estação experimental de Pelotas ao antigo posto de fruticultura de São Joaquim. A fruta foi então difundida no meio rural, sem que sua produção fosse muito expressiva, até 1964. Neste ano, os colonos japoneses radicados em Curitibanos, aproveitando ramos de plantas isoladas, formaram os pomares que hoje estão em produção. E estão produzindo tão bem que justifica-se a alegria dos colonos do Núcleo Celso Ramos. Hideo Kobashikawa, por exemplo. Com os lucros que obteve já foi ao Japão, comprou automóvel e uma casa. Em sete anos Hideo tornou-se o mais próspero plantador do local. Este ano ele colheu sete mil caixas de nêsperas, liquidou as dívidas e ainda sobrou dinheiro. Arcelino João Gonçalves vai pelo mesmo caminho. Ele coça a cabeça quase branca, olha para as árvores com os olhos bem acesos, puxa um cigarrinho e diz: "Vai dar fruta de não acabar mais. Assim dá gosto trabalhar."

o que acontece quando você dá um instrumento musical da marca Hering?



A criança brinca todos os dias da ano. E todos os anos da infância. Não só porque o interêsse dura, mas o instrumento também dura: tem uma qualidade comparável aos melhores instrumentos do gênero do mundo. É o que não acontece com a maioria dos brinquedos que você dá. O entusiasmo das crianças dura alguns dias, depois o brinquedo é abandonado. Hering: o único brinquedo que não cansa.

HERING desde 1925

Fabricantes também de: Rolomag - Limpamag - Artigos Plásticos - Manufaturados de Madeira.

FÁBRICA DE GAITAS ALFREDO HERING S.A. - COMÉRCIO E INDÚSTRIA
LARGO CEL. FEDDERSEN, S/N.º - TELS. 22-0463 e 22-0044 - (DDD-0473) - CX. POSTAL 115
BLUMENAU - STA. CATARINA

J. B. S. MURAD PROP.

um banho de maciez

Depois do banho de água, tome um banho de maciez: use uma toalha Indaial. Produzidas por um processo especial, as toalhas Indaial são uma verdadeira homenagem à sua pele.
E são também uma homenagem a seu bom gôsto: é difícil encontrar padrões e côres mais lindos do que os nossos.

J. B. S. MURAD PROP.

TOALHAS indaial

TECELAGEM E MALHARIA INDAIAL S.A. FÁBRICA DE TECIDOS FELPUDOS RUA MARECHAL FLORIANO PEIXOTO, 284 - FONE 13 TELEGRAMA: "TEMISA" - Cx.P. 17 - INDAIAL SANTA CATARINA - BRASIL

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

AS 12 MAIS DE SANTA CATARINA

O cronista social **Carlinhos Muller,** o mais badalado de Santa Catarina, há sete anos publica sua lista das senhoras mais representativas da sociedade catarinense. Diz ele que "num estado onde as mulheres se destacam pelo bom-gosto" não é nada fácil fazer a relação. E mais: "Genericamente, haveria muitas outras mulheres que poderiam figurar, com o mesmo mérito, numa seleção como esta. A atual se compõe de senhoras de diferentes regiões do estado. Foram elas as **patronnesses** do Baile Oficial de Debutantes de Santa Catarina, festa filantrópica que se realiza a cada ano no Marambaia Cassino Hotel, no Balneário Camboriú. E conclui o cronista: "Parodiando o poeta Vinícius de Morais, pode-se afirmar que elegância também é fundamental."



Senhoras da sociedade catarinense estão representadas na lista das 12 mais de 1971, organizada pelo cronista Carlos Muller. Acima, ladeando D. Daysi Werner Salles, esposa do Governador Colombo Salles, as Sras. Dea Barreto Bornhausen, de Blumenau, e Teresa Borges de Freitas, de Criciúma. Na foto ao lado, da esquerda para a direita: Eliana Carneiro da Cunha Cherem, de Florianópolis; Maria José Lobo Jardim Douat, de Joinville; Maria Dias Ramos Coutinho, de Itajaí; Lourdes Macedo Barroso, de Lajes; Erica Conrad, de Blumenau; Yedda da Gama Lobo D'Eça Mesquita, de Florianópolis; Yoldir Bauer Tranczinski, de Rio do Sul; Jane Lummertz Silva, de Blumenau; e Traute Hering Zadrozny, também de Blumenau.

Fotos de Juvenil de Sousa



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O Governador Colombo Salles admite a existencia de um prodigi catarinense, mas só acredita em planificação

Entrevista a LAGO BURNETT ● Foto de DOMINGOS CAVALCANTI

OS cabelos prateados não prejudicam a imagem do jovem que se superpõe à do adulto no riso franco e no olhar sincero. Antes, contribuem para lhe definir o charme, que ele reforça com o timbre de voz naturalmente empostada e a prosa fluente dos homens simples.

Catarinense de Laguna, apolítico, engenheiro, 48 anos, o Governador Colombo Salles apenas disfarça, no diálogo bem-humorado, a grande preocupação que carrega desde que foi escolhido pelo presidente da República para dirigir os destinos de um estado da importância de Santa Catarina. Seu lema é unir e desenvolver.

Muito mais do que um **slogan** de governo, esse dístico representa uma necessidade inadiável e irreversível para que Santa Catarina deixe de ser um arquipélago. Somente a divisão geográfica permite situar o estado sulino como um todo, separando o Rio Grande do Sul do Paraná. Daí a preocupação do Governador Colombo Salles em fortalecer o espírito comunitário, através de uma autêntica peregrinação por todo o estado, durante os meses que antecederam a sua posse, em 15 de março de 1971.

Ouvindo reivindicações, dialogando com empresários, homens do campo, líderes políticos, foi possível reunir em um documento — **Projeto Catarinense de Desenvolvimento** — não uma plataforma de governo, mas a radiografia sem retoques da realidade catarinense. Uma radiografia que permitiu dimensionar o esforço de três milhões de brasileiros, espalhados em 197 municípios, para o esforço em busca de uma taxa de desenvolvimento capaz de imprimir um ritmo revolucionário na integração governo-povo-empresa, que, já em 1971, permitiu um crescimento de 14,8%.

NO ambiente distinto e sóbrio do Palácio residencial, em Agronômica, onde recebeu o repórter, quero saber antes de mais nada quais as metas principais do seu governo:

— Um estado que possui sete mil estabelecimentos industriais e mais de 200 mil estabelecimentos rurais necessita merecer do governo toda a gama de estímulos para que suas potencialidades sejam desenvolvidas ao máximo. Portanto, serviços e obras essenciais, como energia abundante, telecomunicações, sistema creditício diversificado e simplificado, estradas, recursos humanos especializados, são alguns pontos básicos e indispensáveis para um perfeito entrosamento entre o estado, criando condições, e a empresa, gerando riquezas. O homem catarinense é o início e fim de todo o esforço da comunidade. No plano interno, a estrutura administrativa foi totalmente reformulada, permitindo aos serviços públicos um rendimento adequado aos novos tempos, com a centralização da decisão e uma ampla descentralização administrativa.

— Para que a economia catarinense alcançasse a taxa de 14,8% em seu crescimento, qual a participação governamental nesse índice?

— Dispõe o nosso estado — responde o governador — de três mecanismos de participação, verdadeiros agentes do desenvolvimento: um organismo próprio, o FUNDESC (Fundo de Desenvolvimento de Santa Catarina), que analisa e coordena a aplicação de recursos dos agentes financeiros federais e das empresas e que participa igualmente com os seus recursos. Durante o último ano aprovou 67 projetos de implantação e ampliação de empresas, totalizando aplicação de Cr$ 208 milhões e permitindo a criação direta de 3.800 novos empregos.

EM segundo lugar, destaco o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), o maior agente financeiro do FIPEMES e do FINEP. A agência catarinense desse estabelecimento concedeu financiamentos na ordem de Cr$ 242 milhões, distribuídos em 105 projetos industriais e 656 projetos rurais, durante o período março/dezembro de 1971. No ano anterior, foram concedidos financiamentos de Cr$ 47,2 milhões, registrando-se um incremento de 500%. Esse dado é uma demonstração bastante eloquente da integração governo-empresa.

Finalmente, o Governador Colombo Salles cita o Grupo Financeiro do Banco do Estado, que possui uma companhia de Crédito e Financiamento e Investimento e uma Distribuidora de Valores. A recente crise agrícola gerada pela prolongada estiagem encontrou uma Carteira de Crédito especializado que aplicou mais de Cr$ 18 milhões em 3.400 financiamentos específicos. Com uma diretoria eminentemente empresarial, transformando o Banco do Estado em uma empresa rentável, que já representou um crescimento de 16%.

— SUAS ações negociadas através de uma operação de **underwriting** com um ágio de 180% sobre o seu valor nominal de Cr$ 1,00 brevemente estarão sendo negociadas nas principais bolsas do país. Numa outra faixa, opera a Caixa Econômica Estadual, agente financeiro do BNH. Assim, dentro do nossa filosofia de unir para desenvolver, o governo propicia à iniciativa privada os meios indispensáveis ao crescimento global da economia. Em Santa Catarina, como em todo o Brasil, não existe "milagre". O que existe é a identificação e a conscientização dos problemas existentes, e os caminhos para enfrentá-los.

Quero saber quais os setores em que o governo de Santa Catarina se sente menos amparado pelo governo federal. E o Governador Colombo Salles me responde que "a perfeita identificação do crescimento nacional com a correção das distorções regionais, para um esquema geral de desenvolvimento, permite dizer que não existe desamparo".

— O fortalecimento do poder central e a fixação de prioridades pode parecer aos descrentes um processo de supervalorização de uma determinada região sobre outra. Especificamente, em Santa Catarina não sentimos esse problema.

O Ministério dos Transportes concluiu a BR-101 e já iniciou a primeira etapa da BR-282, ligando São Miguel d'Oeste com a rodovia federal Porto Alegre—Curitiba, criando uma transversal da maior importância para a união do território catarinense. Complementando essa obra estamos nós, do estado, viabilizando as primeiras estradas vicinais, ligando os municípios às rodovias federais. Com o BNH, já obtivemos recursos da ordem de Cr$ 232 milhões destinados ao saneamento básico que utilizaremos através da Companhia de Águas e Saneamento para levar esse benefício a 62% da população catarinense.

NA área do Ministério das Comunicações estamos obtendo recursos para a modernização da rede telefônica, com a introdução dos sistemas de microondas e DDD, de acordo com o Plano Diretor da COTESC — Companhia Catarinense de Telecomunicações. No setor energético, recuperamos financeiramente a empresa estatal, a CELESC — Centrais Elétricas de Santa Catarina, dando-lhe uma nova imagem perante a Eletrobrás, fornecedores e usuários.

Um programa de eletrificação rural está em franca execução, sem aumentos tarifários, apenas imprimindo uma administração gerencial para uma sociedade de economia mista responsável por uma arrecadação equivalente a um quinto do orçamento estadual.

— Entretanto — frisa o Sr. Colombo Salles — todo o sul de Santa Catarina aguarda com muita expectativa a definição do Ministério das Minas e Energia no que concerne à implantação da Indústria Carboquímica Catarinense.

À pergunta sobre se existe algum projeto global visando corrigir distorções resultantes do flagrante contraste econômico entre os muitos municípios do estado, explica o governador que o Projeto Catarinense de Desenvolvimento tem equacionado as múltiplas ações para corrigir as distorções "realmente existentes".

— Com uma peculiaridade — acrescenta — bastante animadora para a efetiva correção: aplicamos em Santa Catarina a política federal do Ministério do Interior no que se refere ao microrregionalismo. Os 197 municípios estão agrupados em 13 associações. Assim tratamos de um planejamento voltado para as regiões e não para cada município.

SANTA CATARINA UNIAO E DESENVOLVIMENTO



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

FÁBRICA DE MÁQUINAS E FUNDIÇÃO
Moritz
RUA URUGUAI Nº 48
ITAJAI - Sta. Cat.
C.G.C.M.F. 82.297.653
INDÚSTRIA BRASILEIRA

J. B. S. MURAD PROP.

As melhores betoneiras do Brasil são fabricadas em Sta. Catarina com esta marca



Quanto custa cada minuto de interrupção numa obra? Melhor que calcular o prejuizo é evitar êste prejuizo. As betoneiras Moritz têm um padrão técnico que constitui uma tranquilidade para quem constrói.

um produto garantido pela

FUNDIÇÃO MORITZ

RUA URUGUAI N.º 48 - ITAJAI - SANTA CATARINA

A TAXA DE CRESCIMENTO DO ESTADO FOI DE 14% EM 1971

O paternalismo político, o tráfego de influência, estão substituídos pela valorização e pela viabilidade econômica e social dos projetos integrados de desenvolvimento.

Proponho uma nova questão ao meu simpático entrevistado, a "grande figura humana" de quem Adolpho Bloch me havia falado com tanto carinho antes da viagem:

— Sabendo-se que Santa Catarina é um estado de incontida vocação para o turismo, quais os planos a curto e/ou a longo prazo que estão sendo elaborados a fim de dotar a região da infra-estrutura necessária para atender à procura sempre crescente de turistas do país e do estrangeiro?

— A nossa vocação para o turismo está sendo tratada com prioridade. Além de um estudo integrado realizado pela SUDESUL, do Ministério do Interior para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, estamos, através de financiamentos, criando condições para empresas hoteleiras aqui se instalarem. Os incentivos fiscais e os nossos mecanismos de crédito respondem por numerosos projetos turísticos.

O governador destaca ainda o incentivo à prática do **camping**, que já tem um núcleo em São Joaquim e outros em fase de implantação, e a pavimentação da BR-101, que trouxe um grande estímulo ao turismo. Aliás, nesse setor, o governo estadual mantém um departamento especializado e acaba de criar uma empresa — BESC Turismo — com a finalidade de dinamizar os investimentos e exercer, como autêntica empresa do setor, as técnicas de persuasão aos turistas brasileiros e estrangeiros para que incluam Santa Catarina em seus roteiros.

DECIDO partir para uma provocação, fomentar uma intriga:

— A espantosa explosão de Camboriú parece séria ameaça, em termos competitivos, ao turismo da capital. Como agir, em benefício do estado, para que uma cidade não prejudique a outra?

— O fenômeno de Camboriú — sentencia meu interlocutor — decorre de um crescimento desordenado e natural. O paradoxo está em que catarinenses, paranaenses, paulistas e até paraguaios descobriram, colonizaram e transformaram Camboriú numa autêntica colônia de férias, que durante o verão vive os seus momentos de maior beleza e esplendor.

Depois, até a próxima temporada, parece adormecer, descansando dos meses atribulados. Já a capital possui, além das suas inúmeras praias, pontos de atração permanente. Com a construção da nova ponte ligando a ilha de Santa Catarina ao Continente, ganharemos novas áreas capazes de permitir um crescimento ordenado, deixando intatas as construções açoreanas, marcos da nossa colonização e igualmente atrações turísticas.

CONCORDO em parte com o governador. Realmente, as praias de Florianópolis chegam a ser irreais. Mas, para vê-las, comi muito pó na estrada: quando deverão estar asfaltadas as estradas que levam às múltiplas praias da ilha?

— Os principais eixos rodoviários de incremento ao turismo de Florianópolis — Lagoa da Conceição, Ingleses, Canavieiras e Aeroporto — já tiveram as suas concorrências julgadas e, dentro de prazo razoável, estará resolvido o problema.

Saio das praias para a política:

— Politicamente, que dificuldades maiores tem se apresentado à sua administração?

— É público e notório que os governadores empossados em março de 1971 foram recrutados entre políticos e administradores. Pelo meu passado, estou enquadrado no segundo grupo. Minha formação profissional de engenheiro e administrador é responsável direta pela honrosa indicação do Presidente Médici. Todavia, não desconhecia que, ao assumir o governo e administrar Santa Catarina, estaria assumindo o diálogo político e, recentemente, o comando da Arena em meu estado.

Procuro sempre ouvir as críticas, nem sempre as mais elegantes e construtivas. Mas, dentro de uma linha de coerência, procuro realizar aquilo que minha consciência determina, voltado sempre para os objetivos que tenho em relação a Santa Catarina, procurando administrar em benefício da comunidade, sem preocupações com a escalada política. A liderança a mim confiada pelo Presidente Médici, quer administrativa, quer política, eu a exercito em toda a sua plenitude, diariamente.

— Comungo do sentimento geral — finaliza — pensando com os demais brasileiros que, juntamente com o Presidente Médici, também ajudamos a construir o Brasil.

Há quem pague milhões de dólares para falar em telefones brasileiros.

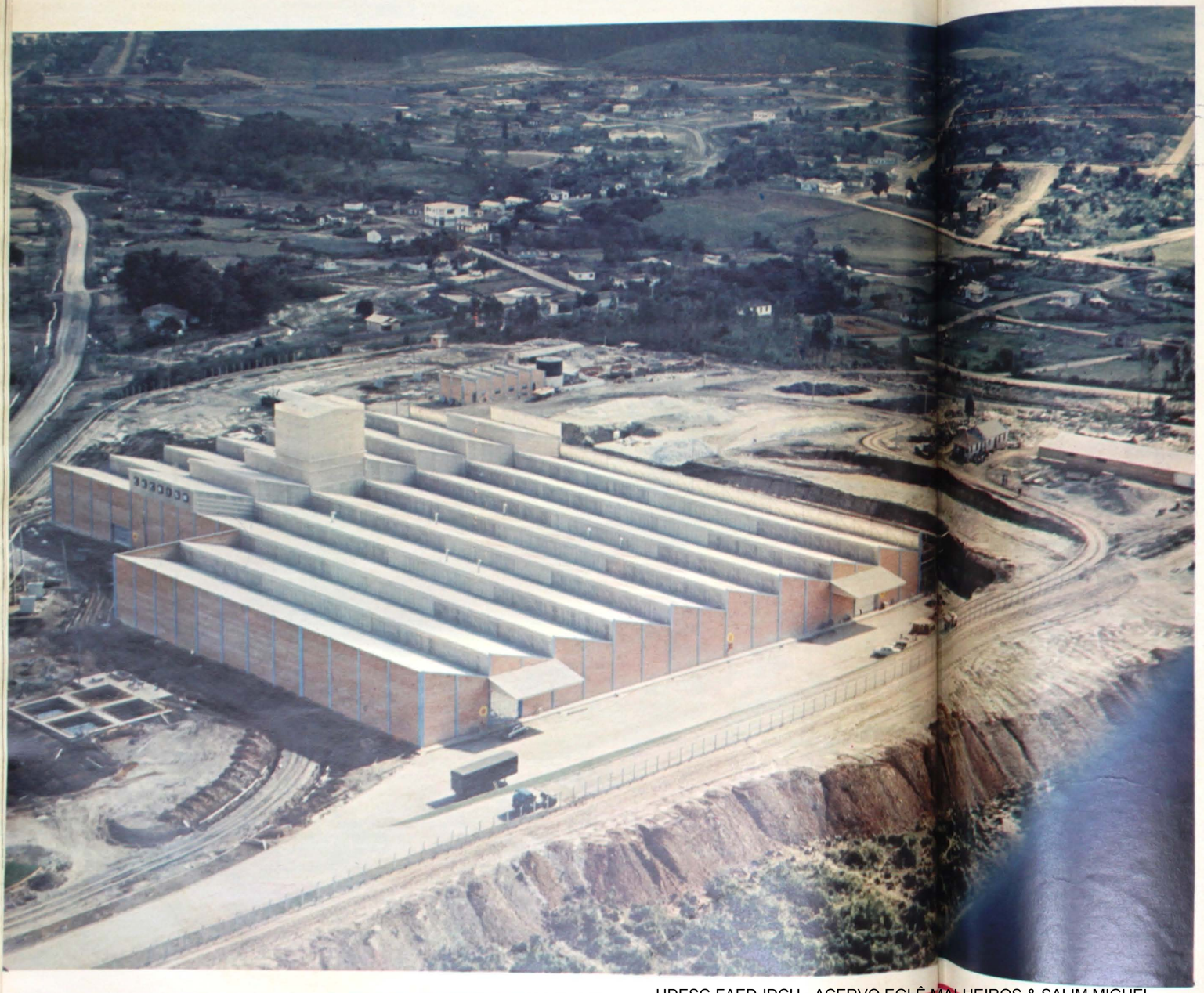
Em 1970, pagaram quatro milhões de dólares.
Em 1971, seis milhões e meio.
Em 1972, tudo indica que pagarão muito mais.
E olha que é gente muito importante no mundo inteiro.
Na América do Norte, quem mais fala em telefones brasileiros são os Estados Unidos e Porto Rico.
Na América Central, o México.
Na América do Sul, a Argentina, o Peru e o Chile.
Na Europa, a Itália, a França, a Bélgica, a Alemanha e a Inglaterra.
É para esses países que estamos exportando centrais telefônicas públicas, equipamentos de força, aparelhos telefônicos e PABX.
Todo esse equipamento é fabricado no Brasil pela Standard Electrica, com matéria prima e mão de obra nacionais.
Para este ano, prevemos um aumento considerável no volume das exportações.
E mais gente importante (como alguns países africanos e outros americanos e europeus) vai pagar milhões de dólares para falar em telefones fabricados no Brasil.

Standard Electrica ITT

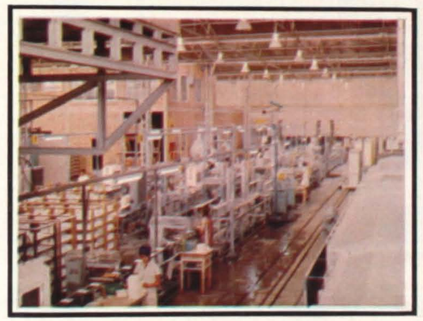


UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

DECORAÇÃO com BOM-GOSTO e QUALIDADE









A indústria de cerâmica CECRISA é uma das mais modernas de toda a América Latina. O equipamento, importado diretamente da Itália, representa o que existe de melhor no gênero, e os técnicos foram treinados na fábrica de Marano-Ticino, na Itália. A CECRISA produz três tipos diferentes de azulejos para uso normal e para decoração.

A CECRISA, de Santa Catarina, revoluciona o mercado nacional de azulejos

Localizada em Criciúma, junto à riquíssima região carbonífera de Santa Catarina, a CECRISA — Cerâmica Criciúma S. A. — é hoje uma das mais modernas empresas do gênero em todo o país. Planejada para produzir azulejos da mais alta qualidade técnica, a CECRISA utiliza maquinaria e equipamentos de origem italiana, que são considerados os mais avançados no ramo e representam o que há de melhor em matéria de engenharia cerâmica. Para atingir o nível de qualidade desejado, seus técnicos foram treinados em Marano-Ticino, hoje o maior centro cerâmico de todo o mundo. O controle de qualidade não se limita à seleção do produto acabado: é um cuidado constante em todas as fases da produção, com testes realizados em laboratório próprio, o mais moderno da indústria cerâmica da América Latina.

Por contar com requisitos técnicos que lhe permitem uma revolução no mercado, a CECRISA, não satisfeita com a qualidade do seu produto, partiu para uma política inovadora na representação de seus artigos, ao verificar, através de laboriosa pesquisa de mercado, que os azulejos brasileiros, apesar de possuirem qualificações técnicas excelentes, deixavam muito a desejar quanto à sua forma estética.

Fazia-se, portanto, organizar novos lançamentos, capazes de atender ao gosto e às exigências de clientes mais sofisticados.

Dentro da linha de renovação, veio ao mercado, em novembro do ano passado, um novo produto, com aceitação totalmente garantida, apesar do pouco tempo de lançamento: o azulejo de 15 cm x 20 cm, com decoração até cinco cores e desenhos exclusivos, criados especialmente na Itália para a CECRISA. Recentemente, a empresa iniciou a fabricação de três novos tipos de azulejos: tridimensionais, superpostos em relevo, para decoração de ambientes internos, desde bibliotecas até dormitórios. Tudo isto em menos de um ano de atividade.

A empresa foi projetada para produzir mensalmente 180 mil metros quadrados de azulejos de diversos tipos — brancos, coloridos e decorados em três etapas sucessivas, que serão concluídas no decorrer do corrente ano.

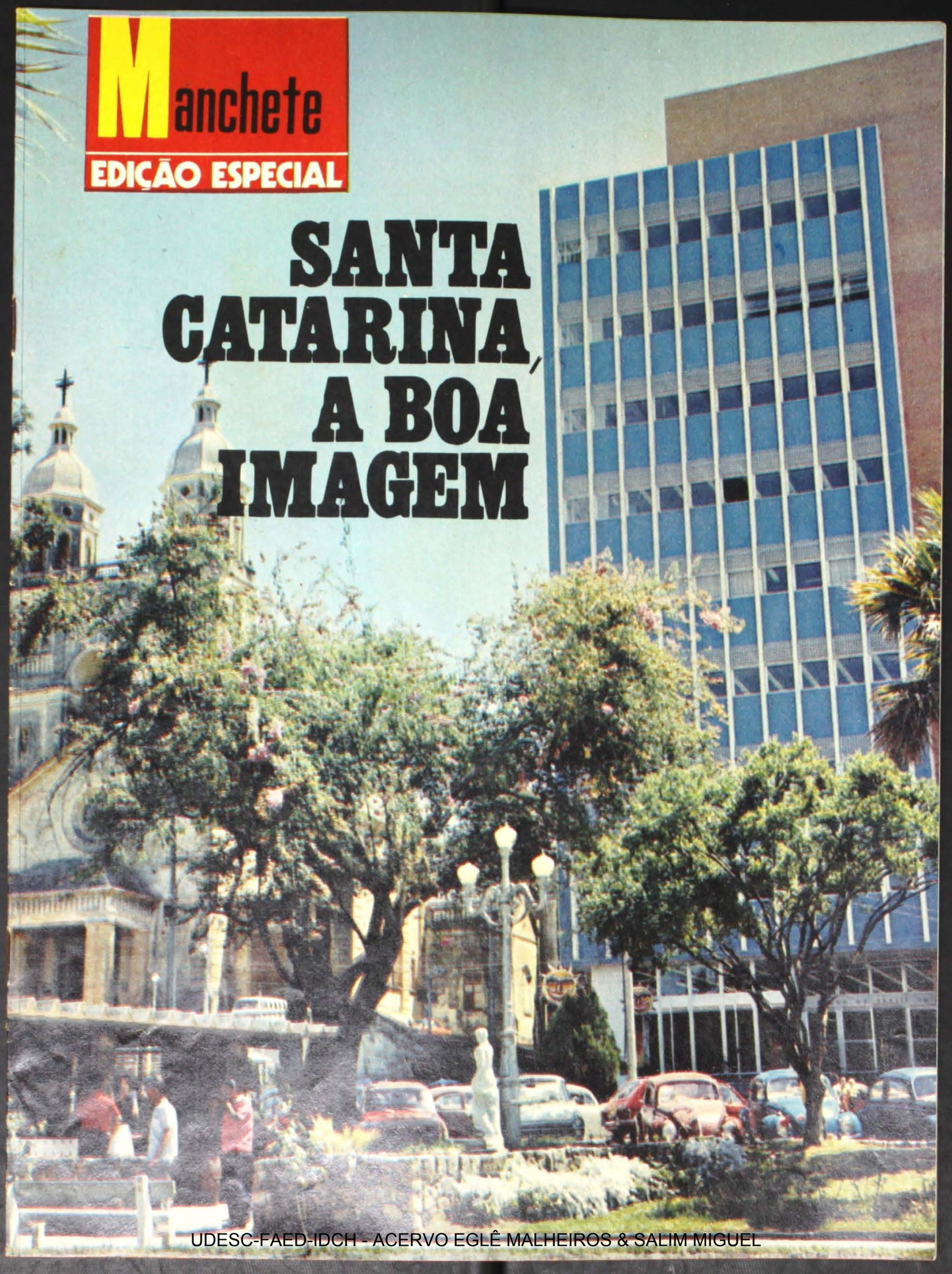
UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

019A - MIGUEL, Salim. Santa Catarina: a boa imagem. **Revista Manchete,** Rio de Janeiro, n. 1042, 8 de abril de 1972. Edição Especial - encarte

Manchete

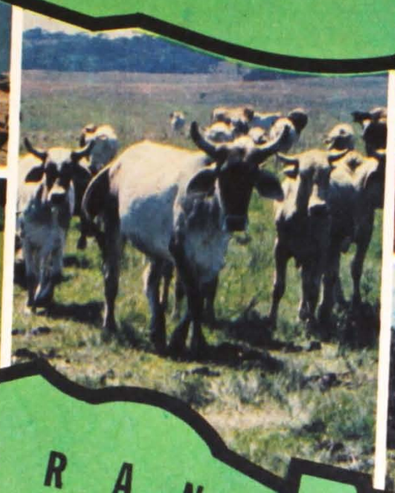
EDIÇÃO ESPECIAL

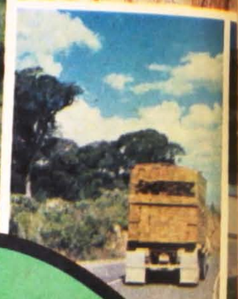
SANTA CATARINA, A BOA IMAGEM



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



























ARGENTINA

PARANÁ

RIO GRANDE DO SUL

OCEANO ATLÂNTICO

Terra e gente que se procura e luta por se afirmar

Fotos, imagens, sugestões. Um instante de Santa Catarina, rápida visão da boa terra e da boa gente **barriga-verde,** recortada no colorido de sua paisagem. Territorialmente o menor estado do Sul do país, imprensado entre o Paraná e o Rio Grande do Sul, é preciso conviver ali, se possível viver ali, com a gente e a terra, assimilando hábitos e costumes, para melhor compreendê-los. Em seus 95 mil quilômetros quadrados de extensão e nos seus três milhões de habitantes há uma diversidade de climas e de influências se entrechocando e fundindo. Mas de tudo isto — da permanência açoriana no litoral, da colonização alemã e italiana no Vale do Itajaí, no Norte e no Sul, da penetração do bandeirante na região Serrana, dos novos bandeirantes ítalo-gaúchos no meio e no extremo Oeste, de outros grupos de colonizadores mais recentes nas mais variadas regiões — tem-se uma síntese com cheiro e gosto de Brasil. E ao lado do labor diário nos campos e nas fábricas há uma inquietação e uma preocupação maior com o futuro do estado, que transparece na corrida às universidades, na obra dos escritores e artistas, nas manifestações folclóricas e no empenho dos administradores, dos trabalhadores e dos homens de empresa.

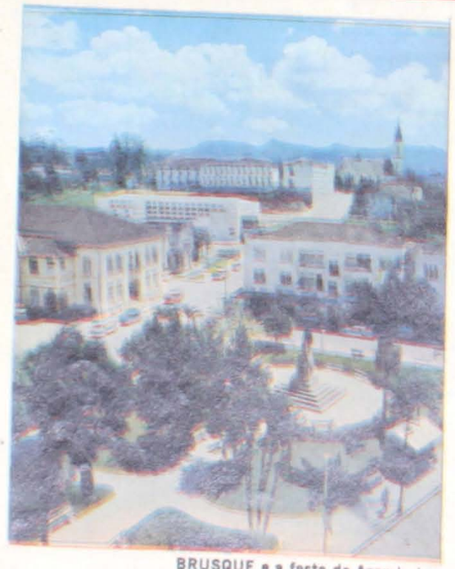
UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Em qualquer cidade a marca do progresso

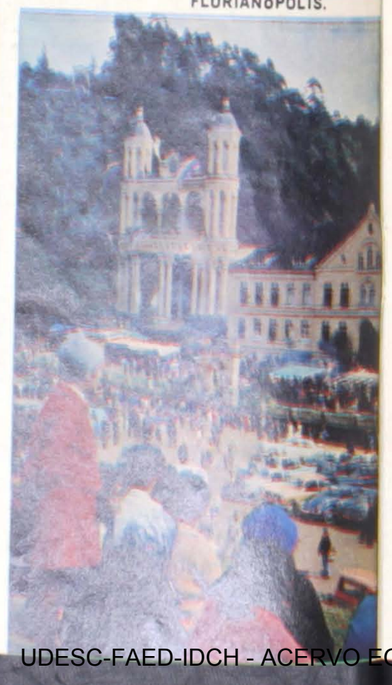


FLORIANÓPOLIS.

Ao contrário de outros estados brasileiros, Santa Catarina é marcado por uma característica identificadora: em suas diferentes regiões encontram-se comunas de importância e que participam ativamente do processo de desenvolvimento. Não é apenas ou só a capital ou centros tradicionais como Blumenau. De repente a gente depara com Jaraguá do Sul e suas 250 indústrias, ou Corupá e suas flores de exportação que rendem mais de 200 mil dólares por ano e levam ao mundo o nome da cidadezinha.



BRUSQUE e a festa de Azambuja.





RIO DO SUL.



S. BENTO.



JARAGUÁ DO SUL.



CORUPÁ.



BLUMENAU , a capital do Vale do Itajaí.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



VIDEIRA

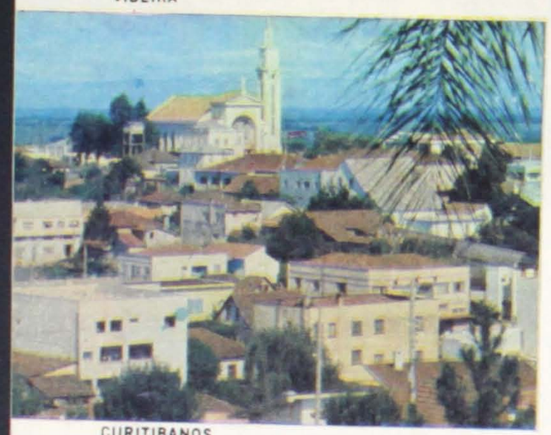


LAJES

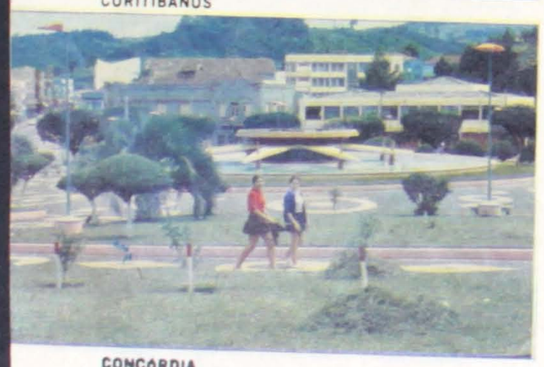
Velhas e novas cidades florescem



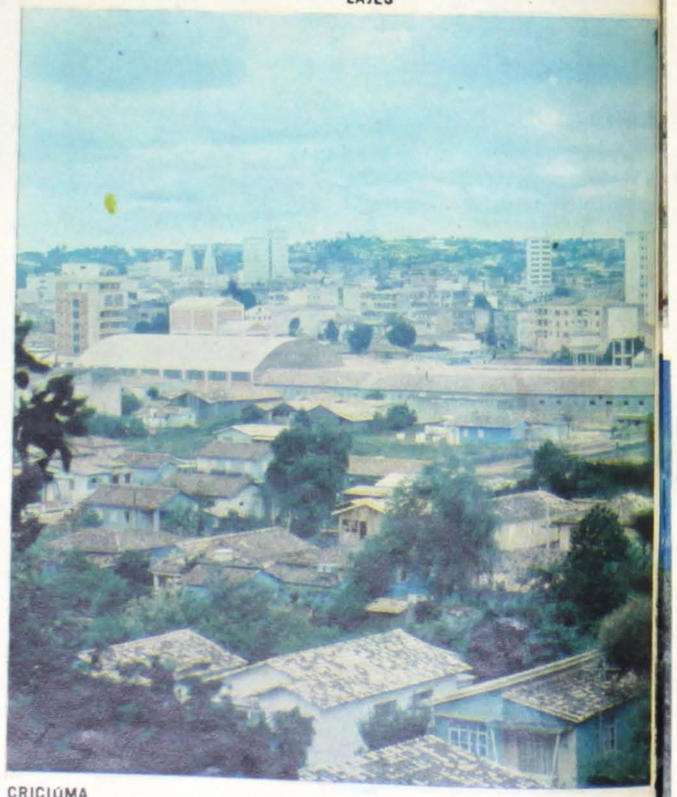
JOINVILLE



CURITIBANOS



CONCÓRDIA

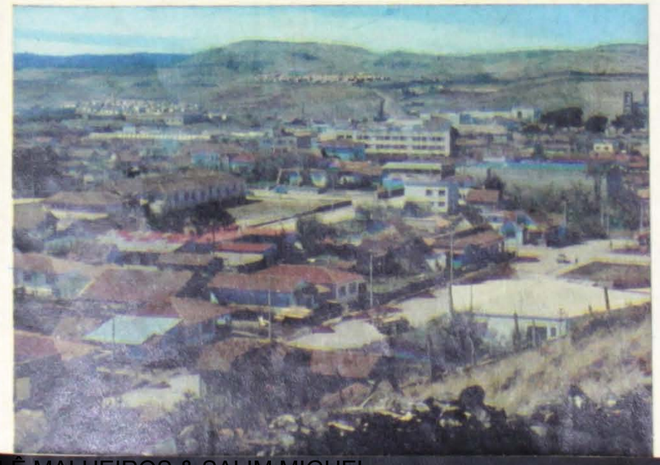


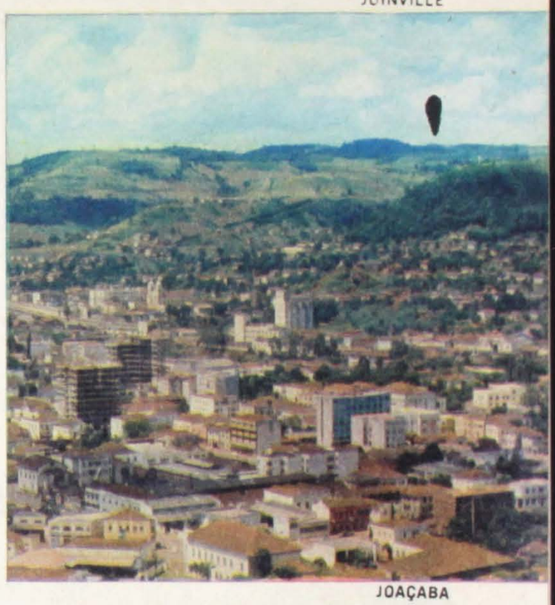
CRICIÚMA



CHAPECÓ (acima)

SÃO JOAQUIM (abaixo)



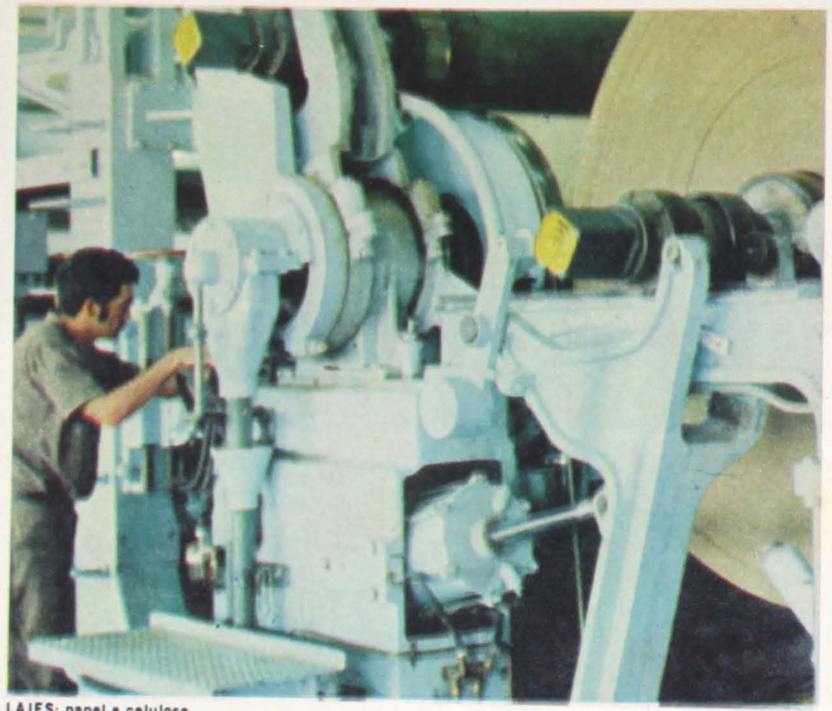


JOAÇABA

Joinville mais se afirma como parque industrial, Lajes se industrializa, outras cidades vão se modificando. Criciúma já não é apenas carvão. Videira, exportando pele de porco, cheira a vinho e frigorífico. Curitibanos é capital da madeira, da ardósia, da nectarina. Em S. Joaquim há neve e maçã. E no meio e extremo Oeste despontam Joaçaba, Concórdia, Chapecó.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

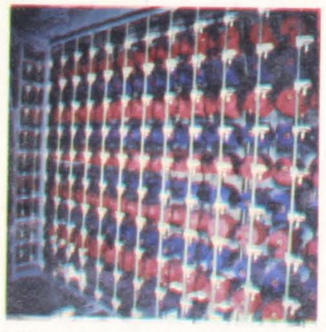
Extrativismo e transformação: indústrias que se completam



LAJES: papel e celulose.



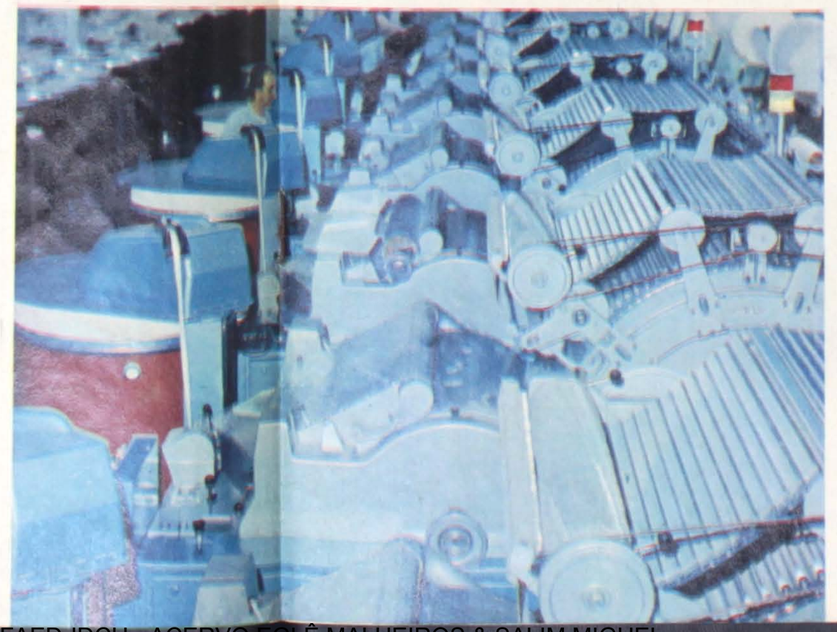
BLUMENAU: o reino dos felpudos.



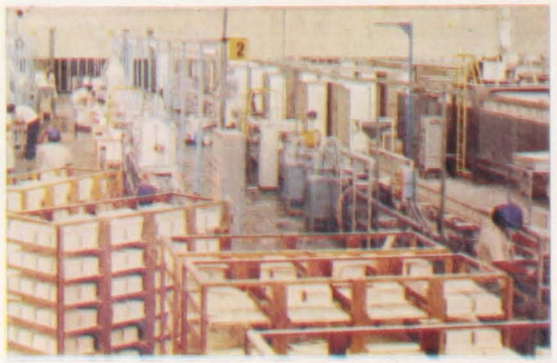
A indústria de transformação vai, aos poucos, ocupando lugar preponderante na economia catarinense. E mesmo em regiões onde o extrativismo ainda predomina, já se notam sinais evidentes de industrialização.



MADEIRA: uma grande riqueza



Com isto o estado se integra num todo, sem compartimentação estanque. Criciúma já não pensa só em termos de carvão. Nem o Oeste é apenas madeireiro. Ao lado de centros tradicionalmente industriais como o Vale e o Norte, outros contribuem com sua parcela no esforço comum.



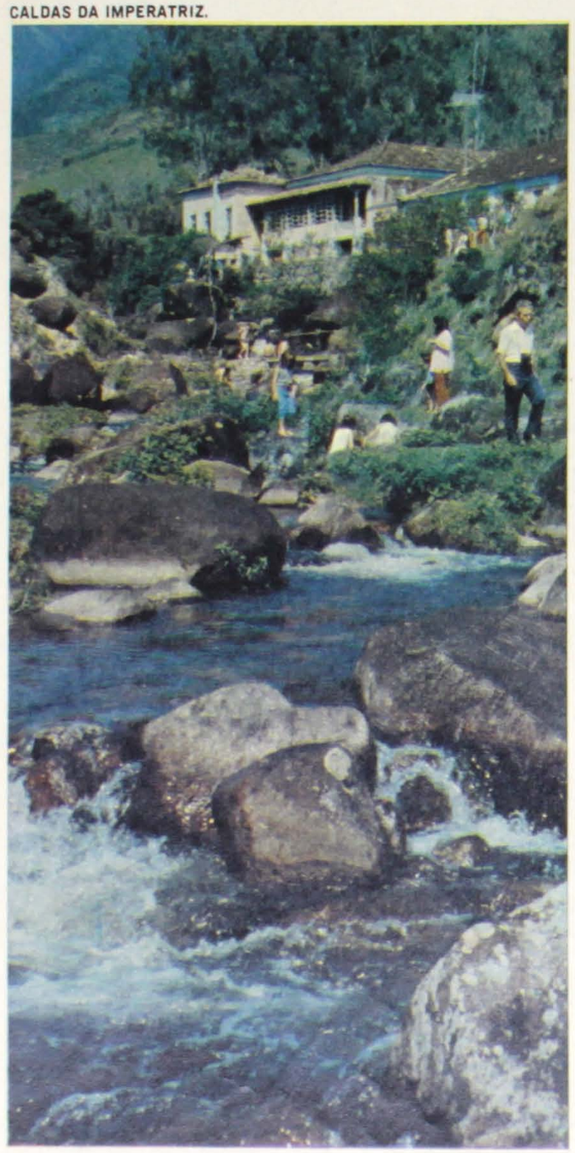
BRUSQUE: fiação e tecidos.

CRICIÚMA: cerâmica, outra opção.

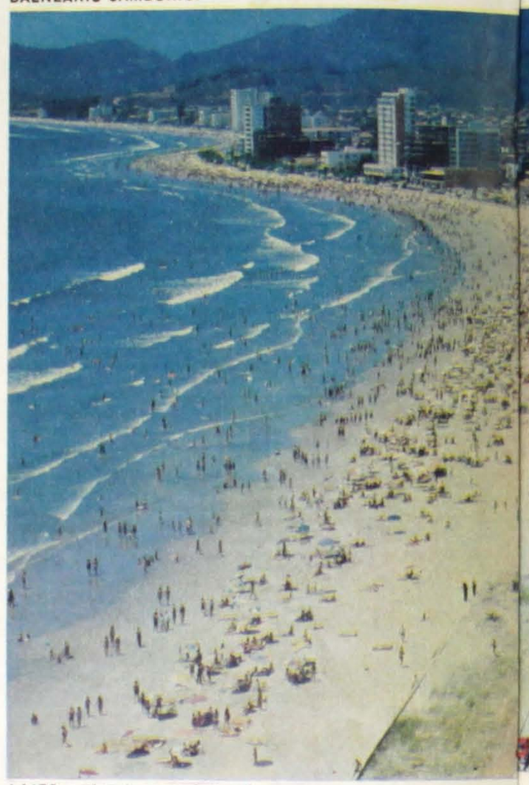
UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Terra onde há turismo para todos os gostos

CALDAS DA IMPERATRIZ.



BALNEÁRIO CAMBORIÚ.

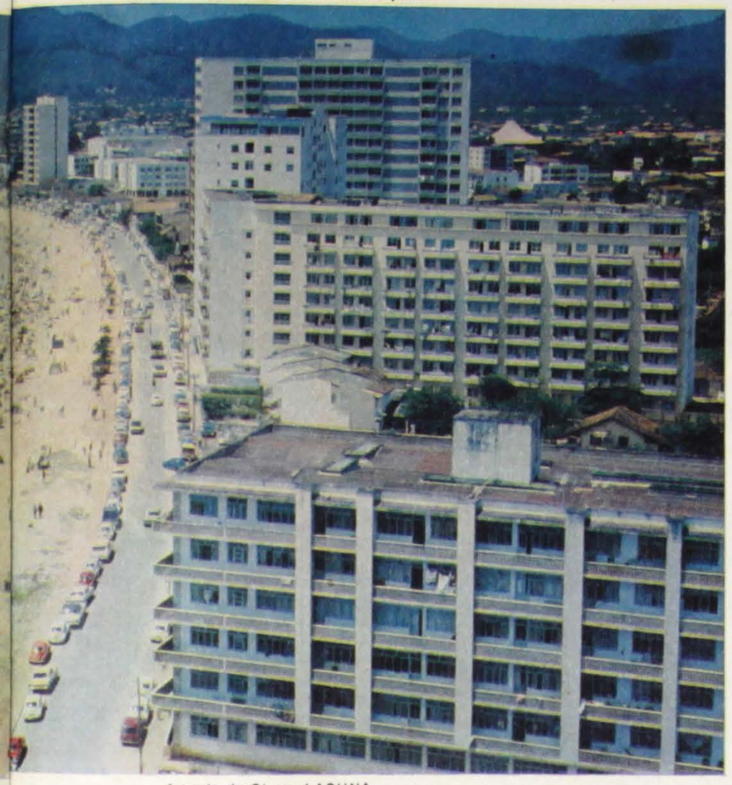


LAJES: pedras brancas é atração.

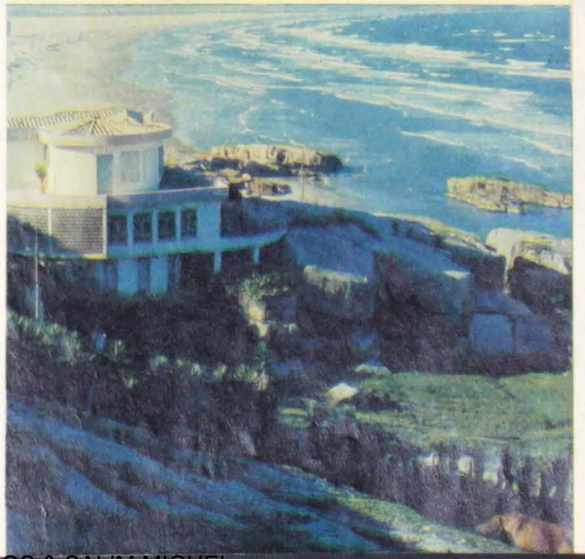


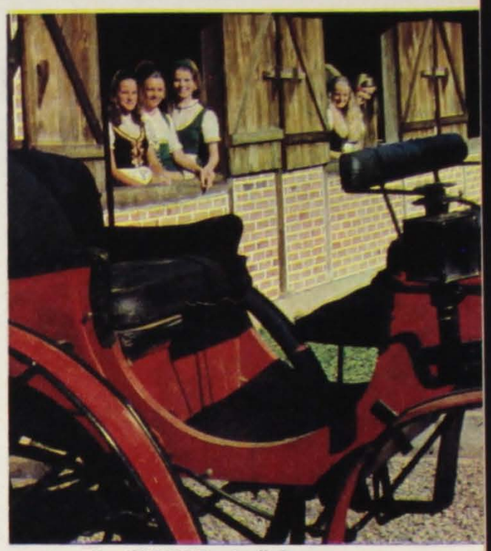


Cerâmica popular emoldurando a ponte.



A praia do Gi, em LAGUNA.





Em JOINVILLE: a tradição.



Em BLUMENAU: as danças típicas.



Rendeiras da ilha.

Águas termais, neve, praias,
paisagens serranas, centros movimentados
ou cidades calmas e pitorescas
tudo coexiste e atrai o visitante.

Há por todo estado uma gente de
trato ameno, muito o que comprar e o
que ver. E costumes típicos, danças
folclóricas, rendas de bilro.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Fruticultura ameaça agropecuária





Santa Catarina é o segundo maior criador de suínos no país. E no estado o Oeste é o primeiro. Como consequência, desenvolveu-se grandemente o plantio de milho e a instalação de frigoríficos de muita expressão para a economia regional.

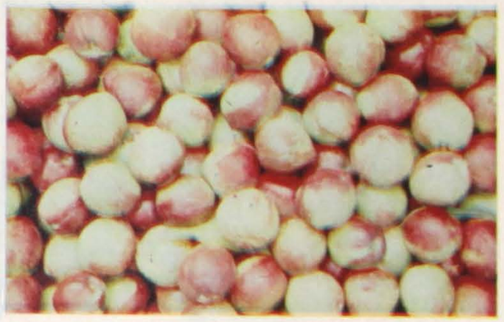


Nos campos de Lajes, onde se encontram enormes fazendas de criação, o gado de corte e leiteiro tem o seu significado. Nos últimos anos a avicultura foi incentivada.



A agricultura intensiva e extensiva se encontra disseminada por todo o estado. Grande atenção vem merecendo a fruticultura, em especial a de clima temperado. Na região serrana e no Vale do Rio do Peixe a principal vedete se chama nectarina.







UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

VISÃO PANORÂMICA DE SANTA CATARINA

Santa Catarina não explorou, até hoje, todas as suas potencialidades, enfrentando com certa timidez o desafio do desenvolvimento. No entanto, este quadro se encontra em franca modificação, modificação que reflete a consciência que têm os homens responsáveis pela administração e pelas atividades empresariais das possibilidades de crescimento do estado.

Se estudarmos a composição estrutural da economia catarinense, veremos que de 1960 a 1970 houve um avanço do setor secundário, induzindo o terciário a um estágio mais avançado, o que teve como corolário um desempenho satisfatório das taxas de crescimento da economia estadual nos últimos anos. Em 1970 o crescimento real dos setores foi de 12,64 para o **primário,** 15,14 para o **secundário** e 13,98 para o **terciário;** e em 1971 de 5,86 para o **primário,** 26,29 para o **secundário** e 16,07 para o **terciário.**

Razões do êxito



Seria exaustivo arrolar todos os fatores que induziram aos avanços alcançados. Citaremos alguns mais importantes: os reflexos da ação do governo federal no país, a partir de 1964, com a retomada do equilíbrio econômico-financeiro e o retorno à tranquilidade social; a política de gastos públicos do estado, centrada em empreendimentos de infra-estrutura; disponibilidade de energia; expansão e melhoria da rede viária; mercado em expansão; disponibilidade de matéria-prima e mão-de-obra qualificada; disposição de investir, por parte do empresário catarinense. No processo de estímulo ao desenvolvimento o governo do estado se fez presente através os instrumentos de assistência técnica e crédito orientado para a agricultura, pecuária, pesca, bem como para o setor de serviços por meio de seu sistema financeiro (Grupo Financeiro BESC e Caixa Econômica Estadual). A par disso um eficiente mecanismo agencia os fundos de fomento disponíveis nos diversos programas instituídos pelo governo federal via BNDE, dele participando o Banco do Estado de de Santa Catarina (BESC), o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) e o Banco do Brasil, além de estabelecimentos da rede bancária privada. Cumpre, ainda, relacionar os programas administrados pelo Fundo de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (FUNDESC), que em 1971 foram expressivamente ativados, oferecendo estímulos à expansão industrial pelo regime de incentivos fiscais do ICM e mediante financiamentos em condições atrativas de juros e prazos.

Instrumentos para a ação



Sabe-se que, no nosso atual processo de crescimento, a industrialização é caminho para o desenvolvimento e que a geração de bens de maior elasticidade-renda é o conduto para uma industrialização mais avançada. Esse estágio exige que a produção de bens intermediários e de capital aumente em velocidade bem mais expressiva que a de bens de consumo não durável. Processo que requer a participação do poder público mediante o fornecimento dos meios necessários para que tal objetivo seja alcançado. A eficácia da ação governamental nesse terreno é atestada pelos resultados até aqui atingidos, notadamente os do ano de 1971.

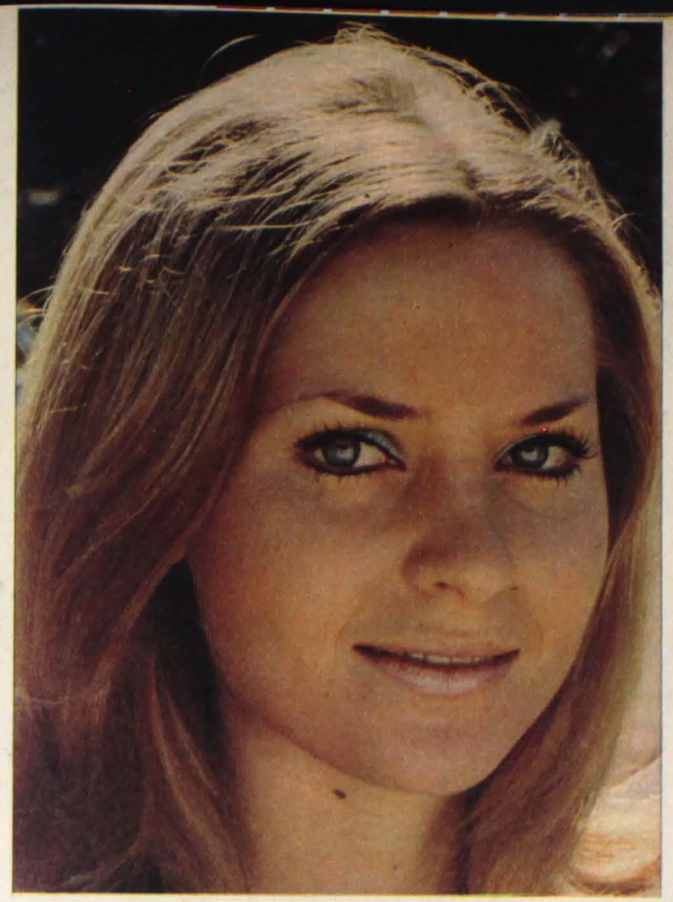
Vem a propósito mencionar que, numa tentativa de síntese de seu programa de governo, o Governador Colombo Machado Salles referiu-se à necessidade de "armar a administração de um elenco de projetos disciplinados que possibilitem a ampliação das rendas" e de "fortalecer os desempenhos privados" nas diversas atividades econômicas.

Ação catarinense



Os grandes objetivos estaduais, compatibilizados com as metas e bases do **Plano Nacional de Desenvolvimento,** estão contidos na **Ação Catarinense de Desenvolvimento,** voltados para (1) a ampliação do produto interno bruto, mediante o fortalecimento das atividades produtivas; (2) o aumento das oportunidades de emprego; (3) realização da integração econômica do estado, pela dinamização dos pólos de desenvolvimento microrregional e execução de obras e serviços prioritários de infra-estrutura; (4) aceleração do esforço de formação de recursos humanos para atendimento da demanda qualitativa resultante da expansão dos setores econômicos; (5) eleição de projetos de repercussão nacional no campo econômico, a partir da exploração dos potenciais emergentes nas áreas dinâmicas do estado, com ênfase no aproveitamento das riquezas naturais; (6) modernização da ação administrativa, ajustando-a às exigências da execução da Ação Catarinense de Desenvolvimento.

Produção da Divisão de Projetos Especiais das Empresas Bloch



Algumas informações básicas

Santa Catarina conta com 197 municípios, agrupados em 13 microrregiões. De seus habitantes, 43,2% vivem na zona urbana e 56,8% na zona rural. A população ativa equivale a cerca de 52% do total, e se encontra assim distribuída: no setor primário 61%, no secundário 15% e no terciário 24%. Em 1970 o produto bruto interno situou-se em torno de US$ 930 milhões e a renda **per capita** em US$ 315,00. O número de estabelecimentos rurais é de cerca de 264.000. Destacam-se na agricultura o milho, a madeira, o feijão, arroz, trigo e soja. Na pecuária ganha relevo a suinocultura, representando 70% do rebanho total. Na indústria extrativa destacam-se o carvão, a madeira, peixe e camarão. Na indústria de transformação os destaques vão para os produtos alimentares, têxteis, madeira, vestuário, calçados, produtos de matérias plásticas, papel e papelão, metalurgia, material elétrico e de comunicações, minerais não metálicos. O parque industrial conta com 8.800 empresas. Sua localização é nos Municípios de Blumenau, Joinville, Brusque, Jaraguá do Sul, já se notando uma tendência para a criação de novos pólos com a implantação de muitas indústrias em outras regiões do estado.

O apoio da união



O governo catarinense tem buscado o apoio da união notadamente na execução dos programas de infra-estrutura, que reclamam investimentos volumosos: a aceleração de obras viárias básicas, como a BR-282 e a BR-470; a melhoria do sistema portuário; a viabilização de um complexo industrial na região carbonífera. Há obstáculos a vencer, mas, como afirmou o Governador Colombo Machado Salles, "vencer dificuldades é o desafio permanente do administrador".

Sem excessos de otimismo, Santa Catarina está hoje em posição compatível com o desenvolvimento brasileiro e suas perspectivas serão tanto melhores quanto maior for o empenho de participação de todos no esforço de promover o crescimento estadual, sobrepondo-se à timidez a vontade de progredir.

■ **Reportagem de Salim Miguel — depoimento de Hoyêdo de Gouvêa Lins (secretário de Desenvolvimento Econômico do Estado de Santa Catarina) — fotos de Juvenil de Souza, Domingos Cavalcanti, Paulo Dutra — arte de Nélio Barbosa Horta e Jarbas Santos — orientação da Coordenação Estadual de Relações Públicas do Governo do Estado de Santa Catarina.**

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL













OS FATORES DO PROGRESSO

Santa Catarina é potencialmente rico, com microrregiões bastante diversificadas e de economia própria. Muito embora tudo isto, até pouco tempo atrás era um arquipélago. A mudança de mentalidade no trato da coisa pública, a facilidade e melhoria das comunicações, o encurtamento das distâncias são alguns dos fatores que fizeram com que o estado se integrasse num todo, oferecendo condições para um mais rápido desenvolvimento.

SUPLEMENTO DE **MANCHETE** N.º 1.042 • NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

020 - MIGUEL, Salim. Santa Catarina: as águas domadas. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1096, p. 38-39, 21 de abril de 1976.

73

Manchete

CR$ 5,00 ● N.º 1.096 ● RIO DE JANEIRO

PICASSO vida e morte de um gênio



■SENSACIONAL■
ESPIRITISMO
lenda e verdade na materialização

LUCIE GARCIA
Minha vida com Maria Schneider

DELFIM NETO
■EXCLUSIVO■
INFLAÇÃO SÓ 10%

PORTUGAL ESC. 25$00

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Inaugurada a Barragem Oeste, a primeira de um sistema que solucionará definitivamente o problema das enchentes no Vale do Itajaí

Santa Catarina
AS ÁGUAS DOMADAS

Reportagem de SALIM MIGUEL ● Fotos de ANTÔNIO TRINDADE

COM cidades importantes como Blumenau, Brusque, Itajaí e Rio do Sul, o Vale do Itajaí é uma das áreas mais desenvolvidas do Estado de Santa Catarina. Sustentada pelo regime da pequena propriedade, sua economia se baseia numa agricultura e pecuária bastante diversificadas e numa indústria de alto nível tecnológico, onde se destacam os tecidos felpudos, hoje exportados com sucesso para a América do Norte e a Europa. Durante anos, essas cidades têm sido, periodicamente, assoladas pelo flagelo das enchentes. Os transbordamentos do Rio Itajaí e seus afluentes provocam pânico, causando prejuízos incalculáveis, não raras vezes sacrificando vidas humanas. Além disto, as inundações têm dificultado a expansão dos atuais centros de produção, provocando a destruição de pontes, estradas e cidades. Com a inauguração, agora, da Barragem Oeste, a 4 quilômetros do município de Taió, o problema das enchentes começa a ser resolvido.

A barragem é em concreto, de tipo gravidade, com 25 metros de altura e 422 metros de comprimento. É constituída de 21 monólitos insubmersíveis, 7 vertedouros e 2 cortinas de ombreira, e tem capacidade para reter 110 milhões de metros cúbicos de água. A escavação na terra foi de 210.000 m³, e na rocha de 40.000 m³. Para a conclusão da obra foram aplicados recursos no montante de Cr$ 30 milhões, plenamente justificados pelos benefícios que trarão, atenuando as enchentes 100% no Vale do Itajaí Oeste, 50% em Rio do Sul e 25% em Blumenau, o que favorecerá muito o processo de desenvolvimento econômico da região.

Integrando um sistema de quatro barragens programadas pelo DNOS para represar os principais formadores do Rio Itajaí, a Oeste é a primeira a ser concluída. Essas barragens funcionarão como reservatórios, nos quais os excessos de água serão retidos para escoamento controlado, evitando transbordamentos do leito normal dos rios. Além da barragem Oeste, ora inaugurada, farão parte do sistema a do Rio Itajaí Sul, a do Rio Itajaí Norte e a do Rio Itajaí-Mirim.



O Ministro Costa Cavalcanti, perante o governador catarinense Colombo Salles, o engenheiro Carlos Krebs Filho, o General Tourinho e o Almirante Sabóia, inaugura a Barragem Oeste.

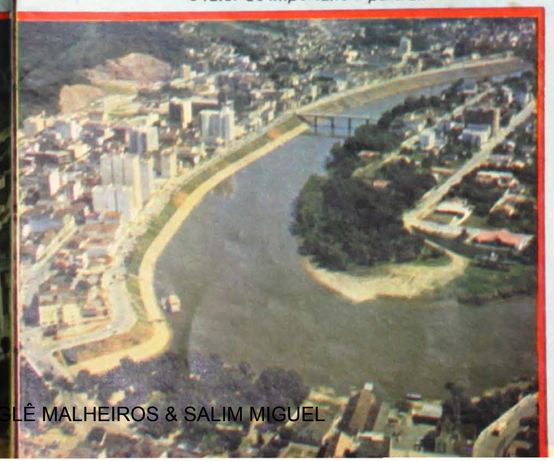
O projeto global de defesa contra as inundações no Vale do Itajaí vai exigir investimentos da ordem de 200 milhões de cruzeiros. O Departamento Nacional de Obras de Saneamento investiu, até o momento, aproximadamente 70 milhões de cruzeiros, recorrendo, inclusive, a financiamento externo.

A solenidade de inauguração da Barragem Oeste, que fez parte das comemorações do nono aniversário da Revolução, foi presidida pelo Ministro Costa Cavalcanti, do Interior. Contou com a presença do Governador Colombo M. Salles, do diretor-geral do DNOS, Eng.º Carlos Krebs Filho, do comandante da 5.ª Região Militar, Gen. Airton Tourinho, do comandante do 5.º Distrito Naval, Alm. Amaral Sabóia, de outras autoridades e de habitantes da região. Em seu discurso, o Ministro Costa Cavalcanti destacou que "há obras que os governos realizam simplesmente de acordo com seus planos, programas e projetos. Mas há outras que são realizadas porque representam, principalmente, as necessidades, solicitações, aspirações ou desejos de um grupo comunitário, muitas vezes municipal e outras até regional, como é o exemplo magnífico desta obra que hoje inauguramos".

E mais adiante: "Uma obra como esta, de defesa contra inundações, vem afetar favoravelmente não só os grandes programas de desenvolvimento urbano, como os de desenvolvimento regional. Esta barragem, que tem efeitos imediatos, e por isso foi feita em primeiro lugar, atua diretamente no setor de desenvolvimento urbano, proporcionando às cidades que margeiam este próspero Vale melhores condições de progresso e prosperidade, porque já ajuda essas cidades a se defenderem das inundações."



Retendo um volume de água de 110 milhões de metros cúbicos e formando um lago artificial transitório numa área de 9,5 milhões de metros quadrados, a Barragem Oeste é fator de importância para um desenvolvimento ainda maior da rica região do Vale.





O municipio de Blumenau, principal centro industrial da área, será dos mais beneficiados com a obra construida pelo DNOS.

AO abrir a solenidade, o Eng.º Carlos Krebs Filho, diretor-geral do DNOS, fez um retrospecto das providências tomadas para a contenção das cheias do Itajaí, desde 1957, quando se registrou uma das maiores enchentes da história do Vale. Esclareceu que o projeto de construção das quatro barragens resultou dos estudos de um grupo de trabalho e que o início das obras pelas barragens do Oeste (agora inaugurada) e do Sul atendeu às necessidades técnicas para a solução do problema.

Prosseguiu dizendo que, depois da criação do Ministério do Interior, em 1967, o ritmo dos trabalhos foi acelerado e, no próximo ano, será inaugurada a Barragem Sul. As duas restantes barragens serão logo a seguir iniciadas. Com esse sistema de controle das águas, retido o excesso pluvial e disciplinado o seu escoamento, o Vale do itajaí terá ainda maiores condições de contribuir para o desenvolvimento de Santa Catarina e, consequentemente, do Brasil.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

BLOCH EDITORES S.A. COPIA CORTESIA

Manchete
CR$ 6,00 ● N.º 1.113 ● RIO DE JANEIRO, 18 DE AGOSTO DE 1973

OS MISTÉRIOS DA MAGIA E DO OCULTISMO

A MODA DA GORDINHA SEXY

SEQÜESTRO



Isto pode acontecer a seu filho



Maria de Fátima
"A força do casamento é o ciúme."

PORTUGAL ESC 25$00 DPF/DCDP - 244.P.209/73

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Em Santa Catarina, os descendentes de alemães cultivam uma das mais coloridas e alegres tradições da Idade Média

BLUMENAU

A festa do rei do tiro

Reportagem de SALIM MIGUEL ● Fotos de LUÍS ALBERTO









Os antigos reis comparecem com suas medalhas, que formam uma verdadeira couraça. As moças também participam de um campeonato especial. E enquanto a hora da festa não chega, uma visita a um dos restaurantes locais (na foto maior) ajuda a preparar a alegria.

A tradição vem de 1850, da época dos pioneiros. Os alemães que chegavam ao vale do Itajaí, ao mesmo tempo que desenvolviam economicamente a região, transformando-a numa das mais ricas do país, procuravam adaptar seus costumes à realidade do novo ambiente. E a Festa do Rei da Caça, que na Alemanha remonta aos tempos do feudalismo, em Blumenau transformou-se na Festa do Tiro ao Alvo. São dezenas de clubes que abrigam os adeptos do esporte como pretexto às festas sociais, principalmente bailes e churrascos. Quando três descendentes de alemães se encontram nas ruas da cidade, quase sempre surge um novo clube, que logo em seguida se divide em três dissidências, das quais nascerão outras tantas. Detalhe: cada dissidente se transforma imediatamente em sócio da dissidência de si mesmo — o que vale dizer: é uma festa para todos. Evidente que há tiros e campeões. Mas a responsabilidade de dar de comer e beber (fartamente) aos súditos durante as festas da coroação está fazendo com que alguns dos melhores atiradores evitem a possibilidade de chegar ao trono. Neste ano, a concentração da maioria das sociedades, com seus estandartes, trajes coloridos, bandeiras e faixas, foi no Clube Caça e Tiro Salto do Norte, sagrando-se campeão do dia o Sr. Wigand Tribess, da Sociedade Esportiva, Recreativa e Cultural Fortaleza.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

022 - MIGUEL, Salim. As flores de Joinville. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n.1025, p. 34-37, 11 de dezembro de 1971.

Manchete

Rio de Janeiro
11 de dezembro de 1971
N.º 1.025 — Ano 20

BLOCH EDITORES S.A.

Diretoria
ADOLPHO BLOCH
ORESTES BLOCH SANCHEZ MANNI
PEDRO JACK KAPELLER

Diretores
A. FERRARA
ALBERTO DINES
DIRCEU TORRES NASCIMENTO
H. W. BERLINER
ISAAC EDUARDO HAZAN
MURILO MELO FILHO

Departamento de Jornalismo
ARALDO NISKIER

MANCHETE

Diretor responsável
NELSON ALVES
DIRETOR-EDITOR
Justino Martins
DIRETOR-EXECUTIVO
Otto Schneider
REDATORES
R. Magalhães Júnior,
Marcelo de Carvalho,
Renato Sérgio,
Cláudio Bandeira e
Ney Bianchi
REPÓRTERES
Ibrahim Sued, Carlos Chagas,
José Rodrigues Câmara,
Danuel Ferreira, Sérgio Noia,
Elcy Nunes,
Deniclesiano Rocha,
Ruy Portilho, Celso Kinjó e
Fernando del Corso
COLABORADORES
Henrique Pongetti,
Paulo Mendes Campos,
Pedro Bloch, Otto de Freitas e
Flávio de Aquino
ARTE
Wilson Passos
FOTOGRAFIA
Nicolau Drei e Jáder Neves
PESQUISA
Maria Sachs
PRODUÇÃO
Nelson Sampaio
PROMOÇÃO E PROPAGANDA
Francisco Lins
CIRCULAÇÃO
Francisco Távora Heilmann

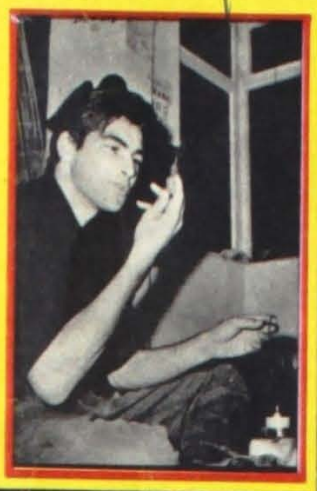
DEPARTAMENTO COMERCIAL
Roberto Vasconcellos
PUBLICIDADE
Luiz Fernando Pinto Veiga
Roberto Werneck Antunes
Asarias Rodrigues de Oliveira
PROJETOS ESPECIAIS
Francisco Augusto [illegible]
Fernando Cabral [illegible]
Everaldo R. [illegible]

ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO
Rua do Russel, 804
Tels. 205-3012, 205-2112
Rio de Janeiro
CIRCULAÇÃO
Rua Frei Caneca, 511
Tels.: 232-4335 e 231-3865
Rio de Janeiro
PARQUE INDUSTRIAL
Rua Cantagalo, 520 - Lucas
Tels.: 291-0020 e 591-6000
Rio de Janeiro
DISTRIBUIÇÃO
Distribuidora Impresa Ltda.
Rua do Resende, 100
Tel.: 222-1817 — Rio de Janeiro
PARÁ
Ronald de Carvalho
Rua Antônio Barreto, 795
Tel.: 3508
Belém
PERNAMBUCO
Alexandrino Rocha
Av. Conde da Boa Vista, 85
12.º andar - Tel.: 236-807
Recife
BAHIA
Wilter Santiago
Rua Barão de Cotegipe, 1
Tel.: 3-2585
Salvador
BRASÍLIA
Antônio Praxedes
Escritório: Edifício Marcia,
Setor Comercial Sul, conjunto
405/406 - Tel.: 25-0611
Oficina: Setor de Indústrias
Gráficas, lote 829
Tel.: 33-8183
MINAS
Lúcio Portella
Av. Afonso Pena, 1.500
15.º andar - Tel.: 24-7107
Belo Horizonte
SÃO PAULO
Salomão Schvartzman
Arnaldo Vitelli
Paulo Popoviths
Lúcio Pasquini
Rua 24 de Maio, 35 - 11.º andar
Tel.: 37-8591
PARANÁ
Hélcio José Gonçalves
Rua Marechal Deodoro, 211
conjunto 805 - Tel.: 24-8263
Curitiba
RIO GRANDE DO SUL
Edgard Walter Júnior
Elcy Nunes
Rua Otávio Rocha, 115-10.º
Tel.: 244-744
Pôrto Alegre
NOVA IORQUE
Sérgio Alberto Coelho
580 Fifth Avenue Room 2.308
New York - NY 10019
Tels.: 246-8870 e 246-8871
Telex: 421-918
PARIS
Nel Szpilewicki
Sylvio Silveira
Lúcia Alves
42, Cours Albert-1er
3ème étage-droite, Paris 8
Tels.: 256-3243 e 256-3233
Telex: 25240
LISBOA
Cláudio Mello e Sousa
Rua Castilho, 17 - 10.º E
Tels.: 56-2121 e 56-2180
Telex: 1213
MILÃO
Roberto Bertolino
Corso Vittorio Emanuele, 29
4.º Piano - Apt.º 5
Tel.: 79-4811
Milano

Manchete é associada do [illegible]

IMPRESSA COM TINTAS BLOCH

As flores de Joinville

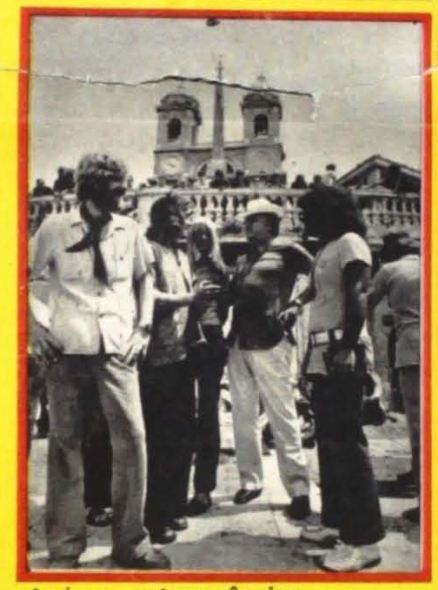


A droga vira tema de espionagem e envolve agentes franceses.

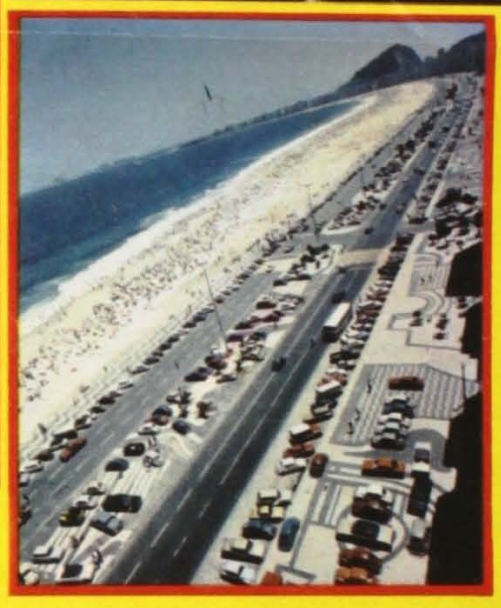
O roteiro de Médici nos EUA inclui a Blair House, onde ficará hospedado.







Após as extravagâncias de **Satyricon,** Fellini filma os escândalos da Roma de sua infância.



De repente, o verão é ponto sofisticado da moda, com as praias cheias de cores vivas.

O Brasil, dos campos às grandes cidades, fotografado especialmente para Nixon ver.

A IMPRENSA

européia, descrevendo o que se passa atualmente no Brasil, em matéria de expansão industrial e de otimismo econômico, adverte que "o gigante se encontra em plena decolagem". Não é outra a impressão que se tem ao constatar-se os aspectos positivos do desenvolvimento brasileiro. Neste número, como um complemento à visita do Presidente Garrastazu Médici aos Estados Unidos, MANCHETE apresenta a Nixon as melhores imagens do progresso do Brasil. É um panorama tanto quanto possível total da riqueza do nosso país e do que estamos realizando para torná-lo uma verdadeira potência dentro do mundo. Mas os acontecimentos da semana também estão registrados nesta edição especial, destacando-se uma reportagem sobre as eleições no Uruguai e outra sobre os caminhos internacionais da droga. Particularmente, recomendo uma exclusividade: as primeiras fotos do próximo filme de Federico Fellini, **Roma,** em que o famoso diretor satiriza os costumes da vida moderna.

JUSTINO MARTINS

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Todos os anos uma cidade dedica sete dias em homenagem às cores e às formas da natureza

AS FLORES DE JOINVILLE

Ao contrário das cidades européias que cultivam flores nas praças e nos jardins, as metrópoles brasileiras preferem o asfalto negro e puro. Mas em algumas cidades do interior, o amor às flores é, além de um **hobby,** a dedicação de uma vida. Esse amor às plantas, essa paixão pelas flores é quase o **esporte nacional** de Joinville, a grande cidade industrial de Santa Catarina. Lá, em cada casa o jardim é uma pequena exposição de flores, cultivadas com devoção. E, por isto, costuma-se dizer que quem quer ir a Joinville, deve seguir o perfume das flores. Ele atinge o visitante antes de sua chegada à cidade.





Os roserais de Joinville deslumbram o visitante pela grande variedade de espécies que apresentam. Mas as rosas não estão sozinhas nesta cidade de flores. Ao alto, as sutis margaridas que concorreram na exposição e à direita uma bela coleção das sofisticadas orquídeas catarinenses.



Reportagem de SALIM MIGUEL ● Fotos de PAULO DUTRA

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

FORMA NOVA

O Bancipe descobriu a coisa mais gostosa do mundo: o sorriso.

Abra uma conta no Bancipe para descobrir o seu.

BANCIPE

BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PERNAMBUCO S.A.

MANAUS BELÉM SÃO LUIZ TERESINA FORTALEZA NATAL RECIFE SALVADOR VITÓRIA CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM RIO DE JANEIRO SÃO PAULO PÔRTO ALEGRE

ESTE ANO MAIS DE 50 MIL TURISTAS PASSARAM UMA SEMANA EM JOINVILLE PARA ASSISTIR A FESTA DAS FLORES

A primeira Festa das Flores de Joinville realizou-se há 35 anos e foi quase um acontecimento doméstico, do qual só participou pequeno número de amadores. Todos eram pessoas que se reuniam com o desejo comum de falar sobre flores, trocar experiências e mudas. Até que um dia alguém sugeriu a organização de uma exposição pública para mostrar a toda cidade o que os floricultores estavam fazendo. A idéia pegou e em pouco tempo a exposição de flores tornou-se uma grande festa. Hoje os **stands** ocupam um imenso pavilhão, à entrada norte da cidade.

Os preparativos para uma festa das flores começa logo que a última termina. Os dois grupos expositores rivais — a Exposição de Flores e Artes Domésticas e a Associação Joinvillense de Amadores de Orquídeas — fazem um balanço, uma análise dos resultados e o exame do que cada um apresentou de qualidade. Em seguida começam a armar os esquemas e a estratégia para o ano seguinte. A rivalidade é intensa. "Foi este espírito competitivo que permitiu a descoberta de novos espécimes e transformou a Festa das Flores no maior acontecimento do calendário turístico do Sul do país" comentou um diretor da AJAO. Quando a data da exposição é marcada o nervosismo na cidade aumenta. As associações traçam planos, inventam soluções, misturam flores e arbustos decorativos. Com o objetivo de obter as melhores combinações, as cores mais exóticas, as tonalidades mais suaves e insólitas. A guerra, que durante todo o ano travou-se nas plantações, nos jardins e nas estufas, agora se intensifica. Quando alguém consegue uma nova espécie por hibridação, conserva o achado em sigilo, para exibi-lo, com orgulho, no dia da inauguração. As cruzas, as tentativas de encontrar uma nova cor, um novo formato, um novo perfume, são constantes. Os arranjos florais são mantidos em segredos e não podem ser revelados ao **inimigo.**

E um dia a cidade assiste a explosão das flores. São gladíolos, rosas, cravos e margaridas, agapantos, violetas, bromélias, antúrios flores de banana-japonesa, **phalanoplis,** plantas ornamentais variadas e folhagens de formato estranho. Perfumes delicados ou intensos dão à atmosfera uma permanente sensação de exotismo.

Durante uma semana a Joinville industrial e operosa esquece um pouco o potencial econômico das fábricas. A Festa das Flores mobiliza o interesse de todos. Tanto os membros das associações que participam diretamente dos trabalhos e vibram mais intensamente, como os anônimos que contribuem para que a cidade se entregue ao encanto das flores. Tudo e todos ajudam a compor uma típica paisagem européia, com o casario, a comida, os doces, e transformam Joinville num festival colorido e descontraído.

Neste ano, calcula-se que 50 mil visitantes participaram da Festa, em Joinville. Eles assistiram a sagração da primavera e viveram momentos de encantamento, admirando as belas flores de Santa Catarina.

As jovens de Joinville afirmam que o melhor esporte para manter um corpo bonito e saudável é a arte da jardinagem. Elas passam horas cuidando das plantas e das flores, regando os canteiros, protegendo as mais débeis e arrancando as ervas daninhas. Elas se orgulham dos jardins e gostam de mostrá-los aos visitantes.





UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

023 - MIGUEL, Salim. Todos os perfumes da primavera. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n. 976, p. 144-146, 02 de janeiro de 1971.

Manchete

CR$ 3,00 ● N.º 976 ● RIO DE JANEIRO, 2 DE JANEIRO DE 1971

CATEDRAL DE BRASÍLIA



PORTUGAL: ESC. 20$00

O mais belo monumento cristão do século 20

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Manchete

Joinville, cidade temperada de um país tropical, celebra com a festa das flôres a mais bela estação do ano

TODOS OS PERFUMES DA PRIMAVERA

Reportagem de SALIM MIGUEL • Fotos de ANTÔNIO TRINDADE

O **slogan** já diz tudo: "Nós os receberemos com flôres." Quem chega a Joinville semanas antes do Ano Nôvo é logo recebido com flôres, por môças vestidas à moda da casa. E, desta vez, as muito belas de lá, juntou-se uma bela de cá, a carioca Eliane Fialho Thompson, nossa atual Miss Brasil que, com seus cabelos louros e olhos azuis, parecia uma filha da terra.

Realizada pela primeira vez no Pavilhão de Exposições, à beira da BR-101, a Festa das Flôres teve êste ano mais de cinqüenta mil visitantes. Durante uma semana, a cidade conhecida como o maior centro industrial de Santa Catarina viveu dias de muitas côres e muito perfume. O que há alguns anos era uma festa local, é agora o principal acontecimento do calendário turístico do estado. Mobilizando o interêsse de tôda a região, a Festa das Flôres se integra à paisagem, ao casario de aspecto europeu que marca tão fundamente a cidade de influência alemã. É mesmo a sagração da primavera.



As môças são sempre louras, na Festa das Flôres. As ruas estão ladeadas de canteiros e sacadas floridas. Joinville é um imenso jardim neste fim de ano.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Tudo termina com a escolha da mais bela. É a festejada Rainha das Flôres

Durante um ano inteiro a flor é trabalhada em grandes plantações, em jardins e estufas, para que, de repente, haja a explosão e ela domine tôda a região. Os botânicos amadores a cada ano mostram novas variedades, rosas de formato e colorido diferentes, exóticas orquídeas, cravos e violetas, glocínias, plantas decorativas, folhagens.

A apresentação de cada espécie é sempre cercada de um mistério digno de segrêdo de estado, cada um expositor querendo se superar na obtenção da flor mais bela. E entre as floridas môças da cidade é escolhida aquela que é coroada como a Rainha das Flôres, que desfila pelas ruas principais de Joinville, num cortejo que vai até o local da exposição, repetindo uma tradição holandesa da Festa das Tulipas.

Joinville, que recebia sempre com muita hospitalidade os que chegavam de fora, com sua gente amável, seus muitos produtos industriais, seus doces e pratos típicos, passa a figurar na agenda do viajante como atração. Ir a Joinville para render tributo à flor é encher-se de uma colorida descontração que confirma o **slogan**: "Nós os receberemos com flôres." Realmente, quem vai até lá é recebido com flôres e com os sorrisos claros de gente saudável e acolhedora, em roupa campestre.



Bem à entrada da cidade, o forasteiro é logo avisado de que lá nada é mais importante do que o sorriso e a flor.



A flor pode ser um cravo, e a côr, vermelho ou branco. Mas quem a segura tem sempre os olhos azuis, os cabelos amarelos e a pele rosa.

O verão tem uma brisa chamada RENAUX.

Suave. Acariciante.

A lonita Renaux e o sarjado xadrez Renaux, de puro algodão, são tão leves, tão leves, que parecem flutuar acima da pele.

Têm um caimento impecável e côres tão vivas como o próprio verão. E lavam e passam num instante, para você vestir logo depois.

Mas, lembre-se: os autênticos tecidos Renaux têm a marca Renaux na ourela.

E esta é a sua garantia de que o tecido é pré-encolhido pelo processo tebilizado.

E de que você vai ter entre a sua pele e o sol a roupa mais macia que pode existir.

Como uma brisa de verão.

TEBILIZADO AR
ANTI-ENRUGÁVEL
CONFECCIONADO COM TECIDO
RENAUX

Motocicleta da Motojet.

Fábrica de Tecidos
Carlos Renaux S.A. e
Indústrias Têxteis Renaux S.A.
Brusque - Santa Catarina

Modêlo Feminino criado por Ney Barrocas.
Modêlo Masculino criado pela Boutique Oggi.
Confeccionados com tecidos Renaux.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÉ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

024 - MIGUEL, Salim. O Campus pioneiro da universidade da Paraíba: planificação racional garante aos jovens do nordeste um ensino moderno e eficiente. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1011, p. 92-93, 04 de setembro de 1971.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Planificação racional garante aos jovens do Nordeste um ensino moderno e eficiente

A seis minutos do centro de João Pessoa, o **campus** da Universidade Federal da Paraíba já tomou forma, compondo a paisagem que o cerca. Com 162 hectares e mais de vinte e oito mil metros quadrados de área construída, os seus diversos conjuntos, de arquitetura horizontal, plástica e funcional, situam-se por entre os sessenta e dois mil metros quadrados em construção ou a serem iniciados. A tipologia arquitetônica do **campus,** atendendo às condições ecológicas da região, aliada a um trabalho racional de estudo dos problemas afetos aos alunos, permitiu que a UFPB fosse a pioneira da implantação, no país, da Reforma Universitária preconizada pelo MEC. A respeito, o Ministro Jarbas Passarinho declarou: "O **campus** universitário da UFPB, pelo direito que soube conquistar, receberá da parte do Ministério da Educação a necessária prioridade para a sua conclusão."

A moderna técnica de ensino por áreas, com a extinção das antigas faculdades estanques, exigia uma centralização das unidades acadêmicas, fazendo, assim, convergir todas as atividades universitárias para um só local, que permitisse um rendimento ótimo dos trabalhos e equipamento. A planificação fez com que, hoje, a UFPB seja a que mais cresce no Nordeste, contando com quase sete mil alunos e um aumento de matrículas da ordem de 468 por cento. Além disto, o tempo integral e o aperfeiçoamento do professorado no país e no exterior melhorou a qualidade do ensino, fiel ao objetivo a atingir: o binômio expansão/eficiência.

O **campus,** concebido para integrar o homem ao território universitário através de uma interação operacional, é, na proposta espacial do arquiteto Alcyr Meira, um **campus** mutável, despido de rigidez, ajustável às necessidades que se renovam a cada momento, para atender às constantes transformações da técnica e das artes. E o Professor Guilardo Martins Alves diz que "a integração física conduz necessariamente à integração acadêmica e comunitária, permitindo uma ampla produtividade do organismo universitário."

Participando, igualmente, da vida da comunidade e a ela se integrando, contribuindo para o desenvolvimento da Paraíba, fornecendo técnicos e pessoal especializado nos mais diversos setores, a UFPB realiza um trabalho da maior importância, reconhecido por todos. Isto se deve ao esforço, à capacidade de trabalho e ao amor à obra educacional de uma equipe liderada pelo Professor Guilardo Martins Alves, seu último reitor e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. Ele soube não só continuar, como ampliar a obra dos que o precederam.

Ao deixar agora a reitoria, passando o colar reitoral ao vice, Professor José Rolderick da Rocha Leão, até que o Presidente Médici escolha o novo reitor, o Professor Guilardo Martins Alves recebeu homenagens consagradoras. Desde o povo da Paraíba, que por intermédio de seus representantes na Assembléia Legislativa lhe outorgou o título de Cidadão Paraibano, passando pelo professorado e funcionários da Universidade, até os alunos, todos foram unânimes nas demonstrações de apreço a quem tanto soube fazer pelo ensino superior no estado. E o criador da UFPB, José Américo, disse haver a mesma encontrado em Guilardo Martins Alves o seu consolidador, o homem que a projetou além-fronteiras, tornando-a conhecida e admirada no Brasil e no exterior. São palavras de José Américo em recente pronunciamento: "No final é que poderemos melhor medir a obra de Guilardo Martins Alves, acima de nossas forças e dele próprio."

O CAMPUS PIONEIRO DA UNIVERSIDADE DA PARAÍBA

Vista do campus, que está sendo construído a seis minutos do centro de João Pessoa.









O hospital (ao lado) já está em fase de conclusão. Em cima: os estudantes recepcionam o ex-diretor, Professor Guilardo Martins Alves, que recebe na Assembléia Legislativa o título de Cidadão Paraibano. Finalmente, o laboratório de tecnologia farmacêutica, que produz cerca de 150 produtos.

Texto de SALIM MIGUEL
Fotos de ARION FARIAS

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

025 - MIGUEL, Salim. Joinville: tudo são flores. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1079, p. 140-141, 23 de dezembro de 1972.

LOCH EDITÔRES S. A.

Manchete

CR$ 5,00 • Nº 1.079 • RIO DE JANEIRO, 23 DE DEZEMBRO DE 1972

PORTUGAL ESC 25$00

DUAS ENTREVISTAS EXCLUSIVAS

CHACRINHA
"Não conseguiram me destruir"

JACKIE
"Nunca tive medo da verdade nua"

EM CORES

Uma viagem no deserto africano
Uma caçada de baleias no Atlântico



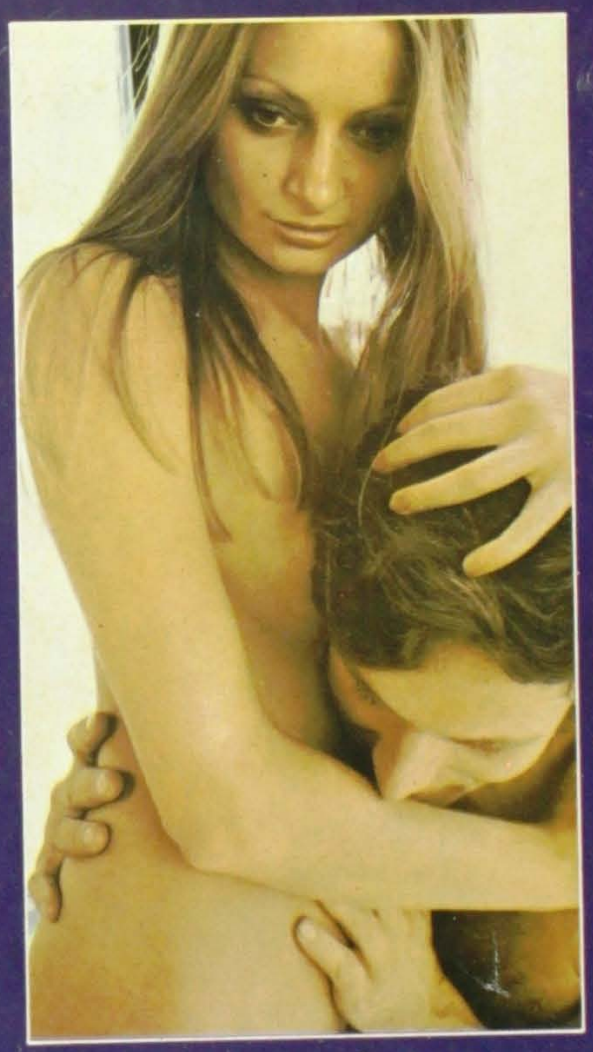
PARIS

Os franceses curtem Vinícius



SÃO PAULO

O homem que ganhou onze vezes na Loteca



CIÊNCIA

Descoberta a vitamina do amor

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Numa festa de cor
e perfume, as mais belas formas
da natureza empolgam uma
cidade de Santa Catarina

JOINVILLE

TUDO SÃO FLORES

Reportagem de SALIM MIGUEL • Fotos de ANTÔNIO TRINDADE







Tânia Maria Baasch foi eleita Rainha das Flores de 1972 (alto). Ao lado, Rosvita Scheidmann, Miss Joinville 1972, e a seguir Ieda Maria de Souza ex-Miss Jaraguá do Sul, a vereadora mais jovem do Brasil. Na foto maior, Leda Fontes e Rosvita Scheidmann.

Quem quiser ir a Joinville na época da Festa das Flores, não tem como errar. É só seguir o caminho do perfume. De longe já se sente o delicado odor de orquídeas, begônias, bromélias, hortênsias, copos-de-leite, antúrios, rosas de todos os feitios e dezenas de outras espécies de flores. A festa se realiza há 36 anos. Começou modesta e anônima, fruto do esforço e da paixão de alguns amadores, que desejavam escapar da rotina do dia-a-dia de fábricas e escritórios. Do cultivo das plantas, das conversas, trocas de mudas e experiências sobre variedades, cruzas, enxertias e híbridos, surgiu a idéia de fazer algo maior, para mostrar à cidade o poder da flor. A primeira exposição, promovida pela EFA — Exposição de Flores e Artes — realizou-se em 1936. Em 1937 foi a vez da AJAO — Agremiação Joinvillense de Amadores de Orquídeas, que fez sua mostra nos salões do Clube Harmonia Lira, bem no centro da cidade. O município começava a se industrializar. As estradas eram péssimas. Os problemas, vários e complexos. Os habitantes precisavam encontrar ali mesmo, entre eles, um **hobby** ou uma paixão. E o que começou sem maiores pretensões, como um prolongamento natural de distração caseira, logo se ampliou, se irradiou pelas imediações. Em 1938, os dois grupos traçavam planos e faziam a primeira exposição conjunta. Com isso surgia a emulação, de resultados benéficos, que com o correr dos anos possibilitou que a festa crescesse de importância.

UMA disputa surda a transformou numa autêntica guerra secreta e silenciosa, da qual todos participam ativamente. Meses antes da festa as duas associações já



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Novas e maravilhosas espécies, obtidas através de processos secretos, foram apresentadas às 30 mil pessoas, do Brasil, e do exterior, que visitaram a festa



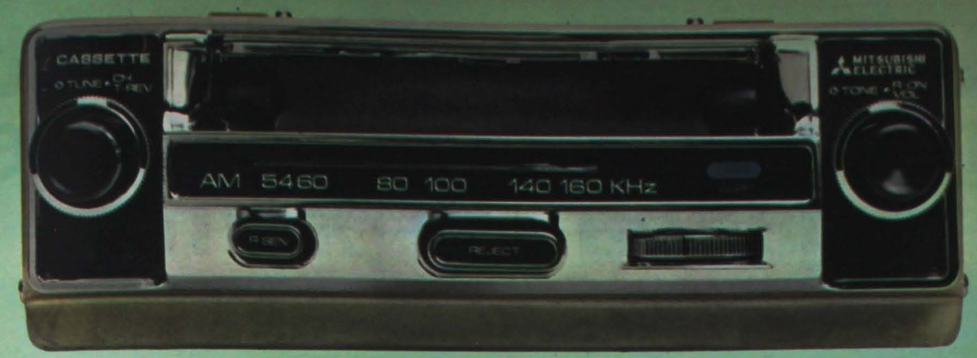


A Festa das Flores apresenta uma grande variedade de rosas e orquídeas. Na foto abaixo, a belíssima flor bastão-de-rei.

começam a se preocupar com os arranjos, as novas variedades que serão apresentadas, as melhores decorações, as plantas ornamentais mais esquisitas, as flores raras ou desconhecidas.
Os botânicos amadores, com o tempo, foram se aperfeiçoando, buscando conhecimentos nos livros ou na observação direta, a cada exposição trazendo o resultado de suas pesquisas e experiências. Terminada a festa, feito o balanço dos resultados, o exame crítico do que e como foi mostrado, e já começam os planos, secretíssimos, para o ano seguinte. Traçam a estratégia a ser desenvolvida — e os preparativos se iniciam nas estufas, nos jardins, nas extensas plantações. Quando alguém consegue uma nova espécie por cruza ou hibridação, não avisa nem mesmo aos mais íntimos amigos. Quer gozar o momento da vitória, as indagações, o "como foi" e "de que maneira conseguiu", quando todos irão admirar o resultado de seu esforço e dedicação.
Com isso, primeiro Joinville, a seguir o Estado de Santa Catarina, e depois o país todo, ganharam uma festa popular ímpar pela beleza e colorido, pelos arranjos florais e variedade das espécies.
São composições diversas, buquês reunindo variedades de uma mesma espécie ou de numerosas espécies.
Durante cinco dias, uma multidão heterogênea, composta de turistas em busca de novos conhecimentos ou emoções, de gente apaixonada por flores, de fregueses de caderno que ali estão ano após ano, ou de simples curiosos, que circulam pelos 4 mil metros quadrados do pavilhão, dando um toque especial a Joinville, principal pólo industrial de Santa Catarina.
Um casal examina as orquídeas, e esquece-se do tempo diante de uma delas. Acabaram de chegar do extremo sul. Antes de procurarem acomodação — sabem que não vai ser fácil encontrar lugar em hotel — deram "uma passadinha" para ver como está este ano a Festa das Flores de Joinville. A paixão fez desaparecer o cansaço. Querem descobrir qual a cruza que possibilitou aquela tonalidade arroxeada com estrias tão finas da mesma cor, e que a um olhar desatento passam despercebidas.
Não muito distante, um senhor idoso ("venho todos os anos à festa") fotografa duas variedades bem distintas de extriplícias (flores mais conhecidas como bastão-de-rei).
"Preciso conseguir boas fotos destas aí, quero mostrar lá na minha terra, no Nordeste."
A senhora paraguaia, que visitou o pavilhão da Promovile durante os cinco dias da exposição, detém-se em especial no exame aos antúrios. **"Me gustam mucho..."** — diz. Quer saber como pode adquirir mudas, como levá-las e mantê-las vivas durante a viagem.
Como tantas outras pessoas, veio exclusivamente para ver e estudar as flores.
Do país ou do exterior, de pontos os mais distantes, moços e velhos, todos se deslocam para o encontro das flores de Joinville, nesta explosão da floração.
A festa é sempre em novembro, mas a data varia, dependendo da época da floração. De qualquer maneira, em lugares os mais distantes, muitos esperam o aviso, pois a Festa das Flores de Joinville já se incorporou ao calendário turístico anual do país, como seu principal acontecimento na região do extremo sul. De 1960 a 1969, ela passou a se realizar em dois locais distintos: a da AJAO continuou no Clube Harmonia Lira, enquanto a da EFA se deslocava para o Clube Ginásticos. Sendo ambos no centro de Joinville, a cidade participava ativamente, com decoração de vitrinas e ruas, arranjos em jardins particulares e nas sacadas das casas de estilo germânico, com desfiles de carros alegóricos, etc.

EM 1970 a festa foi transferida para o pavilhão da Promovile. Neste ano, com a chuva constante (entre 3 a 4 meses) prejudicando a floração, o viço e a coloração das flores, com uma organização que promocionalmente deixou a desejar, ainda assim calcula-se que cerca de 30 mil pessoas (número bem inferior ao do ano passado) circularam pelo pavilhão, um público atento, interessado ou simplesmente curioso.
Última noite. Foi eleita a nova rainha das flores. É a hora da coroação. Agora, saíram os derradeiros visitantes.
O pavilhão está vazio. As luzes se apagam. Amanhã cedo é o trabalho de recolher as flores, desarrumar os estandes. Até o próximo ano. Enquanto isto, no centro ou nos bairros de Joinville, os sócios das duas agremiações já começam a traçar os planos, a pensar no que poderão mostrar de diferente em matéria de arranjo floral, de cruzas e híbridos. O que farão, enfim, para tornar mais atraente a festa do ano que vem.

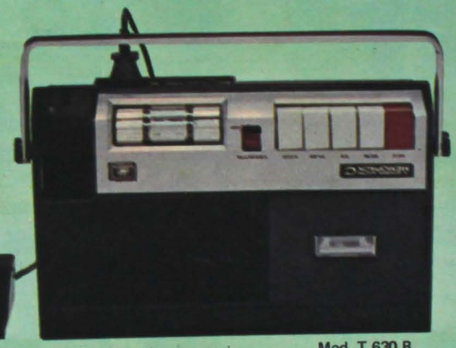




Mod. ATP 4213

COLOQUE SEU CARRO NESTE STEREO.

O toca-fitas estereofônico Mitsubishi é tão perfeito que merecia vir acompanhado de um Mercuri Cougar 72, como equipamento adicional.
Ele é um rádio AM, com dial eletrônico, que procura as estações sozinho, com regulagem para pequena e grande distâncias.
Isso, até o momento em que entra no ar o último sucesso do Waldick Soriano Aí, é só apertar o botão que ele se transforma num toca-fitas estereofônico com quatro pistas e 2 canais, que reproduzem tudo o que você escolheu para a coleção de fitas do seu carro. Desde Brahms até Carole King.
A fita cassete pode ficar sempre colocada. Não importa que o rádio esteja funcionando, porque os circuitos são totalmente independentes.
E a troca de fita é tão fácil que você nem precisa tirar as mãos da direção, ou do ombro da garota para fazer a mudança.
O toca-fitas Mitsubishi tem o som stereo, em alta fidelidade, que você ouve nas boates mais badaladas de cidade.
Mas foi feito para ficar só com você. Instale seu carro num Mitsubishi stereo. Mesmo que não seja um Mercuri Cougar, ele merece ter um som que seja o orgulho do dono.
E se você quiser instalar sua casa num toca-fitas, a Mitsubishi fabrica o MEMOPACK C que é um gravador tipo cassete com potência de 1,2 w e alto falante Diatone.
Seu controle é de um só toque para o retorno, gravação, e avanço rápido.
O MEMOPACK C pode ajudar o pessoal nos estudos, transmitir recados e gravar os últimos sucessos da música pop.
É um amigo que o acompanhará proporcionando-lhe total tranquilidade.



Mod. T 630 B

MITSUBISHI ELECTRIC

EVADIN

Distribuidor exclusivo no Brasil:
Ind. e Com. Ltda.
Rua Brigadeiro Galvão, 894/908
Tel.: 52-3792 - São Paulo
End. Telegráfico -EVADIN

A venda, exclusivamente, em lojas especializadas.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

026 - MIGUEL, Salim. Miss Brasil tem um amor. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro, n. 936, p. 66-68, 28 de março de 1970.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Ela não gosta de falar no assunto de sua omissão quase total em relação ao título que ainda é seu

MISS BRASIL TEM UM AMOR

Texto de Salim Miguel
Fotos de Gervásio Batista

BEM mais bonita, mais amadurecida, tostada pelo sol (o que acentua o contraste entre seus cabelos louros, seus dentes muito brancos e a pele queimada), a catarinense Vera Fischer, Miss Brasil 1969, permanece isolada no balneário de Camboriú. Aproveita, sem que a incomodem, o final da temporada de vérão, que se confunde com o final de seu reinado, freqüentando, sempre em companhia de amigas e parentes, o mesmo canto, quase ao fim da praia. De repente, alguém a descobre. "É Miss Brasil, não é?" Aí, então, turistas e admiradores vão vê-la.

À noite, uma esticada pela boate do Dimas, um caldo de peixe no Baturité, uma pausa para ver a lua surgir e dar um gostoso mergulho. Sempre acompanhada por Nélson Rogério de Campos. Nelsinho — como é mais conhecido — pertence a tradicional família de Lajes. Boa-pinta, 25 anos, formou-se em Direito e advoga em Florianópolis. Era noivo quando conheceu Vera, em dezembro. O noivado não resistiu aos encantos de Miss Brasil.

Vera conheceu Nélson há quatro meses. Mas o namôro foi para valer e a família já fala em casamento. À direita, Vera, em Camboriú, balneário em que tem vivido como a mais anônima Miss Brasil.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Vera só fica sossegada na praia até o momento em que alguém anuncia a presença de Miss Brasil. Aí ela passa a ser o centro de tudo.

O fim do verão lembra o fim próximo do reinado de Vera, que ela espera ansiosamente, sem chegar a explicar bem o motivo

O namôro de Vera é tão sério que começou rompendo um noivado anterior de Nélson.



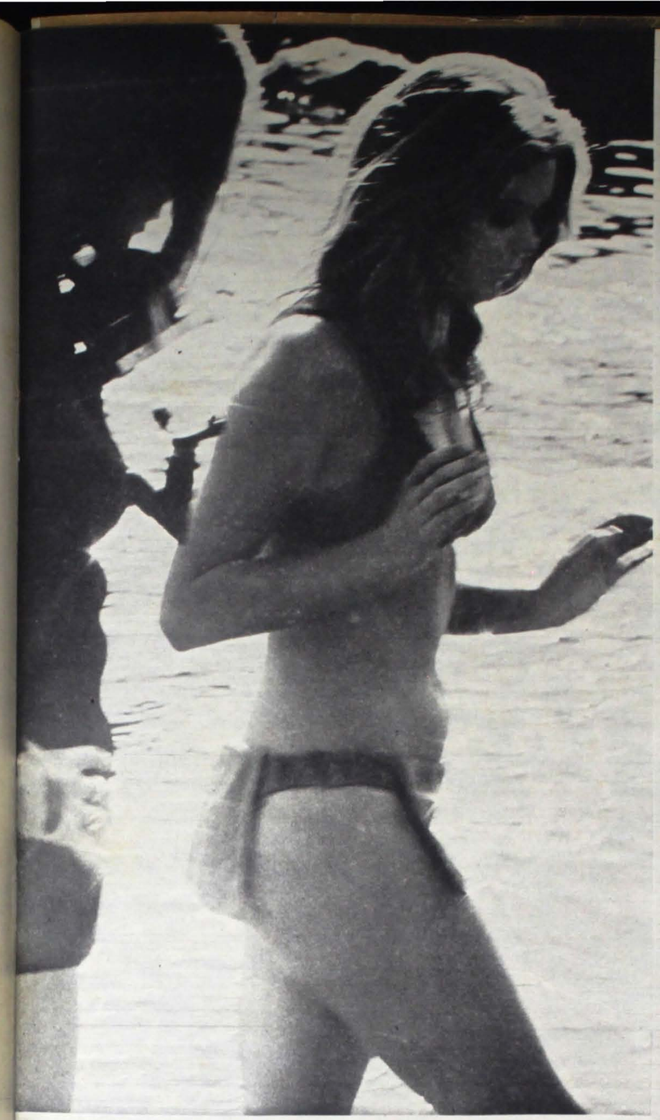
VERA Fischer se mantém numa posição discreta não sòmente a respeito do futuro casamento, mas também a respeito de seu reinado como a mais bela do Brasil. Prefere não falar no assunto. Sorri, desconversa.

Pouco tem aparecido no noticiário. Quase não circula fora de Camboriú e Blumenau. Atende como uma obrigação aos compromissos assumidos. Alguns chegam a acusá-la de ter-se omitido. Nega.

É que se a escolha — favorita que foi desde os primeiros instantes, conseguindo a unanimidade do público e da comissão desde que chegou ao Rio — lhe trouxe alegrias, fama, viagens, novos conhecimentos, também lhe deixou algumas decepções.

Ela nada diz. Foge do assunto quando instigada. Irrita-se com a insistência. Mas percebe-se claramente que Vera procura, a todo custo, evitar o tema. Deixar que a conversa descambe para êste tema a constrange.

Espera, com ansiedade, o momento de entregar o cetro à sua substituta. Será para se ver livre de compromissos estafantes, de uma obrigação penosa? Ou para que possa, afinal, livre, concretizar seu sonho do casamento com Nélson?



16 de novembro: no Mediterrâneo, Biquini de Ravizza Sport, Milão.



17 de novembro: nos Alpes, em Cervinia, Trajes e Equipamentos de Leila Esporte, Milão e Roma.

Alitalia apresenta uma Itália para tôdas as estações

Ao contrário de alguns outros países, nós não temos mêdo de falar sôbre nosso clima. Esta é uma razão pela qual a Itália é visitada anualmente mais do que qualquer outro país do mundo.

Apesar de não têrmos mais do que quatro estações, elas não se seguem na ordem conhecida.

A Itália tem o clima que você quiser e na época que você escolher.

Isso parece refletir um pouco o nosso temperamento. Quente e alegre no sul de Nápoles. Frio e moderado no norte.

Roma, no centro do país, é, como dizem, "à prova de clima".

Quando chove é apenas para dar um rápido banho nas estátuas e deixar gravado em sua mente o inesquecível perfume de pinho molhado.

Então, escolha a sua estação preferida.

A ALITALIA tem a excursão para você.

Verão é quando multidões seguem a rota do sol.

Outono, um tempo mais tranqüilo para viajar.

[illegible] festivais do vinho.

O "fora de época" não deve adiar a sua viagem.

Alegria do inverno para os aficionados do sky.

Premières no La Scala.

(Que tal uma excursão ALITALIA às montanhas, onde você gozará da quente hospitalidade da hotelaria Alpina ?).

Com a primavera, chega o viajante da temporada.

Páscoa, em Roma. Maio, em Florença.

O tempo dos festivais de música ao ar livre.

Na Riviera italiana os amantes do sol já estão nadando.

Você tem a escolha na Itália com a ALITALIA.

De estações, lugares, tempo e preços. Seu agente de viagens pode lhe dar detalhes a qualquer tempo do ano.

Uma outra atração que lhe oferecemos o ano inteiro: a ALITALIA tem uma das mais bem equipadas frotas a jato do mundo.

Pronta para voar com você nos céus supersônicos dos anos 70.

Decole com o viajante de tôdas as estações: ALITALIA.

Através da DIMENSÃO 70.

FLY Alitalia
ITALY'S WORLD AIRLINE



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

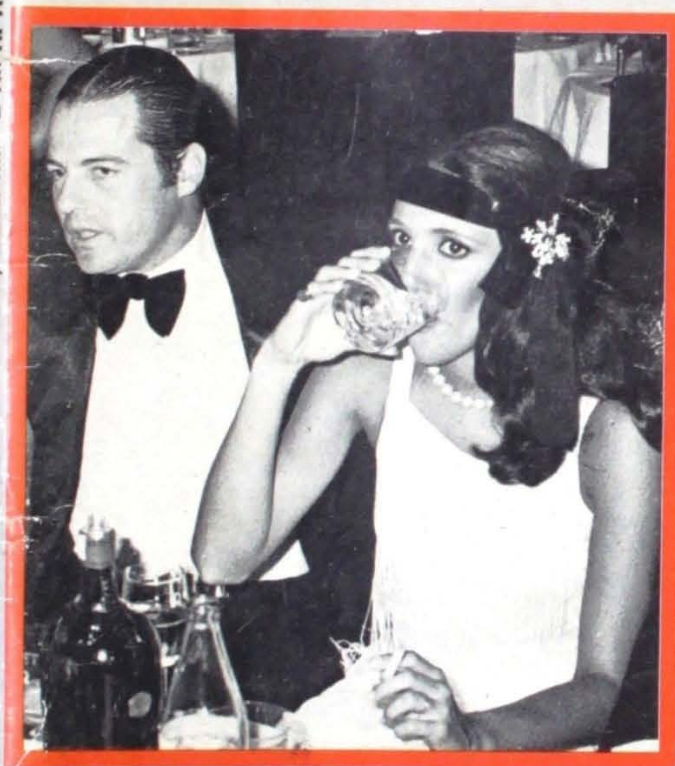
027 - MIGUEL, Salim. Água vermelha: energia e ecologia. **Revista Manch**ete, Rio de Janeiro, n. 1254, 01 de maio de 1976.

BLOCH EDITÔRES S.A.
manchete
...IRO, 1 DE MAIO DE 1976 ● Cr$ 15,... N.º 1.254

PARIS especial
TODA A MODA PRÊT-À-PORTER OUTONO INVERNO

Após a tragédia de São Gonçalo
O FANATISMO RELIGIOSO NO BRASIL

Exclusivo
Príncipe D. Eudes
"COMO ESCAPEI DA MORTE NAS MONTANHAS DA JAMAICA"



A última foto do casal Orleans e Bragança, no Régine's do Rio, antes da sua viagem de lua-de-mel.

JK escreve
BRASÍLIA 16 ANOS DEPOIS

Um fotógrafo francês mostra
O VIETNÃ HOJE

AMAZONAS, PARÁ, ACRE, RONDÔNIA, RORAIMA E AMAPÁ (VIA AÉREA) Cr$ 20,00/PORTUGAL ESC. 40$00

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Ao construir uma nova e gigantesca hidrelétrica, os técnicos da CESP preocupam-se em preservar os recursos da natureza, criando para o homem um ambiente de conforto e bem-estar

Água Vermelha
ENERGIA E ECOLOGIA

Reportagem de Salim Miguel ● Fotos de Gino Lovechio





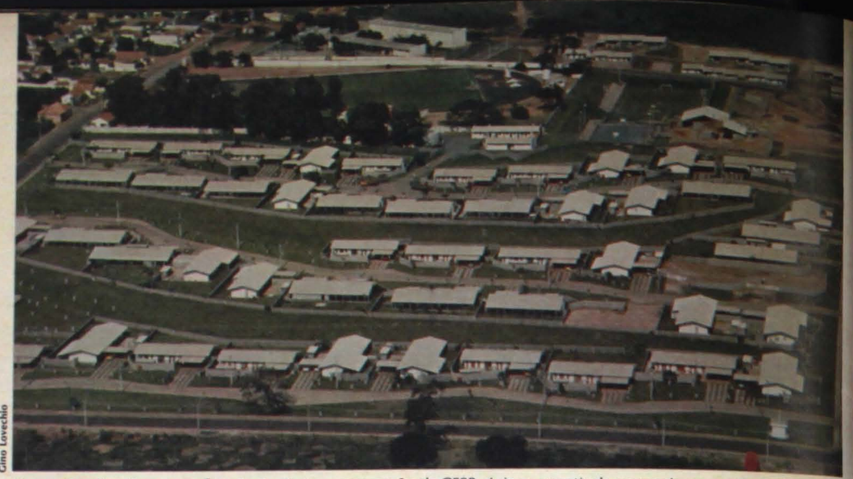
Aspecto geral *da barragem e das obras em concreto (acima). Ao lado, o muro lateral esquerdo e o vertedouro. Na foto maior, à direita, uma vista aérea da grande construção das Centrais Elétricas de São Paulo.*

AS Centrais Elétricas de São Paulo — CESP — estão construindo a usina de Água Vermelha, que será uma das maiores unidades daquele gigantesco complexo de produção de energia elétrica. A barragem da usina, que terá um comprimento total de 3.940 metros, formará um reservatório de 11 bilhões de metros cúbicos de água, volume três vezes superior ao da baía de Guanabara. Os responsáveis pelo projeto procuram valorizar ao máximo os aspectos paisagísticos, preservando ao mesmo tempo o equilíbrio da natureza na região. Simultaneamente, foram montados todos os elementos de um importante sistema de apoio aos trabalhadores. Esta reportagem conta a história deste empreendimento extraordinário.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Cinco municípios serão beneficiados diretamente pelas obras da barragem e da usina. O aspecto social e a ecologia — reflorestamento e piscicultura — recebem especial atenção



Gino Lovechio

A produção de energia *não é a única preocupação da CESP. Acima, a partir da esquerda, aspectos dos centros co*





Thomas Scheier

munitários, localizados nos municípios de Indiaporã, Fernandópolis, Iturama, Guarani d'Oeste e Ouroeste; e pesquisa para uma ampla piscicultura.

CINCO bucólicas e pacatas cidades de uma mesma região — quatro localizadas em território paulista e uma no Estado de Minas Gerais — viram, de repente, sua tranqüilidade afetada. Homens e máquinas começaram a chegar, movimentavam-se, faziam medições, erguiam construções, tomavam medidas que aos habitantes pareciam insólitas. Mas bem logo todos se acalmaram ao perceberem que não era nada de prejudicial que ali se implantava. E, então, passaram a acompanhar com interesse os trabalhos, a participar, antevendo, inclusive, uma nova fonte de renda.

E, em pouco tempo, pôde-se perceber a influência benéfica do indivíduo de fora sobre o meio ambiente, atuando como fermento, motivando-o, com a conseqüente absorção de novas técnicas e a ampliação dos benefícios do progresso ao sistema comunitário. A contribuição que eles traziam à região não visava desfigurá-la nem tirar-lhe a autenticidade.

Mais energia. A oitenta quilômetros a montante da confluência dos rios Paranaíba e Grande, formadores do caudaloso e estratégico Paraná, um verdadeiro exército, constituído por cerca de oito mil homens, está trabalhando na construção da Usina de Água Vermelha, cuja potência instalada final será de 1.380 MW. Sua entrada em operação está prevista para setembro de 1978, quando o primeiro gerador começará a produzir energia para a região Sudeste.

Mas o aproveitamento hidrelétrico e os conseqüentes benefícios que trará para o desenvolvimento da região e do país são apenas uma parcela do trabalho que ali se desenvolve.

Dentro de uma nova filosofia, a CESP — Centrais Elétricas de São Paulo vê o problema como um todo, um elenco de obras que beneficiarão as populações daquelas cidades. Entre os trabalhos já executados estão 1.207 casas no município de Indiaporã, 224 no de Fernandópolis, 150 em Guarani d'Oeste, 250 em Ouroeste, todos em São Paulo, e 100 em Iturama, município mineiro. Estes cinco núcleos residenciais servirão de suporte às obras de Água Vermelha. Mas, além das moradias, ou como resultado delas, encontram-se em fase de conclusão obras de infra-estrutura nesses conjuntos, compreendendo redes de água e esgoto, drenagem, redes de energia elétrica, pavimentação de ruas, colocação de guias e sarjetas, montagem de reservatórios de água e casas de bombas, perfuração de poços e colocação de galerias de águas pluviais.

Com uma visão mais ampla dos problemas econômico-sociais, terminada a obra, saídos os homens que ali hoje se encontram, isto não significará o fim dos benefícios carreados para a região. O ginásio construído em Indiaporã pela CESP, com capacidade para 560 alunos, continuará formando novas turmas, assim como continuarão recebendo novas levas de alunos as escolas existentes e que foram ampliadas em Guarani d'Oeste, Indiaporã e Ouroeste. Os serviços de saúde foram grandemente melhorados com a ampliação da Santa Casa de Indiaporã, além da edificação de um hospital que terá área coberta de 2.533 m².

Também o lazer não foi esquecido. A empresa estatal paulista projetou e já concluiu as obras do Centro Comunitário, próximo dos canteiros de obras, para dar apoio ao pessoal alojado. Conta com cinema, escola, cancha de bocha, agência bancária e centro comercial. Em Guarani d'Oeste foi erguida uma torre para a instalação de antena de transmissão de TV e que atenderá a toda a região.

Outras obras concluídas ou em construção: o hotel destinado ao pessoal de direção das obras, localizado à margem esquerda do rio Grande, rodovia asfaltada unindo Ouroeste e Indiaporã, construção de aeroporto com pista de 1.680 metros de extensão. São todas elas obras de grande alcance social, a que se juntam pontes e estradas municipais e vicinais, propiciando enorme melhoria ao sistema viário e facilitando as comunicações entre as cidades próximas à Usina Água Vermelha, única de responsabilidade da CESP naquele rio.

A barragem. Projetada para atender a região Sudeste — que compreende os Estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro —, onde se concentram 50 milhões de brasileiros — quase a metade da população nacional — Água Vermelha terá uma barragem com o comprimento total de 3.940 metros.

As diversas etapas da obra estão bem definidas

A primeira etapa de desvio do rio Grande foi realizada em junho de 1974, quando se construíram as ensecadeiras de montante jusante, a fim de possibilitar o início dos trabalhos de escavação e concretagem da Casa de Máquinas e demais obras em concreto. A segunda etapa de desvio é prevista para maio de 1977 e permitirá a execução da barragem de terra da margem esquerda, entrando a obra em sua fase final com a montagem dos equipamentos diversos e dos hidrogeradores.

Subestação e linha de transmissão. A subestação da usina terá 15 transformadores. Para transportar a energia gerada será construída uma linha de transmissão de tensão de 460 kV, desde Água Vermelha até Limeira, passando pela Subestação de Araraquara, onde cruza e se interliga com o **Linhão-2,** procedente de Ilha Solteira. De Limeira, passando por Santa Bárbara d'Oeste, a linha prosseguirá até a região do grande São Paulo e Vale do Paraíba. Desse modo, a Usina de Água Vermelha ficará integrada aos 3 linhões da CESP e ao anel elétrico de 460 kV em torno da grande São Paulo. Uma linha de transmissão em circuito singelo será construída até a Usina de Ilha Solteira, completando assim a interligação entre as três maiores hidrelétricas da CESP, as quais assegurarão o fornecimento de energia abundante para a região mais industrializada do país, responsável por 60% do nosso PNB, 78% da produção industrial brasileira e 42% da agropecuária. Em abril de 1978, deverá ocorrer a primeira etapa do fechamento das comportas da hidrelétrica, para a formação do reservatório. A segunda etapa será executada em julho do mesmo ano. Isto possibilitará a acumulação de um volume aproximado de 11 bilhões de metros cúbicos de água, inundando uma área de 648 km².

Ação no meio ambiente. Mas a CESP não está preocupada apenas com o desenvolvimento da região e o fornecimento de energia ao país. Suas preocupações vão mais longe, com o bem-estar da comunidade, com os problemas ecológicos, com a fauna e a flora, com a piscicultura. Um grande passo, talvez o maior encetado por uma empresa pública, vem sendo dado no sentido de preservar as nossas riquezas naturais, em defesa do paisagismo e da originalidade e tipicidade da nossa flora nativa. Por exemplo, o trabalho de reflorestamento levado a efeito pela CESP, em outras áreas, como na barragem e usina de Paraibuna, não se limita ao plantio ou replantio de bosques padronizados com **Pinus eliottis** e eucaliptos. Vai além. Lá se cultivam espécies silvestres nativas, garantindo-se a preservação e o alastramento da vegetação típica da região.

Sendo assim, não existe o problema de aclimação que surge com o cultivo de árvores provenientes de ambientes diversos. Hoje, em seu parque, a CESP tem em estoque 150 mil mudas, muitas delas de espécies quase em extinção, como peroba, pau-brasil, jequitibá, cedro, sucupira, pau-ferro. E outras mudas, em matas que recobrem a serra do Mar, de espécies cujas sementes são difíceis de obter, são recolhidas. Entre elas se encontram o canudeiro, o jaguatirão, a copororoca, a raposeira, o cambuí.

O trabalho que vem sendo realizado não é empírico. Ele obedece a uma disciplina, com o estudo das terras, a melhor aclimação das variedades. Cem espécies de sementes foram isoladas e catalogadas. O cultivo tem início nas sementeiras, também chamadas **berçários.** Eles consistem em canteiros elevados e irrigados por aspersão automática em ciclos fechados. Assim, o reaproveitamento da água evita a perda dos macro e micronutrientes que ela carrega da terra.

Depois da germinação, quando as plantas atingem entre 5 e 15 centímetros, elas passam pela **repicagem.** Quer dizer, são transplantadas para vasos de um litro. Os vasos são levados para um **ripado,** onde as espécies recebem sol indireto, dentro de um processo de aclimação. Ao atingirem 30 centímetros de altura, algumas espécies vão para vasos maiores e outras são plantadas diretamente. Antes, porém, todas as espécies prontas para o plantio passam pelo **desmamamento,** que consiste em permanecerem, por períodos controlados, no pátio de estocagem, até que sobrevivam sem recuros externos.

O meio ambiente não sofrerá nenhuma alteração

Muitas vezes, com sua atitude predatória, o homem se torna o maior destruidor do equilíbrio ecológico. As intenções podem mesmo ser as melhores. Mas não os resultados. No caso da água, por exemplo, ela satisfaz às necessidades mais prementes do homem. Mas, para utilizá-la, ele acaba por romper o equilíbrio natural existente. A função da conservação desse recurso natural é permitir o seu uso ao máximo, prevendo, porém, a reposição da paisagem e a restauração do meio ambiente, melhorando as condições de aproveitamento por maior número de pessoas e pelo maior tempo possível.

Para se evitar prejuízos irrecuperáveis, a exploração de recursos naturais não deve tornar-se anti-social. Há pouco é que as concessionárias de barragens se aperceberam do problema. Atento ao fato, o Banco Mundial passou a exigir, para o financiamento de obras desse tipo, um levantamento prévio das conseqüências das barragens e dos meios de recuperação do meio ambiente.

SEGUE

O abastecimento *dos tanques é feito diretamente com água da represa. À dire*



ita, aclimatação de mudas de jacarandá e germinação do guapuruvu na sementeira.



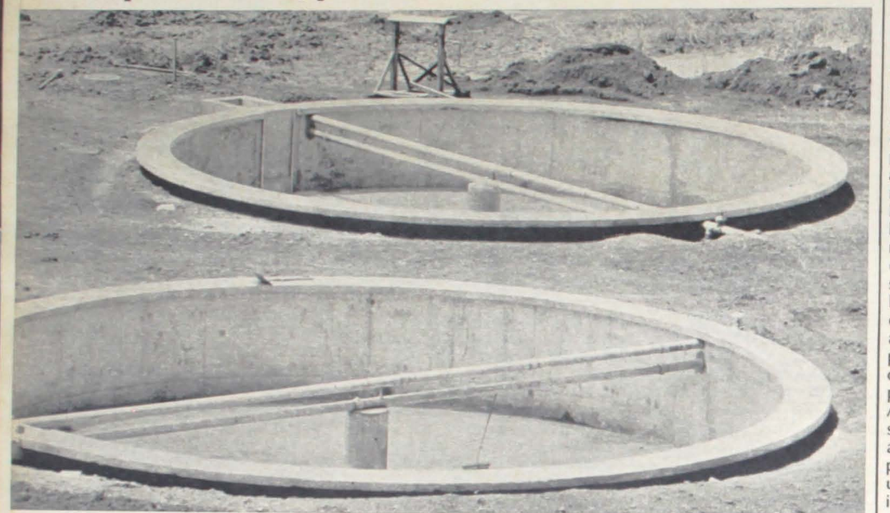
Thomas Scheier





UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Entre os peixes que estão sendo colocados nos reservatórios, está o apaiari, de origem amazônica, que atinge dois quilos de peso e ajuda no combate à esquistossomose, pois devora os caramujos



JÁ em 1962 a UNESCO recomendava medidas particulares para proteção e correção da paisagem nas obras de produção e transmissão de energia. Em São Paulo, medidas legais nesse sentido foram tomadas — e a CESP a cada dia mais atenção dá ao problema de combate à erosão, melhoria das condições de uso do reservatório, embelezamento da paisagem, uso para recreação, conservação da fauna e exploração da madeira. Por outro lado, a recomposição da fauna ictiológica permitirá o controle da qualidade das águas, o abastecimento regional, o desenvolvimento do turismo e a criação de serviços na região.

Piscicultura. As experiências que a empresa paulista vem fazendo no setor da piscicultura têm se mostrado auspiciosas.

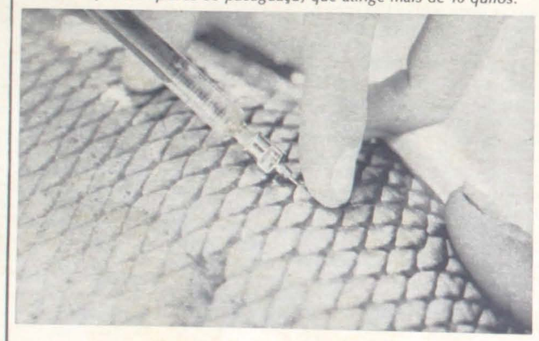
Utilizando-se das mais recentes pesquisas, técnicos elaboraram um programa que agora atinge suas fases mais importantes. Várias espécies vêm sendo testadas, entre elas o pirarucu e o tucunaré, espécimes da bacia amazônica. No sentido de procurar restabelecer o equilíbrio ecológico, tenta-se a substituição de espécies nativas por outras originárias de várias regiões do país, cuja disseminação se revele proveitosa. Ao mesmo tempo, a CESP inicia, em reservatórios como os de Jupiá e Limoeiro, o reflorestamento ciliar das mais variadas espécies de plantas silvestres, cujos frutos, caindo nas represas, servem de alimentação à fauna ictiológica. A empresa já possui viveiros onde cultiva tais plantas, que mais tarde são transferidas para as margens de seus lagos.

A recuperação, restauração ou reposição do que foi destruído é quase impossível. Daí, a solução encontrada pelos técnicos, que prevê a recomposição do ambiente. Tais ambientes, modificados pela construção de barragens para formação de lagos artificiais, geram uma redução do número de peixes que exigem água corrente para sua reprodução. Cabe, então, ao homem, recompor essa fauna com espécies adaptadas ao novo ambiente. Lança mão, aí, da piscicultura de povoamento para obter resultados melhores e a prazo mais curto.

As primeiras experiências tendo sido positivas, a CESP resolveu ampliar as suas estações de piscicultura, que compreendem um conjunto de obras, instalações e equipamentos necessários à pesquisa, produção, restituição, manutenção, substituição e aumento dos estoques de peixes das represas ou bacias hidrográficas. Eles se compõem de vários tipos de tanques, laboratórios especiais e de instalações complementares que permitem obter-se maior e melhor produção de alevinos destinados ao povoamento ou repovoamento dos reservatórios e, subsidiariamente, para o desenvolvimento da piscicultura em pequenos tanques de chácaras, sítios e fazendas. Algumas das estações de piscicultura — que poderão inclusive servir para a elaboração de estudos e aproveitamento em outras regiões — já se encontram num estágio adiantado. Como exemplo, a do rio Paraná, à jusante da barragem da Usina do Jupiá, no município de Castilho. Outras experiências, algumas em estágios mais ou menos adiantados, são as da Usina de Promissão, de Barra Bonita, de Limoeiro, de Salto Grande, de Paraibuna.

Além do seu alcance social, o trabalho desenvolvido pela CESP neste campo vem ao encontro das medidas do governo, preocupado cada vez mais com os problemas de meio ambiente, no sentido de que o desenvolvimento seja complementação e não um inimigo das necessidades de vida do homem.

Em tanques circulares, *com água sob pressão, os peixes de piracema se preparam para a desova. Embaixo, inseminação artificial em laboratório; e exemplares do pacuguaçu, que atinge mais de 10 quilos.*





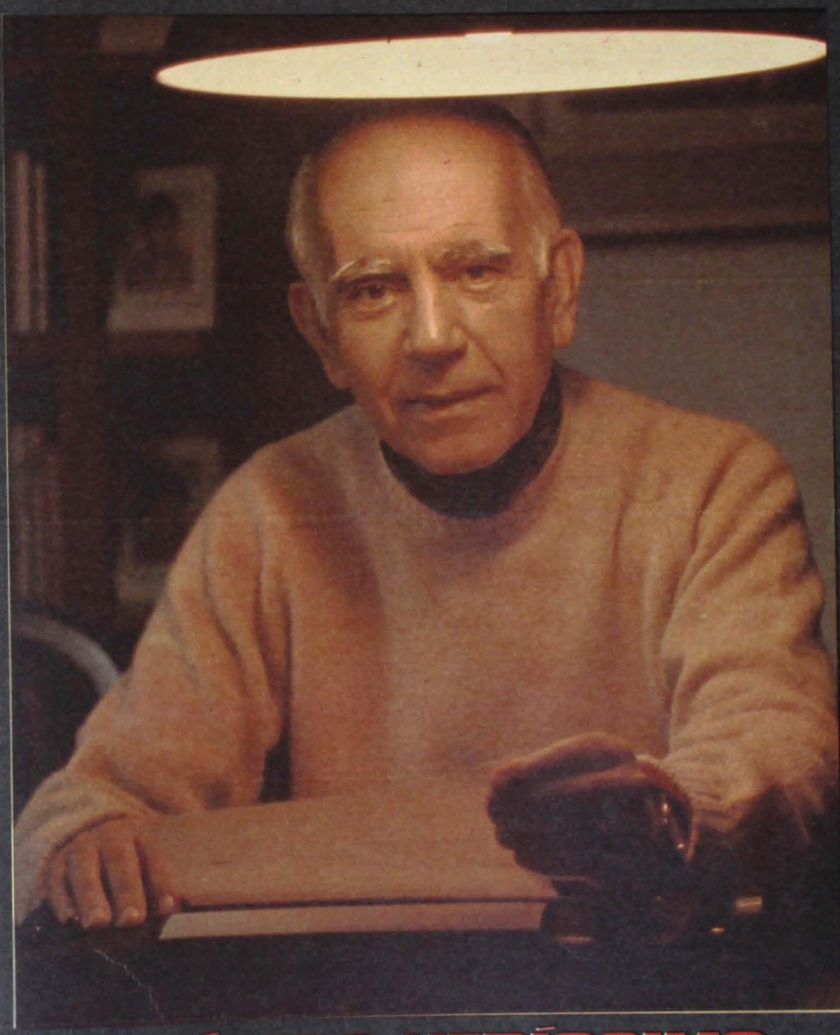
Thomas Scheier

As obras-primas que poucos leram

O TEMPO E O VENTO

NUNCA me esqueci da tarde em que, menino e moço, na paz de minha província, comecei a ler o primeiro romance de Érico Veríssimo. Foi isto em 1934. Clarissa saíra no ano anterior, em Porto Alegre. E logo se difundira por todo o país — embora os livros, por esse tempo, ainda fossem levados de navio ou de trem, sem pressa de chegar. No bonde mesmo, a caminho de casa, metido na minha farda de ginasiano, li os seus primeiros capítulos, e logo desapareceu para mim o mundo circundante. O que eu via, no encanto da leitura, era a primavera de Porto Alegre, com os pessegueiros floridos e as glicínias roxas espiando por cima do muro — enquanto a figura de Clarissa ganhava corpo e movimento, no seu pequeno mundo de palavras.

Texto de Josué Montello



Fotos MANCHETE

de ÉRICO VERÍSSIMO

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

028 - MIGUEL, Salim. Literatura: editores, tradutores e agentes literários de 12 países. **Gente Fatos e Fotos**, Brasília, ano 16, n.843, p.62-63, 17 out. 1977.

GENTE FATOS e FOTOS

CORTESIA BLOCH EDITORES S.A. VENDA PROIBIDA

PRA FRENTE TIMÃO!

Literatura - congresso de S. Paulo

O AMOR DE
CHICO ANÍSIO
POR
ALCIONE MAZZEO

FAGNER
CONTRA GREGOS E BAIANOS

PERGUNTA
VOCÊ PODE VIVER COM O SALÁRIO MÍNIMO?

TÓXICOS

RÉGINE
SE DEFENDE

SCARLET MOON
É PRESA

VERA SABA
FALA SOBRE O MARIDO, GEORGE KHOUR



SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA



uma publicação bloch

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LITERATURA

EDITORES, TRADUTORES E AGENTES LITERÁRIOS DE 12 PAÍSES, REUNIDOS EM SÃO PAULO DURANTE UMA SEMANA, DIZEM QUE, DEPOIS DO CHAMADO BOOM DOS ESCRITORES HISPANO-AMERICANOS, CHEGOU A VEZ DO

AUTOR BRASILEIRO

NO EXTERIOR. SERÁ?

ENTRE conversas, risos, e a voz monocórdica do comunicador, um autor tenta explicar ao agente literário que sua obra é uma experiência renovadora na ficção e que merecia ser... Não consegue concluir. É interrompido por outro, que pede passagem. Não para falar ao agente. Tem pressa. Vai encontrar o tradutor que lhe prometera ler, na noite de ontem, seu instigante livro, que traduzido será certamente um sucesso mundial.

Durante uma semana, no salão de convenções do Hotel San Rafael, em bares, restaurantes, boates, foi a caça ao agente, ao editor, ao tradutor estrangeiro. Tratava-se, afinal, do Primeiro Encontro com a Literatura Brasileira, que visava dar uma amostra do que se fez — e se faz — no terreno das letras no Brasil e do possível interesse do leitor de outros países por esta mensagem estética e humana.

A idéia do encontro partiu da escritora Edla Van Steen, que no ano passado esteve na Feira do Livro de Francforte. Diz ela que a feira foi teoricamente dedicada ao livro latino-americano. Mas, na prática, o que se via ali era o livro hispano-americano. Voltando ao Brasil, Edla começou a se movimentar. Interessou no Encontro a Câmara Brasileira do Livro, a Secretaria de Cultura de São Paulo e a Secretaria Municipal de Cultura.

Mas colocar o autor brasileiro num mercado altamente competitivo não é tarefa fácil. Thomas Colchie, tradutor e agente literário norte-americano, diz que existem implicações e obstáculos que fogem até mesmo ao problema do livro em si. E quando indagado por que se interessou por uma literatura desconhecida como a nossa e de um idioma quase ignorado como o português, sorri: "É isto mesmo, desconhecido e ignorado. Fui fazer, numa universidade americana, um curso de literatura latino-americana. Encontrei dezenas de autores hispano-americanos. Do Brasil, apenas *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Os Sertões*. Me entusiasmei com a qualidade da literatura de Machado de Assis e com o documento sociológico e humano de Euclides da Cunha. Pedi para ir fazer um curso com Wilson Martins, em Nova Iorque." Sua primeira tradução foi *O Cão sem Plumas*, de J.C. de Melo Neto. Depois, poemas de Drummond. Aí resolveu fazer um trabalho mais coerente. Sentiu que deveria agir como agenciador, procurando colocar autores brasileiros ao alcance do leitor norte-americano. Passou a procurar editores; já fez algumas traduções em prosa; negociou livros de Ary Quintela, Wander Pirolli, Ivan Ângelo, Oswaldo França, Murilo Rubião. Organizou com Ary Quintela uma antologia brasileira dos anos 70 e prepara outra, mais abrangente, que se intitulará *The Best of Fiction*, seleção de contos extraídos da revista *Ficção*. Colchie diz que o encontro é uma oportunidade de manter contatos diretos não só com escritores, mas uma possibilidade de conhecimento com pessoas de outros países interessadas na promoção do livro daqui. Carmem Balcells, agente literária espanhola, começa afirmando que o mercado internacional tem interesse por tudo que apresenta qualidade; é o caso da literatura brasileira. Diz que pode afirmar isto por que não a veio conhecer agora. Como pedíssemos exemplos ela foi enumerando contratos já assinados e autores que estão sendo traduzidos: Érico Veríssimo e Graciliano Ramos, Autran Dourado, Clarice Lispector, Rubem Fonseca, José J. Veiga, Osman Lins, Ricardo Ramos, Lygia Fagundes Telles, Ignacio Brandão, Nélida Piñon, Josué Guimarães, Moacyr Scliar, Arthur José Poerner, Darcy Ribeiro.

Para um editor, o problema mais grave é a dificuldade em se conseguir leitores de português que avaliem as obras. Outro pedia que os livros tivessem resumos em inglês, francês, alemão, italiano e espanhol. Mas a opinião unânime é que o encontro representou uma abertura válida e deve ser melhorado e repetido nos próximos anos.

Edmundo Valadés, escritor mexicano, autor do livro de contos *La Muerte Tiene Permiso* (8 edições, 100 mil exemplares), editor da revista *El Cuento* (13 anos de circulação, muitos brasileiros publicados), dizia:

"Creio que este encontro é decisivo para romper o isolamento da literatura brasileira, reduzida em muito ao seu âmbito local por problemas de idioma. A literatura brasileira atual é um fenômeno caudaloso singular no mundo. Nenhum outro país latino-americano transborda com tal multiplicidade de ímpeto criador. Por seu laborioso esforço os escritores brasileiros são dignos de leis que, em lugar de dificultar a liberdade plena de expressão, antes a preservem e estimulem. Se este encontro equivale a uma abertura de uma das comportas de contenção, esperamos que outras sejam levantadas."

Mas se esta é, de maneira quase unânime, a opinião dos estrangeiros, qual será a dos brasileiros?

"Este primeiro encontro — diz o romancista Moacyr Scliar, que acaba de assinar contrato para a publicação de sua obra na Europa — ocorre dentro de uma conjuntura que deixa esperançosos os escritores brasileiros em sua luta nem sempre gratificante. Destaco outros fatos positivos, como o aparecimento de revistas literárias, novas editoras, realizações de conclaves, como o Projeto Cultur no Rio Grande do Sul, e o interesse dos estrangeiros pela produção literária brasileira."

Para Ignacio de Loyola, autor do proibido *Zero*, "o importante era tentar abrir uma brecha. E ela está sendo aberta. A literatura brasileira não é marginalizada no exterior. É simplesmente desconhecida. Este encontro é para tentar colocar uma cunha no mercado europeu e norte-americano."

Loyola acha que o autor brasileiro deve continuar a luta interna em busca de melhores condições para a realização de sua obra, na luta para avançar culturalmente e sair do subdesenvolvimento.

O jornalista e crítico literário Antônio Hohlfeldt diz que no começo "podia-se dizer que o caos que envolve a realidade brasileira atual fazia-se igualmente presente no encontro. Era natural — constata — não só porque a cultura é parte da realidade, e portanto não lhe pode ser dessemelhante, com o fato de haver uma indefinição de metas."

"Isto — continua ele — da parte brasileira. Do lado dos estrangeiros, o problema de sempre: desinformação quase absoluta sobre o Brasil e sua realidade. Pairando sobre tudo, o perigo da presença do neocolonialismo: estrangeiros a quererem salvar seus lucros com uma nova literatura, e os escritores brasileiros ávidos por se verem publicados no exterior, mesmo sem terem entrado no mercado interno. Creio, porém, que tudo isto gerou por si mesmo uma remodelação do esquema do encontro, a partir do terceiro dia. Ninguém será tão ingênuo em pensar que um seminário dê frutos diretos ou imediatos. Ele é motivo, apenas, para tudo o mais. E este *tudo o mais* — concluiu Hohlfeldt — teve extrema dinamicidade e deverá, em médio prazo, chegar a algum resultado. Isto é o que importa." □



Scliar, autor de Ciclo das Águas, terá a sua obra publicada na Europa.



Valadés, escritor e editor mexicano, quer divulgar mais os brasileiros.



Depois de Zero, de Loyola, Inge Feltrinelli vai lançar Darcy Ribeiro.



Para Hohlfeldt o encontro teve extrema dinamicidade e dará resultados.



O crítico Fausto Cunha situou a literatura brasileira atual.



Colchie prepara uma antologia de contos intitulada The Best of Fiction.



Loyola, autor de Zero, diz que o importante era tentar abrir uma brecha.



Edla não se conformou com o que viu na Feira do Livro de Francforte/76.





Durante uma semana 200 escritores e jornalistas brasileiros debateram e apresentaram para 30 representantes estrangeiros e centenas de estudantes a situação do mercado editorial e a potencialidade da nossa literatura.

Texto de **Salim Miguel**
Fotos de **Wilson Chumbo** e **Antonio Parramon**

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

029 - MIGUEL, Salim. Fio Maravilha: a alegria da galera de Belém. **Fatos e Fotos,** Brasília, n.614, p. 50-55, 28 de maio de 1973

FatoseFotos

BRASÍLIA, 28 DE MAIO — N.º 614 — ANO XIV — Cr$ 3,00 — PORTUGAL ESC. 20$00



Os Presidentes Emílio G. Médici e Américo Thomaz, ladeados pelas primeiras-damas do Brasil e Portugal.

TUDO SOBRE MÉDICI EM PORTUGAL

O CINEMA DO MUNDO EM CANNES 73

A VOLTA DE FLÁVIO CAVALCÂNTI

Fio Maravilha em Belém

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

NA PRIMEIRA PARTIDA EM QUE SE APRESENTOU COM A CAMISA DE SEU NOVO TIME, PROVOU, MAIS UMA VEZ, SUA POPULARIDADE

Sua chegada ao Pará provocou os mais diversos comentários: uns diziam que ele seria um reforço para o Paissandu e outros que sua vinda teria sido inútil. Mas Fio calou os descrentes marcando o primeiro gol da primeira partida em que participou pelo seu clube atual.



FIO MARAVILHA

A alegria da galera em Belém

Reportagem de SALIM MIGUEL
Fotos de PAULO KEUFFER

CÉSAR Augusto, paraense, 13 anos, estudante, inteligência viva, flamenguista doente e vidrado no Paissandu de Belém, faz questão de posar ao lado de Fio Maravilha. Enquanto o *Crioulo Doido* enverga a camisa de seu novo time, o garoto veste a do *mais querido*. Quer, ao mesmo tempo, prestar uma homenagem ao jogador e a seus dois times.

César gostaria de rever o jogador no Flamengo ("no Paissandu, também é bom"), mas reconhece que dentro do esquema tático de Zagalo ele não tem vez. "Fio — diz — é um jogador diferente, imprevisível, mas eu gosto muito de vê-lo jogar."

No primeiro jogo em que se apresentou vestindo a camisa de seu clube atual, Fio provou, mais uma vez, que é atração permanente e que tem grande valor como jogador profissional. Ele conseguiu lotar completamente o estádio e nas imediações, pequena multidão se comprimia para vê-lo.

Mesmo antes do jogo começar, por onde passava, o *Crioulo Doido*, era acompanhado, admirado, aplaudido e apalpado. As pessoas riam de sua figura, com suas expressões pitorescas, suas respostas rápidas e desconcertantes, às vezes algo ríspidas, nas quais se notava um travo de tristeza e amargura através de suas caretas e da dentuça — marca registrada do irmão de Germano-Conde.

As opiniões sobre sua vinda eram as mais diversas: ele foi aplaudido e vaiado. A torcida ria de seus gestos e exclamações e houve um torcedor — quase apanhou da garotada amiga de Fio — que disse: "Não sei porque comprar um bonde imprestável como aquele".

Mas o bonde imprestável, foi entrando em campo e provando justamente o contrário disso: realizou excelentes jogadas e marcou o primeiro gol que levaria o Paissandu a vencer o Combatentes por 3 a 0.





Em seu primeiro jogo pelo Paissandu, Fio marcou o gol inicial e deu uma boa exibição de futebol. Abaixo, o garoto César, com a camisa do Flamengo, posa orgulhosamente a seu lado. O jogador, nas horas vagas, passeia com a mulher e filha pelos locais pitorescos de Belém.



Mesmo estando meio fora de forma, um pouco gordo, pois ficou parado muito tempo, ele continua a ser o jogador imprevisível de sempre: pode perder gols certos e marcar outros praticamente impossíveis; pode fazer jogadas infantis, sem nenhum brilhantismo, como pode realizar jogadas celestiais. E é por isso que ele é o *Fio Maravilha*.

O atleta João Sales, ou simplesmente Fio, tem agora o semblante mais sofrido, mais amargo. Com 12 anos de futebol, ele não tem mais qualquer espécie de ilusão. Futebol, para ele, perdeu o encanto. Como profissional, procura cumprir fielmente suas obrigações, se resguardar, amealhar um dinheirinho para amanhã ou depois, quando seu futebol acabar de vez, para que não acabe como tantos outros: pobres e esquecidos. Por isso não entra numa jogada ríspida durante um jogo-treino. "Deixo isso para os que estão começando — diz — me esforço mesmo e dou meu sangue só nas partidas oficiais."

Logo que chegou a Belém, Fio deu uma de turista: foi conhecer os pontos pitorescos da cidade. O Ver-o-Peso, o Teatro da Paz, a Basílica de Nazaré e o Forte do Castelo. Em toda parte, o mesmo interesse e o mesmo entusiasmo do povo. Ele foi cercado, as pessoas pedindo autógrafos (atendia a todos com o maior bom-humor), e fazendo a inevitável pergunta: "Porque deixou o Flamengo?". A resposta, sempre reticente, aos arrancos. Não opina jamais sobre sua barração no clube da Gávea, só diz: "O homem deve ter suas razões, deve saber o que faz, já que é o técnico." A todas as pessoas que faziam a mesma pergunta, ele respondeu de maneira igualmente vaga. E, em nenhuma oportunidade, em nenhum momento, ele pronunciou o nome de Zagalo. Era sempre "o homem" ou "o técnico".

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

BRASILIA, 6 DE AGOSTO DE 1970 — ANO X — NÚMERO 496 — CR$ 2,50

fatos e fotos



VANDERLÉIA CHACRINHA
Tudo em família



LEILA DINIZ
A vida de casada é boa



JOANA FOMM:
"O amor é quase tudo"

Paris-exclusivo
MODA 71 NAS RUAS

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Capitais brasileiras

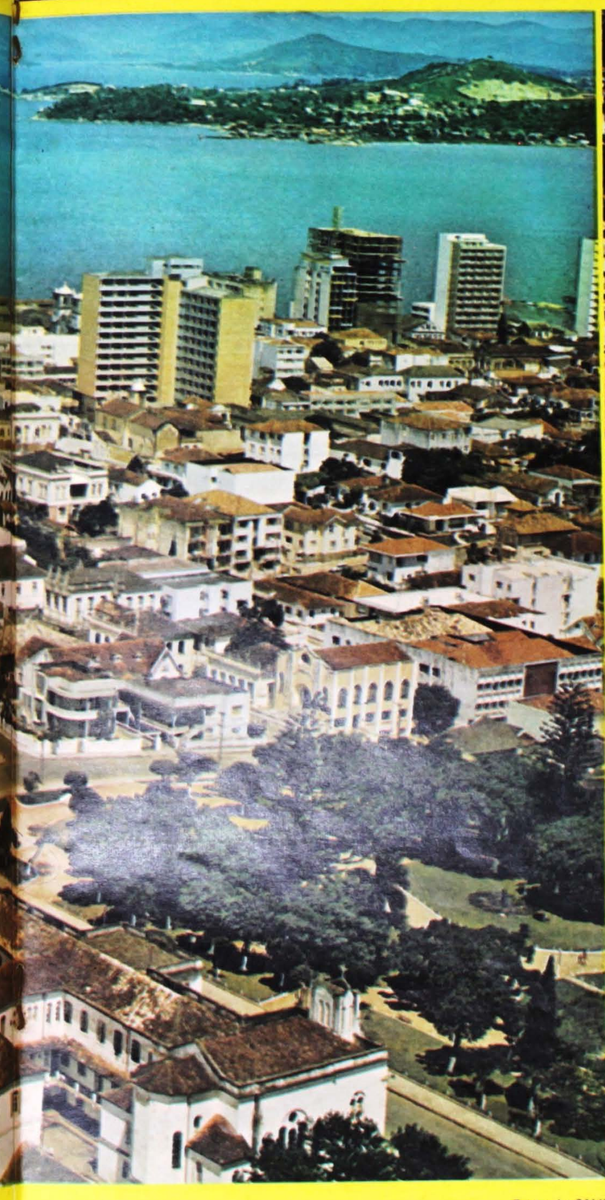
FLORIANÓPOLIS

Ponte entre a cultura e o progresso





Uma cidade bem-humorada, irreverente, um povo parecido com o carioca. Florianópolis cresceu, principalmente nos últimos dez anos, mas mantém seu ar despreocupado, o jeito brincalhão, o que não prejudica seu compromisso com o futuro: centro político de Santa Catarina, afirma-se cada vez mais com seu centro cultural também. Isto em meio a uma paisagem que é uma das mais belas do Brasil. Uma cidade cercada de praias, que não se importa em revelar os segredos aos turistas.









As belezas naturais, o encanto da cidade, as lembranças que ficaram dos primeiros colonizadores fazem de Florianópolis uma das cidades mais cativantes do país. E a tudo se soma a afabilidade de seu povo.

Texto de SALIM MIGUEL ● Fotos de GERVÁSIO BATISTA e CLAUS C. MEYER

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O passado açoriano está no casario colonial, na voz de seus habitantes, na perfeição do trabalho das rendeiras humildes

Florianópolis se modifica. A antiquíssima Y-Jurere-Mirim e a antiga Nossa Senhora do Destêrro são memória de um passado perdido no tempo. Até mesmo a recente cidade da década de 50, de ruelas estreitas e becos mal iluminados, com seu casario colonial, suas fachadas de azulejo, seu movimento reduzido e seus bares gostosos de nomes típicos como o Poema Bar ou o João-bebe-água (que nunca a provou), se some e descaracteriza-se. O que, sob vários aspectos, é melancólico. Os saudosistas diriam que a boa tradição, os hábitos e costumes dos antepassados vão sendo borrados e varridos pelo nôvo. Não só isto: também um pouco do que a gente é, do que a gente ajudou a compor, desaparece. A fisionomia da velha vila dos índios carijós, dos açorianos e do bandeirante Dias Velho perde seu ar pacato e modorrento, sua vida quieta onde todos se conheciam.

De repente, o progresso

A capital catarinense, depois de um longo período de estagnação, atravessa um surto de progresso que é flagrante em todos os setores. Esta arrancada tem mais ou menos dez anos. Imperceptível no início, de repente explodiu. Prédios se alteiam, ruas se alargam e/ou projetam, modernos bairros residenciais modificam o traçado da cidade que se distende em tôdas as direções. O piscoso litoral é racionalmente aproveitado. O interior, antes distante e esquecido, vai aos poucos se integrando à capital. E o turismo, valendo-se das belezas naturais de que é pródiga a natureza da ilha e da potencialidade das numerosas praias, se transforma em fonte de renda e atração para turistas e investidores.

Mas o humor, marca registrada do ilhéu, permanece — felizmente — o mesmo. Mais vivo se possível. O progresso, em vez de eliminá-lo, lhe deu novas motivações.

Sob êste aspecto, o florianopolitano se aproxima, em espírito, do carioca. Tudo lhe serve de motivo para o riso fácil, a crítica leve ou mórbida, para gozar a sua amada ilha de Santa Catarina "dos ocasos e casos raros cercada de ondas por todos os lados".

Há, ainda, ditos maldosos (inverídicos, claro!) como aquêle sôbre a Ponte Hercílio Luz, de mais de 800 metros de extensão, "que liga o nada a coisa nenhuma". "Que ligava" — coloquemos a inverídica maldade no passado. Outra inverdade: "cidade do já teve". É que, durante certo tempo, a qualquer coisa que se perguntava, a resposta era a mesma "... já teve..."

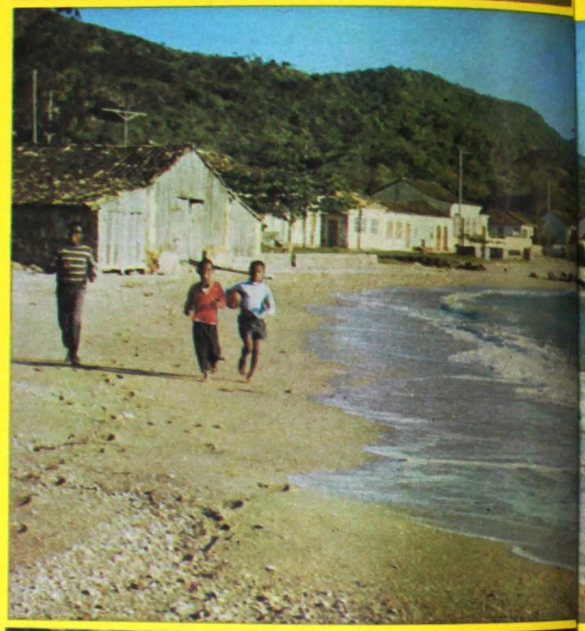
Mas a mais bem bolada é recente. (Deve ter sido inventada, como a grande maioria, debaixo da secular figueira que domina a Praça XV, pelo grupo de notívagos que ali se reúne diàriamente recenseando os acontecimentos e glosando-os.) É a que se refere a um sujeito tão organizado, mas tão organizado, que ao tomar sopa de letras só o fazia por ordem alfabética.

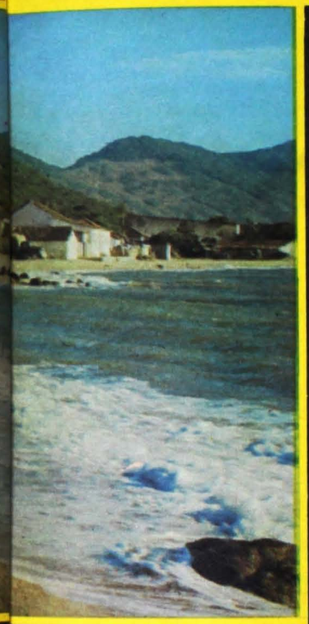
Com uma área de 425 km2, a população da ilha não deve atingir os 200 mil habitantes. Foi escolhida como capital (igual a outras) porque na época o transporte marítimo era o único viável. Por muito tempo assim permaneceu. Em 1927 construiu-se a ponte; depois chegaram os aviões; agora, as rodovias asfaltadas. Meio que à margem das grandes decisões da história pátria (não dos grandes acontecimentos), só eventualmente participava dêles.

O jeito de amar a cidade

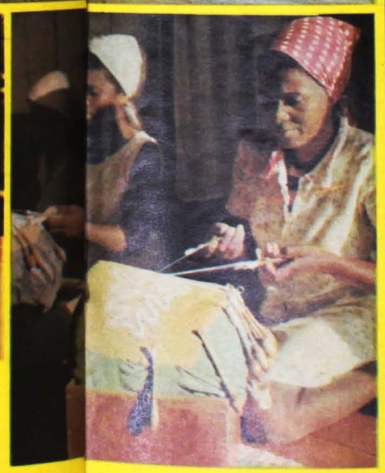
Primitivamente a região foi habitada pelos índios guaranis. Chamou-se Y-Jurere-Mirim, depois dos Patos, mais tarde Santa Catarina. Antes de Florianópolis foi Nossa Senhora do Destêrro. Povoada pelos tupis-guaranis, do cruzamento dêstes com o europeu se gerou o índio carijó, que significa mistura.











As ruas de Ribeirão da Ilha guardam todo o pitoresco do passado colonial. Com bonitas praias, Florianópolis destaca-se também pela riqueza de sua arte popular, notadamente a cerâmica e as rendas de bilros.

A partir do séc. XVII numerosos navegadores de várias nacionalidades visitam a ilha. Mas foi com o bandeirante Dias Velho, que obteve a doação das terras em 1676, que se deu prôpriamente a colonização.

Tudo isto marcou a cidade. Como defesa, durante anos — e não foram poucos — os habitantes se autogozavam, elidindo assim os problemas. Faltava luz e água? Antes que os outros o dissessem, êles o diziam em versinhos humorísticos: "Florianópolis / cidade que seduz / de dia falta água / à noite não tem luz". Mas no fundo mesmo havia o amor à cidadezinha à beira-mar plantada, que era preciso ir conhecendo e descobrindo aos poucos.

O pôr-do-sol na ponte, algumas ruelas poéticas, o vento sul, "velho vento vagabundo" do poeta, primeiro a praia de Canavieiras, a seguir a lagoa da Conceição com suas dunas mutantes, depois da praia da Joaquina, "já fôste ver já" perguntava-se afirmativamente naquele falar cantante, herança dos açorianos, o casario do Ribeirão da ilha, a igrejinha de Santo Antônio, a talha em madeira *Fuga do Egito* na Catedral, a tão antiga igreja de São Francisco.

E suas rendeiras, sua cerâmica popular, o folclore tão rico com o *Boi-de-Mamão* e o *Terno de Reis*, alguns pratos típicos como o caldo de camarão e a tainha defumada. São coisas que o visitante pode conhecer. E pode ir ao Museu de Arte Moderna, com um acervo dos mais significativos, ou à Casa de Vítor Meireles, ou ao Museu do Sambaqui do Padre Hohr.

O Clube XII de Agôsto vai completar já amanhã 100 anos; o Paineiras é *prafrentex*, com a juventude se esbaldando. Entre êles, o Lira Tênis Clube, segundo *clube bem* ou o Country, fechadíssimo, ou o recém-inaugurado "do Penhasco".

Não aspirando transformar-se em grande centro industrial, Florianópolis optou por aquilo que é a sua destinação natural: centro político-administrativo do estado e cidade universitária e turística por excelência.

E é justamente por aí que se redescobriu. Hoje, o movimento universitário adquiriu singular importância, com uma universidade modelar no Brasil. E o turismo, criadas as condições indispensáveis de infra-estrutura, trará, no futuro breve, grande afluxo de visitantes do país e do exterior.

Ela é hoje uma cidade universitária





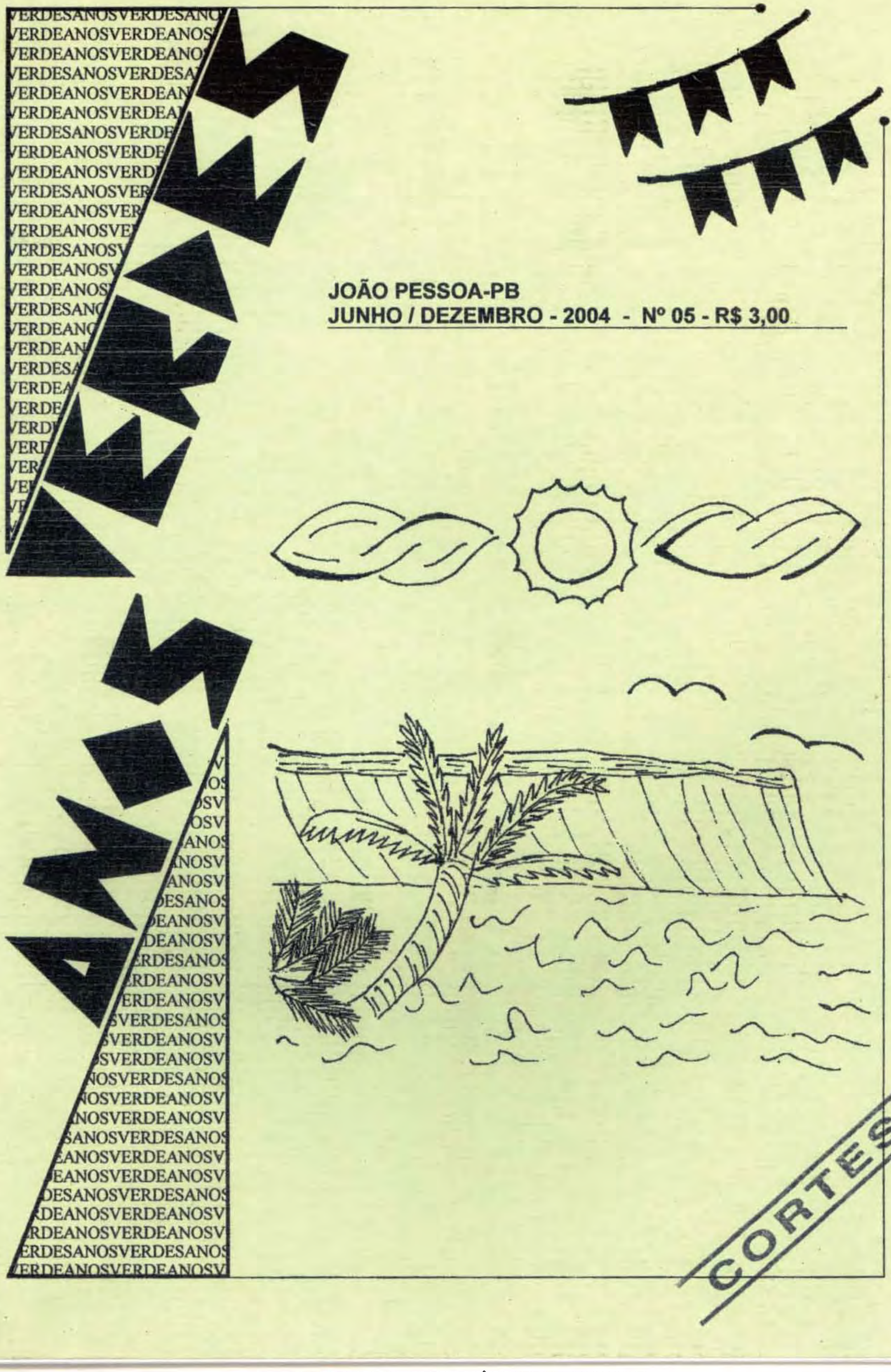


Florianópolis cultua no progresso o seu rico passado cultural. A cidade é hoje um dos mais destacados centros de ensino superior do país. A Universidade Federal de Santa Catarina, fundada em 1962, tem hoje 424 professôres, pêrto de 4 mil alunos e está na vanguarda da implantação da Reforma Universitária. Foi considerada a universidade que mais cresce no Brasil e, por decisão do Conselho Nacional de Pesquisas, seu curso de pós-graduação em engenharia mecânica atenderá tôda a região Sul brasileira. Sua Faculdade de Odontologia está entre as mais bem equipadas da América do Sul. Agora, de acôrdo com nova estrutura, a universidade substitui as faculdades por Centros de Formação Profissional e pelo Centro de Estudos Básicos.

Mas o ensino técnico desenvolve-se em harmonia com os programas de cultura geral, dentro da tradição humanística da terra. Constantemente há cursos sôbre teatros, literatura, música, cinema, exposições de folclore e arte popular. Em Florianópolis forma-se hoje em dia uma verdadeira comunidade universitária, o que ressalta o aspecto jovial da cidade.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

031 - MIGUEL, Salim. Um susto. **Revista Verde anos**, João Pessoa, n.5, p. 21-22, jun./dez. 2004.



UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

No dia 30 de janeiro deste ano o escritor catarinense ***Salim Miguel*** completou 80 anos. Uma data que se reveste de significado não apenas para seus familiares e amigos, mas também para todos aqueles que admiram o consagrado romancista / contista, e o incansável animador cultural.

Aqui a homenagem de *Verdes Anos*.

SALIM MIGUEL



Naiane

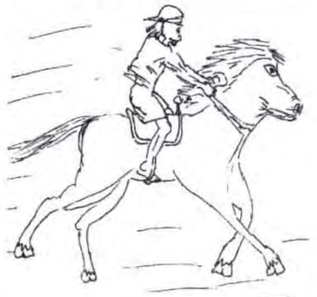
Um Susto

O pai acaba de chegar de outra viagem. Esteve fora mais de uma semana. Desta vez aventurou-se para além de Bom Retiro, caminho de Lages. Volta com a carrocinha atropelada de gêneros alimentícios da região, trocados por produtos industrializados. Chama: me ajudem a descarregar. A mãe, que começava a ficar preocupada com a demora, acorre, grita pelos filhos. Os gêneros serão estocados, poucos dias, até que ele vá a Florianópolis negociá-los. Sabe para quem levá-los, comerciantes medianos do Mercado Público. Em Biguaçu não há consumidor para a quantidade que trouxe. Está habituado. Vai ser, outra vez, a mesma troca por produtos industrializados, alguns encomenda de fregueses. Levará, além do convencional feijão, milho verde em soca, batatinha inglesa, frutas da estação, maçã, pêssego, marmelo, laranja umbigo, vergamota, melancia. Aufere algum lucro. Assim vai se mantendo, embora raramente enxergue dinheiro vivo. Até na venda funciona o sistema de troca. Sempre melhor que fiado.

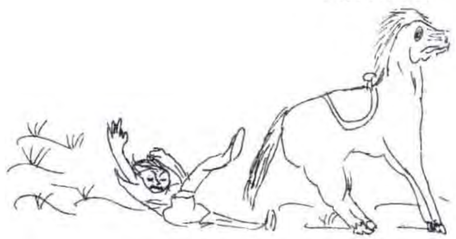
A descarga terminou. O pai pede: desencilhe o cavalo, filho, leva ele pro pasto, o bicho deve estar mais cansado do que eu.

Sultão bufa, escava o chão, quer se livrar do freio, quer se espojar no barro ou na grama, quem sabe um banho de rio para livrar-

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL



Megaron Xavier



Megaron Xavier

se do suor, está com sede, está com fome.

Célere o filho obedece. Monta no cavalo em pêlo, hábito adquirido há algum tempo. Cavalo e rapaz se entendem, se conhecem. Vezes sem conta andaram juntos pelas imediações, passeio ou trabalho. O pai sempre recomenda: te cuida; o filho mal responde, ou nem responde. Gosta de sentir-se livre, solto, a cavalgar com o vento envolvendo-o, seguro sobre o dorso do animal. Boa a emoção de ver gente casas árvores bichos ficando para trás, sumindo, uma sensação de liberdade plena.

Sultão sai a passo, em marcha lenta. Basta incentivá-lo, leves palmadas no pescoço e no lombo, parte num trote, só atiçá-lo um pouco e está galopando.

O pasto não fica longe. É boa, é gostosa, a aragem no cangote, na face, cabeleira esvoaçante beliscando-o, estimulante o cavalgar, também Sultão gosta, sumido o cansaço, homem e animal integrados. Pena que o trajeto seja tão curto!

De repente, varando o silêncio, o estrondo. Assemelha-se a um foguete espoucando, fendendo o ar; logo outro, mais demorado e forte; outros ainda.

Sultão se apavora, corcoveia, dispara, salta. O rapaz quer acalmá-lo. Não consegue. Em vão pede, clama, implora, num suave afago passa a mão no pescoço do animal, gruda-se na crina. Grita: Sultão, calminha Sultão amigo, já passou; e a seguir, diante da inutilidade de suas tentativas: parem ele, parem ele! Pessoas olham com espanto. Quem teria como parar, ou coragem de parar aquele animal tão manso, tão pachorrento – agora um xucro selvagem, endoidecido.

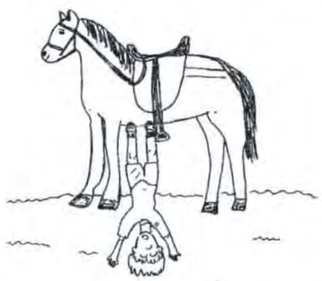
De inopino, em frente ao pasto, a parada brusca, o rapaz é projetado para o alto, dá uma cambalhota por cima da cabeça do Sultão, cai de bunda lá dentro, logo fica estirado, corpo imóvel. Assim um tempo, talvez inconsciente. Volta a tomar tenção no que o cerca. Começa a se mexer de leve, com extremo cuidado. Apalpa-se. Tudo bem, parece. Dores generalizadas, o que é normal. Por sorte nada quebrado.

Do lado de fora da cerca, o cavalo espera. Esforça-se, com a cabeça, para abrir o portão. Não consegue. Admira-se de ver o corpo estendido. Relincha, mexe a cabeça, olha com um olhar comprido como quem diz: vens me atender ou não, como é, te levanta e me deixa entrar!

Ainda arrastando-se, procura se erguer, verifica se tudo nele se encontra nos devidos lugares. E o que agora faz o filho do seu Zé e da dona Tamina é abrir o portão. Enquanto pensa: o susto uma lição.



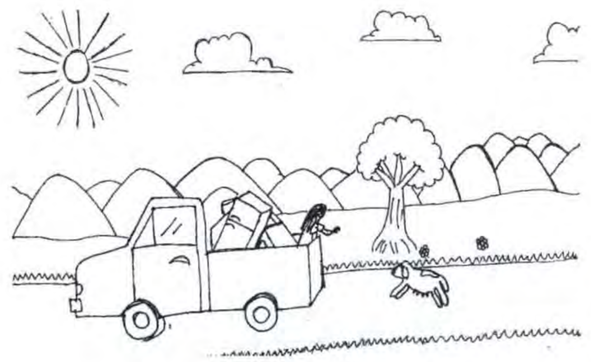
Anabelle



Anabelle

COMENTANDO... O CONTO

"TAIRA"



Anabelle

de: Salim Miguel

Taira, uma pequena cadela preta acompanhou o êxodo de uma família árabe que chegou ao Brasil e se estabeleceu em vários municípios de Santa Catarina sempre ficando em último plano porque o pai da família não queria ter trabalho com a cachorrinha que era tão querida. Numa dessas mudanças, deixaram Taira de lado. Mesmo assim ela reapareceu ofegante com uma barrigona e iria demorar pouco para ela ter filhotes. Foi uma festa para a família e para Taira o reencontro.

Anabelle

DADOS BIOGRÁFICOS

No dia 30 de janeiro de 1924 , nascia no Líbano o renomado escritor catarinense (ele veio para o Brasil com três anos de idade), **Salim Miguel**.

Depois de morar em algumas cidades de Santa Catarina , entre 1931 e 1943, a família fixou residência em Biguaçu, onde Salim Miguel iniciou seus estudos.

A partir dos nove anos ele lia tudo que caía em suas mãos, livros, revistas, jornais ...Ele gostava também de contar para os amigos histórias que escutava ou que inventava. Começou neste tempo a frequentar a livraria de um poeta que era cego e ele lia muitos livros para o dono da livraria.

Em 1937 foi estudar em Florianópolis no Grupo Escolar Lauro Muller. Depois fez o curso clássico no Colégio Catarinense.

Em 1947 fundou com outros intelectuais o **GRUPO SUL**, que agitou a vida cultural de Florianópolis e fez uma ponte com escritores de outros estados e de outros países. Nesta época ele conheceu *Eglê Malheiros*, com quem casou em 1952. Eles tiveram 5 filhos.

Salim Miguel criou e trabalhou em vários jornais e revistas. Participou de Congressos, Seminários, Feiras de Livros no Brasil e no exterior. Escreveu também roteiros para o cinema, junto com a esposa.

Publicou perto de vinte livros: romances, novelas e contos. Entre eles citamos:

Velhice e outros contos.
A morte do tenente e outras mortes.
A voz submersa.
Onze de Biguaçu mais um.
Confissões prematuras
NUR na escuridão
Eu e as corruíras.

Trabalho realizado com alunos da 6a. série das Dorotéias (Profa. Glória Grilo)

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

032 - MIGUEL, Salim. Hassis e o Sonho. **Ô Catarina**, Florianópolis, n.44, p. 5, fev. 2001.

Ô Catarina!

IMPRESSO

Florianópolis, janeiro e fevereiro de 2001 - número 44



HASSIS

(1926-2001)

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

HASSIS E O SONHO

SALIM MIGUEL

Para falar de Hassis, pintor e amigo, necessito recuar até 1948. Jovens de diversos estratos sociais e diferentes procedências se encontram em Florianópolis, conversam, discutem, querem, para usar uma expressão muito grata ao Hassis, "irritar a Ilha". Acabam criando o Círculo de Arte Moderna, que se tornaria conhecido, por causa da Revista, como Grupo Sul. Certo dia o Aníbal Nunes Pires, um dos fundadores do Grupo, me procura, acompanhado de outro jovem, e diz: "Querias alguém para ilustrar teu conto, está aqui o Hiedy." Mais tarde o Hiedy de Assis Corrêa se transformaria no pintor Hassis e ficaríamos sabendo que chegáramos a Santa Catarina no mesmo ano de 1928, ele com dois anos, vindo do Paraná, e eu com quatro, vindo do Líbano.

No número 5 da revista Sul, lá estava meu conto "Noturno", com uma sensível e criativa ilustração do Hiedy.

Nunca mais perdemos contato e acompanhei, com crescente entusiasmo, toda a trajetória de um artista versátil, eterno insatisfeito. Quando certa feita lhe perguntei porque ele não se detinha numa determinada linha de trabalho artístico que estava dando certo, ele retrucou: "Exatamente por isto, porque quero continuar pesquisando, mesmo que a próxima fase seja menos reconhecida."

Em duas ocasiões escrevi sobre a obra de Hassis. Com o título "Hassis e a magia do circo", me manifestei sobre seu magnífico álbum *Respeitável público*, e, em 1997, na apresentação de sua mostra na galeria do Badesc, não precisei quebrar cabeça para encontrar o título, "Hassis, uno e múltiplo". Pois existe o Hassis muralista, o marinhista, o dos temas folclóricos, o das colagens sobre a guerra, o da Crucificação, o do Contestado, o desenhista e caricaturista. Sem esquecer o incansável colecionador, e não temo afirmar que, sem seu fabuloso acervo, Adalice Araújo teria tido maior dificuldade para escrever seu livro *Mito e magia na arte catarinense*.



Desenho de Hassis retratando o escritor Salim Miguel

As lembranças são muitas, mas me limito a dois episódios. 1) Hassis leva, para que Eglê e eu víssemos, quase oito horas de vídeo, documentando minuciosamente seu processo de criação. Entusiasmados, sugerimos que procurasse o cineasta Zeca Pires para que ele preparasse uma edição a ser veiculada pela TV Educativa. 2) À frente da Fundação Franklin Cascaes, eu havia iniciado um projeto de painéis em muros e paredes da cidade, pintados por jovens artistas. Um dia me aparece o Hassis na Fundação e vai logo dizendo: "Que amigo, começas um projeto destes e não me convidas!" E eu: "Hassis, claro que pensei em ti, mas recuei por dois motivos, quero revelar novos artistas e o que posso pagar é simbólico." E ele, de pronto: "Sabes que sou sempre um artista novo e quero participar, pode ser até de graça." Participou, lá está até hoje, no muro de um estacionamento da rua Bocaiúva, seu sugestivo painel, com um tema muito nosso.

Madrugada de 20 de janeiro. Não sei se estou sonhando ou acordado. Na véspera, eu falara com a Nazle, mulher do Hassis. Ela estava animada, depois de 19 dias hospitalizado devido a um enfarto, o marido tivera alta. Eu disse de nossa alegria e que, no dia seguinte, se fosse possível, falaria com ele.

Nesta madrugada encontro-me num velho prédio de dois andares, esquina da Praça XV com a Felipe Schmidt. Entro numa sala onde se montava uma exposição, quadros ainda amontoados, duas pessoas discutindo. Nítido, só tenho diante de mim uma tela de cerca de metro e meio de altura por sessenta centímetros de largura. Toda ela repleta da letra A, grande, média, pequena, minúscula, reta, torta, redonda, enviesada, de cabeça para baixo, para os lados, para cima, por vezes lembrando um U, em outras um H. Os dois homens discutiam, um fazia questão absoluta do quadro em lugar de destaque e o outro não concordava.

Pelas 7 horas, estremunhado, ouço o telefone. É o Adolfo Boos Jr., pedindo para falar com a Eglê. Ao ouvir: "Não, que tristeza!", não tenho dúvida, o Hassis morreu.

O que disse no catálogo, em 1997, continua válido: "Por sua obra em constante processo, por sua inquietação, pela pesquisa de novas formas expressionais, pela garra na defesa de sua proposta do fazer artístico e, principalmente, por aquilo que é sua marca inconfundível: a permanente insatisfação com o já alcançado."

Hassis foi, e continuará sendo, um dos nossos mais representativos artistas plásticos. Ao mesmo tempo em que lamento a interrupção de uma amizade de 52 anos, não tenho dúvidas de que sua obra permanecerá.

Salim Miguel é escritor e jornalista.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

033 MIGUEL, Salim. [Contestado: o problema social. 1966.]

3

Contestado - o problema social

MESSIANISMO E CONFLITO SOCIAL — *Maurício Vinhas de Queirós*
Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966.

Da mesma forma pela qual todos os livros surgidos em tôrno do assunto sofrem, inapelàvelmente, a influência de *Os Sertões*, por igual no estudo das (lutas) que, durante quatro anos, convulsionaram uma grande região de Santa Catarina, não há como fugir à comparação com Canudos. As "Lutas do Contestado" — assim ficaram conhecidas — envolveram, numa rêde intrincada e complexa, o desassistido homem do *hinterland*, vítima constante da exploração e de incompreensões por parte da *cidade grande*. (O fanatismo religioso vem mais como um corolário de tudo isso.) No caso específico das lutas do Contestado, como a própria denominação está a indicar, havia, ainda, a questão de limites entre o Paraná e Santa Catarina, criando novas áreas de atrito e acirrando os ânimos.

Messianismo e Conflito Social, de Maurício Vinhas de Queirós, editado pela Civilização Brasileira, é mais do que um novo estudo do problema. Vai às motivações íntimas, intenta compreender e mostra as razões que levaram os sertanejos a se revoltarem. Não os transformando em heróis ou bandidos, trata-os como gente, procurando explicar os motivos que os impulsionaram.

Se o trabalho de Osvaldo R. Cabral, *João Maria*, importante e necessário para a compreensão do assunto, se detém mais na análise da personalidade dos monges, sem esquecer as implicações sociais que comporta, o de Maurício Vinhas é precisamente o contrário. Procurando as implicações sociais na raiz do fato, delas parte não só para a compreensão da personalidade mística e mítica dos monges, mas de tôda a problemática, de todo aquêle aglomerado humano.

Mostrando primeiro a região, depois o homem que a habita e as condições sociais vigentes, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos desde a origem, antes mesmo da eclosão do movimento armado, o Autor não só compulsou documentos, como percorreu, demoradamente, e por mais de uma vez, a região, entrevistando-se com numerosas pessoas que, direta ou indiretamente, participaram das lutas. A visão que tais pessoas têm daquele mundo, e a interpretação que o Autor tira delas, trazem uma contribuição válida para esclarecer o problema em tôdas as suas implicações. Maurício Vinhas não força, nunca, a aceitação de seu ponto de vista. Quer êle deixar uma conclusão lógica. A conclusão de que, acima do possível fanatismo religioso,

3A

que teria vindo depois, ou paralelo, como conseqüência, estavam as condições sociais subumanas de vida da população. E que, a partir de determinado momento, até essa subvida lhes estava sendo negada: a terra entregue aos "estranjas", êles, por bem ou por mal, expulsos. O fanatismo religioso seria, então, uma espécie de transferência. De igual forma o retôrno à monarquia. Pois parecia-lhes que os males maiores haviam chegado com a proclamação da República. Naqueles cérebros onde a comprenesão custava a entrar, naquelas lonjuras onde a civilização não penetrava, viviam êles abandonados à própria sorte. De repente, não para beneficiá-los, mas para espezinhá-los ainda mais, chegam a República e o *progresso*.

O aparecimento, em tais circunstâncias, de profetas, beatos e monges peregrinos é um fenômeno comum não só no Brasil. Aqui, se bem que não com iguais conseqüências, se repetiria em várias localidades e por várias vêzes. A fé popular, não tendo onde se fixar, em que se agarrar, em quem confiar, procura um derivativo para seus males, num processo de transferência não difícil de explicar.

Maurício Vinhas de Queirós coloca o problema com precisão, explicando como e por que populações ignorantes e miseráveis, sem armas e sem as mínimas condições de luta, conseguiram, durante quatro anos, de 1912 a 1916, conter numerosas fôrças federais e estaduais que foram mandadas para restabelecer a ordem. *Messianismo e Conflito Social*, numa linguagem objetiva e precisa, é livro indispensável para todos aquêles que melhor desejam conhecer o Brasil, para todos aquêles que queiram ter uma visão da realidade social implícita no fundo das lutas do Contestado e do surgimento do fanatismo religioso.

1966 — *Salim Miguel*

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

034 MIGUEL, Salim. Lembranças do professor. 1985.

~~Lembranças do~~ Professor Fontes

~~Salim Miguel~~

Qual teria sido meu primeiro contato com o professor Fontes? Professor Fontes ou Desembargador Henrique da Silva Fontes? Para mim, foi ele sempre professor — se bem que nunca meu professor.

Agora, diante da exposição, no hall da Reitoria da UFSC, comemorativa do seu centenário de nascimento, ponho-me a pensar. E não tenho certeza de quando nos falamos pela primeira vez.

Dava-me bem com seu filho Jorge. Não pertencíamos à mesma turma; mas era comum nos cruzarmos pelos bares da tranqüila noite florianopolitana de fins da década de 40. Se assim o primeiro encontro com o prof. Fontes se perde nas brumas do tempo, dele e de sua atividade como educador eu ouvia falar bastante. E isto me marcou.

Um dia (eu começara a publicar meus primeiros trabalhos) recebo um pedido, que me veio pelo Jorge, prof. Fontes estava selecionando colaborações para um número da revista *Atualidade*, gostaria de dar vez aos novos, inclusive contar com um original meu.

Mandei uma crônica — "Vento Sul" — variações variadas sobre o nosso famoso e malfadado vento. O texto girava não só em torno do vento, mas também de poemas de Cruz e Sousa que abordavam o tema.

O trabalho saiu. Pouco depois nos cruzamos numa solenidade qualquer (seria a primeira vez? não creio!) e ele, com aquela franqueza que o caracterizava, me abordou: muito embora as "modernices" do texto, achava que eu tinha "jeito" pra escrever. Continuasse.

Nossa turma — que começou sendo Círculo de Arte Moderna e ficou posteriormente conhecida como Grupo Sul — resolveu investir contra a pasmaceira da terrinha. E o que quer que fizéssemos (teatro, artes plásticas, cinema, literatura) lá estava, atento, o prof. Fontes. Podia não aceitar tudo, discordava de nossa irreverência de jovens (e ai do jovem que não é irreverente!), mas não nos hostilizava, lia (e via) nossos trabalhos,

. ia a nossos espetáculos, comparecia às tumultuadas palestras — quase sempre proferidas por Ody F. S., mais tarde Ody Fraga.

Numa fria manhã encontro o prof. Fontes, perto da Faculdade de Direito onde tinha ido levar a Eglê. Cumprimento-o. E ele:

— Arte moderna, hein! Já vi de tudo, mas assim não. . .

— O que foi professor?

— A palestra de ontem. . .

— Palestra. . .?

— É, deve ser assim palestra da tal de arte moderna: nem o palestrante comparece.

Só então me dei conta. Havíamos marcado mais uma palestra do Ody; o tema pouco interessava; fizemos a competente divulgação. Na noite anterior, todos tinham se preparado para assisti-la. Como era cedo, como ventava e chuviscava, sentamos num bar para passar o tempo. Tomamos umas e outras, discutimos, o tempo enfarruscado, ali dentro no Poema Bar, de saudosa memória, tão quentinho — e lá se foi a palestra, o palestrante mais bebum de todos, no começo ainda nos dizíamos "tá na hora da palestra", depois ninguém mais se lembrou.

Mas o prof. Fontes era teimoso: na palestra seguinte (claro que do Ody!) lá estava ele na primeira fila, com seu jeitão quieto, o rosto fechado, mais para baixo, entroncado. Anotando e anotando.

Nem me lembro se lhe mandei meu primeiro livro. Creio que não. O segundo sim. Chamava-se *Alguma Gente*. Ele leu tudo minuciosamente; e quando nos encontramos repetiu que eu "prometia", sabia narrar, erguer as figuras e as situações, muito embora algumas impropriedades e liberdades com o idioma, conforme já acentuara ao ler "Vento Sul".

— Agora — prosseguiu ele — infelizmente não vou poder colocar o livro na minha estante. E se de repente uma das minhas filhinhas pega e vai ler!

— O que tem, professor?

— Cenas fortes, impróprias, aquela de mas. . . mas. . . masturbação, por exemplo. Um horror!

A palavra lhe saía a custo, olhou para os lados, que ninguém estivesse por perto para nos ouvir. Penso que lhe notei leve rubor.

— Mas professor, eu não invento nada, nem sei inventar, eu trabalho sobre o que existe, reelaborando-o ficcionalmente; e o conto no qual a tal cena aparece é calcado num fato real a que assisti.

— E daí. Nem tudo que é real deve ou precisa ser mostrado.

Achei que não devia lhe retrucar, por exemplo, que as "filhinhas" de que ele falava já tinham (ou podiam ter) filhinhos.

As histórias do (ou com) o prof. Fontes são humanas, pitorescas, nume-

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

rosas. Ele que participara da primeira grande reforma do ensino em Santa Catarina, ele que produzira a famosa Série Fontes, na qual tantos estudaram, ele que batalhara pela criação da Universidade, ele que sabia defender, intransigentemente, seus pontos de vista, com igual intransigência possibilitava que os outros igualmente defendessem os seus.

Vamos a algumas histórias.

Eglê era, na Faculdade de Direito, aluna dele. E também do prof. Othon D'Eça. Com ambos (as variações eram pequenas) se repetia o mesmo. Normalmente lhe davam a nota mais alta nas provas, mas sempre acompanhada de uma observação: "não concordo com seus pontos de vista, mas a senhora os coloca e defende tão bem e com tanta propriedade que só lhe posso dar a nota máxima". Ele foi o paraninfo da turma da Eglê.

Prof. Fontes lutou bravamente (todos sabem ou deveriam saber) pela implantação da Faculdade de Filosofia, núcleo básico para a criação da futura Universidade Federal de Santa Catarina. Ia ao Rio, postava-se no Gabinete do Ministro da Educação, esperava horas até ser recebido, recusando-se a implorar o que julgava direito ou a dar propinas para ser mais rapidamente atendido. Defendia com vigor seus pontos de vista, até que arrancou a criação da faculdade. Mais um detalhe: como abominava elevador, subia lentamente os muitos andares, parando entre um e outro para descansar.

Quem, das velhas gerações, não se recorda do saboroso episódio do burro! Prof. Fontes estava no centro da cidade. Queria ir para casa, na Av. Trompowski. Foi até o ponto de táxi na Praça XV. Achou a corrida cara. Então caminhou até perto do Miramar, onde ficavam os tradicionais carrinhos de cavalo. Sem nada perguntar, entrou, deu o endereço. Chegado, perguntou o preço. Era o mesmo do táxi. Fez questão de pagar mais. E ante o espanto do boleeiro: era pra que noutra vez não voltasse a ver um burro puxando outro. . .

Historiador, pesquisador, educador, deixou contribuições válidas para o melhor conhecimento da história de Santa Catarina, como o trabalho sobre o irmão Joaquim, o Hospital de Caridade, o estudo sobre a vida e obra de Lacerda Coutinho, entre tantos. Publicou, também, numerosos "estudinhos antroponímicos". Uma vez (mas esta historieta deveria ser contada pelo Hélio Balstaedt, parente da jovem), foi convidado para patrono de uma turma de formandas do Colégio Coração de Jesus. Resolveu brindá-las com um volume de estudinhos, indo à raiz do nome de cada uma delas. Empacou numa. Não era grego, nem latim, nem hebraico, nem fusão de idiomas. Deu-se por vencido. Apelou para a dona do nome. Que ela perguntasse em casa. Não demorou a resposta: inexistia raiz culta

45

ou não. Era apenas a fusão de parte do nome do pai e do nome da mãe da jovem. E ele: mais um motivo para nos convencermos de que por mais que saibamos precisamos sempre continuar estudando e aprendendo.

Em inícios de 1965, resultado ainda das confusões de 1964, ia eu de mudança para o Rio. Fomos — Eglê e eu — visitá-lo para nos despedirmos. Conversamos longamente. Ele nos falou que estava ampliando seu estudo sobre o Irmão Joaquim — e nos recordou que Eglê era parente daquele irmão que tinha uma visão social da vida e que, entre tantas coisas, fundara o Hospital de Caridade.

Nós o admirávamos por sua retidão, suas posições conservadoras mas francas e honestas, sua cultura aberta. E mais: porque, durante os episódios de 1964, enquanto alguns "amigos" nos evitavam, ele que era de outra geração bem distante, de outra formação, que não tinha a nossa visão para as coisas culturais e da vida, fazia questão de nos procurar, de pedir por nós — a exemplo do que também fez um Othon D'Eça.

Por tudo que foi e por tudo que fez, nunca serão demasiadas as homenagens que se prestem ao Prof. Fontes por ocasião das comemorações do seu centenário de nascimento que transcorre hoje, 15 de março.

1985

("O Estado" — Florianópolis, 15.03.85)

46

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

035 MIGUEL, Salim. [A morte de Jorge Lacerda. 1958]

A morte de Jorge Lacerda

Somos insuspeitos para falar de Jorge Lacerda. Ainda há pouco, devido a fatôres que não importa relatar, em artigos e cartas a respeito do fim da revista SUL, tivemos ocasião de lhe fazer algumas restrições, como governante de quem tanto esperávamos no setor cultural. Mas isto de maneira alguma significava uma restrição pessoal, ao cidadão e ao amigo. É que, com aquela sinceridade que sempre nos caracterizou, assim agíamos, certos de que êle compreenderia. Conforme êle mesmo muitas vêzes teve oportunidade de declarar, política ou qualquer outra questão, não deveria nunca interferir nas relações entre pessoas civilizadas. As amizades deveriam ser postas acima de tudo. E assim foi entre nós. Mesmo depois de nossos artigos e cartas, tivemos, por várias vêzes, oportunidade de conversar de maneira demorada, amistosa e muito amigável, com êle. A última foi durante a visita que nos fêz Dona Carmen Dolores Barbosa. Lá estivemos.

no Palácio da Agronômica, por mais de duas horas. Estava presente o jornalista Ilmar Carvalho. Acertáramos, então, a organização do núcleo local da União Brasileira de Escritores, tendo Jorge Lacerda frisado que todos deveriam trabalhar unidos para um mesmo fim, esquecidas dissenções e ressentimentos. No final da conversa, comprometeu-se êle não só a prestigiar o núcleo local, mas também a auxiliar a ida da Delegação Estadual ao V Congresso Brasileiro de Escritores, comprometendo-se mesmo a participar, como Presidente da Delegação.

Acredito poder, e ter elementos, portanto, para dar um depoimento sóbrio e sincero sôbre Jorge Lacerda.

Conheci-o vai para mais de dez anos. Iniciávamos nós, aqui em Santa Catarina, o movimento literário que posteriormente ficou conhecido por Círculo de Arte Moderna, ou mais comumente "Revista Sul", "grupo da "Sul". Éramos muitas vêzes ridicularizados, não querendo os medalhões da terra aceitar nossas iniciativas. Não viam o espírito de inquietação que nos dominava e que deve ser apanágio de todos os jovens, que nos forçava a esta procura de fuga ao meio ambiente asfixiante. O primeiro apoio que tivemos, de alguém de prestígio, foi, justamente, de Jorge Lacerda. Recebida nossa revista no Rio, êle não só a noticiou, mas também nos prestigiou, com a fôrça de seu suplemento literário, nos incentivou, escreveu-nos se pondo à nossa disposição no Rio. E nós o usamos. Êle nos mandou clichês, artigos, nos pôs em contacto com nomes de prestígio, nos auxiliou com sua experiência.

Quando de uma viagem do grupo ao Rio, foi por intermédio dêle que conhecemos algumas das personalidades de maior destaque no cenário cultural do país. Sequiosos que éramos de ver coisas, provincianos deslumbrados, êle roubou horas de seu tempo para se colocar à nossa disposição. Nunca esquecendo sua terra e sua gente, destacava que éramos de Santa Catarina, que estávamos fazendo uma revista literária, que estávamos renovando a literatura da terra, que estávamos acompanhando o movimento de renovação cultural e artística do Brasil e também procurávamos contribuir para esta renovação, na medida de nossas fôrças e com entusiasmo.

E dali por diante, durante quase todos êstes anos, sempre contamos com o apoio e a compreensão dêle, em tôdas as nossas iniciativas. E quando não contamos, a culpa, temos certeza, não foi dêle.

Aliás é bom lembrar que foi Jorge Lacerda, com "Letras e Artes," suplemento do jornal A Manhã, do Rio, quem retomou e renovou o movimento dos suplementos literários no país, dando-lhes maior vitalidade e dinamismo. "Letras e Artes" fêz época, serviu de base para tudo o que se faria depois, no gênero. Ali nomes surgiram, nomes se firmaram. Não há, praticamente, ninguém das novas gerações que não tenha colaborado em "Letras e Artes." E quase todos os escritores de renome. E artistas plásticos. E autores estrangeiros nunca antes divulgados no Brasil. E secções sôbre música, cinema, teatro, artes plásticas, folclore, etc. De tudo, enfim, havia ali. Um suplemento literário de profunda ressonância, que levava a todos os recantos do país uma mensagem de cultura.

Jorge Lacerda era o espírito animador de tudo aquilo. Sempre com uma palavra de confôrto, estimulando. Êle transbordava de entusiasmo e simpatia. Inteligente, culto, sabendo o que queria, desdobrava-se em esfôrço, realizando uma obra de divulgação meritória e respeitável. Seu suplemento sempre foi uma tribuna livre no debate das idéias e no entrechoque de opiniões.

Com o seu ingresso na política, nos-nos contactos se fizeram mais escassos. Porém, sempre que o encontrávamos, queria saber o que o grupo estava fazendo, interessava-se, discutia, se queixava da política que não lhe deixava tempo para nada. Queria voltar. Considerava-se acima de tudo jornalista. E ainda há pouco, quando da visita de Herbert Moses, Presidente da ABI, declarava em discurso, que ali não se encontrava o Governador, mas o jornalista. Mas a política o dominara. Não a deixaria. Sua queixa era uma queixa de quem gostaria de se multiplicar, de fazer tudo, de estar a par de tudo... não de deixar a política.

Sabia empolgar. E sabia que sabia empolgar. Seus discursos, plenos de entusiasmo, levavam-no às vêzes a altos vôos poéticos. Era talvez mais um escritor para ser ouvido. As palavras, ditas por êle, jorrando em catadupas, alcançavam maiores significados, tinham uma ressonância e valor especial. Expressão, gesto, entonação — tudo se unia, tudo vinha íntegro, fluente, preciso.

E agora, num anoitecer, a notícia desnorteante: Jorge Lacerda morreu num desastre aviatório, ocorrido perto de Curitiba. Era num 16 de junho. Contava êle 43 anos de idade. De sua inteligência e capacidade muito havia ainda que esperar. Com êle perdia Santa Catarina uma de suas figuras mais representativas.

E como se isto não bastasse, o mesmo desastre roubou a vida de outros dois eminentes cidadãos do Estado: Senador Nereu Ramos, com uma vida tôda de serviços à Nação e Deputado Federal Leoberto Leal, capaz e batalhador, que muito vinha realizando, político jovem e arrojado.

BBB. — (julho — 1958)

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

036 MIGUEL, Salim. [A força da alegoria. 1966]

A força da alegoria

~~A HORA DOS RUMINANTES — José J. Veiga~~
~~Editôra Civilização Brasileira, Rio, 1966.~~

A vida se desenrolando e entrelaçando, com seu frêmito interior mal contido, escorre mansa e igual, no lugarejo. É êle idêntico a um sem-número de outros no mundo, com seu largo e seu chafariz, seu padre e seu louco particular, sua vendola onde homens se reúnem para bebericar e discutir os miúdos acontecimentos, nada de novo parecendo acontecer. A rotina se repetindo, sempre. De repente, a quebra insólita dêsse estado de coisas: a invasão. Primeiro, os homens longínquos e taciturnos, que evitam qualquer contato ~~informal~~ com as gentes da localidade; depois, os cães; mais tarde, são os bois. O pasmo, as interrogações, a inquietação. Finalmente, da mesma forma estranha como surgiram, sem esclarecer ao que vieram, homens, cães e bois, numa calma madrugada, somem. Ao amanhecer, a paisagem anterior volta a se descortinar.

Estes os elementos formadores da fascinante fábula de José J. Veiga. Narrada numa linguagem contida e vigorosa, precisa e exata, resultado de uma elaboração meticulosa, cada palavra medida e pesada, para resultar num efeito determinado e de insuspeitada profundidade, temos aqui novamente o ficcionista seguro de *Os Cavalinhos de Platiplanto*. Indo além da simples recriação do vilarejo, *A Hora dos Ruminantes* alcança e adquire dimensão bem mais ampla, transcende os limites do que conta para nos fazer refletir no seu significado profundo. E mais do que os tipos humanos, que nos surgem vivos através de uma frase ou uma simples informação, o que acaba por permanecer e dominar é a vila, com sua humanidade comum, como um todo.

Fiel ao seu contexto e à maneira de narrar do autor, repleto de nuances e insinuações, o livro se fecha com um alçapão para o leitor desatento: "As horas voltavam, tôdas elas, as boas, as más, como deve ser." Com isto, quer êle dar a impressão de que tudo retornava ao mesmo, como se nada tivesse acontecido, ao de antes daquele pesadelo, "Manarairema ao cair da noite — anúncios, prenúncios, bulícios." Mas no próprio fluir da vida, por mais igual que tudo pareça ser, nada se repete. E aqui, justamente como num pesadelo, que se quer esquecido ao acordar, permanece, para sempre, um elemento sutil e modificador, um novo e desconhecido componente, a influir, a perturbar, a verrumar.

Fôra um pesadelo coletivo, ameaçador, do qual todos participaram sem querer e no qual todos tiveram a sua parcela... A sua parcela de quê? De culpa?

A impressão de algo inexplicado, confuso, que teria existido (ou não?) mesmo que não queiram, permanecerá latente, vívida no mais íntimo de todos. Mais do que o cheiro a esterco e suor, mais do que a baba e o ajuntamento dos bois, mais do que a movimentação dos cães, mais do que os homens orgulhosos e esquivos. Sim, tudo isto, a náusea, o mêdo, a impressão física, a presença viva e ameaçadora, se fôra, sumira. Mas dêles, uma coisa imponderável e imprecisa, mais perigosa, mais desagregadora, permanecia intata. Permaneceria intata por tempo indeterminado na memória coletiva. Era a modificação trazida, era a inquietação e a desconfiança entre os homens, olhando-se com outros olhos e com receio, não mais se aceitando como dantes, cada qual com suas conhecidas e entrevistas limitações, suas virtudes e seus defeitos.

Esse outro componente, que já preexistia ignorado, aflorara, influindo agora na vida da coletividade, revelando as reações e os pensamentos mais recônditos de cada um. Seria êle um bem ou um mal? As pessoas haviam passado a se conhecer melhor e / ou de outra maneira, aquêle cedera, êste havia tentado reagir, outro não se dobrara... Mas contra o que tudo isto? Qual o significado e a importância?

O autor deixa a conclusão para quem o lê: contra a estagnação e o conformismo ambiente, ou para dominarem o lugar e as gentes, é que surgira aquêle pesadelo?

José J. Veiga não interfere. Não se espanta. Narra. Sem forçar. Vai se insinuando de mansinho. Vai construindo e erguendo o seu mundo. Um mundo que faz pensar. Um mundo onde não há lugar para os indiferentes. A pedir, a exigir participação.

227 1966 ~~Salim Miguel~~

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

037 MIGUEL, Salim. Antônio Paladino: tentativa de retrato, vida, obra. 1952

ANTÔNIO PALADINO

1 — Tentativa de Retrato

2 — Vida

3 — Obra

— 1 —

PENSO e por mais que pense não consigo coordenar as idéias. Então deixo que a imaginação vagueie e vou tirando da divagação os dados para estas notas.

Existem fatos, ações, acontecimentos, que se gravam de forma indelével em nossa memória; outros, inexplicàvelmente, se diluem, se somem. Nem assim poderíamos dizer que os primeiros são mais importantes ou os segundos menos significativos. Às vêzes mesmo até o contrário é que é o certo. Vá lá a gente agora querer explicar a mola íntima que assim age, porque acionou justamente o que nos parece de menos importância. Nem é aqui, tão pouco, ocasião para se tentar uma explicação. Se deixei o fato assinalado foi porque, há, algumas vêzes, detalhes, pontos insignificantes, ou aparentemente insignificantes, que me parecem de menor importância, sumamente restritos, na vida de meu amigo Toninho, e que, por mais estranho que seja, se avolumam, crescem, barrando, expulsando o que me parecia maior e fundamental. Dali então, deste ponto minusculíssimo, parto para deduções que visam esclarecer Toninho, que tem por escopo mostrá-lo o mais claramente possível, dentro das naturais limitações de um trabalho do gênero dêste.

Não vou procurar portanto — nem poderia fazê-lo — mostrar um Antônio Paladino tal qual, como êle foi. Seria presunção minha. Seria presunção de outro qualquer. Através recordações de nosso período de vida em comum, dos anos de profunda amizade que nos ligou, tentarei construir — reconstruir? — um retrato o mais verídico possível, dentro do meu ponto de vista, quer me guiando pela memória, quer me apoiando nos trabalhos por êle deixados e que, quase sempre, contêm bastante de autobiográfico. Porém, ademais, previno que deverá ter muito de "meu" Toninho, muito do meu "eu", pois até mesmo — ou principalmente — as pessôas mais amigas e conhecidas, parentes e etc., quando tentamos mostrá-las de corpo inteiro, nada mais fazemos que dar o que mais nos impressionou. As pessôas vistas por nós nunca são elas mesmas, mas elas mesmas mais essa quantidade de nós, a visão que nós temos, a "adaptação" que nós fazemos, o que gostaríamos de ver na pessôa. Assim se um outro do grupo de amigos de Antônio Paladino que não eu, fôsse fazer [illegible] estou que, dentro de certas caracte-

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

rísticas iguais e imutáveis, de pessôa física — ou não, ou até estas são uma visão individual e variável? — digamos assim, teríamos quiça um outro Antônio Paladino. E quem diria ser esta visão menos verdadeira que a minha, ou menos verdadeira que a verdadeira verdadeira? Porque poderia muito bem se dar o caso de, precisamente, aquilo que não me impressionou, que nada me disse, fôsse o que mais atingisse a sensibilidade do outro amigo...

Dirão que sofismo. Puro engano. Desaparecida a pessôa humana, além da obra dela, que permanece e que também sofre inumeráveis e até contraditórias exegeses, só fica, desta pessôa, a imagem, no espírito dos que a conhecerem. E nem me digam que esta imagem não é sempre uma imagem pessoal, individual, variando, até mesmo nos traços físicos, de um para outro que a estuda. Não sei onde lí que os nossos orgãos visuais são dos que mais fàcilmente nos iludem. Até mesmo os retratos deturpam; os retratos falseiam. Imaginemos ainda diversas pessôas conversando sôbre um amigo desaparecido .Pois bem: podemos afirmar sem mêdo de êrro que para cada um o amigo é diverso, é outro.

Dito isto tentemos dar aos leitores, com o auxílio deles mesmos leitores, uma idéia de nosso companheiro e do ambiente em que êle viveu; melhor: dentro do ambiente em que êle viveu.

Revejo-o:

Baixo, magro, mãos finas, pálidas, rosto afilado, narinas arfantes de asmático, com a característica de sempre correr os dedos pela asa do nariz ou pelo exageradamente saliente pomo de Adão, cabeleira lisa escorrida, lábios grossos, dentes nem bons nem maus, olhos brilhantes, uns olhos brilhantes, vivos e irônicos, escorrendo vida, faiscando, uns olhos que desejariam viver além do momento presente, além do resto do corpo, devassar o mundo. E trancado em seu quarto de doente, com a imaginação trabalhando, trabalhando... Pouco antes de morrer diria: "— Lia um jornal sentado junto à janela enquanto a meu redor as coisas aconteciam como sempre inflexíveis, persistentes, matemáticas. Mundos estranhos que eu nunca vira antes, vidas invioladas que eu desconhecia, talvez estivessem nascendo àquela mesma hora ou talvez morrendo — quem sabe — e tudo isto diante de mim mesmo, sem que as pudesse ver, apalpar, sentir. Pouco a pouco sentia minha atenção declinar da leitura, fugir do contrapeso das coisas cotidianas que a enfadavam e embruteciam. Veio-me então um desejo desesperado de devassar o mistério, o segrêdo, a virgindade dêsse mundo invisível, tão complexo e fascinante. Mas em vão, minhas idéias, meus pensamentos, logo se cansavam e foi inútil todo esfôrço que fiz para valer-me do socôrro da intuição."

Como se vê desejo de participação, de compreensão do mundo de viver a vida. Mais incapacidade para tal por motivos vários, especialmente por causa da moléstia insidiosa e fatal que o amedrontava, deixando-o sem coragem, derreado.

Nem se diga que Toninho, mesmo antes da doença se manifestar, não tinha conciência nítida da precariedade de sua vida. Tinha. Muitas vêzes, em conversa, êle deixava transparecer o quão frágil, o quão curta seria sua existência. [illegible] dias antes de morrer, esta, se a podemos chamar assim, previsão:

"— É muito triste quando se está sòzinho em seu quarto, acompanhado apenas pelos pensamentos. Depois quando ainda se é doente e sabe-se que se vai morrer muito breve, essa tristeza se torna mais negra do que tôdas as outras, uma tristeza de abismo, de cáos, sei lá que." E recorde-se que devia, à época da nota que foi encontrada depois, com a data "maio 1950", por entre outros papeis, estar melhor, mais forte. Seria a tão famosa visita da saúde?

Tentávamos gracejar em tôrno do fato. **Mas também nós sabíamos.** E a morte vinha avançando, avançando, inflexível, certa, sua sombra negra e temível pairando sôbre o vulto inerme de nosso grande amigo, por todos os recantos do quarto, nós quase a podíamos sentir, cada dia mais perto, mais perto. E nós alí de mãos abanando, vendo-a chegar, impotentes, sem nada poder fazer. Amarrados diante do inevitável.

Não importa dizer como ou quando o conheci. O fato em si só não tem significado. As consequências sim. Conhecidos fazemos hoje para que se sumam amanhã. Amigos, não. São poucos, e destes poucos menos permanecem. Os outros logo os perdemos, quer seja porque se vão, ou ainda porque acabamos por notar que somos de temperamentos diversos, que não temos afinidades, etc.

Logo nos acertamos, tínhamos as mesmas opiniões sôbre a vida, sôbre mulheres, sôbre muitos, quase todos os outros assuntos; nos influenciamos profundamente.

Basta dizer que foi lá por volta de 1946. Antes já ouvira falar dele e mesmo, se não me falha a memória, lera duas ou três crônicas... inéditas, que um amigo comum me trouxera. Crônicas profundamente líricas, lambuzadas de romantismos à la século 19 e já tendo em germem aquilo que foi a constante dos trabalhos de Antônio Paladino: a busca da infância (tão próxima e tão remota), e a certeza da morte prematura.

Toninho acabara de fazer o ginásio e dava aulas particulares, preparando alunos que desejassem entrar no ginásio ou que tivessem ficado em segunda época. De uma inteligência muito viva, sabia explicar com simplicidade, sabia fazer entrar as coisas mais complicadas nas cabeças mais broncas. Aparentemente sem nada querer, assim de modo displiscente...

Pertencia êle a um grupo metido em altas farras, em noitadas perdidas em lugares excusos. (ou será que já estou imaginando os lugares excusos?). Bem, morava perto de meu amigo Cláudio (o tal que me trouxe as crônicas). Melhor, Cláudio é que se mudou para perto da zona de Toninho. E logo tornaram-se amigos. Trocavam livros e idéias. Discutiam. E com o tempo Toninho começou a deixar, em parte, as farras. Mas muito vagarosamente. Encontrara outro centro de interêsse mais vivo: aquilo que trazia em embrião, o desejo de escrever, surdia, e ao mesmo tempo era uma espécie de válvula de escape, de esquecimento, pois nunca deixou de **ter certeza:** MORRERIA cedo!, substituindo as farras.

De saúde frágil, sofrendo, desde pequeno, horrìvelmente, de asma, da qual mais tarde diria em carta ser "... o meu espírito cético que tem se acentuado muito ùltimamente, etc., fatores êstes que inegàvelmente devem a sua procriação a essa dama cretina, safada, filha da puta, que se chama ASMA". Nem assim, contudo, deixava de [illegible] Providência, me dirão, de quem se sabia propenso à doença, asmático, com ataques bruscos e fortíssimos. Sim,

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

não nego. Porém havia como que uma certeza tremenda nele do fim mais ou menos próximo, certeza que sempre o acompanhou até nas ocasiões em que se sentia mais forte e saudável. E "queria aproveitar". E então, creio, julgava inútil passar os poucos de anos, quem sabe meses, que lhe restavam, assim como numa redoma, não vivendo, mas vegetando. E daí a ânsia, o aparente desespêro com que se atirava no nada. Algum tempo mais tarde, já com uma compreensão que de início não possuia, um tanto diversa, nunca conformado mas aceitando as coisas com quase naturalidade, êle chegou à conclusão de que, mesmo aparentemente isolado, se pode participar, encontrar assim como um sucedâneo de vida, uma migalha de vida, se não com a mesma diversidade de situações que a vida oferece, com a mesma porção de felicidade e infelicidade que comporta a vida, pelo menos passível de permitir que a pessoa continue tendo um fim, um motivo, sem o qual tudo se torna inútil e pesado como a mais pesada carga. Quem sabe insustentável! E isto êle encontrou quer seja nos livros lendo, vivendo aquelas outras vidas; quer seja por um contacto mais direto, escrevendo, passando ao papel às suas emoções, estudando os mais diversos problemas, perquirindo, analisando as questões. Mas a vida, tiranizante, sempre exige sua parcela de contribuição direta, nunca perdoa. E voltavam então, se bem que expo-radicamente, pois a maioria deles ficava nos papeis, na obra, aquêles ataques de desespêro, de fundo desalento, que extravasavam da forma que já vimos naquêle trecho transcrito anteriormente. Ou então em fugazes explosões de nervo.

No fim, fez, em contraste com o início quando se atirava aos restos de vida, uma outra vida de recluso, de doente que quer, resolve melhorar. Mas só por fora, porque, inconcientemente, recolhida, recacalda; continuava a certeza da morte.

Então se cuidava extremamente, por duas vêzes esteve no Hospital Nerêu Ramos (para tuberculose), sendo que da segunda saiu sem vida. Talvez já fosse tarde, ou talvez a certeza do fim — mesmo quando fingiu para si mesmo — nunca o abandonasse, todos os esforços foram em vão.

E na placidez da morte, recordo-me como se fôsse agora, manteve aquêle ar de menino pobre e desamparado, que nunca conseguia, embora perseguisse sempre, o brinquedo desejado: a vida.

Esta só o visitou nos livros: só a conheceu lendo e escrevendo.

No mais era sempre, reconheceu-o, um intruso. E quando muito, um visitante.

Formávamos, lá por volta de 46-47, conforme já disse, um grupo que se estava iniciando nas letras. Vindos de diversas procedências e com um único desejo em comum, acalentado desde bem crianças: escrever. E a nós Toninho, como sempre o tratamos, logo se incorporou. Estávamos já em época de desova, isto é, quando não mais basta ler para os outros, discutir. Mas queríamos, precisavamos publicar. Toninho foi mesmo dos organizadores iniciais do grupo. Éramos, como é lógico, sem unidade alguma, sem coesão, sem identidade de pontos de vista, divergindo quer em filosofia, quer em religião, em política, em literatura, em estética, etc. Nos irmanava um ponto: desejo de fazer algo... que não sabíamos, ainda, lá muito bem e que fôsse. Começamos quatro: Toninho, Leoneti, Cláudio e eu. Realizávamos longas reuniões onde discutíamos tudo e depois deixando tudo íiamos à farra. Aí o grupo aumentava. O Cláudio convidava um primo que

apelidamos "O Príncipe" por causa de suas idéias, seus preconceitos raciais e por nos ter dito uma vez possuir "sangue azul". Ambos, Cláudio e êle, ótimos no violão e irmanados neste único ponto, divergindo em tudo o mais, tocando, cada qual procurando se superar a si mesmo e ao outro, deixando escorrer a beira-mar suas músicas dolentes. Tocavam de tudo. De música clássica até os mais furiosos tangos. As ondas vinham beijar a areia e a lua, quando havia, se esparramava por sôbre as águas, rebrilhante. Ficávamos a ouvir... noite a fora. O "príncipe" cantava. Cláudio acompanhava-o fazendo a "segunda" voz. Logo outros, adventícios, entravam na cantoria. Proibidos estavámosToninho e eu, pois nunca conseguimos acertar uma nota que fôsse. "Melancólicos", conforme gostávamos de dizer, ficávamos estirados. A sonhar e construir os perenes castelos de jovens.

Logo em seguida o grupo foi engrossando, foram chegando: Anibal, Ody, Pedro, Zé Tito (muito bons também ambos no pinho), Odílio, Madeira, Sagaz, Carreirão, etc. Leva esta que foi aumentada mais tarde com Pedrinho, Archibaldo, Élio, Fúlvio, Hamilton, etc. Cumpre citar também entre as diversas moças, Eglê, que desde o começo sempre escreveu e trabalhou no teatro do grupo.

Verdade que o grupo não ficou assim, pois enquanto uns iam chegando, outros, por motivos vários, debandavam.

E foi então que começamos a sentir umas comichões maiores, essa necessidade premente de extravasar, de pôr para fora, fôsse lá como fôsse, o que íamos escrevendo, os novos ensaios, as mais recentes tentativas. Já não nos bastavam as reuniões internas onde líamos e discutíamos as nossas produções.

Mas como? Não tínhamos a mais vaga idéia de como fazer ou a mais vaga possibilidade de conseguir imprimir. Todos nós uns quebrados. E contudo era preciso.

Daí, desse desejo urgente, nasceu **"CICUTA"**, jornalzinho de crítica, datilografado. Com uma tiragem "enorme" de 8 exemplares. E que tinha o seguinte aviso:

"É costume do leitor
Dar um fim desolador
A quasi todos jornais...
Mas leitor, não sejas mau!
Não faças a êste jornal!
O que se faz aos demais!

De "CICUTA" — Boletim Oficial dos Quatro Justos — Direção dos Mesmos — o boletim de menor tiragem do mundo — participaram apenas Toninho, Claudio, Sagaz e eu. Era, como já disse, totalmente datilografado, por Cláudio, o cara mais paciente e organizado que me foi dado conhecer até hoje. Um abismo, um despropósito de organização. Toninho ditando. Mas logo, cansado, deixava. Claudio, sózinho, persistia, pedindo sempre a colaboração, para o número seguinte, com urgência. E resistiu durante quatro números. Só acabou porque, nós, ainda contra o voto dele, achamos que bastava de jornal datilografado e precisavamos nos virar de outra maneira. Da apresentação — e todos os quatros números tiveram a mesma característica, tiramos o seguinte trecho bem representativo:

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

"Não tendo o que fazer os "Quatro Justos" se reuniram no Café Rio Branco, centro predileto dos vadios, e lá, entre um gole de amargo café e uma praga a esta vida ruim, decidiram lançar o seu boletim oficial. . . ."

Crítica a homens e fatos, piadas, anedotas picantes sôbre conhecidos, contos, crônicas, poemas, tudo alí inserimos, da "forma mais disforme". Uma das únicas coisas mais aproveitáveis do primeiro número — ou de todos?! — é o conto "Dona Maroquinhas", de Antônio Paladino, que agora damos nesta coletânea.

Mas a verdade verdadeira é que "Cicuta" se tornava pequena demais. Foi aí que começamos a nos virar com mais vontade e conseguimos, na Imprensa Oficial, contando com a boa vontade do diretor Jor. Batista Pereira, do chefe das oficinas Faria, do paginador Celso Vieira e do técnico da "clicherie" Doralécio Soares, imprimir a "Folha da Juventude", onde, verdadeiramente, todos nós (menos, me parece, o Anibal) estreiamos. Primeiro Sagaz e depois Antônio Paladino e Madeira na direção. O nosso órgão logo divulgou-se entre a juventude, congregou nomes, atraiu outros ao grupo, provocou celeumas, foi elogiado e atacado. Toninho além da organização do jornal, publicava "Um doce para quem adivinhar", secção de crítica, sendo focalizada sempre uma personalidade da terra, vendo-a pelo lado caricato; e "A Crônica do Mês". Logo, além dos assuntos diversos, surgia na folha uma página literária, dirigida pelo Cláudio e por mim; mais tarde apareceu uma "Página de Arte Moderna", dirigida pelo Anibal, contendo além de poemas, notas de crítica, contos, também ilustrações de tendência moderna que arrepiava os cabelos dos burguêses, santamente horrorizados com tamanha heresia e mais horrorizados ainda por verem o professor Anibal metido em "tal coisa", não compreendendo — não procurando compreender, fazendo por não compreender — "aquilo".

Um dia, depois de 6 números apenas, mas que foram 6 números de sacrifício e luta, 6 números que fizeram o estafante trabalho de abrir caminho, a folha acabou. Ficamos outra vez a ver navios. Mas já então sempre conseguíamos divulgar algo do que íamos fazendo, nos jornais da terra. Mais tarde conseguiríamos manter, durante um ano, num dos jornais da cidade, uma página literária semanal, que só perdemos porque um certo figurão pediu em nome da "cultura" da terra, cultura super fossilizada estagnada e que não pôde resistir ao ímpeto de renovação, que nos fôsse tirada. Enquanto isto começava Ody a se movimentar, escrevendo, dirigindo e montando peças de teatro, de bom teatro; surgia o Clube de Cinema; surgia Moacir Fernandes com Exposição de escultura, zincogravura e desenho; surgia Marques Rebêlo com a Exposição de Arte Contemporânea e Conferências. Mas, antes disto, é bom frisar para pôr os pontos nos "i", já havia surgido "SUL", que andava lá pelo 5º número quando Marques apertou por estas bandas. Porém impossível deixar de reconhecê-lo, bastante nos incentivou e, com sua vitalidade, deu novo impulso ao movimento. Sim, já surgia "SUL" que era como que um desdobramento natural de "CICUTA" e principalmente da "FOLHA DA JUVENTUDE".

Esta enumeração, bem sei, pode parecer monótona, cansativa; mas tem seu valor como documentário, serve para localizar o problema e indicar a posição de nosso companheiro dentro do movimento e de sua evolução. Antônio Paladino, embora doente, sempre

esteve na primeira linha do movimento e a êle deu o melhor de seu esfôrço.

Toninho, à saida de "SUL", estava doente. Mas mesmo assim compareceu no primeiro número e como sempre com um ótimo trabalho, um poema que é uma das poucas coisas que até hoje permanecem, continuam atuais, que se salvam. Logo melhorou, entrou a trabalhar assim que poude, foi ser um dos primeiros secretários da revista, colaborando com poemas, com contos, depois com crônicas sôbre poesia. E mesmo nas últimas horas nunca deixou de pensar, de se interessar, de torcer por sua revista, que era também um bocado bastante dêle, talvez mesmo a melhor parte dêle, a parte que ficaria daquela pobre vida talhada para o sofrimento.

— 2 —

Porque a vida de Toninho, digamos logo a verdade, mais me parece uma tentativa, um arrêmêdo de vida — menos no que tange à parte em que êle se dedicou às letras, e encontrou um lenitivo. Não quero insinuar que a literatura, fôsse, para êle, só isto. Não! Era uma necessidade, uma profunda necessidade, uma segunda natureza. Mas o que me parece é que, com a doença, serviu também de derivativo. E tomou aquele jeito pessimista, de desabafo.

Sofrendo desde a infância de pertinaz asma, quando adolecente temendo encontrar em cada canto da estrada o espectro da tuberculose, que não se fez esperar. Mal atingia a juventude alcançou-o. Veio, tomou conta, carregou-o para o outro lado.

Não se diga agora, nem se fique imaginando — pelos trabalhos aqui enfeixados — que Toninho, com todo pessimismo que o dominava invensivelmente (e nem poderia ser de outra forma dadas as condições vigentes), era um triste; ao contrário: nunca vi ninguém que soubesse tão a gosto apreciar as coisas belas da vida: um bom livro, uma mulher bonita, um bom bate-papo, uma boa farra. E como sabia rir. E como sabia compreender, ser complacente. Ser humano, desculpar as falhas dos outros. Porém do que mais me lembro mesmo é do riso dele, um riso alegre dentro da face triste, um riso que tomava todo o resto miudo, que saltava dos olhos, que espoucava dos lábios, do nariz que arfava, de todo êle, sacudindo-o . . .

De repente, no meio do riso, tomava-o um acesso de tosse — e a risada se transmutava, de imediato, sem aparente transição, em esgar. . . .

Temo deixar uma impressão que dê idéia de exagêro. Poderá parecer que construo. E diante disto páro a máquina e volto a reler o que ficou dito. É oportuno explicar que não, que confirmo a opinião deixava atrás. Em absoluto: não construo! Chamo o testemunho dos seus, dos amigos, da turma, de todos que o conheceram.

Miudo, leve, alegre, seu riso espoucava tentando afogar, esquecer o que era e o que o esperava na primeira curva do caminho. Mas o que era, mais forte, transparecia na sua obra, em tudo sempre a mesma constante.

Morte, saudade da infância.

Dir-me-ão então que o riso era falso.

Quem sabe! Não o creio, mas aceitemos que assim seja.

A meu ver era e não era.

Era mais para êle mesmo do que para os demais.

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Toninho nunca foi gente de pôse. Odiava do mais fundo dalma os "poseur". Simples, humano, coerente, com virtude e falhas inatas a todo verdadeiro ser humano.

Discutíamos, muitas vêzes, noites a dentro. Perdíamo-nos em intermináveis querelas sôbre arte, religião, política, mulheres, a vida em geral, o diabo. Sangue quente de jovens, quase chegávamos às vias de fato. Menos Toninho. Nunca brigou com ninguém. Mas isto não quer dizer que transigia. Nunca, tendo razão ou até se convencer do contrário, transigiu. Sabia defender seus pontos de vista sem se exaltar, sem perder a linha. E sabia se confessar derrotado, com a mesma calma. O que não se dava, por exemplo, com o Cláudio ou comigo.

Iamos, sempre visitá-lo, depois que foi obrigado a permanecer em casa. Até o fim manteve-se o mesmo: fiel a si mesmo, às suas idéias, ao seu modo de ver. No final — tão repentino que nos foi impossível acorrer, pois transportara-se uma semana antes para o Hospital e morreu à véspera de nossa visita, só viémos a ter conhecimento quando já tarde — no final, já agonizante, procuravam-no para colocar as tais de velas, para confissão. Negou-se firmemente, discutiu, apresentou fatos, falou de filósofos e de sábios, gracejou. Disse, com aquela sinceridade que o caracterizava acima de tudo: "Para que iluminar o final de uma vida que foi sempre tão pobre de alegria! Minhas luzes foram outras. Não quero; vou ficar sempre no que fui; nada de hipocrisias...". E sorriu. Sabia bem o que queria, o que havia passado, a inutilidade que fôra, sob um certo ponto de vista, o seu viver... atirado para um canto, gozando das sobras da vida, com a doença rondando, rondando, temendo fazer isto, fazer aquilo e mais aquilo, sem carinho, com mêdo de piorar, de adiantar o que já vinha em passos de gigante. Morria com 25 anos incompletos. Nada ainda fizera e tanto tinha por fazer! Mesmo que continuasse assim, mais um pouco, mais um pouco para deixar algo, para ser lembrado. Olhava para os seus, para os parentes e amigos, ficava triste por êles, achava só ter dado, em todos os momentos de vida, trabalho. Pensava na tristeza do pai, dos irmãos e amigos, no golpe tão doloroso.

Nada, nada, tudo nada.

— 3 —

Mas sua vida não foi bem assim. Deixou-nos um legado: sua obra. Certamente a amizade não me fará dizer que é uma grande obra, completa, acabada, embora, para a época, a melhor de todos nós. Sei que Toninho não gostaria e, firmemente, com aquela firmeza de pessoa doente que teima e teima inda mais, duplamente, quando tem razão, me diria: "— Deixa disso, velhinho, manda a joça prá diante, mas diz a verdade, que já sou velho há muitíssimos anos prá me comover... Sei o que vale a minha obra, como sei que se tivesse tido oportunidade, tempo, faria algo verdadeiramente bom". Porque além da amizade que tão profundamente nos unia, existe a sinceridade mútua e que nos fazia, sempre, dizer com franqueza o que achávamos dos nossos trabalhos. E mesmo dadas as condições especialíssimas, a falta de ambiente, de meios, se me parece impossível que tivesse êle realizado mais do que realizou. A obra de arte exige não só aptidão, mas um longo, doloroso, persistente aprendizado. Concordo plenamente com alguém que escreveu. "Arte é 10 por cento de inspiração e 90 por cento de transpiração."

Não exagero portanto se disser que Antônio Paladino era um ser privilegiado. No lugar dele muitos outros teriam caído no simples desespêro ou no misticismo destruidor das fôrças mais positivas do homem, no misticismo inócuo e vazio. Êle, no entanto, que fez? Transportou êsse desespêro para a sua obra, foi como uma espécie de válvula de escape. E assim, aliviado, continuou vivendo. Além de nos legar uma obra que serve, mais do que obra de arte, como documento de um espírito, de um temperamento, de uma sensibilidade exasperada. Mesmo de uma época, um determinado período da vida de todos nós.

Êle procurou nos livros a paz, a calma, o esquecimento. E o conseguiu, em parte. Lia, se integrando no que lia, participando ativamente, já que na vida seria apenas um espectador forçado. Conseguiu "ficar". Lendo e escrevendo.

Porque, felizmente para a humanidade, o instinto de conservação, juntamente com o de reprodução, é a arma mais forte com que conta o homem para a continuação da espécie. E o homem — ou a natureza — sempre encontra um derivativo. De acôrdo com a pessoa. O de Toninho, no caso particular dele, nos parece o melhor.

Lia, escrevia, discutia.

Poeta, ficcionista, crítico.

Poeta inato, ficcionista por vocação e temperamento, crítico por necessidade de extravasamento.

Como poeta — possuía um grande e inato senso de ritmo e equilíbrio — pouco deixou, mas êste pouco já demonstra as suas vastas possibilidades para o gênero.

Como ficcionista grande parte de nós o considerava a mais promissora figura do grupo.

E já se iniciara na crítica, tendo deixado vários interessantes artigos sôbre poesia, além de acuradas análises em cartas a diversos amigos.

A constante, a temática quase única desta obra, é a morte. A morte com seu imenso corolário de tristeza e lágrimas, de saudades, de longas e intermináveis horas de meditação.

A morte-desespêro, talvez não.

A morte incompreensão, talvez sim.

(Só se aceita, quando se aceita, a morte como o inevitável da vida, na velhice).

A morte como fim natural, como última coisa de tôdas as coisas, creio que sim.

Morte e vida entrelaçadas. Morte e vida inseparáveis, caminheiras, companheiras.

Morte nada, a morte nirvana, a morte morte, a morte paz.

A morte sem qualquer continuidade?

Não! Talvez a morte que é vida, Rilkeana.

Ou talvez a vida que vive da morte; êle voltaria, transmutado em árvore, água, peixe...

Me é, confesso, extremamente difícil tentar, mesmo ao de leve, uma análise, uma explicação fria e calculista, dos trabalhos de Antônio Paladino. Porque sempre estou a completar as possíveis imperfeições, as constantes lacunas, quer de forma, quer de sentido, quer de estilo, com o conhecimento que eu tinha do assunto, e da pessoa, e da maneira como tal pessoa pretendia, tratava, gostaria de [illegible] Ferido. Um toque aqui, outro ali, in-

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

da outro acolá, mudança de uma palavra, de um substantivo ou verbo, por outro mais forte, ou então que desse mais clareza, mais subtilidade a idéia. Assim uma paisagem, um fato ou um tipo que conhecemos e que alguém nos descreve imperfeitamente. Para exemplificar melhor imaginemos alguém a nos contar uma determinada história onde entra uma personagem determinada. Se nós conhecemos o fato podemos completar o que nos contam, imaginar o resto, a conclusão, suprir ou adicionar. Não assim se nada sabemos. Necessitamos aí então de todos os detalhes, das principais minúcias. Mesmo quando queremos deixar subentendidos, fazer o leitor pensar. Porque subtileza é muito diferente de imperfeição, de coisa incompleta, que melhor que imperfeição, é o caso de A. Paladino.

No primeiro caso custamos a descobrir as imperfeições, porque completamos com a imaginação, cobrimos as deficiências; no segundo terminamos por exagerar os defeitos.

Não que vários dentre os trabalhos de Paladino necessitem de quaisquer espécie de bengala, como apoio, para se manterem de pé. E eu não estou tentando dar-lhes qualquer arrimo. Êles se erguem por si sós, vivem. Têm personalidade própria, aquéla parcela de personalidade que lhes insuflou o autor. São vigorosos, prenches de vida, de emoção. Não são restos, despojos de Antônio Paladino, mas Antonio Paladino êle mesmo. Assim alguns contos, alguns poemas.

Eu me inclino, contra a opinião de diversos do grupo que julgam a parte de poesia como a melhor, para o lado dos que consideram que as melhores possibilidades de Antonio Paladino estavam na ficção.

Bem sei que a poesia é difícil. Mas existem, a meu entender, dois gêneros primordiais de poesia, deles partindo inumeráveis outros sub-grupos: poesia forma, motivada por um longo aprendizado, por uma longa técnica e prática aperfeiçoada (sem excluir, é claro, o conteúdo); e poesia emoção, que brota simples e pura das fontes mais recônditas da pessoa, do imo do ser humano, que tôda pessoa possui em menor ou maior grau, apenas umas a podem transmitir e outras somente receber (sem excluir também forma ou conteúdo, pois que eu estou falando sob um outro aspecto). Comparê-mo-las a estas segundas pessoas, a dois aparelhos, um transmissor, outro receptor. Puros aparelhos, que não transformam o que recebem, dão-no como o receberam plenos de emoção, só emoção. Enquanto uns são aparelhos profundamente técnicos, desculpem o privanismo da explanação, com todos os inovamentos, que preparam o que recebem, os outros, digamos assim, são aparelhos primitivos, belos mas primitivos. A êstes pertencia Paladino.

Não me interessa saber, nem aprofundei a questão, qual dos dois é o ideal ou se ambos o são. Se frisei o fato foi para dar meu ponto de vista sôbre meu amigo.

Já na ficção o caso é diverso, muito mais complexo. Há necessidade, **sempre**, de uma forma. Só a emoção, a **vontade** de fazer, digamos assim, não basta. Já há necessidade de uma certa prática, de uma determinada aprendizagem. É mais sofrido o trabalho da ficção. Ou melhor ainda: de tôda a prosa. Que é, a meu ver, também poesia, pois a poesia, a grande, a verdadeira poesia, está em tudo e tudo impregna. Donde um outro fator para a maior dificuldade da prosa.

Por isto me parece mais séria a parte em prosa de Antônio Paladino.

Ah, mas como conseguia por vêzes, nos poemas, uma musicalidade tão simples, uma união entre forma e conteúdo, um lirismo tão corrente, tão cantante, tão puro. Uma emoção tão viva, pejada de tantos significados! Vejamos um exemplo:

"Sinto o silêncio...
O silêncio nostálgico das tardes de outono
e um langor lasso,
enfadonho,
medonho,
e o tédio que nasce de tudo o que faço...
.....

Uma brisa fresca sacode o arvoredo
Folhas sêcas despencam-se no espaço
Há silêncio, há tristeza, há saudade
E a tarde vai fugindo, fugindo
Passo a passo.
(Anoitecendo)

Note-se aqui a constante de que tenho falado em diversos trechos. A leve melancolia, a tristeza, a saudade, o tom elegíaco, a maneira um tanto quanto Verlainiana de versejar, tudo envolto na paisagem silente que vai fugindo, fugindo passo a passo; acompanhamos o poeta, com êle vemos aquêle clima, tudo nos toca bem fundo na sensibilidade.

No poema "Cantiga Triste", um dos mais bem construídos, reunindo êste complexo — forma e conteúdo que devem estar sempre inseparáveis na obra de arte qualquer que seja ela — o poeta assim fala:

"Da ponta dos dedos os versos escorrem
pegajosamente.

Os versos caminham
e esparramam a sua mensagem
por onde passam....
São versos indecisos...

O desiquilíbrio do mundo afoga os versos que morrem.

E o desiquilíbrio vem
E os versos gritam de mêdo
São vozes angustiadas
Que se apagam no silênsio.

E os homens sofrem com êles.
E os homens gritam com êles.

O desespêro dos homens vem e invade os versos que nascem.

E os versos perguntam
Com os homens que choram:
"— A ordem... onde está a ordem?"
Só o silêcio responde
E os versos se perdem no cáos."

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Desilusão, amargor, onde se pode notar que "o desespêro dos homens vem e invade os versos que nascem". Para o poeta é tudo assim. Tudo que nasce é puro, vem puro do ventre materno. Mas o mundo, os homens, a incompreensão dominante contamina tudo, tira a simplicidade, a pureza inicial... e os versos (tudo) se perde no cáos. Vê-se aí, neste poema, claramente, a visão que Toninho tinha das coisas e a mesma constante. É de interêsse ainda notar a antecipação, pois ao ver dele, mesmo antes de nascer, as coisas já trazem em sio germen da morte, por isto o verso. "O desiquilíbrio do mundo vem e afoga os versos que morrem", precede o "O desespêro dos homens vem e invade os versos que nascem". Porque, mesmo antes de nascer, trazendo em si o estigma da morte, única coisa verdadeira e infalível neste mundo falível e vário, pode o poeta dizer assim ;enquanto o nascimento é uma consequência só previsível depois e o desespêro dos homens só pode atingir os versos depois que nascem, depois que acontecem; a morte é o nada, sendo antecipação; existindo "antes". Aqui portanto, como em todos os demais, sempre o mesmo tema, a mesma idéia fixa, a mesma constante, que se irá repetir de poema em poema, passando para a prosa, para os contos, as crônicas, os trechos de novela, até mesmo as críticas e cartas.

Poderíamos continuar citando: Em "Noturno" — Versos negros engolindo. A alvura morna dos raios; em "Meus Cantos Noturnos" — Quizera oferecer-te êstes cantos múltiplos, Que refletem os matizes, as tonalidades, as variações. Das vozes fantasmas e amigas. Que me assaltam nas horas serenas. Das madrugadas de insônia; em "Tristeza" — Ruas compridas. De pensamentos em linhas pardas. Paralélas; em "Balada do Silêncio" — Nasce o silêncio no seio das horas. E se repete atravez dos dias e anos. E morre e nasce. Numa sucessão indefinida de velhice e rejuvenescimento.

E sempre dentro dos poemas um sentido filósofo da vida, e ainda a repetição do que citamos no começo: a vida nada mais é do que uma repetição de morte e renascimento: nada se perde, tudo se transforma, eis a tese de Paladino.

Tudo é "uma sucessão indefinida de velhice e rejuvenecimento."

Não se pode ainda negar o profundo sentimento poético (primário) de tudo isto. Mas, além de contínua, perene constante — a repetição montoniza, cansa, talvez por falta de uma forma mais adequada, uma técnica mais apurada. Comparece também, é inegável, nos trabalhos em prosa. Observe-se aqui a mesma temática, porém onde, apesar da constante, se pode notar uma maneira melhor de desenvolvimento, de apresentação e aproveitamento dos assuntos.

Antônio Paladino sempre me falava em iniciar uma novela, experiência de sua curta vida tão longa de doenças e dores. Chegou a iniciá-la. Dela dou dois trechos: "Contôrno sôbre os passos de Izabel" e "Ainda Izabel". Seria mais uma experiência sentimental, quiçá a única inocente, pois sempre me dizia que o doente, em especial o tuberculoso, é um profundo sensual, dum sensualismo animal, um sensualismo profundo e inteiramente sexual, exacerbado. Falei-lhe então em diversos livros sôbre o assunto, na "Montanha Mágica", de T. Mann, mas êle não a quis ler, "só depois", me dizia, embora conhecesse "Os Bundernbrook" do mesmo autor. Não queria ser influenciado. Nunca a leu. Infelizmente. Pois se tivesse lido, teríamos discutido a respeito e êle me daria a sua opinião de conhecedor do assunto, a respeito da obra. Bem que nos seria de sumo interêsse a

observação dele, espírito tão atilado, sôbre um problema que lhe era próprio.

Os "Apontamentos de Caderno", sôbre Izabel, além de criar um tipo feminino em poucas linhas, dão uma idéia bem definida de Toninho, e por isto os escolhi. Dão bem a medida do poder evocativo, do poder de captação dele. Veja-se a derradeira linha, o final de "Contôrno sôbre os passos de Izabel": "Izabel então assustou-se e foi em vão que procurei retê-la perto de mim." Vemos, sentimos, claramente, o vulto escapar-se, esvoaçar aéreo, sumir, enquanto o autor se esforça por mantê-lo presente alí perto, por trazê-lo de volta. Mas a figura já se esvae e tôda a concentração se torna inútil. Só resta esperar. É necessário que o leitor leia todo o trecho para captar a beleza, o poder de evocação, a vida reencontrada, proustiana, que Paladino consegue dar em poucas linhas. "Ainda Izabel", possui, dentro do mesmo clima de confissões, uma visão do "Antônio êle mesmo", que nos vem visitar do passado.

Veja-se depois alguns contos. O patético "Canto do Cisne", ainda experiência própria, como quase tudo: a fixação do problema da adolescência, no que muito se comprazia A. P. "A morte do Vôvo", "Canto em Surdina", etc.: o ridículo bem temperado, a observação aguda e com tanta verve gravada do meio ambiente, dos fusquinhos e malidescências em "Dona Maroquinhas", em "O Grande Homem"; a procura da forma própria, da inovação do gênero, rápido, vibrátil, em "Se êle encontrasse o Zèquinha..." o lírico, talvez freudiano, em "Antigamente... "onde não falta, se se quizer procurar, claramente desenvolvido, o complexo edipiano, complexo que também poderia ser mais estudado, levando-se em conta a morte tão cêdo da mãe e outro fatores. ("Antigamente, quando êle ria, a gente ria junto com êle. Era criança ainda... Foi o mais folgazão dos três...").

... Papai quase não batia nos dois. Mas êle, coitado, apanhava quase todos os dias. Papai no entanto não era injusto. A mamãe é que era mais boazinha. Ficava zangada com o papai quando batia nele. Era bonita, a mamãe. A Ruth parece-se muito com ela. A mamãe naquele tempo fôra a senhora mais bela da cidade.

.....

... O beijo da mamãe era gostoso, sim, muito mais gostoso do que o da Julhinha que era sua nomorada. O beijo dela não era gostoso. O da mamãe era mais gostoso do que o dela... muito mais...").

E o tema se repete, quer seja de forma mais velada, quer com a mesma clareza, em diversos outros trechos.

Espírito vivo, atilado, aberto a tôdas as coisas, pronto a analisar tudo, não aceitando nem negando nada a priori, Paladino gostava de passar as coisas — fatos, homens, acontecimentos, etc. — pelo crivo de sua crítica quase sempre lúcida, sempre compreensiva e sincera. Lembro-me que êle, Claudio, Anibal e eu, andamos, durante uns tempos, fazendo estudos "profundos" de filosofia. Tomávamos uma obra de filosofia, íamos à casa dele, já àquela época bem doente (1948-49) e cada um lia um trecho que depois era analisado, vasculhado, revirado. Exegeses as mais estrambólicas surgiam; conceitos os mais absurdos, que se o autor da obra escutasse ficaria abismado. Mas é isto; nós tirávamos da obra o que nos interessava — o que não garanto seja muito justo. Encontrávamos o que nos interessava. E como tem acontecido já com todos os outros grupos de antes de nós, e assim acontecerá com os de depois, em tôdas as latitu-

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

des e línguas, nós nos julgávamos sumamente originais, os únicos únicos, uns privilegiados, que haviamos descoberto a pedra da filosofia....

Claudio, sempre dolorosamente metódico, queria saber conceitos, definições, estudos de palavras, de vocábulos isolados; Aníbal, com aquêle espírito que em geral caracteriza os professores, desejava saber o sentido total do trecho, o que vinha dentro o significado oculto, a explicação em poucas e claras palavras; Toninho desejava estudar o autor da obra dentro do período, de acôrdo com o meio, a época, os costumes, a moral vigente, etc. sem o que, dizia, impossível se nos torna analisar concienciosamente o que quer que seja.

É de uma carta que tiro êste trecho bem característico da maneira de ser dele, trecho relativo a uma discussão que durou diversas cartas, e relativa a Freud:

"Já tive algumas palestras com o teu **mestre.** Não resta a menor dúvida que êle é um sujeito notável, extraordinário mesmo. Entretanto eu impliquei com êle — não com o valor inegável da sua obra, é bom saberes —. Achei-o um tanto impertinente, assim com umas maneiras um tanto intransigentes e exclusivistas. Como tu já sabes, tudo que me cheira a absolutismos ou intransigências não me sabe bem. Dá-me congestão. Daí porque eu fiz careta para teu mestre." E mais adiante: "Entre aceitar a obra de teu mestre com espírito prevenido, selecionando o que **convem** e o que **não convém** dela, e aceitá-la assim sem mais aquela, sem um julgamento prévio, fora dum certo senso de equilíbrio, há uma grande distância, um abismo de desproporcionais proporções."

Muito dêle aquilo de: "Daí porque eu fiz careta para teu mestre". Sim, fazer careta para os sisudos, os presumidos, os empertigados, os "bambas" dêste mundo, os mandões que não sabem apreciar as coisas belas da vida e cuja única sabedoria aparente está no "venha a nós".

Sempre tenho dito: As pessoas doentes possuem, por motivo talvez da própria doença, um sentido muito mais amplo e compreensivo de **humanidade.** Captam, gravam, assimilam, aceitam com mais facilidade, com espírito mais aberto, certos problemas que a nós nos trazem pruridos à conciência cheia de vazios preconceitos, nossos inumeráveis preconceitos formados ao longo de uma educação profundamente burguêsa, fazendo com que olhemos de viés para tudo que não entendemos. Não procurando entender. Muitas vêzes a culpa não é pròpriamente da pessoa. Vindas de tradições de séculos, as coisas têm uma fôrça titânica, catalizadora sôbre nós. Nós nunca somos inteiramente só nós mesmos; mas um cadinho de nós com tôdas as coisas que nos rodeiam — costumes, tradições, etc. O que nos impingiram, o que, inconcientemente, aceitamos, o que, por fôrça, acabamos assimilando, etc.

Os doentes observam mais detalhadamente as coisas e delas se livram, não importa explicar por que, com maior facilidade; são mais complacentes; vivem mais as coisas; penetram-lhe mais no imo. Durante as longas horas solitárias de meditação adquirem um espírito mais atilado, mais pronto a afinar, a perceber. Quando quase desenganados, quando compreendem que tudo já é inútil, tendo que resumir, melhor, sintetizar, acumular em pouco tôda uma vida, às vêzes em dias, então procuram recolher, não por experiência vivida, mas por observação, o que os demais [illegible]

samente ao longo do caminho. Eis a diferença fundamental entre sãos e doentes. Tudo o mais é secundário, quase diria supérfluo, diante dêste fato. E eis por que, a meu ver, Antônio Paladino às vêzes nos surpreende pela aparente, desconcertante madureza de pensamento, clareza e precisão mental. Êle sabe que precisa, deve, **tem** que viver urgentemente, às pressas, viver o momento que passa, vivê-lo a seu modo todo particular, viver o momento que passa, antes que, melancolicamente, passe êle. E viver como? Se pràticamente todos os caminhos que os homens aceitam lhe estão vedados! Só mentalmente. Então surge assim como uma espécie de deformação, de desvio... quando estudado pelos "normais", pelos que nada mais sabem ver para além de si mesmos, egoisticamente encastelados em si mesmos, nas suas mesquinhas auto-suficiências.

Estas consideracões paralélas são colhidas um tanto nos trabalhos de Toninho, outro tanto nas minhas experiências tidas com êle durante muitas horas de palestras.

Especialmente nos últimos dias de vida, antes da ida para o hospital, nós íamos lá à noite, à casa dêle, no quarto dêle, rodeado de livros, com um retrato feito pelo Moacir Fernandes pendendo da parede. Ficavamos conversando. Êle fraco, cansado, desanimado por não mais poder ler ou escrever, além do mais atacado fortemente pela asma. De repente, em meio a uma frase, se virava e tinha um acesso. Ficava arcado, pendido, de brucos, a tossir, sufocado, mãos apertando a garganta, como se quisesse retirar a garra que o estrangulava. E no quarto escuro as sombras se movimentavam, enormes. Té que o ataque diminuia, êle de novo nos sorria com aquêle sorriso que nunca perdeu. Um sorriso quase careta na face magra, chupada. Então voltava a nos pedir notícias de fora, da turma, da revista, da repercussão, do que estavamos fazendo, que livro líamos ou que novo trabalho tinhamos em mente. Pedia informacões de fulano e beltrano, sicrano como estava, e mais aquela dona boa, ainda mais o...

Com um senso agudo de observação que nunca o abandonou, comentava os fatos, criticava-os, e, quando era preciso, os analisava.

Me ponho a vê-lo estirado na cama, rindo levemente, pedindo o remédio, alí entre aquelas coisas que tão intimamente conhecia e que eram os guardiões de seu viver.

Lá estou de novo eu outra vez me perdendo. Urge acabar. Mas impossível se me torna falar friamente das obras de Antônio Paladino, que são êle. E as recordações jorram. Então me deixo levar e pela emoção guiado, lanço ao papel estas impressões difusas, descontinuadas às vêzes, contraditórias outras. Sinceras sempre.

Pode não ser, sempre, o melhor, o que reunimos nesta coletânea que dividimos em três partes: poesia, contos, diversos, pode restar escapado algo bom. Mas procuramos sempre dar uma visão de Antônio Paladino e enfeixar o mais característico dele.

Gostaria de dizer duas palavras sôbre o título dado ao volume. Foi escolhida nossa, já que Toninho não cogitava ainda na edição de seus trabalhos. Achamos que o título, com o pequeno mas caracteristico trecho correspondente, simboliza bem o estado de espírito de Antônio Paladino. Assim via Toninho doente — ou melhor, Toninho escritor, Antônio Paladino, a humanidade: um vasto hospital, um mundo de incompreensões e dores. Porque se via a si [illegible] Cristo atravez de nós. Mas temos certe-

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

za de que Toninho pessôa, Toninho humano. Toninho não Antônio Paladino — e é preciso separar, dissociar os dois — cria convictamente em que, dia virá, dia há de chegar, quando a humanidade acabara com "a ponte" de separação o seu tanto quanto "Kafkeana".

Antônio Paladino, em síntese, foi um produto da época.

E "na ponte", síntese de sua obra, êle nos deixou uma visão amarga, pessimista (mas não derrotista) da humanidade.

Êste volume vale, mui especialmente, como documentário.

Que nós batalhemos para que vidas preciosas como a de Antônio Paladino não sejam tragadas; que nós batalhemos por um mundo onde Antônios Paladinos possam vicejar, construir, criar, e onde não só a doença, a morbidez, o desespêro, seja motivo de arte. Mas também as coisas boas e positivas da vida.

Maio, 1952.

Salim Miguel

— POESIAS —

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL